

HELENA DE MORAES FERNANDES

MOACYR SCLiar: AUTOBIOGRAFIA E CURA

HELENA DE MORAES FERNANDES

MOACYR SCLIAR: AUTOBIOGRAFIA E CURA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Letras, sob a orientação do Professor Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.

Passo Fundo

2022

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a tese

“Moacyr Scliar: Autobiografia e cura”

Elaborada por

Helena de Moraes Fernandes

Tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Letras, Área de concentração: Letras, Leitura e Produção Discursiva.

Aprovada em: 19 de agosto de 2022
Pela Comissão Examinadora



Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva
Orientador - Presidente



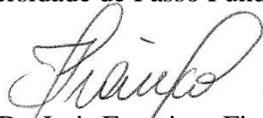
Prof. Dr. Pedro Brum Santos
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM



Prof.^a Dr.^a Inara de Oliveira Rodrigues
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC



Prof.^a Dr.^a Fabiane Verardi
Universidade de Passo Fundo - UPF



Prof. Dr. Luis Francisco Fianco Dias
Universidade de Passo Fundo - UPF



Prof.^a Dr.^a Claudia Stumpf Toldo Oudeste
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras

CIP – Catalogação na Publicação

F363m Fernandes, Helena de Moraes
Moacyr Scliar [recurso eletrônico] : autobiografia e
cura / Helena de Moraes Fernandes. – 2022.
7.5 MB ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.
Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de Passo
Fundo, 2022.

1. Scliar, Moacyr, 1937-2011 - Análise do discurso
literário. 2. Psicanálise. 3. Autobiografia. 4. Escrita de si.
I. Rettenmaier, Miguel, orientador. II. Título.

CDU: 869.0(81).09

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

HELENA DE MORAES FERNANDES

MOACYR SCLiar: AUTOBIOGRAFIA E CURA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para a obtenção do grau de Doutora em Letras, sob a orientação do Professor Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.

Aprovação: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Dr. Miguel Rettenmaier da Silva – Universidade de Passo Fundo

Dr. Pedro Brum Santos – Universidade Federal de Santa Maria

Dra. Inara de Oliveira Rodrigues – Universidade Estadual de Santa Cruz

Dra. Fabiane Verardi Burlamaque – Universidade de Passo Fundo

Dr. Luis Francisco Fianco Dias – Universidade de Passo Fundo

AGRADECIMENTOS

Dr. Moacyr Scliar (*in memoriam*).

Orientador, Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.

Dr. Pedro Brum Santos, Dra. Inara de Oliveira Rodrigues, Dra. Fabiane Verardi Burlamaque e do Dr. Luis Francisco Fianco Dias, membros da banca.

Dra. Rosane Cardoso e Dr. Demétrio Paz, membros da banca de qualificação do artigo relacionado à Tese.

Coordenadora do PPGL UPF, Dra. Cláudia Stumpf Toldo Oudeste.

Dr. Guilherme Pacheco Monteiro.

Professoras(es), colegas e funcionários do Programa de Pós-graduação em Letras da UPF.

Colegas do Acervo Literário Josué Guimarães/ALJOG UPF, especialmente Bruna Santin.

Revisores: Mayara Corrêa Tavares, Nathalia Sabino Ribas e Israel Rodigheri.

Tradutor, colega de PPGL e amigo, Jair Pereira Júnior.

Ana Riva Baggio Saitovich, minha prima, doutora em Psicologia na França, que fez, gentilmente, o *Resumé*.

Dr. Cleber Ori Cutti Martins.

Maria Joana Chaise.

Sílvia Andréia Zanetti.

Dra. Luciana Coronel.

Daniel Dias T.I. UPF Online.

Andiara Roma do Amarante

Camila Bozza Montanari, pelo empréstimo do livro *Histórias de médico em formação*.

Dra. Athany Gutierrez.

Dr. Getúlio Vargas Zauza.

Dra. Aiesa Zauza.

Dra. Maria Irene Baggio, minha mãe e exemplo de cientista.

Dra. Elisa Baggio Saitovitch, minha tia e exemplo de cientista.

Dr. Luciano Miranda.

Dr. Valter Marques Daudt.

Dra. Lucimar Fossati de Carvalho.

Dr. Jaime Giolo.

Bernardo de Moraes Fernandes Miranda, meu amado filho.

Ao meu Eu que (se) escreve e escreve a outras(os).

Universidade Federal da Fronteira Sul.

Universidade de Passo Fundo.

Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal do Ensino Superior/ CAPES.

Delfos Digital Moacyr Scliar, no Delfos Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS.

A Canção Lógica

Quando eu era jovem
Parecia que a vida era tão maravilhosa
Um milagre, oh ela era tão bonita, mágica
E todos os pássaros nas árvores
Estavam cantando tão felizes
Oh alegres, brincalhões, me observando
Mas aí eles me mandaram embora
Para me ensinar a ser sensato
Lógico, oh responsável, prático
E me mostraram um mundo
Onde eu poderia ser muito dependente
Doentio, intelectual, cínico

Tem vezes, quando todo o mundo dorme
Que as questões seguem profundas demais
Para um homem tão simples
Por favor, me diga o que aprendemos
Eu sei que soa absurdo
Mas por favor me diga quem eu sou

Agora cuidado com o que você diz
Ou eles vão te chamar de radical
Um liberal, oh fanático, criminoso
Você não vai assinar seu nome?
Gostaríamos de sentir que você é
Aceitável, respeitável, apresentável, um vegetal!

À noite, quando todo o mundo dorme,
As questões seguem tão profundas
Para um homem tão simples
Por favor, me diga o que aprendemos
Eu sei que soa absurdo
Mas por favor me diga quem eu sou
(DAVIES; HODGSON, 1979. Tradução nossa).

Esta pesquisa foi apoiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através da Bolsa do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC) na modalidade II, de agosto de 2018 a julho de 2022.

RESUMO

O tema desta tese é a relação entre Autobiografia e Cura para Moacyr Scliar. A pergunta de pesquisa é: a autobiografia do autor permitirá identificar a Cura para a construção de si e de sua Literatura? Tal questão conduz a investigação que visibiliza uma amostra robusta do conjunto autobiográfico da obra *scliariana*, antes dispersa ou não identificada com o gênero. Para tanto, os elementos organizadores e agregadores são os sentidos sobre cura para o autor que, por seu percurso histórico e intelectual, remete às abordagens de Freud (1856-1939) e de Jung (1875-1961). A tese formulada é de que a autobiografia está dissolvida na obra do escritor-médico, para contar sobre si a si mesmo, numa espécie de autodiagnóstico, e aos outros, estabelecendo atributos de cura às suas leituras e à sua escrita literária. Isso é suposto, entre diversos motivos aqui verificados, por Scliar ter escolhido a Saúde Pública como vocação. A hipótese é a de que a autobiografia (declarada e não declarada) revelará o assunto cura como instrumento de afirmação da sua História de identidade (LEJEUNE, 2008). O principal objetivo desta pesquisa é investigar, nas autobiografias de Scliar, a Cura como assunto norteador para a construção de si (do autor) e de sua Literatura. O método é bibliográfico e documental, de abordagem qualitativa e exploratória, em que a escrita ensaística é observada como pertinente à análise. Os marcos teóricos são Barthes (2004), Foucault (1992), Chartier (2012), Willemart (2005; 2019a; 2019b), Petit (2013) e Lejeune (2008). O trabalho revela que a literatura, para Scliar, é cura quando: a) ao escrever em primeira pessoa pela voz de outras instâncias narrativas, ele desoprime o real pela imaginação, pela liberdade autorizada pela ficção; b) apazigua as próprias angústias sobre a morte, pela sensação do dever cumprido (tão cara a Scliar) ao reconhecer que estaria deixando um legado de superação relacionado às dores da condição judaica; c) é instrumento de autodiagnóstico e d) contribui com a prática médica em interação com os pacientes. A pesquisa é justificada pois contribui com investigações sobre a interface Literatura e medicina, a transposição da cura para o estudo da literatura (da autobiografia), ao auto cuidado médico e à otimização das relações médico-paciente. Esta tese está inserida na Linha de Pesquisa Produção e recepção do texto literário, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, é orientada pelo Dr. Miguel Rettenmaier da Silva e conta com o apoio da CAPES através da bolsa Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior (PROSUC) na modalidade II.

Palavras-chave: Literatura. Medicina. Psicanálise. Autoria. Escrita de si.

ABSTRACT

The theme of this thesis is the relationship between Autobiography and Healing for Moacyr Scliar. The research question is: will the author's autobiography allow identifying the Cure for the construction of himself and his Literature? This question leads to the investigation that makes visible a robust sample of the autobiographical set of *scliariana's* work, previously dispersed or not identified with the genre. For that, the organizing and aggregating elements are the meanings about healing for the author who, due to his historical and intellectual path, refers to Freud's (1856-1939) and Jung's approaches (1875-1961). The thesis formulated is that the autobiography is dissolved in the doctor-writer's work, to tell about himself, in a kind of self-diagnosis, and to others, establishing healing attributes to his literary reading and writing. This is supposed, among several reasons verified here, among them because Scliar has chosen Public Health as a vocation, the hypothesis is that the autobiography (declared and undeclared) will reveal the subject of healing as an instrument of affirmation of its Identity History (LEJEUNE, 2008). The main goal of this research is to investigate, in Scliar's autobiographies, Healing as a guiding subject for the construction of the self (the author) and his Literature. The method is bibliographic and documentary, with a qualitative and exploratory approach, in which essay writing is observed as relevant to the analysis. The theoretical frameworks are Barthes (2004); Foucault (1992); Chartier (2012), Willemart (2005, 2019a, 2019b), Petit (2013) and Lejeune (2008). The research reveals that literature, for Scliar, is healing when: a) when writing in the first person through the voice of other narrative instances, he depresses reality through imagination, through the freedom authorized by fiction; b) appeases his own anxieties about death, by the feeling of accomplishment (so dear to Scliar) by recognizing that he would be leaving a legacy of overcoming related to the pain of the Jewish condition; c) is a self-diagnosis instrument and d) contributes to medical practice in interaction with patients. The research is justified because it contributes to investigations on the interface between Literature and Medicine, the transposition of healing to the study of literature (from autobiography), to medical self-care and to the optimization of doctor-patient relationships. This thesis is part of the Research Studies of Production and Reception of the Literary Text, of the Postgraduate Program in Letters of the University of Passo Fundo, is guided by Dr. Miguel Rettenmaier da Silva and it has the support of CAPES through the Postgraduate Support Program for Community Institutions of Higher Education (PROSUC) in modality II.

Keywords: Literature. Medicine. Psychoanalysis. Authorship. Writing to yourself.

RESUMÉ

Le sujet de cette thèse est la relation entre Autobiographie et Guérison pour Moacyr Scliar. La question de recherche est: l'autobiographie de l'auteur permettra-t-elle d'identifier la Cure pour la construction de lui-même et de sa Littérature ? Cette question oriente l'investigation, qui met en lumière un échantillon issu d'un échantillon de l'ensemble de l'œuvre autobiographique *scliarienne*, qui se trouvait auparavant dispersé ou non identifié à ce genre littéraire. Ainsi, pour ce faire, les éléments organisateurs et agrégés sont les significations de la guérison pour l'auteur qui, de par son parcours historique et intellectuel, se remet aux travaux de Freud (1856-1939) et de Jung (1875-1961). La thèse formulée est que l'autobiographie est et imprégnée dans l'œuvre du médecin-écrivain, pour se la raconter à la fois à dans une sorte d'autodiagnostic, et aussi aux autres, attribuant des curatives à sa lecture et à son écriture littéraires. Ceci est supposé, parmi plusieurs raisons vérifiées au cours de ce travail, y compris notamment le choix de Scliar par la Santé Publique en tant que vocation, l'hypothèse est que l'autobiographie (déclarée et non déclarée) dévoilera le sujet de la guérison comme l'instrument d'affirmation de son Histoire d'Identité (LEJEUNE, 2008). L'objectif principal de ce travail de recherche est d'étudier, au sein des autobiographies de Scliar, la guérison comme étant la thématique dirigeante pour la construction de soi (l'auteur) et de sa Littérature. La méthode est bibliographique et documentaire, avec une approche qualitative et exploratoire, dans laquelle l'écriture de l'essai est observée comme appropriée pour l'analyse. Les cadres théoriques sont Barthes (2004), Foucault (1992), Chartier (2012), Willemart (2005 ; 2019a; 2019b), Petit (2013) et Lejeune (2008). Ce travail met en évidence que la littérature, pour Scliar, est une guérison quand elle : a) en écrivant à la première personne par la voix d'autres instances narratives, libère la réalité à travers l'imagination et, la liberté autorisée par la fiction ; b) apaise ses propres angoisses par rapport à la mort, par le sentiment d'accomplissement (si cher à Scliar) en reconnaissant qu'il laisserait un héritage de dépassement lié à la douleur de la condition juive elle-même; c) est un instrument d'autodiagnostic et d) contribue à la pratique médicale en interaction avec les patients. Cette recherche est justifiée car elle contribue aux investigations sur l'interface entre la littérature et la médecine, la transposition de la guérison à l'étude de la littérature (depuis l'autobiographie), à l'auto soin médical et à l'optimisation des relations médecin-patient. Cette thèse s'insère dans la ligne de recherche Production et réception du texte littéraire, du programme de troisième cycle en lettres de l'Université de Passo Fundo, est dirigée par le Dr. Miguel Rettenmaier da Silva et bénéficie du soutien du CAPES à travers le Programme d'appui postuniversitaire aux établissements communautaires d'enseignement supérieur (PROSUC) en modalité II.

Mots clés: Littérature. Médecine. Psychanalyse. Droits d'auteur. Ecrire soi-même.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|-----------|---|-----|
| FIGURA 1 | – A roda da escritura agindo em cada rasura | 37 |
| FIGURA 2 | – Progressão da angústia, para Scliar, diante da perda de pacientes à Morte | 86 |
| FIGURA 3 | – Amostra de autobiografias declaradas e não declaradas de Moacyr Scliar | 96 |
| FIGURA 4 | – Trecho 1, do Manuscrito <i>A batalha tinha chegado ao fim</i> | 99 |
| FIGURA 5 | – Trecho 2, do Manuscrito <i>A batalha tinha chegado ao fim</i> | 99 |
| FIGURA 6 | – Trecho 3 do Manuscrito <i>A batalha tinha chegado ao fim</i> | 101 |
| FIGURA 7 | – Trecho 4 do Manuscrito <i>A batalha tinha chegado ao fim</i> | 102 |
| FIGURA 8 | – Trecho 1 de um <i>Diário Médico</i> de Moacyr Scliar | 109 |
| FIGURA 9 | – Trecho 2 de um <i>Diário Médico</i> de Moacyr Scliar | 109 |
| FIGURA 10 | – Marca de uma mão humana de cerca de 30 mil anos atrás | 133 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| QUADRO 1 – Autores, personagens e obras inspiradores para Moacyr Scliar criança | 43 |
| QUADRO 2 – Judaísmo, leitura e escrita, para Scliar | 45 |
| QUADRO 3 – A importância da <i>Bíblia</i> para Scliar | 47 |
| QUADRO 4 – Significados de cura para Scliar, na observação de amigos do escritor-médico | 77 |
| QUADRO 5 – Palavras e expressões que remetem à angústia nas crônicas analisadas | 88 |

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|--------|---|
| ABL | Academia Brasileira de Letras |
| Anpoll | Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| FFLCH | Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas |
| FM | Faculdade de Medicina |
| FMI | Fundo Monetário Internacional |
| FOUSP | Faculdade de Odontologia da USP |
| GENAM | Grupo de Estudos em Literatura, Narrativa e Medicina |
| PROSUC | Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO: QUEM SONHA NÃO ALUCINA..... | 13 |
| 2 | O EU QUE (SE) ESCREVE | 28 |
| 2.1 | AUTORIA E EXPANSÃO DE SI | 28 |
| 2.2 | ESCRITOR E LEITOR MOACYR SCLiar | 39 |
| 2.3 | AUTOBIOGRAFIA EM PAPEL DE PÃO..... | 51 |
| 3 | O ESCRITOR MÉDICO | 64 |
| 3.1 | LITERATURA E MEDICINA..... | 64 |
| 3.2 | SAÚDE PÚBLICA, PSICANÁLISE E CURA..... | 71 |
| 3.3 | ANGÚSTIAS EMERSAS EM CRÔNICAS MÉDICAS..... | 78 |
| 4 | TEXTOS E VIDA | 93 |
| 4.1 | AUTOBIOGRAFIAS DECLARADAS | 98 |
| 4.2 | AUTOBIOGRAFIAS NÃO DECLARADAS | 109 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES: LÁ PELAS TANTAS, QUEREMOS SER NÓS PRÓPRIOS | 123 |
| | REFERÊNCIAS | 135 |
| | APÊNDICE 1 – QUADRO DA COMPILAÇÃO DOS RESULTADOS APRESENTADOS PELO SISTEMA DO CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES, PARA BUSCAS DOS PRINCIPAIS TERMOS DA TESE | 146 |
| | ANEXO 1 – O QUE PERGUNTAR AO SEU MÉDICO NA PRÓXIMA CONSULTA.. | 147 |
| | ANEXO 2 – ARQUÉTIPOS DE CARL JUNG EXPLICADOS RAPIDAMENTE: PERSONA, SOMBRA, ANIMA E O SELF | 149 |
| | ANEXO 3 – LITERATURA COMO TRATAMENTO | 153 |

1 INTRODUÇÃO: QUEM SONHA NÃO ALUCINA

Ler. Lembro-me: certa manhã, acordo cedo. Não são seis horas ainda. Vou para a salinha da frente, abro a janela, pego um livro (são as aventuras do camundongo Mickey). Leio um pouco. Olho pela janela. No leito da rua, uma pomba debica entre as pedras. Levanta a cabecinha e fixa em mim um pequeno olho escuro, duro como um grão. Mickey e a pomba. Por onde andaré a pomba porto-alegrense que à tênue luz da madrugada parou um instante de bicar para olhar o garoto com o livro na mão? Não sei. Não sei de nada. (SCLIAR, 2005, p. 25).

O escritor-médico gaúcho Moacyr Jaime Scliar (1937-2011) desde criança buscou na e a partir da literatura respostas aos questionamentos que se fazia acerca da condição humana e de existências. Na ficção autobiográfica sobre sua infância: *Memórias de um aprendiz de escritor: Memórias de um menino apaixonado por livros* (SCLIAR¹, 2005), ele narra sobre a pomba que interrompe o trabalho de bicar, para olhá-lo e para se importar com o Eu leitor infantil do futuro escritor. Ele indaga, criando uma aura de magia, “por onde andaré a pomba”? Fosse leitora e escritora, estaria se imaginando pássaro da *Logical song* (DAVIES; HODGSON, 1979) ou tantas outras possibilidades de ser, como se imaginou e se escreveu o autor?

Ao concluir a faculdade de medicina, Scliar expressa um médico cínico no conto “A entrevista clínica cínica”, em *Histórias de médico em formação* (1962). Logo no seu primeiro, mais autobiográfico e renegado livro, ele retira a máscara, a *persona*², a necessidade de suprir expectativas alheias de paciencioso e bondoso. O personagem médico comenta sobre as queixas da paciente: “– [...] fique aí desembestando suas neuroses – eu acho até que a senhora tem mais do que eu!” (SCLIAR, 1962, p. 39). Na catártica escrita que aflora um antimédico, experimenta ser, se ler e ao acessar – porque encara emoções encobertas, pode decidir não vir a ser “dependente, doentio, um intelectual cínico” – como na letra da canção. Na coletânea de crônicas do autor, organizada por Regina Zilberman, o escritor-médico comenta que “Mesmo os ficcionistas têm dificuldades com seus personagens médicos. O erro mais frequente é o da idealização: o doutor-sacerdote, bonzinho, impecável” (SCLIAR, 2012a, p. 27).

Escrever literatura é uma forma de colocar e de tirar máscaras de si, com segurança, para reconhecer-se por dentro – olhando a si, fora – e ter a chance de se experimentar para se reelaborar. Moacyr estabelece um espaço alternativo em que pode exercitar a liberdade e o

¹ “Scliar”, simplesmente, diz respeito, nesta tese, ao Moacyr. Contudo, quando o irmão é citado e referido, informo seu prenome, “Wremyr”, ou, nas citações, “Scliar, W”.

² A *Persona*, para Carl Gustav Jung, é “o modo geral de comportamento do ser humano [...] o Eu encapsulado contra o mundo exterior, como se fosse uma casca [...] a casca-eu” (JACOBI, 2013, p. 48). *Persona*, então, é como uma máscara, uma capa social imaginária que colocamos para circularmos em sociedade, mas que não é o que somos no íntimo, no nosso interior. *Persona*, seriam as atitudes externas relacionadas à personalidade, ao interno do sujeito. Abordo mais sobre *Persona* no segundo capítulo desta tese: “O Eu que (se) escreve”.

fortalecimento de seu Eu – sensível, empático, criativo e artístico e, mais que isso, errante e decepcionante – para não se adoecer, para estar se transformando em si. Aliás, ser é estar-se transformando. A literatura é esse espaço onde ele registra o elaborar sua vida numa interface: escritor e médico³ e a partir de onde se expande ao público a às próximas gerações pela publicação e recepção de sua obra.

Descendente de russo-judeus, Scliar nasceu em 23 de março de 1937, em Porto Alegre e teve a infância no bairro Bom Fim, repleta de estímulos pela contação de histórias dos vizinhos e especialmente de seu pai, que se destacava nesta atividade. A mãe, professora e leitora, exaltava os livros, sendo rigorosa para que ele e o irmão lessem e escrevessem muito. A enorme dedicação de Moacyr foi traço de personalidade decisivo para que tornasse a si mesmo o grande escritor de contos, crônicas, romances e literatura para jovens, com vasta e premiada obra literária. Ele é referência na América Latina com temáticas médicas, judaicas e da condição humana. Publicou mais de cinco mil crônicas jornalísticas⁴ e mais de oitenta livros – vários, em diversos países. Scliar teve livros publicados em mais de quinze línguas. Entre os dezenove livros premiados, estão: *O carnaval dos animais* (1968), *O olho enigmático* (1988), *A mulher que escreveu a bíblia* (2000) e *O centauro no jardim* (1980) – “eleito em 2002 pelo *National Yiddish Book Center*, dos Estados Unidos, um dos cem melhores livros de temática judaica escritos em todo o mundo nos últimos duzentos anos”.

O autor viveu a maior parte de sua trajetória literária em (e entre, pois sempre carregou os anteriores para os seguintes) três espaços-tempos⁵: a Porto Alegre dos anos 40-50, mais especificamente, o bairro Bom Fim – onde começou a escrever “literariamente”, com apenas cinco anos, uma autobiografia, conforme relata na sua autobiografia declarada – o livro *Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida*:

Meu primeiro texto, pelo menos aquele que me lembro como primeiro texto, alude a isso, ao nome. Era para ser uma autobiografia, eu a escrevi no papel que vinha enrolado o pão. Uma autobiografia muito curta, porque eu não tinha muito o que contar. Só lembro a primeira frase: Quando nasci, correu pela vizinhança que eu me chamava Mico. (SCLIAR, 2017c, p. 34).

³ O espaço literário identitário de Scliar é composto por outros elementos que ele elabora: descendente russo-judeu, morador do bairro Bom Fim, professor de medicina. Entretanto, os coloco na análise somente na medida em que esclareçam o que está em questão nesta tese, que é a relação entre autobiografia e cura para o autor. Portanto, o destaque é para o escritor-médico pela maior relação com autobiografia e cura.

⁴ Conforme o programa televisivo *Globo News Literatura: Uma homenagem à Moacyr Scliar*, 2013.

⁵ Inferi esses espaços-tempos principais a partir de diversos estudos, principalmente, da descrição da trajetória de Scliar que consta na introdução da tese de doutorado de Cibele Beirith Figueiredo Freitas (2015, p. 12-20), *Estudo do processo de criação da obra “Os voluntários”, de Moacyr Scliar, e a temática judaica*.

Outro espaço-tempo vivido pelo autor é a Porto Alegre dos anos 60-70, então como estudante de medicina e socorrista, quando escreveu *Memórias de um médico em formação* (1962) e *O Carnaval dos Animais* (1968); o Brasil entre os anos 80 e 2000, período em que toma posse da cadeira n.º 31 da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2003. Em síntese, Moacyr Scliar viveu entre mergulhos no oceano da condição humana e voos pela aventura da fantasia, firmando seu legado na literatura brasileira e gaúcha, por agregar e propagar sensibilidade, humanismo e leveza – pelas vias da ironia e da imaginação. O autor faleceu em Porto Alegre, em 23 de fevereiro de 2011.

Tantos prêmios e as publicações em diversas línguas e países, com boa aceitação, contribuem para um dimensionamento inicial da importância desse escritor-médico para a cultura brasileira. Nesse contexto, além de ficção, Scliar produzir e publicou diversos textos científicos. Doutorou-se em 1999 na área em que mais atuou na medicina, a Saúde Pública, com a tese intitulada *Da bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica* (SCLIAR, 1999). Nela, Scliar analisa as relações entre medicina e judaísmo, “traçando uma evolução histórica das ideias a respeito”, recorrendo inclusive à Foucault. A importância da tese de Scliar para a nossa pesquisa é inicialmente sintetizada: muito do que o autor gaúcho expressa sobre Freud, coincide ou parece muito aproximado da sua própria História de identidade (LEJEUNE, 2008), o que indica componentes autobiográficos. A análise é desenvolvida no capítulo desta tese intitulado “Textos e vida”.

A produção textual científica de Moacyr Scliar como médico de saúde coletiva, também abrange três artigos científicos⁶: *Literatura e medicina: o território partilhado* (2000), onde ele defende o uso de literatura de ficção para treinamento de médicos e profissionais da saúde, como forma de ampliar a compreensão de doenças como a afasia e de otimizar o relacionamento médico-paciente; Em *Saúde, cultura e democracia* (SCLIAR, 2002b⁷) o autor considera Antigo e novo testamentos como paradigmáticos em relação à assistência médica e ao sanitarismo, enquanto analisa a conjuntura técnica, científica, administrativa e política da Saúde Pública no Brasil; *História do conceito de saúde* (SCLIAR, 2007) apresenta uma elaboração acerca da evolução dos conceitos de saúde e doença do ponto de vista cultural, político e econômico.

Avanços em conhecimentos e práticas sobre Literatura e medicina, a partir de pesquisas, ficam evidentes, por exemplo no *Laboratório de leitura*, explicado em *A literatura como*

⁶ Conforme encontrei em “Scliar, Moacyr – Pesquisa/ SciELO”. Acesso em 28 de junho de 2022. Disponível em: <https://search.scielo.org/?lang=pt&q=au:Scliar,%20Moacyr>.

⁷ Interessante que aqui, apesar do nome da revista onde publica o texto iniciar por “Saúde”, ele se apresenta primeiro como escritor: “Escritor e Médico Sanitarista, Rio Grande do Sul” (SCLIAR, 2002b, p. 117).

remédio (GALLIAN, 2017), que diz respeito a aplicar a diversos ambientes humanos – no experimento de trabalhar narrativa histórica, pesquisa e análise – o “extraordinário remédio que é a literatura clássica” para “recuperar a saúde existencial da humanidade”. Isso, de acordo com Gallian (2017, p. 29), “para muitos, foi e tem sido um remédio altamente eficaz”.

Ainda nesse contexto, *A arte de narrar para sobreviver* (PICCARDI, 2022) reitera que narrativas curam, ao apresentar experiências de aplicação da linguagem e das letras relacionadas ao tratamento oncológico de crianças e adolescentes. Recentemente, em maio de 2022, o Grupo *Narrativas médicas da USP – GENAM*, realizou com a Associação Paulista de Medicina (APM) o evento *A dor de ouvir a dor* – do qual participei como ouvinte. Disso, resta evidente o forte espaço de elaboração e geração de conhecimentos, de interação engajada entre Literatura e Medicina, na USP.

Esses exemplos de uma interface que Scliar dedicou a vida para promover, são bem sucedidos e referências importantes para as áreas. Porém, ainda são necessários mais projetos e realizações nesse contexto. Afinal, a Literatura ainda tem sido comentada em alguns eventos e publicações como uma simples agenciadora dos interesses médicos e a eles subalterna, quando não, vista como uma visita a ser aceita, mas sem importância realmente compreendida ou reconhecida para a saúde. Sintoma de que ainda há muito a ser trabalhado nesse campo.

Uma das consequências da – ainda insuficiente – aproximação entre literatura e medicina é que, na contramão das necessidades reais e urgentes de ressignificação dos sentidos e das práticas da Saúde Pública e mesmo da que ocorre em consultórios de elite econômica (ou não), há necessidade crescente de cuidar bem da saúde de quem cuida. Apesar de diversos grupos de estudos sobre narrativas médicas e sobre escrita e psicanálise, ainda não identifiquei pesquisas e esclarecimentos sobre os sentidos da escrita autobiográfica para médicas(os) que são escritoras(es) – principalmente a respeito dos benefícios desse tipo de escrita para seu autocuidado e saúde. Isso evidenciado, não somente pela proliferação de angústias que Moacyr Scliar expressou – certamente, angústia é a emoção mais reiterada no conjunto de seus livros⁸ – mas, ainda mais na atualidade, com o advento da pandemia de covid-19, que agregou preocupações ao quadro de alarmantes índices de suicídio entre estudantes de medicina, entre outros desafios, que remetem a valores compartilhados por diversas áreas de conhecimento, como promover o bem estar, preservar a vida, reduzir custos e sequelas, otimizar técnicas e resultados para as pessoas e para a sociedade.

⁸ Sobre isso, analiso mais no desenvolver da tese.

O catálogo de teses e dissertações da CAPES⁹ evidencia lacunas importantes de conhecimento a respeito dos elementos semânticos da minha tese. O sistema apresenta somente 111 resultados sobre “Moacyr Scliar”, mas, nenhum que considere autobiografia e cura. Entretanto, quando li os 111 títulos, identifiquei os que utilizei em minha análise, já que contribuem aos objetivos propostos: *O auto-ódio na literatura brasileiro-judaica contemporânea* (BAIBICH, 2001), *Casa da linguagem: identidades arruinadas e a literatura judaico-brasileira no século XXI* (FERREIRA, 2017), *Ciência e Medicina na obra de Moacyr Scliar* (KORACAKIS, 2001) e *Vozes da loucura, ecos na literatura: o espaço de louco em O exército de um homem só, de Moacyr Scliar, e Armadilha para Lamartine, de Carlos e Carlos Susseking* (SILVA, 2001)¹⁰.

Entre as coletâneas sobre sua vida e obra, destaco *O olhar enigmático de Moacyr Scliar* (NASCIMENTO; CURY, 2019), *Tributo à Moacyr Scliar* (BERND, 2012) e *O Viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar* (ZILBERMAN; BERND, 2004). Nelas, são analisadas múltiplas faces de sua obra, concepções de mundo e são prestadas homenagens ao escritor. Na coluna *Fortuna Crítica*, do site oficial do escritor, constam dezesseis teses e quarenta e duas dissertações, mas, nenhuma delas, sobre autobiografia¹¹. Encontrei na tese de Lilienbaum (2009), análise de relações entre autobiografia e Scliar, porém, sem abordagem à dimensão de cura.

⁹ <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. O meu acesso mais recente foi em 18 de junho de 2022. Busquei termos principais da minha tese e combinações necessárias à pesquisa, deixando algumas combinações de lado a fim de viabilizar o trabalho. Para mais detalhes, ver *Apêndice 1*, ao final desta tese. As pesquisas aqui informadas, tanto as do Catálogo CAPES, quando as da *Fortuna Crítica* do escritor serão suficientemente abordadas na Revisão de Literatura, alocada no início do segundo capítulo: “O Eu que (se) escreve”. Ademais, *A literatura como remédio* (GALLIAN, 2017), *A arte de Narrar para sobreviver e Personagens ou pacientes?* – também mencionadas nessa introdução, abordarei no terceiro capítulo, “O escritor médico”, no item 3.1: “Literatura e medicina”.

¹⁰ Algumas teses e dissertações, apesar dos títulos sugestivos, se aproximam pouco à minha análise, portanto não retomarei: *Memória e identidade do escritor* (LEVEMFOUS, 2019), *Alegoria e melancolia em O Centauro no jardim* (MALVACCINI, 2021), *Moacyr Scliar: a presença do real na literatura infantil* (CASTEX, 2000), *A casa e os caminhos de dentro: um estudo sobre o espaço habitado em contos de Moacyr Scliar* (SANTOS, 2015), *Estudo do processo de criação da obra “Os voluntários”, de Moacyr Scliar, e a temática judaica* (FREITAS, 2015), *Diáspora, exílio e loucura em “Os Voluntários” de Moacyr Scliar* (SOUSA, 2020), *A subversão do gênero em Leopoldos de Kafka* (LUCAS, 2010).

¹¹ No site moacyrscliar.com/fortuna-critica/ há uma lista das teses, dissertações, resenhas e artigos científicos sobre ele, dos quais ora descrevo, sucintamente, algumas teses e dissertações: são dezesseis teses (lista atualizada em 06.12.2013). Tanto a mais atual (2012), como a menos atual (1987) foram produzidas na França: LANI, Soraya. *L’Hybridité dans l’oeuvre de l’écrivain brésilien Moacyr Scliar (1937-2011): judéité, imaginaire et représentations*. Université Michel de Montaigne Bordeaux 3, Bordeaux, França, 2012; e UZIEL, Rachel. *Du shtetl à la maison de la sirène: Analyse ethnologique et littéraire de l’œuvre à thématique juive de Moacyr Scliar*. Université Lille 3, Lille, 1987. Além disso, na mesma coluna, supramencionada, são elencadas quarenta e duas dissertações de mestrado (atualizadas em 08 de julho de 2016), a mais recente é de 2016, e a menos recente é de 1978: MADER, Eneida Aparecida. *Na noite do ventre, o diamante, de Moacyr Scliar: transculturalidade e exílio de si mesmo*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014; e ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Metamorfose: recurso fantástico em alguns contos brasileiros*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1978.

Em síntese: pesquisas sobre a interface Literatura e medicina e sobre a obra de Moacyr Scliar tem avançado em diversos aspectos. Porém, em minha investigação e nos estudos para preparo de atividades na experiência docente, não identifiquei pesquisas sobre os conceitos de Autobiografia e Cura, relacionados entre si ou a Scliar. Em vista disso, justifico o trabalho, pois todos os elementos apresentados consolidam o fato de que a pesquisa que proponho é inédita – tanto do ponto de vista da interface Literatura e medicina: relação entre autobiografia e cura, quanto suprir uma lacuna específica de conhecimento sobre o escritor-médico Moacyr Scliar: os sentidos que ele atribuía a tal relação.

Além disso, os resultados da minha verificação inicial em teses e dissertações, servem de alerta à falta de contato, de interesse ou de incentivo ao assunto nos meios universitários brasileiros, já que são relatos de pesquisa, de trabalho interessado e com possibilidade de aplicações práticas e teóricas. Reitero: cura é assunto que tem estado de fora dos estudos literários e autobiográficos sobre escritoras(es) médicas(os) a despeito da explicitação de retrocessos que se avolumaram com a pandemia de covid-19. Não obstante, afirmo que os Estudos literários não fecharão os olhos para a necessidade de compreender mais sobre as dinâmicas humanas na área da saúde. Humanizar e sensibilizar, compreender mais sobre como cuidar de quem cuida da população é algo de que somente interdisciplinaridade pode dar melhor conta para redução de danos, de sofrimentos e de custos. É empreendimento para quantas áreas científicas se disponham a contribuir. Pessoal da Física, criando respiradores, pessoal da Comunicação Social e das Letras, combatendo notícias falsas, entre outros. Ademais, compreender mais sobre autobiografia e cura, pode gerar aplicações a profissionais de quaisquer áreas.

Uma forma consequente e responsável de considerar uma profissão, em qualquer área, é fixando, recorrentemente, o olhar na realidade social e na realidade interior humana (anatômica e anímica), pensando historicamente, raciocinando bem e o suficiente, examinando as diversas interações. “O que mata, mesmo, é a miséria”, afirma Scliar (1962, p. 89), em *Histórias de médico em formação*, mas ele sabia ou intuía¹² que miséria ou riqueza, associadas à ignorância a respeito do humano e ao seu impacto na sociedade é que matam.

Assim, são diversos e desafiadores os problemas a serem enfrentados pela pesquisa em Literatura na relação com a medicina: profundos ou explícitos, de maior ou de menor complexidade. Portanto, esta tese parte de um pacto inicial com o(a) leitor(a): retiraremos, como que cirurgicamente, a ilusão de somente buscar e expressar certezas e objetividades, de uma

¹² Arrisco essa inferência, baseada em mais de quatro anos em que tenho pesquisado sua vida e obra.

linguagem exclusivamente científica e da análise costumeira aos estudos literários. Isso, não significa deixar de lado o rigor científico, mas, sim, estabelecer e firmar um espaço de elaboração de compreensões que considera subjetividades e objetividades. O que, no meu entendimento, é mais apropriado à atenção aos sinais, à maior e mais intensa aproximação e percepção, observação dos mistérios e incertezas do humano no que diz respeito a escrever sobre si. Quem sonha não alucina.

A escrita literária como cura é o tema da presente tese, delimitado em autobiografia como instrumento de cura para o escritor e médico gaúcho Moacyr Jaime Scliar. A cura é abordada, a partir do postulado pela psicanálise: uma expansão empreendida pelo Eu (Ego), diante das pressões, impulsos e opressões de outros elementos do aparelho psíquico (Id e Superego) – tal como explicado por Freud e por Jung (mantidas as diferenças entre eles). Isso converge para a consideração aos sentidos de cura para Scliar, principal elemento em análise. Uma das limitações do trabalho em curso é fato eu não possuir formação profissional médica ou psicanalítica, por outro lado, o perfil multidisciplinar do trabalho em comunicação social, produção textual acadêmica e divulgação científica em um curso de medicina, foi o que me instigou ao tema desta pesquisa.

O interesse pelo tema surgiu gradualmente e por diversos fatores. Desde abril de 2013 trabalho a interface Comunicação, Letras/Literatura e Medicina no curso de medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), em Passo Fundo. O contato mais significativo com a obra de Scliar se deu quando incluí o assunto “Literatura e Medicina” no Componente Curricular Produção Textual Acadêmica - a produção do autor foi considerada como parte das estratégias argumentativas para interessar estudantes sobre textos acadêmico-científicos mais qualificados¹³. Destarte, recorri ao argumento da autoridade de Scliar: médico e escritor, premiado e reconhecido internacionalmente. Isso, especialmente, a partir da entrevista por ele concedida ao *Jornal da Unicamp* (SCLIAR, 2004, p. 9) onde ele afirma que “Ciência e Literatura são compartimentos da mesma cultura” e que os dois gêneros textuais (Científico e Literário) – assim como a prática médica – se beneficiam, mutuamente¹⁴.

¹³ Explico como e porque tenho trabalhado em aula sobre Scliar, no capítulo *Letramentos Ético-Científicos em Medicina: relato de experiência docente em produção textual acadêmica na Universidade Federal da Fronteira Sul – Passo Fundo RS*. Ali, evidencio que no esforço docente de “estimular a sensibilidade, a autonomia e a crítica coerente e construtiva de futuros médicos”, a relação entre medicina e literatura é trabalhada, recorrendo ao autor, desde 2013, “de forma a que os estudantes possam reconhecer ou lembrar que a literatura permite sensibilizar e conhecer o Humano” (MORAES FERNANDES, 2017, p. 103).

¹⁴ Tal afirmação de Scliar, assume especial importância no contexto Brasileiro atual, de pandemia da Covid-19, momento em que o país chegou a ocupar primeiro e segundo lugares no número de mortes pelo vírus e num contexto em que cientistas e ciência tem sido forçados a disputar reconhecimento social (senão lado a lado, um passo atrás) com *fake News* e negacionismo do tipo que defende que a terra é plana e é cogitada alta taxaço de

A leitura de *Aprendendo a amar e a curar* (SCLIAR, 2005), que ocorreu ao preparar uma aula em 2015, foi decisiva para a escolha do Autor. Nesse romance, ele narra o amor entre o estudante de medicina Alexandre Gusmões e Rosa, a faxineira de sua família, que era filha de uma curandeira. O livro inicia com o médico Alexandre, em uma aula inaugural de medicina, recapitulando sua vida aos estudantes. O que me envolveu e sensibilizou foi a forma respeitosa, ética e, ao mesmo tempo, franca e esperançosa com que o autor se referiu à saúde humana, ao cuidar de pessoas: “A arte de curar precisa renascer cada vez que um estudante se aproxima, tímido ou arrogante, interessado ou enfadado do seu primeiro paciente” (SCLIAR, 2005, p. 5). Esse romance será analisado no capítulo “Textos e vida”, devido a minha suposição de que seja fortemente autobiográfico.

De todo esse envolvimento decorre que quanto mais eu leio de Scliar, mais me interesso em aprender sobre sua vida e obra. Pois, para mim, o escritor-médico é um daqueles seres humanos que, com sua história de identidade (LEJEUNE, 2008) fazem percebermos que a vida vale a pena, que ensinam sobre a vida humana ter sentido e valor em ser vivida. Em suma, aprender sobre ele é aprender sobre o melhor de mim, de nós.

Observei entre estudantes de medicina resistências em aprenderem sobre Literatura e Medicina, Produção Textual e Habilidades Científicas. Porém, não constatei isso entre estudantes de Pedagogia, Arquitetura e Ciências Sociais (talvez resistam, mas não expressem. Necessita pesquisa). Nesse contexto, arrisco inferir que é provável que os tipos de reflexões aqui propostas e, principalmente, de engajamento a pesquisar profundamente sobre esse assunto, não viriam da maioria das(os) docentes da área médica, talvez pelo caráter mais objetivo e prático (?) da área. Mas, então, por que interessaram a Scliar? É algo que pretendo esclarecer. Ademais, percebo que, desde antes do ingresso no curso de Medicina, há uma cultura de expectativas e de exigências tão intensas e constantes que os(as) estudantes, podem chegar ao ponto da exaustão mental e emocional, necessitando de cuidados¹⁵. Assim, o impulso constante que Scliar tinha de escrever “em qualquer lugar” e de conciliar a carreira de médico à de escritor, chamou a minha atenção para uma investigação mais atenta.

livros logo quando as pessoas devem ficar mais em casa e, portanto, seriam muito mais beneficiadas que costumeiramente, pelo acesso e leitura de obras literárias.

¹⁵ Constatado a partir de dois recursos, por mim, no trabalho docente no curso de medicina da UFFS Passo Fundo, de 2013 a 2018: 1) a escuta de comentários e de queixas de estudantes sobre o contexto de preparo ao ENEM e sobre comportamentos familiares e como isso os afetou e 2) análise dos textos produzidos pelos estudantes, na primeira aula da disciplina Produção Textual Acadêmica, por ocasião do trabalho: Produção de texto do perfil, que consiste em três parágrafos com a descrição detalhada de seu perfil, indicando interesses em medicina, comentários acerca da relação que costuma ter com a leitura e a escrita, expectativas sobre esse Componente Curricular e como entendem a relação do mesmo com o curso. Mais detalhes em MORAES FERNANDES, 2017, p. 93-115 e 3).

No contexto mais amplo que tenho apresentado até aqui, esclarecer os sentidos da autobiografia para este escritor e médico contribui para o campo dos Estudos Literários e para consolidar a relevância da literatura para outras áreas, como a Medicina. Assim, compreender mais sobre cura no contexto da memória e dos impulsos criativos de um autor consagrado nacionalmente e reconhecido internacionalmente – que articula o reconhecimento de sentidos para a superação de entraves à humanização – dimensiona a Literatura no seu espaço de resistência e soma recursos (nesse caso, teóricos, visando práticas) às(aos) que por isso trabalham.

A tese aqui postulada é a de que a autobiografia está dissolvida na obra de Scliar, a exemplo dos personagens (Centauro, Alexandre Gusmões *etc.*) e das pessoas reais que ele mais colocou em seus livros (Oswaldo Cruz, Rosa de Luxemburgo, *etc.*) para contar sobre si a si mesmo numa espécie de autodiagnóstico e, aos outros, estabelecendo atributos de cura à sua produção literária. Scliar escrevia a autobiografia como uma negativa da morte. Ele é um médico que observa a morte e um paciente que resiste à morte – escrevendo, criando Literatura. “O grave acidente de automóvel que Scliar sofreu em 1993 fez com que fosse hospitalizado pela primeira vez na vida. Segundo os médicos o seu estado de saúde inspirava cuidados. Mas, segundo ele, ‘não inspirava só cuidados, inspirou-me a escrever’” (BONOW, 2021, 191)¹⁶. Nesse contexto, “A morte pro Scliar não havia”, afirmou a escritora e amiga do autor, Cíntia Moscovich, quando da 17ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, de 2017, que homenageava o autor - dentre Ariano Suassuna, Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector. No caso do escritor-médico, a obra que produziu a partir de si e onde se colocou, segue viva em suas leitoras e leitores, pois há uma transcendência, uma imortalidade inerente à obra que se deixa (porque nela, o eu, se expandiu, e se expande, na continuidade de sua resignificação constante).

Acervos literários são espaços repletos de alma, em que a História se faz acessível pelos documentos, esboços, publicações, testemunhos e objetos dos autores, como livros das bibliotecas particulares, máquinas de escrever, entre outros. O acervo de Moacyr Scliar integra o *Espaço de Documentação e Memória Cultural – DELFOS*, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Nele, desde 2008 estão guardados os espólios e diversos documentos da cultura e da memória gaúcha, organizados inicialmente em: *Arquitetos, Historiadores, Coleções e Escritores e Jornalistas* – Moacyr Scliar está entre trinta e três

¹⁶ O Primeiro livro que ele publica no ano seguinte ao acidente é *Judaísmo: dispersão e unidade* (SCLIAR, 1994), em que aborda vários assuntos relacionados ao povo judeu, por exemplo, as perseguições sofridas na segunda guerra mundial (optei por colocar em minúsculas, com o propósito de reduzir a “chama”).

conterrâneos, desse último grupo. O Acervo Delfos Moacyr Scliar preserva e disponibiliza¹⁷ imagens, manuscritos e diversos outros tipos de documentos sobre o escritor-médico.

O diferencial desta tese consiste em relacionar autobiografia e cura considerando manuscritos, obra, entrevistas do e sobre o autor para a compreensão dos sentidos relacionados entre (se) escrever e (se) curar. Por isso, é pertinente que tal pesquisa seja na área de Letras/Literatura no campo dos Estudos Literários e interfaces, em que diversos autores investigam sobre autobiografias (LEJEUNE, 2008; REMÉDIOS, 1997; 2004a; 2004b) e autoria (BARTHES, 2004; FOUCAULT, 1992; CHARTIER, 2012; WILLEMART, 2005; 2019a; 2019b).

O objetivo geral desta pesquisa é investigar, na autobiografia declarada e na não declarada de Scliar, a Cura como assunto norteador para a construção de si (do autor) e de sua Literatura. Complementarmente, é buscado conhecer a principal função assumida pela escrita autobiográfica na obra do autor gaúcho. Assim, é interesse dessa pesquisa investigar: Qual ou quais os conceitos de Cura para Scliar? O autor relaciona escrever sobre si a curar(se)? O que levou esse médico a se tornar escritor? A presente pesquisa mostra que a resposta é trabalhosa. Em parte, porque, é preciso estabelecer diversas relações de sentido em busca de pistas e, num movimento complementar, a partir das diversas pistas, estabelecer sentidos ao relacioná-las. Também, porque outras motivações, além das reveladas em entrevistas, podem ter feito o autor decidir pela literatura.

Os objetivos específicos, que possibilitam esclarecer questões complementares da pesquisa, são: a) identificar no *corpus* desta tese e no Acervo de Scliar se como ele considera a Cura para a construção de si e de sua Literatura; b) reescrever o percurso histórico-intelectual-identitário do autor com foco nos sentidos e na História da sua Autobiografia; c) comparar o que o autor diz sobre si mesmo em entrevistas e no *corpus* dessa tese.

Entendo que tudo que alguém escreve é autobiográfico, em intensidades variáveis. Assim, a hipótese desta pesquisa é a de a obra de Moacyr Scliar tem componentes autobiográficos e que, assim, sua vasta produção literária foi um instrumento de autodiagnóstico/autoanálise complementar. Isso porque o autor declarou em entrevistas que fez muitos anos de psicanálise, fato praticamente desconsiderado ou não investigado em pesquisas sobre ele. Além disso, o autor afirmou que os primeiros textos são *os mais* autobiográficos, então, suponho que os outros também sejam, mesmo que em menor proporção. Também chama

¹⁷ A pesquisa ao Acervo de Scliar pode ser presencial na PUCRS – no sétimo andar das Biblioteca Central Irmão José Otão, ou pela *internet* – <https://www.pucrs.br/delfos/acervos/escritores-e-jornalistas/moacyr-scliar>.

atenção a importância dada pelo autor a Sigmund Freud¹⁸, que postulou a técnica de associação livre e da liderança do inconsciente. Então existem não ditos e significados não revelados sobre o que seja de si mesmo. Inclusive, concordando com Freud, defendo que tudo que é escrito, se partir de si mesmo, é sobre si mesmo em alguma medida, fale ou não de si mesmo. Por outro lado, há o entendimento de que a objetividade requer a incidência de diversas fontes de observação sobre um objeto.

Se penso porque a ironia foi algo tão destacado e recorrente na obra da Scliar, indicando ser traço dos mais intensos da sua personalidade, Freud oferece pistas a serem consideradas para aprofundamento e verificação. Ele afirma que “Um grande escritor pode permitir expressar – de modo brincalhão, pelo menos – verdades psicológicas severamente contidas” (FREUD, 2011¹⁹, p. 56). Isso interessa nesta tese pois é pista dos sentidos sobre cura para Scliar. Ademais, por quê nos bastidores do programa *Roda Viva* Scliar disse ao repórter: “Apesar do entrevistado, o programa vai mostrar o alto nível da literatura brasileira”? Por quê ele disse que queria sempre ser apenas um “escritorzinho do Bom Fim” se trabalhou arduamente para ser um singular, um incomum, escritorzão com cascos²⁰ do Bom Fim? Por quê, em *A Paixão transformada: História da medicina na literatura* (SCLIAR, 1996a), omite que Freud usou cocaína, no mesmo parágrafo em que explicita que Ácido lisérgico (LSD), ópio, haxixe e drogas diversas foram usadas por Aldous Huxley, Walter Benjamin, Baudelaire e outros? Scliar (1996a, p. 212) deixou para Freud somente as palavras “coragem e disposição”, no mesmo parágrafo. Por quê?

Para compreender os sentidos mais profundos de uma autobiografia, é necessário um trajeto trabalhoso e arriscado, que considere, além dos sentidos expressos e velados pelo autor, outros elementos, como textos e leitores(as) do autor escolhido, relatos de familiares e amigas²¹(os). Porém, além do assunto escolhido não se esgotar com uma tese, inviabilizaria

¹⁸ No resumo de sua tese de doutorado, Scliar postula: “particular atenção é dada à figura de Sigmund Freud, não apenas por sua interpretação psicanalítica da trajetória judaica, como também, e principalmente, porque a sua própria evolução científica e intelectual reproduz, em sentido inverso, a trajetória acima descrita [o sacerdote, o rabino, o filósofo, o médico com formação científica, codificada]” (SCLIAR, 1999, p. 5).

¹⁹ A publicação original é de 1930. Entretanto, cito a edição consultada para a tese.

²⁰ Uso a expressão “escritorzão com cascos do Bom Fim” como referência ao livro *O Centauro no Jardim* (SCLIAR, 2011), onde o personagem principal, Guedali, comenta sobre a dificuldade e o incômodo que é ter cascos, mas que isso, é parte da identidade de centauro dele: “Outro dia vi um pobre na rua. Pedia esmolas, mostrando um coto de perna. Dei-lhe dinheiro, decerto por causa do sentimento de culpa inspirado pelo impulso (abortado) de lhe dizer: perna amputada? Nada, meu amigo. Isso não te impede de trabalhar. Quem te fala é um que tinha cascos, sabes? E que mesmo assim lutou e venceu. Toma meu exemplo, amigo, parte para o duro combate da vida e fica sabendo que pior que não ter perna é ter cascos, podes crer”. (SCLIAR, 2011, p. 216-217). Outros trechos são reveladores da importância e ao mesmo tempo, do incômodo em ter cascos. A esse respeito, analiso no quarto capítulo, “Textos e vida” por se relacionar à cura, para o escritor.

²¹ Uso amigas, antes de amigos, por dois motivos: o primeiro é que na fase inicial da pesquisa encontrei mais relatos de amigas do que de amigos de Moacyr Scliar. O segundo é porque “homem” se refere a pessoas, há séculos – assim, por entender (em menos de 50 anos) que também não caberia somente “mulher” para se referir

minha pesquisa se incluísse esses textos e discursos complementares, devido a que demandaria tempo além do estabelecido para um doutorado. Então, demarco aqui, que aprofundarei a análise proposta me debruçando sobre o *corpus* delimitado, mas que fontes complementares de análise serão indicadas para pesquisas futuras, nas conclusões. Mas, reduzo, ao menos um pouco – diante da complexidade do desafio de pesquisa a que proponho – a limitação apontada por Antônio Candido sobre pesquisar autobiografias: “só podem ter conhecimento de causa os que viveram na mesma época, formaram-se olhando a mesma rua^[22] e compartilharam vivências” (CANDIDO, 2001, p. 72-73).

Nos momentos em que é empreendida a escrita ensaística há uma relação mais visceral com o objeto de pesquisa – o que é pertinente a uma tese sobre autobiografia. Primeiramente, porque é necessário acessar um lugar interior que permita compreender, aproximar os sentidos e percepções do que seja autobiografia relacionada à cura de si. Em segundo lugar, porque, se quem produz literatura escreve sobre si em proporção variáveis, seja isso evidenciado pelo uso do pronome “Eu”, ou mais dissolvido e disfarçado em sua produção; então, quem produz ciência, também o faz, apesar das especificidades de objetividade do trabalho científico. Porém, nada disso é autorização para descuido com a análise rigorosa. Aqui, assumo todos os riscos de transitar entre uns e outros sentidos: os subjetivos e os objetivos. Compreendo mais sobre a escolha do método, trazendo e comentando um trecho de *O centauro no Jardim*:

As primeiras lembranças, naturalmente, não podem ser descritas em palavras convencionais. São coisas viscerais, arcaicas. Larvas no amago da fruta, vermes movendo-se no lodo. Remotas sensações. Vagas dores. Visões confusas: céu atormentado sobre mar encapelado; entre nuvens escuras, o cavalo alado deslizando majestoso. Avança rápido, primeiro sobre o oceano, e logo sobre o continente. Deixa para trás praias e cidades, matas e montanhas. Aos poucos, sua velocidade vai diminuindo, e ele agora plana, descrevendo largos círculos, as crinas onduladas ao vento. (SCLIAR, 2011, p. 12).

Vento se relaciona a sopro de ar, significados de alma, *anima*. Deslizar sobre oceano significa planar sobre o inconsciente. O texto exclusivamente científico não aproxima o suficiente para permitir acesso maior ao que precisa ser analisado e que foi (d)escrito com

a pessoas, optei por colocar amigas(os), para considerar ambos. Ademais, no contexto da frase referente a esta nota, “pessoas” não seria assertivo. Há quem defenda que se deve usar amigas. Fica aqui, o registro.

²² Guardadas todas as proporções, especificidades e limites de cada contexto: Na rua Bento Figueiredo, n. 55, Scliar muito frequentou a Sociedade Beneficente Israelita de Socorros Mútuos Linat Hatsedec. Precisamente, nesta mesma rua, no prédio ao lado desta Sociedade Israelita, fiquei em 2002 e 2003, no apartamento da minha tia, durante minha formação na especialização em Comunicação e Saúde – feita na UFRGS (inclusive tive aulas no prédio da Medicina), há algumas quadras dali. Andei pelas ruas do Bom fim, frequentei cafés e o Clube de Cultura da Rua Ramiro Barcelos, conheci e vivi o Bom Fim. Formei-me na especialização, olhando as ruas por onde Scliar andava. Na época, ele estava vivo. Portanto, nesse período específico, vivemos na mesma época. Além disso, ele compartilhou vivências com seu público leitor, do qual faço parte.

palavras não convencionais. Assim, dosar e equilibrar a veia ensaística, mais criativa e artística com o rigor científico qualifica o trabalho: é preciso erguer a cabeça e contatar as janelas da alma do menino leitor que está segurando o livro. Também é, por isso, que coerentemente à proposta de pesquisa, a obra de Moacyr Scliar é o principal objeto e elemento de coesão ao trabalho, sobre o qual minha investigação e interpretação revela sentidos de autobiografia e cura. Detalho toda a estrutura desta tese, que se insere na linha de pesquisa Produção e Recepção do Texto Literário, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo e é orientada pelo Dr. Miguel Rettenmaier da Silva:

Meu texto é composto por três capítulos (2, 3 e 4), precedidos por esta Introdução e seguidos das seções de Conclusões, Referências, Apêndices e Anexos.

No segundo capítulo, “O eu que (se) escreve”, abordo autoria, escrita de si e autobiografia. Inicialmente, inscrevo ideias ao debate sobre autoria e abordo “O que é um autor” (BARTHES, 2004) e *O Rumor da língua*, onde é lembrado que o ser total da escrita é múltiplo e inscrito no leitor. Em seguida, Foucault (1992) afirma que autor é uma construção dentro de uma ordem do discurso pregressa (anterior). Em seguida, é considerada a abordagem de Chartier (2012) que investe uma retomada histórica em que autor é ser que conjuga materialidade e discurso. Finalmente, Willemart (2005; 2019a; 2019b) postula o *Círculo da escritura* e a noção de *Scriptor*, desatacando que o Eu leitor do autor é o primeiro que lê a si mesmo. Noutras palavras: o autor é o primeiro leitor que se lê. Essa elaboração conceitual detalhada é associada a Petit (2013) para a compreensão do perfil de Scliar leitor e, a partir disso, do que seja autoria para o escritor-médico gaúcho. Na subseção: “Toda escrita tem componentes autobiográficos”, reflito sobre o conceito de autobiografia (LEJEUNE, 2008), com destaque para Rettenmaier (2011) e apresento percepções de Scliar sobre autobiografia em sua tese de doutorado (SCLIAR, 1999).

Se o investimento no segundo capítulo é em compreender como alguém se torna autor(a) e o que caracteriza essa função – inclusive enquanto escrita de si, no terceiro capítulo, intitulado “O escritor médico”, o foco está nas relações entre ser escritor(a) e ser médico(a). Nele, a importância da interface medicina e literatura é relacionada ao trabalho e ao legado de Moacyr Scliar. Isso é direcionado ao esclarecimento da definição da interface para o autor. Em seguida, comento Saúde pública, psicanálise e cura, recorrendo a coletâneas e pesquisas sobre vida e literatura do escritor-médico e a abordagens sobre o conceito de cura conforme Freud (1919, 1925, 1930), Jung (1971, 1921, 1958-1981)²³, mas, principalmente para Scliar (2000, 2002b,

²³ Aqui, estão indicados os anos dessas publicações originais de Freud e de Jung. Porém, no decorrer da tese, refiro as edições consultadas para pesquisa: Freud (1996, 2005, 2011) e Jung (1984, 1991, 2011).

2007)²⁴. No encerramento do capítulo, literatura como combate à angústia médica é apresentada em estudo sobre três crônicas do autor gaúcho.

No capítulo “Textos e vida”, investigo uma amostra do conjunto autobiográfico de Moacyr Scliar com o objetivo de verificar sobre a cura como assunto norteador da construção de si (do autor) e de sua literatura. O capítulo inicia expondo as razões para as dificuldades em delimitar o *corpus* – pois Scliar deixou vasta documentação de seu pensamento e diversos suportes. Além disso, “Até onde vai a ficção é um problema de toda autobiografia”, explica Rettenmaier ao comentar sobre *O pacto autobiográfico* (LEJEUNE, 2008) e ao lembrar que “o próprio Lejeune critica o conceito que desenvolveu, o de autobiografia” (RETTENMAIER, 2019)²⁵, o que me impele a esclarecer em que sentido(s) Lejeune o critica, já que é referência consagrada sobre autobiografia.

Ainda neste capítulo, são analisadas as autobiografias declaradas e não declaradas do autor gaúcho. Destarte, o *corpus* definido para esta tese consiste em: a) autobiografia declarada: *Pedacinhos de infância* (1952), *Uma observação justa* (1946) – publicada aos 12 anos de Scliar –, *A batalha tinha chegado ao fim* (1970), *Por que escrevo* (1995), *Histórias de médico em formação* (1962), *Uma autobiografia literária: o texto, ou, a vida* (2017), *O centauro no jardim* (2011), *O exército de um homem só* (1973) e *Memórias de um aprendiz de escritor: memórias de um menino apaixonado por livros*; b) autobiografia não declarada: *Aprendendo a amar e a curar* (2005), *A majestade do xingu* e *Da bíblia à psicanálise* (tese de doutorado de Moacyr Scliar). Enriqueço a análise com alguns trechos de entrevistas concedidas pelo autor e com estudos realizados no Acervo Literário Josué Guimarães, em que comparo e contrasto alguns aspectos dos dois autores gaúchos. Esclareço acerca dos manuscritos do e sobre o autor, e da importância do acervo para a minha pesquisa, recorrendo a Remédios (1997; 2004a; 2004b), Bordini (2011) e Rettenmaier (2008).

Em todo o meu processo investigativo, respondo diversas questões sobre literatura e medicina e suas relações com autobiografia e cura para o autor escolhido. Visibilizo uma amostra robusta do conjunto autobiográfico da obra *scliariana*, antes disperso ou não identificado como este gênero, usando como elementos organizadores e agregadores, os sentidos sobre cura para o autor e para a psicanálise, pois ele investiu em tratamento psicanalítico por muitos anos. No que diz respeito ao autor escrever sobre si, literatura é força

²⁴ *História do conceito de saúde* (SCLIAR, 2007) apresenta uma elaboração acerca da evolução dos conceitos de saúde e doença do ponto de vista cultural, político e econômico.

²⁵ Este parágrafo foi elaborado a partir de anotações de aula das informações verbais proferidas pelo Dr. Miguel Rettenmaier em 31 de outubro de 2019, na aula da disciplina Teorias da Leitura, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

que cura quando: a) ao escrever sobre si em primeira pessoa pela na voz de outras instâncias narrativas nos seus personagens, o escritor-médico desopprime o real pela imaginação, pela liberdade de expressão autorizada pela ficção, pelos personagens – afinal, são os personagens; b) é instrumento de autodiagnóstico; c) apazigua as próprias angústias sobre a morte, pela a sensação do dever cumprido (tão cara a Scliar) ao reconhecer que estaria deixando um legado relacionado às dores da condição judaica e d) contribui com a prática médica em interação com os pacientes.

Além disso, Moacyr Scliar recorreu à literatura, acionando leitura, imaginação e criação de histórias para amenizar a angústia na (e a partir da) prática médica. A Medicina é uma área fascinante em que se salvam vidas e se constata a morte. Nela, múltiplos desencadeantes e potencializadores de angústia podem levar profissionais da saúde ao adoecimento e ao suicídio. Tratar, nem sempre é possível ou suficiente. Assim, é urgente integrar áreas em benefício da vida. Mais do que compreender genericamente a condição humana, o mundo e os mistérios da existência, Scliar buscou saber de si e a si mesmo expressar, enquanto lia e escrevia literatura. Ele fez Literatura e Medicina se beneficiarem entre si, a ele e deixou através de (e em) sua escrita literária, potencial para que beneficiem a sociedade.

A cura seguirá vitalizada a cada leitura e escrita de e a partir da literatura de Scliar. A movimentação integradora de materialidades e imaterialidades que permite a assimilação, a interpretação e a expressão de sentidos é inerente à condição humana e se assemelha aos momentos do respirar (inspiração, pausa, expiração). Isso é o que energiza ou alimenta essa literatura e a projeta ao futuro. Conhecer a obra de Scliar curará na medida em que alguém estiver disposto a SE ler e a ler outros a partir dela e, quem sabe, a SE escrever e escrever para outros, como em uma tese. A seção das conclusões é encerrada com um ensaio sobre a temática desta pesquisa.

2 O EU QUE (SE) ESCREVE

Não tenho dúvidas de que tu não decides como vais escrever. Tu escreves como tu és. A pessoa que tu és vai se revelar na maneira de escrever. Eu não fiz nenhuma opção, além de, evidentemente, escrever o melhor possível, trabalhar muito o meu texto e não fazer concessões. (SCLIAR, 2006a, p. 8).

Neste capítulo, a inscrição de ideias ao debate sobre o conceito de autoria e a análise das perspectivas de Barthes (2004), Foucault (1992), Chartier (2012) e Willemart (2005; 2019a; 2019b) a esse respeito, são associadas às contribuições de Petit (2013) sobre leitura, para a caracterização do perfil de Scliar leitor a fim de alcançar o conceito de autor para o escritor-médico gaúcho. Finalmente, o conceito de autobiografia (LEJEUNE, 2008) é trabalhado e ressignificado. Então, apresento percepções de Scliar sobre autobiografia em sua tese de doutorado (SCLIAR, 1999).

2.1 AUTORIA E EXPANSÃO DE SI

Autor é quem cria e expressa pensamentos, é quem conta²⁶ ideias que teve. Pode-se responder assim à pergunta “O que é um autor?”. Com isso, se expressassem autonomia e criatividade, quase todos seriam autores. Pode-se avançar no conceito e afirmar que somente com coragem se é autor. Afinal, é muito mais arriscado criar ao invés de apenas copiar e reorganizar o que outros supostamente criaram. Isso porque implica assumir vergonhas, medos e sentir o ego ferido pelos erros comuns ao processo criativo. Mas é a partir desta exposição do Eu que é possível identificar acertos e superações, engrandecer-se em autoestima, contribuir com outros, reavaliar escolhas e ampliar possibilidades²⁷. Talvez tenha sido nesse sentido de autonomia, criatividade e coragem que Scliar afirmou “não fazer concessões” enquanto escrevia “o melhor possível”. Ali, ele revela como (SE) engendra um verdadeiro Autor, um grande Escritor. Em síntese, pode-se dizer que autor é quem expressa autonomia, criatividade e coragem próprias no que produz.

²⁶ O sentido de “escritor”, em Literatura, é mais associado ao ato de escrever, a ser quem escreve o que cria. Entretanto, “autor”, costuma ser relacionado ao ato de publicar, a ser quem publicou o que criou, quem o público compreende como pessoa que fez a obra literária.

²⁷ Foi essa compreensão que me levou a decidir trabalhar esta tese a partir de dois movimentos investigativos principais: No primeiro, penso sobre um assunto com o máximo de autonomia e solidão, reflito, raciocino e somente então escrevo; no segundo, estudo o máximo possível o que outro(s) escreveu(ram), penso e elaboro sobre o que estudei e, então, escrevo.

No Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, “autor” é “a causa principal, a origem de”, “inventor”, “escritor”²⁸ (CUNHA, 2010, p. 70). Ora, não se inventa nada, nem a si mesmo, acomodado às certezas da falsa tranquilidade em concordar e, no extremo, em obedecer sempre e totalmente a quaisquer imposições de indivíduos, grupos, normas, crenças, sistemas ou contratos sociais. Inclusive, não se inventa nada sem experimentar a insegurança de se afastar, ao menos um pouco, do caminho central e seguro para, depois, voltar a ele. Mas, volta-se ao centro por necessidade, porque a instrumentalização para a invenção e sua recepção ocorrem no suporte do estabelecido – por mais que seja um dilema para quem cria. Ademais, se autor é a “causa principal”, há outras.

Nesse contexto, apesar de que são autores que costumam propor conceitos para autor, e de que cada autor poder definir conscientemente que autor é, há mais sobre isso em suas palavras, textos e nas apropriações que leitores fazem deles. Portanto, a afirmação “eu não fiz nenhuma opção, além de, evidentemente, escrever o melhor possível” (SCLiar, 2006a, p. 8), remete à necessidade de lembrar que há uma dimensão inconsciente em cada Eu. O próprio Scliar a reconhece pois fez anos de psicanálise e referiu o inconsciente em diversas entrevistas. Isso é investigado no capítulo seguinte.

As experiências vividas, vão contribuindo para a formação do inconsciente, que o cérebro depois vai usar para atualizar percepções de realidade, formular pensamentos. Sobre isso, Eagleman (2017) explica as constantes transformações cerebrais:

Todas as experiências em sua vida, de uma simples conversa a toda a sua cultura, moldam os detalhes microscópicos de seu cérebro. Do ponto de vista neural, quem você é depende de onde você esteve. Seu cérebro muda incansavelmente, reescreve de modo constante os próprios circuitos – e, como as experiências que você tem são únicas, os padrões vastos e detalhados de suas redes neurais são igualmente singulares. Como essas redes mudam incessantemente por toda a sua vida, a sua identidade é um alvo móvel, que jamais atinge um ponto final. (EAGLEMAN, 2017, p. 5-6).

Além disso, o autor refere que, por outro lado, há um esforço do cérebro para manter uma estabilidade do modelo inconsciente interno.

Seu cérebro faz suposições sobre o que vê com base no seu modelo interno, formado em anos de experiência [...]. Cada experiência que você teve contribui para o modelo interno em seu cérebro. Em vez de usar os sentidos para refazer constantemente a realidade a partir do nada em cada momento, você está comparando informações sensoriais com um modelo que o cérebro já construiu, que é atualizado, refinado e

²⁸ A palavra “escritor” surgiu no século XV e “*autor* XIII | Do lat. *auctor -ōris* | *autor*AL 1899 || *autor*IA 1813 || *coautor* | *coautor* 1873 || *coautoria* XX” (CUNHA, 2010, p. 70).

corrigido. O seu cérebro é tão especializado nesta tarefa, que você normalmente não tem consciência dela. (EAGLEMAN, 2017, p. 46-7).

Infere-se, a partir disso, que o modelo interno alimentado pelas experiências de cada escritor, fornece sinais inconscientes que são editados, comparados e atualizados pelo cérebro para processar dados selecionados. Porém, esses dados são processados sem muitos detalhes, para economizar energia e estabilizar aquele modelo interno (forjado pelas experiências) ao interpretar informações. Nesse contexto, lembro que escritores de ficção criam realidades trazendo novidades em recorrentes momentos da sua produção. Então, a literatura promove – mais ou menos breves e profundas – desestabilizações do modelo interno para – também por outra via – incidir nos sinais inconscientes, tanto do escritor como do leitor, na medida em que também cria experiências pela via da imaginação.

Moacyr Scliar comenta no livro *A escrita de um homem só*²⁹ no capítulo “Diálogos: a ficção é uma necessidade psicológica” que “[...] usamos a imaginação para completar as lacunas da vida, prover explicações para coisas que não entendemos, traçar caminhos e entender o passado” (SCLIAR, 2006a, p. 7). Entretanto, suponho que o autor busque momentos de estabilização do seu modelo interno, também quando revela: “Eu não quero, nunca quis, viver só dos meus livros. O escritor tem que ter outra vinculação com a vida real que não seja só a palavra escrita” (SCLIAR, 2006a, p. 61). Erico Veríssimo, autor gaúcho e que viveu muitos anos em Porto Alegre, como Scliar, comenta sobre o papel do inconsciente na criação literária:

Estou convencido de que o inconsciente representa um papel muito importante – mais do que o escritor geralmente quer admitir – no ato da criação literária. Costumo comparar nosso inconsciente com um prodigioso computador cuja ‘memória’ durante os anos de nossa vida (e desconfio que os primeiros dezoito são os mais importantes) vai sendo alimentada, programada com imagens, conhecimentos, vozes, ideias, melodias, impressões de leitura, etc....[sic] O ‘computador’ – à revelia de nossa consciência – começa a ‘sortir³⁰’ todos esses dados, escondendo tão bem alguns deles, que passamos anos e anos sem que tenhamos sequer conhecimento de sua existência. Quando, por exemplo, nos preparamos para escrever um romance e começamos a pensar nas personagens, o ‘computador’, sensível sempre às nossas necessidades, rompe a mandar-nos ‘mensagens’, algumas boas – ‘pedaços’ físicos ou psicológicos de pessoas que conhecemos –, outras traiçoeiras – recordações de livros lidos e ‘esquecidos’ que nos podem levar ao plágio. Cabe ao consciente fazer a seleção, repelir ou aceitar as mensagens do ‘computador’. Nada do que nos vem à mente é gratuito. Não é possível nem creio que seja aconselhável tentar criar do nada, esquecer as nossas vivências, obliterar a memória. (VERISSIMO, 2005, p. 293).

²⁹ Clara referência ao título de outro livro seu: *O exército de um homem só* – ao que ele se referiu como um dos mais autobiográficos da sua produção. Publicado, inicialmente, em 1973. Conferir mais em Scliar (2012).

³⁰ Interessante que conheci este texto de Erico somente depois de eu ter criado o trecho da terceira linha do primeiro parágrafo desta Tese: “Nos meandros das ficções, a multiplicidade e a profundidade de relatos permitem intuir que para além de escolhas, há complexidade na vida por suas combinações e sorteios peculiares”.

Nesse sentido, uma possibilidade de compreensão é a de que o maior ou menor grau de autonomia de cada escritor dependeria do nível de interação, de recepção e, mais intensamente de interferência permitida (ou não, se mais inconscientemente) pelo autor às mensagens de “computadores” de outros. Mas, não somente isso, pois é possível ser receptivo ao que outros pensam e, ainda assim, pensar por si mesmo. Portanto, autonomia é diferente de fechamento.

Isso se complexifica se forem considerados os tipos de pessoas que enviam mensagens com as quais escritores optam (mais ou menos conscientemente) para interagirem. Duas pesquisas atuais ampliam esses entendimentos: uma pesquisa neuropsicológica que relaciona lidar com imagens mentais e *memória autobiográfica*³¹ (grifo meu) e outra pesquisa que evidencia maior sensibilidade e empatia nas pessoas que possuem altas habilidades em lidarem com imagens mentais (WICKEN; KEOGH; PEARSON, 2021). Na primeira, foram comparados dados de imagens cerebrais, testes cognitivos e de personalidade entre pessoas com alta (hiperfantásicas) e com baixa (afantásicas) habilidade em criar imagens mentais. Foram constatadas pontuações equivalentes entre os dois tipos nos testes de memória padrão, mas uma conexão mais forte entre as áreas do cérebro responsáveis pela visão com as regiões frontais nos hiperfantásicos, identificados como sensorialmente mais ricos e com maior capacidade de lembrar detalhes de experiências vividas, enquanto os afantásicos foram identificados como mais semânticos e factuais (MILTON *et al.*, 2021). A respeito da segunda pesquisa, há relação entre essa capacidade de “operar” com imagens, sensibilidade e interpretação de textos.

Autores trabalham com a imaginação, seu processo produtivo consiste em arriscar, ao menos um pouco, na instabilidade de criar mundos imaginários. Geram imagens mentais de fantasia, por vezes, mescladas com as da realidade. A ficção e a fantasia existem porque é preciso sair de casa. Ninguém aguentaria ficar o tempo todo na consciência. Desoprime-se o real pela imaginação. Nesse contexto, ter altas habilidades em lidar com imagens mentais parece ser uma característica de escritores de ficção. Lauxen (2008, p. 282) lembra que Ricoeur vincula a memória à temporalidade da condição humana quando “enfrenta a aporia entre memória e imagem (*eikon*). Essa mesma aporia repercute no plano da história, pela sobreposição entre narrativa histórica e ficção literária”.

“A potência excepcional da imaginação” de Scliar, é destacada por Maria da Glória Bordini ao afirmar que “sem dúvida, Scliar é pessoa de seu século e supera-se constante e vertiginosamente tanto como contista quanto como romancista” (BORDINI, 2011, p. 71). Persistência e força produtiva incomuns também são evidenciadas em entrevista concedida à

³¹ Esta expressão consta em Milton *et al.* (2021).

Zilberman, publicada em 2009, quando Scliar responde sobre criação e tempo de elaboração de alguns romances:

No meu caso o processo criativo começa com algum ‘fator desencadeante’, que pode ser um episódio histórico, uma pessoa que conheci, uma história que me contaram, uma notícia de jornal... Daí em diante é uma incógnita. Sou muito rápido escrevendo para jornal, mas quando se trata de uma ficção mais longa é diferente; aí períodos de rapidez se alternam com outros de muita lentidão, resultante de dúvidas que vão desde a questão do foco narrativo até a incerteza quanto à validade do projeto (não foram poucos os que abandonei). No caso de *Vendilhões*, foram dezesseis anos desde a ideia inicial até a conclusão; reescrevi muitas vezes. Mas isto é normal **numa tarefa que, afinal, implica uma aventura no desconhecido de nossas mentes...** (ZILBERMAN, 2009, p. 3, grifo meu).

A potência da imagem é a imaginação, para o Scliar criança³²: quando estudante, viu que caíram moedas do seu bolso e que com isso, colegas o insultaram e agrediram, ele imediatamente recorreu à imaginação, criou imagens e traçou um determinado caminho no mapa da vida, se fazendo brilhante e precioso escritor em criar imaginações que encontrem e acolham leitoras(es). Essas pistas sobre a importância da imagem na vida do leitor-escritor Moacyr Scliar (2017c, p. 36-37), estão no relato do autor em *Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida e*, numa versão resumida, em *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar (e outras crônicas)* (SCLIAR, 1996c, p. 14-15), que apresento a seguir:

Eu era magrinho. Magrinho, o menor do colégio. Tinha seis anos quando lá entrei, diretamente na segunda série primária. E porque era pequeno (e talvez também porque era filho de uma professora), os mais velhos debochavam de mim. Uma tarde, eu brincava no pátio, sozinho. Era hora do recreio; a meu redor, todos corriam, jogavam bola, mas eu, distraído, esgaravatava a terra com um graveto. De repente, achei uma moeda. Uma moeda de duzentos réis! Que sorte. E logo em seguida achei outra moeda. E outra, e mais outra! Imaginei que tinha descoberto um oculto tesouro, decerto ali enterrado pelos piratas em épocas remotas – quando as ondas do mar vinham quebrar no pátio do colégio. Eu agora cavava furiosamente, gritando, sem poder me conter: Um tesouro! Achei um tesouro! Não, não era um tesouro. Colocado atrás de mim, um garoto atirava habilidosamente as moedas que eu pensava estar encontrando. E de repente me dei conta: porque estavam todos a meu redor, rindo, rindo a valer. Fiquei furioso. E quando o garoto me pediu o dinheiro, não quis entregá-lo: era meu! Me arrancaram as moedas à força e foram embora, rindo. Fiquei sozinho no pátio, chorando. Mas eu realmente tinha encontrado um tesouro. Não as moedas: a história. Aquela, dos piratas... Minha imaginação fervilhava: um tesouro. (SCLIAR, 1996c, p. 14-15).

³² A análise sobre a imaginação para Scliar criança foi desenvolvida por mim, inicialmente, no trabalho final da disciplina *Leitura e Sistemas Intersemióticos*, ministrada pela Dra. Fabiane Verardi Burlamaque em agosto de 2020 no PPGL UPF, em artigo que obteve avaliação “A”, intitulado: *Literatura é imaginação escrita: aproximações (navegações) entre intersemiótica e Moacyr Scliar*. Artigo esse, que revisei, adaptei e atualizei para incluir nesta tese.

A potência das imagens em Scliar, está na relação de sua criação literária, portanto, *imaginação escrita* (expressão e grifo meus³³) e a linguagem cinematográfica. Sobre isso, Santos (2014, p. 150-151) observa que

Ironicamente, a visibilidade em seus textos é um primado de sua imaginação, uma das grandes qualidades. Segundo Italo Calvino (1923-1985) ‘imaginação como repertório do potencial, do hipotético, de tudo quanto não é, nem foi e talvez não seja, mas que poderia ter sido’. Essa potencialidade das cenas narradas por Scliar como uma tela – a fluência das imagens se aproxima muito da linguagem cinematográfica, não como roteiros mal disfarçados, antes como imagens articuladas no ritmo da narrativa – talvez isso explique a fluência imagética de sua prosa, não por acaso algumas obras suas geraram bons projetos cinematográficos, como *Sonhos tropicais* (1991), de André Sturm e *Um sonho no caroço do abacate* (2009).

A partir disso, analisarei mais adiante sobre Scliar autor e escritor. Por enquanto, reitero que a resposta ao que seja um autor é sempre instável, sempre dependente de que autor e de quais autores respondem. Portanto, por vezes, não é possível conceituar definitivamente o que seja um autor, sendo a resposta uma soma de outras perguntas à pergunta inicial. Algo instiga esse autor a escrever. Algo origina o inventor e, como escrever nunca está separado de escrita, algo é causa dessa escrita. Algo, aqui, está no singular, mas como autores e escritas o são em tempos e espaços, o fenômeno da escrita é multifatorial, mutante e processos históricos (um dos fatores), (re)originam a autoria. Barthes, Foucault e Chartier são considerados nessa sequência, pois isso segue a cronologia real, em que um embasou a análise do outro:

Para Roland Barthes (2004), autores não inventam sentidos pois estão inscritos em tradições, algo anterior a eles, tudo que autores “criam”, o fazem tendo por base uma tradição (anterior a eles), uma História, já que a escritura é a “destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo onde foge o nosso sujeito, o branco-e-preto onde vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve” (BARTHES, 2004, p. 57). Justamente na condição discursiva da autoria repousaria a “morte do autor”, ao se privilegiar texto à obra lido.

Sem dúvida sempre foi assim: desde que um fato é *contado*, para fins intransitivos, e não para agir diretamente sobre o real, isto é, finalmente, fora de qualquer função que não seja o exercício do símbolo, produz-se esse desligamento, a voz perde a sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escritura começa. (BARTHES, 2004, p. 46).

³³ Em rápida busca no google pelas palavras “*imaginação escrita*”, não foram encontrados resultados com essa combinação sem que houvesse algo no meio: “na”, “da” etc. Portanto, a partir disso é que afirmo “expressão minha”. Ademais, essa expressão, permite que eu afirme: **Literatura é imaginação escrita*. Ademais, coloquei a afirmação no *google* e, novamente, nada igual foi obtido. O que não é garantia de que ninguém tenha pensado, antes, ou, ao mesmo tempo, nessa expressão exatamente dessa forma.

Capítulo sobre a morte do autor é trazido em *O Rumor da língua* (BARTHES, 2004) para revelar que o ser total da escrita é múltiplo e inscrito no leitor. Ele denuncia que “a imagem da literatura que se pode encontrar na cultura corrente está tiranicamente centralizada no autor, sua pessoa, sua história, seus gostos, suas paixões” (BARTHES, 2004, p. 58). O autor ainda comenta:

[...] faz séculos que nos interessamos demasiadamente pelo autor e nada pelo leitor; a maioria das teorias críticas procura explicar por que o autor escreveu a sua obra, segundo que pulsões, que injunções, que limites. Esse privilégio exorbitante concedido ao lugar de onde partiu a obra (pessoa ou História), essa censura imposta ao lugar onde ela vai e se dispersa (a leitura) determinam uma economia muito particular (embora já antiga): o autor é considerado o proprietário eterno de sua obra, e nós, seus leitores, simples usufrutuários; essa economia implica evidentemente um tema de autoridade: o autor tem, assim se pensa, direitos sobre o leitor, constringe-o determinado sentido da obra, e esse sentido é, evidentemente, o sentido certo, o verdadeiro; daí uma moral crítica do sentido correto (e da falta dele, o ‘contra-senso’): procura-se estabelecer o que o autor quis dizer, e de modo algum o que o leitor entende. (BARTHES, 2004, p. 29-30).

Ainda no capítulo “Da obra ao texto”, ele postula que “[...] de certo modo, há cem anos que estamos na repetição. O que a História, a nossa História, nos permite hoje é apenas deslizar, variar, ultrapassar, repudiar” (BARTHES, 2004, p. 54). Mais sobre o autor, relacionado à obra, é problematizado por Barthes (2004, p. 59-60):

A obra é tomada num processo de filiação. [...] O autor é reputado pai e proprietário da obra: a ciência literária ensina então a *respeitar* o manuscrito e as intenções declaradas do autor [...]. Não é que o Autor não possa ‘voltar’ no Texto, no seu texto: mas será, então, por assim dizer, a título de convidado [...]; a sua inscrição não é mais privilegiada, paterna, alética, mas lúdica: ele torna-se, por assim dizer, um autor de papel [...]: o *eu* que escreve o texto, também, nunca é mais do que um *eu* de papel.

Por tudo isso, para Barthes, o autor escreve pautado por alguém exterior e anterior a ele (interior). Disso, inferi que a autonomia de quem escreve, para Barthes, é bastante limitada, ao mesmo tempo que uma outra instância ganha força; a do leitor. Penso que, poder de leitor, também é poder. Sim, o poder também se repete há muito mais de “cem anos”, onde quer que ele seja colocado, na linguagem, no autor, no leitor etc. Apesar das especificidades de cada modalidade, por assim dizer, de poder, aqui, remeto à minha afirmação feita na introdução desta tese e pautada em Lavoisier³⁴, que as energias imortais pelos séculos afora podem estar ora esmaecidas, ora garridas, mas sempre estão. Com o poder, que pode (tanto que aqui é) ser pensado como energia, também é assim. Dito isso, o que me parece que Barthes fez foi deslocar para o leitor, o poder. Mas, se para ele a linguagem possui um poder oprimido e limitado, então,

³⁴ De acordo com PINCELI, Carlos Ricardo. *Lavoisier, Antoine Laurent (1743-1794)*. [S. l.]: [Unicamp], [s. d.]. Disponível em: <http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/lavoisie.htm>. Acesso em: 22 abr. 2021.

o poder do leitor, não teria como ser mais livre que esse da linguagem, pois é ela que o leitor utiliza. Sendo assim, pensando de forma mais ampla, tanto o leitor como o escritor têm seu poder com a liberdade e a limitação da linguagem.

Michel Foucault (1992) considerou destacadamente a literatura apenas em *Raymond Rousset* (1999) e em artigos que publicou na década de sessenta, portanto, não se dedica tanto a compreender literatura, como fez Barthes (CHAVES, 2018). Entretanto, Foucault apresenta outro ponto de vista ao problematizar bastante o conceito de autor no intuito de “ver de que maneira, segundo que regras se formou e funcionou o conceito de [autor]” (FOUCAULT, 1992, p. 35). Para ele, o autor está situado em uma circunstância histórica, a modernidade burguesa, e seu nome passa a integrar, como “função”, um denominador que relaciona autoria e obra:

O autor é o princípio de economia na proliferação do sentido. Consequentemente, devemos realizar a subversão da ideia tradicional do autor. Temos o costume de dizer, examinamos isso acima, que o autor é a instância criadora que emerge de uma obra em que ele deposita, com uma infinita riqueza e generosidade, um mundo inesgotável de significantes. Estamos acostumados a pensar que o autor é tão diferente de todos os outros homens, de tal forma transcendente a todas as linguagens, que ao falar o sentido prolifera e prolifera infinitamente. A verdade é completamente diferente: o autor não é uma fonte infinita de significações que viriam preencher a obra, o autor não precede as obras. Ele é um certo princípio funcional pelo qual, em nossa cultura, delimita-se, exclui-se ou seleciona-se: em suma, o princípio pelo qual se entrava a livre circulação, a livre manipulação, a livre composição, decomposição, recomposição da ficção. Se temos o hábito de apresentar o autor como gênio, como emergência perpétua de novidade, é porque na realidade nós o fazemos funcionar de um modelo exatamente inverso. Diremos que o autor é uma produção ideológica na medida em que temos uma representação invertida de sua **função histórica real**. O autor é então a figura ideológica pela qual se afasta a proliferação do sentido. (FOUCAULT, 1992, p. 42-43. Grifo meu).

Em *O que é um autor, revisão de uma genealogia*, o historiador Roger Chartier (2012) analisa, a partir de Foucault, a função-autor, ao defender que ela “não é somente uma função, mas também uma ficção” (CHARTIER, 2012, p. 29). Chartier postula, ainda, que ser autor não significa ser a autoridade total na produção de um ou mais livros. Afinal, editores e ilustradores, por exemplo, contribuem com a produção (CHARTIER, 2012). O autor investe uma retomada histórica explicando que autor é ser que conjuga materialidade e discurso. Ele enfatiza, também, que o simbólico, os sentidos de uma produção autoral literária, não podem ser dissociados da produção material, quando se pretende analisar.

Essa contribuição, permite postular que se todo texto é produto de uma leitura, então, todo autor é produto da apropriação de seus textos pelos(as) seus(suas) leitores(as). Então, se priorizar o que afirma Chartier, o significado maior possível de quem seja um autor, depende da inclusão das compreensões de quem sejam seus(suas) leitores(as) ou, no mínimo de como (e outros aspectos, por exemplo, porque (etc..)) leem a obra de tal autor. Por esse motivo, demarco

que a proposta da presente tese não é dar conta de toda a complexidade e, ainda, recorrendo novamente a Chartier, de todas as tensões que concorrem para a compreensão do que seja um autor – por exemplo, entre expressar o particular buscando o universal – mas, de pesquisar com vistas a uma compreensão a ser complementada acerca de Scliar.

[...] a validade de uma experiência, a credibilidade de uma proposição, a garantia de uma descoberta, a autenticação de uma narrativa de descoberta ou de experiência reclamam o emprego de um nome próprio, não necessariamente o nome próprio do erudito, do técnico ou do profissional, mas o nome próprio daquele que tem autoridade o bastante para enunciar o que é verdadeiro em uma sociedade cuja hierarquia das ordens e do poder é ao mesmo tempo uma hierarquia das posições sociais e da credibilidade da palavra. (CHARTIER, 2012, p. 52).

Já postulei que autores resolveriam as dúvidas sobre o que seria um autor na medida em que estabelecem conceitos. Contudo, isso não garante que os leitores não sigam perguntando – e, aqui, há alguma relação com o postulado por Barthes acerca da “morte do autor”, no sentido de que o texto ao ser lido, adquire uma dinâmica fora do alcance do seu criador. Ainda sobre a citação de Chartier, se a verdade estiver sempre atrelada à autoridade, à hierarquia de poder e das posições sociais, ou mesmo da credibilidade da palavra, ela corre o risco de ser trocada de lugar com a mentira e a ciência perderia o sentido. Por outro lado, o método científico e seus recursos de verificação e de generalização, por exemplo, dotam de autoridade quem a pratica. O que não quer dizer infalibilidade. Ademais, a depender do contexto, as hierarquias, a credibilidade da palavra e as posições sociais são instáveis.

A ideia de que o eu leitor teria superado a hierarquia em relação ao autor, pode ser contestada se pensar que a forma de superar a hierarquia é somente se tornando, também, autor. Não obstante, o Eu leitor do autor é o primeiro que lê a si mesmo, ou seja, cada Eu que escreve está a se escrever e é o primeiro que se lê. Isso foi afirmado por Willemart (2005; 2019a; 2019b) que introduziu as pesquisas de Crítica Genética (foco nos manuscritos de trabalho dos escritores mais modernos³⁵) no Brasil e postulou “*A roda da escritura*” e a noção de *Scriptor*³⁶.

A roda da escritura tem um primeiro leitor, o escritor. É ele que primeiro estabelece o pacto consigo mesmo de tratar da verdade de sua vida. Scliar escreveu o que escreveu porque precisava ler o que escrevia. Scliar precisava escrever porque precisava ler aquilo que escrevia e que não era possível ver da mesma forma em outros textos de outros(as) autores(as), pois eles(as) não escreviam exatamente aquilo que ele precisava ler, e mais que ler, aquilo que ele precisava saber que foi ele quem escreveu. Ele precisava saber que ele escreveu o que escreveu,

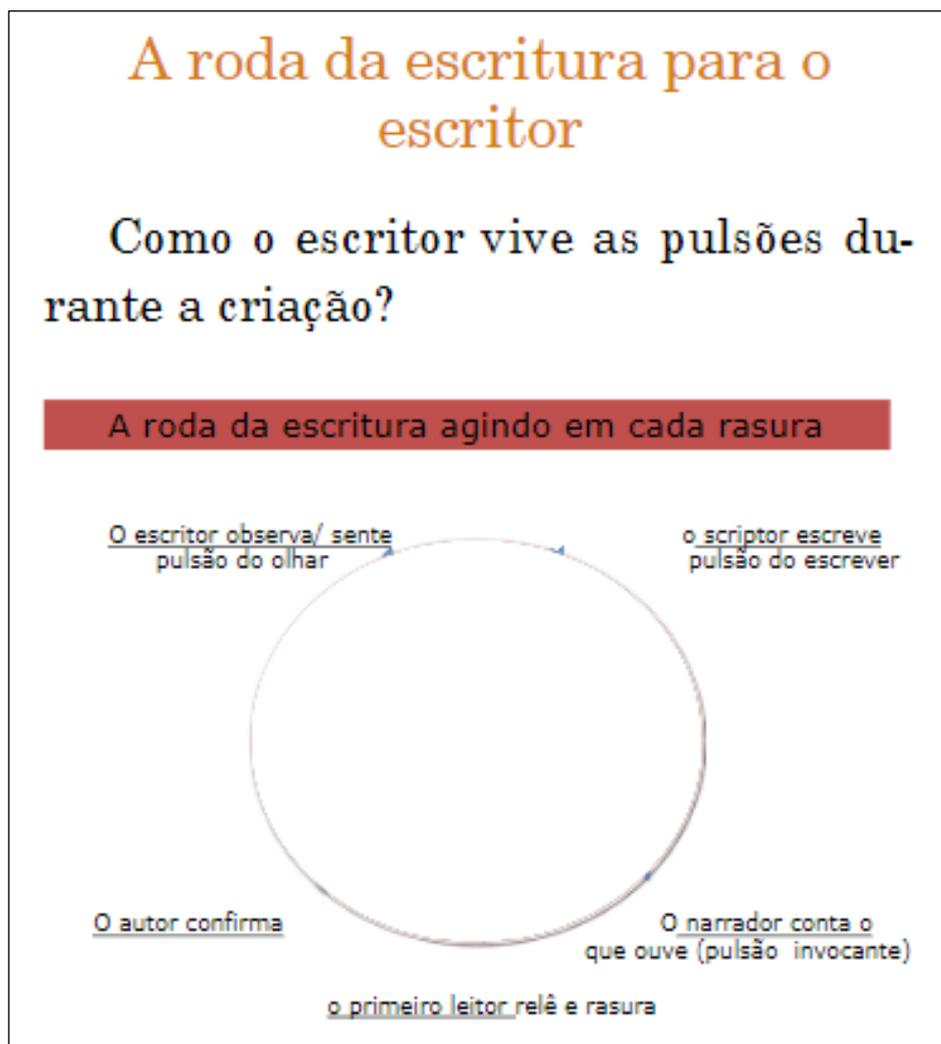
³⁵ Conforme abordado por Passos (2008).

³⁶ Baseado no que propôs Almuth Grésillon em 1983, conforme Willemart (2019b, p. 75).

e sabia disso, chegava a isso, ao ler o que havia escrito. Enquanto o manuscrito é o lugar mais essencial de trabalho da Crítica Genética, ter postulado na introdução da tese que “tudo que é escrito é *animascrito*”, me permite defender, aqui, que o manuscrito é como que uma porta a ser aberta para a entrada noutra local: a alma como local de trabalho da psicanálise.

Rasuras são muito importantes nesse processo, de acordo com o autor, por vários motivos que não aprofundarei aqui, mas, por exemplo, por sinalizarem acesso mais profundo ao psíquico de quem escreve. E esse é um dos pontos em que a escritura pode contribuir à cura. Assim, apesar do reconhecimento das limitações – já mencionadas – inerentes ao nosso contexto de pesquisa, é pelo interesse em compreender a cura na produção literária de um determinado autor (no caso, Moacyr Scliar), que trago a publicação mais recente de Willemart sobre a sua *Roda da escritura e as pulsões* (Figura 1), que consta em “Arte e Programas de Inteligência Artificial: GPT-2, GPT-3, Wu Dao 2.0” (WILLEMART, 2021):

FIGURA 1 – A roda da escritura agindo em cada rasura.



Fonte: Willemart (2021, p. 516).

Apresento a figura, com os subtítulos que a antecedem na publicação original, para contextualizar. Pulsões são como instintos, porém, diferentes dos de animais pelo fato de que tem um objeto determinado como direção (ONS, 2018). Após a figura, o autor relaciona a escuta do *scriptor* a ansiedades, por exemplo. Porém, mesmo neste contexto do subtítulo nomeado “A roda da escritura para o escritor”, ele não comenta os efeitos da ansiedade ao próprio autor, mas somente aos outros:

O *scriptor*, aquele que se submete à linguagem e ouve as ansiedades, tristezas e alegrias de seus próximos e de sua comunidade, sente, observa e vê alguma coisa quando entende como responder a essas demandas através do enredo de seus personagens? O narrador à procura de uma boa história escuta não somente seus contemporâneos, mas as palavras ou expressões escritas. O primeiro leitor escutando melhor ainda, rasura e substitui palavras, parágrafos e até capítulos inteiros. Quando o autor empurrado sem ele souber pelo texto definitivo, imaginário até lá, decide passar para a próxima frase ou ao próximo capítulo (WILLEMART, 2021, p. 516-517).

A Figura 1 traz em si elementos das duas primeiras rodas, a da escritura 1 e a da escritura 2. Escritor, *scriptor*, narrador e autor, são as diversas instâncias em que o indivíduo se desdobra para criar literatura. Em nenhuma delas Willemart refere à escuta da própria ansiedade. Ainda pode ser observado que o primeiro leitor rasura. É esse primeiro leitor, quem primeiro lê e SE lê. Baseado principalmente em Lacan, Willemart (2019a, p. 80) comenta que “a rasura, que equivale a uma emergência ou a um grito, gera um tempo de espera e um silêncio mais ou menos longo”. Ele segue desenvolvendo esta noção:

A rasura poderá ser igual a um grito especial oriundo do mais profundo do ser, não somente de quem tem a pluma ou digita no teclado, mas da comunidade representada da qual é porta-voz. O silêncio gerido acentuará o laço desconhecido que virá e a rasura. Sem a rasura, não há silêncio nem enigma. A rasura atravessa a palavra, a linha ou o parágrafo, ela é ao mesmo tempo denegação do que já foi escrito e espera do que vai surgir. (WILLEMART, 2019a, p. 80).

Na sua autobiografia declarada, Scliar comenta que “Até mesmo a mancha gráfica na página sugere coisas. [...] Escrevemos para o leitor. E o primeiro leitor é representado por nós próprios. É um leitor que pode também funcionar com crítico, como avaliador” (SCLIAR, 2017c, p. 240).” Isso remete, novamente, a Roda da leitura de Willemart. Entretanto, mais um entendimento do conceito de autor e uma diferenciação entre autor e escritor, são apresentados no programa *Arte em Foco: Literatura, Crítica genética e processo de criação – Parte 1*:

O autor que nós conhecemos – que seja Guimarães Rosa [...] ou outro, são frutos da obra deles, e não ao contrário. Depois que a gente leu Grande Sertões [...] ou outras obras famosas, nós queremos saber quem são esses autores, é verdade. Mas, primeiro,

para nós^[37], esses nomes, são frutos do que nós lemos. Portanto[...] o autor é aquele que conclui a obra e que publica com o seu nome de escritor – mas de fato é falso. O escritor não é o autor. O autor é aquele que passou por todo esse processo de setenta e cinco cadernos, quinze anos de trabalho para produzir o Marcel Proust que conhecemos. Bem diferente do Marcel Proust que foi horrível na vida dele, pessoal. [...] Em outras palavras eu estou cada vez mais convencido que a criação é um efeito da submissão do artista ou do escritor à sua linguagem, à sua memória, à tradição que ele carrega ou as circunstâncias que o cercam e das quais ele é o mensageiro. Uma figura antiga, isso do autor, do artista. O artista, o autor, é mensageiro. Ele transfere para nós tudo que nós vivemos, mas não sentimos, não sabemos dizê-lo como ele. A função do escritor, do artista é dizer o que nós não sabemos dizer. É captar, na vida que ele leva, é captar coisas, sentimentos, que nós, simples mortais – vamos dizer isso – simples leitores, não sabemos captar. (ARTE EM FOCO, 2017, 1h36min40s-1h38min58s. Transcrição nossa).

Nesses comentários sobre suas pesquisas acerca das escrituras e manuscritos de Proust, está evidente que Autor é fruto da leitura que alguém fez de sua(s) obra(s). A leitura das obras leva a conhecer autores, a saber quem são os autores. A obra, o contato com a obra e em alguma medida sua interpretação, são anteriores ao conhecimento de quem seja o autor – no entendimento de Willemart. Ainda para ele, há algo de submissão na criação, o que contrasta com a defesa do alto grau de autonomia, feita no início deste capítulo.

Isso tudo que postulei e comentei até aqui, se relaciona com o meu tema de tese em diversos aspectos: Autor, ainda, é alguém que pode ser e expressar sua criatividade através de diversas linguagens, instrumentos, meios e suportes, mas escritor é um autor que escreve. Moacyr Scliar foi um menino que recorria muito à imaginação, à criação de imagens mentais. Isso, entendeu ele, o levou a se tornar escritor (entre outros fatores como o incentivo da mãe professora e leitora). Além disso, é possível de que autores costumem lidar mais e melhor com imagens, assim, terem maior habilidade de memória autobiográfica. Nesse contexto, imaginar inicia uma expansão de si que se propaga nas anotações criativas, na escrita, na publicação literária, na leitura e permanência da sua obra. E, de fato, todo autor é um reconhecedor da expansão de si, enquanto se expande exercendo a autoria.

2.2 ESCRITOR E LEITOR MOACYR SCLIAR

Alguns sentidos que o escritor atribuiu à sua História de leitor e de escritor permitem identificar parte essencial das origens e da identidade do intelectual e autor Moacyr Scliar³⁸. É

³⁷ Nesta tese, depurei a oralidade de todas as transcrições de entrevistas televisivas, somente após ver e escutar, atentamente, diversas vezes, cada trecho transcrito.

³⁸ A análise sobre Scliar leitor foi desenvolvida por mim, inicialmente, no trabalho final da *disciplina Teorias da Leitura*, ministrada pelo Dr. Miguel Rettenmaier da Silva em fevereiro de 2020, no PPGL UPF, em artigo que obteve avaliação “A”, intitulado: *Herança, Amor, Identidade e Refúgio: Sentidos da Leitura, para Moacyr Scliar*. Artigo esse, que revisei, sintetizei e atualizei para incluir nesta tese.

defendido que tal compreensão das relações Scliar leitor-escritor contribui para caracterizar a sua autobiografia de forma ampla – incluída a não-declarada. Foram consideradas para esse momento da análise, entrevistas televisivas³⁹ e o início da série “Moacyr Scliar, o leitor”, publicada na página oficial do *Facebook* do escritor.

Eu sou muito severo. Isso é uma soma da culpa judaica com o superego particularmente pesado. Então, eu tenho uma péssima visão de mim mesmo. Em todos os meus setores de atividades. E, particularmente, como um jogador de basquete (PERGUNTAR NÃO OFENDE, *s. d.* Transcrição nossa).

Eu cresci no meio de livros. Isso em função exatamente do fato de ter tido uma mãe que apesar de imigrante era uma mulher extremamente culta que cursou a escola era professora e era uma grande leitora e deu pro filho dela o nome de um personagem do José de Alencar [40]. Quer dizer, **eu já cresci com esse recado de que era prá ler e, se possível, escrever**. Apenas alfabetizado eu já estava escrevendo historinhas: aventuras ocorridas no colégio; a ida para a praia – que era, prá nós lá de Porto Alegre, uma aventura; histórias, às vezes, imaginárias. Então, assim, em termos de gêneros, seriam crônicas e contos. (SARAIVA CONTEÚDO, 2010, 0min03s. Transcrição e grifo meus).

“Confrontamos o que vimos com o que lemos e tentamos imaginar o que teremos para ler, segundo o que vimos” (LEJEUNE, 2008, p. 230). Esses movimentos compreensivos constituem o cerne desta análise sobre Scliar leitor. Ora comento o que li sobre Scliar relacionado às entrevistas que ele concedeu, ora analiso aspectos que são operacionalizados mais adiante sobre autobiografia. Porém, neste ponto da análise, Lejeune é trazido somente para justificar a escolha em analisar aparições, entrevistas de Scliar, em programas de televisão. É que, como bem afirma Lejeune em seu livro *O pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet* no capítulo “A imagem dos autores na Mídia”: “O autor nos leva ao livro e o livro nos leva ao autor” (LEJEUNE, 2008, p. 230). Ele ressalta que isso pode ocorrer em relação a qualquer autor que apareça em programas de televisão. Essa afirmação difere daquela de Willemart, supracitada, que “a obra leva ao autor” (ARTE EM FOCO, 2017). Então, o que ocorre? As duas opções são possíveis a depender da decisão, geralmente em maior grau, do leitor, embora não

³⁹ a) ESPAÇO ABERTO, 198-?, b) SARAIVA CONTEÚDO, 2010 e c) (PERGUNTAR NÃO OFENDE, *s. d.*).

⁴⁰ “[...] a personagem Iracema no idílico amoroso, a partir de sua raiz etimológica (de seu nome lábios de mel, de ira, na língua tupi, ou reverberação de América) e até deduções possíveis com matriz do Novo Mundo. Trata-se da mãe de Moacir filho da selva invadida pelo colonizador, representado pelo branco Martin. Ele, Moacir, filho mestiço, sobrevivente e primeiro elemento de uma nova raça. Jogo de tensão entre o sujeito lírico e um Eros humanizado, essa lenda, acentuada pela elaboração ficcional, é tecida em torno de singular personagem, uma mulher de papel, imagem de fecundidade, que representa o interior, ou seja, a serra (terra, portanto) em diálogo tensional com o europeu Martim, guerreiro de outro espaço o mar, aquele que vai-e-volta, viajante, que não se fixa em definitivo. Sendo considerada como jogo de tensão entre Eros e Tânatos, essa narrativa exhibe uma Iracema que morre para dar vida; que morre para se tornar mito. Ela representa a terra América pela qual sofrera a condenação. Assim, o filho de Iracema e de Martim representa o resultado desse movimento de transformação, mais pontualmente o da miscigenação. Com efeito, por meio de uma minuciosa investigação das características literárias da época, com esse romance, José de Alencar revela sua proposta civilizatória: representação do nacionalismo romântico; inserção do diálogo memória/imaginação e interação do autor-leitor”. (SILVA, 2009).

totalmente dele pois a obra e o autor incidem na decisão. O grau de decisão é definido pelo grau de autonomia, de pensar por si mesmo, do leitor que pode, inclusive, decidir com muita autonomia se deixar conduzir pela obra e pelo autor.

Sobre leitura e construção de si mesmo, a dimensão reparadora da leitura e leituras para elaborar a própria história, são diversas as contribuições de Michéle Petit (2013) em *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Mais especificamente, em seu quarto capítulo, “A leitura reparadora”, ela comenta:

Mas o hospital não é nem uma calçada nem uma prisão. No entanto, esta dimensão da leitura como recriação de um espaço privado pode fazer sentido nesta instituição onde o espaço da intimidade se reduz de forma drástica. Onde a pessoa se sente limitada a uma categoria de corpo-objeto, obrigada a se submeter, ‘para seu bem’, às decisões dos outros. Onde tudo nos reduz a uma passividade, a uma perda de autonomia, a uma regressão: seja pela doença e pelos limites que esta impõe à motricidade, ou pelos tratamentos sofridos, ou ainda pela própria natureza do discurso médico e do funcionamento a instituição, ainda que muitos dos que trabalham nela se dediquem a torná-la mais humana. [...] Queria apenas insistir no fato de que na leitura ou na rememoração de obras literárias (quando ler é impossível materialmente), há algo que pode ir muito além do esquecimento temporário da dor. Algo que, no hospital, tem a ver com o sentido da vida, com manter a dignidade, com manter a humanidade, apesar das mutilações e dos tratamentos humilhantes. Isto tem a ver também com a recomposição da imagem de si próprio, esse si próprio às vezes profundamente ferido. Quando a pessoa se sente despedaçada, quando o corpo é atingido, angústias e fantasias arcaicas são despertadas, e a reconstrução de uma representação de si, de sua interioridade, pode ser vital. E nas leituras, ou também na contemplação de obras de arte, há algo que pode ser profundamente reparador. (PETIT, 2013, p. 67-68).

Nessa obra, a autora também analisa a autobiografia de uma leitora – nascida em Paris, nos anos do pós-guerra – o que mesmo se referindo a uma outra época, noutro país, pode servir, em alguma medida, ao propósito desta tese. São vários os pontos de convergência entre os resultados das pesquisas feitas por Petit e o que se pode observar nos discursos de Moacyr Scliar em entrevistas que concedeu à televisão. Nesse contexto, em alguns aspectos, o leitor Moacyr Scliar coincide com o perfil e os comportamentos de leitores(as) pesquisados(as) por Petit. Noutros aspectos, Scliar pareceu portar-se e agir de forma contrária ou, no mínimo diferente do que constatou Petit nas suas pesquisas com leitores(as). A esse respeito, esclareço a seguir, ampliando a análise ao considerar o *Facebook*.

Petit afirma que suas pesquisas foram para compreender, “principalmente, como a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos[as] de seus destinos [...]” (PETIT, 2013, p. 31). Nesse sentido, Scliar afirmou em diversas entrevistas que essa foi uma ação primordial na vida adulta dele: buscar se conhecer melhor. Ele insistiu em fazer psicanálise por muitos anos seguidos e essa parece ser, ao menos na teoria (o que não garante de forma alguma que seja assim na prática),

a essência de tratamentos desse tipo. Aliás, não há garantias nem de que a leitura cumpra essas funções e as tenha cumprido através de Scliar. Mas existem testemunhos, fatos, discursos, resultados – que aqui nos interessam como pistas de uma realidade sobre Scliar leitor e escritor. Se, nesse sentido, um autor poderia ser comparado a um psicanalista, o paciente poderia ser comparado a um leitor. O leitor exercita e explicita sua sorte ou discernimento (ou ambos), quando escolhe um ou mais autores que o ajudarão nessa árdua e, por vezes, dolorosa (noutras, prazerosa) tarefa de emancipar a si mesmo.

“A leitura sempre faz sentido se tivermos a sorte de ter acesso a ela” (PETIT, 2013, p. 32). Mas, quais sentidos faz? É nessa direção que penso: Scliar teve a sorte de que a mãe fosse leitora dedicada que, além desse exemplo, o estimulava a comprar quantos livros quisesse, mesmo eles sendo muito pobres, conforme reiterou em entrevistas. Além disso, o pai dele foi um exímio contador de histórias.

[Gostar de conversar] isso, é uma coisa que eu tenho do... dos meus pais. [...] Meu pai era famoso na cidade de Porto Alegre pelas histórias que ele contava. [...] Ele era um narrador nato. E uma **mãe**, que também era uma contadora de histórias e era uma leitora, **absolutamente fanática**. Professora. Ela **me ensinou a ler e a escrever**. [...] E ela me levava para comprar livros na Livraria do globo e eu me lembro que ela dizia assim: – ‘Não te preocupa com o preço dos livros’ – ela dizia – ‘**Nós somos pobres, mas na nossa casa livro não pode faltar. Tu compras quantos livros tu quiseres**’. **É uma coisa assim que fez de mim um leitor e, a partir de leitor, um escritor**. (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 16min02s. Transcrição e grifo meus).

Uma série sobre os livros e os personagens que marcaram a vida de Moacyr Scliar como leitor começou a ser publicada no *Facebook* oficial do escritor em 30 de janeiro de 2020⁴¹. A proposta inicial da página oficial enfoca a literatura infantil e os contos de fadas pois apresenta “os personagens que habitaram o imaginário infantil de Scliar, desde aqueles que vinham das histórias contadas pelos pais e pelos vizinhos até aqueles que encontrava em livros de autores nacionais e estrangeiros. Como esquematizado no Quadro 1, a página apresenta alguns dos autores, personagens e obras citados por Moacyr Scliar:

⁴¹ Coincidentemente, algumas semanas antes, eu havia iniciado os estudos sobre a identidade de Moacyr Scliar leitor. Além disso, em 13 de fevereiro de 2020 e em 19 de julho de 2021, a página <https://www.facebook.com/MoacyrScliarOficial/> foi acessada novamente em busca de mais publicações da mesma série “Moacyr Scliar, o leitor” e até o momento, não haviam sido publicadas outras informações sobre o assunto.

QUADRO 1 – Autores, personagens e obras inspiradores para Moacyr Scliar criança

| Fonte | Ano | Autores | Obras | Personagens |
|--|-------|---|--|---|
| Entrevista a Edney Silvestre (ESPAÇO ABERTO) | 198-? | Monteiro Lobato Jorge Amado Erico Veríssimo Guimarães Rosa Clarisse Lispector Machado de Assis Pedro Nava Jorge de Lima Cyro Martins Dyonélio Machado Simões Lopes Neto Josué Guimarães Luis Fernando Veríssimo | <i>Bíblia Sagrada</i> | Não menciona |
| SARAIVA CONTEÚDO | 2010 | Clarice Lispector Anton Tchekov Filip Rotton Soul Bellow Bernard Malamud Isac Babel | Não menciona | Não menciona |
| FACEBOOK. <i>Moacyr Scliar</i> . Página oficial, série “Moacyr Scliar, o leitor” | 2020 | Charles Perrault os irmãos Grimm Hans Christian Andersen Vladimir Propp, Bruno Bettelheim Robert Darnton e Marie-Louise Von Franz | <i>A Psicanálise dos Contos de Fadas (BETTELHEIM)</i> , <i>Uma Introdução à Interpretação dos Contos de Fadas (VON FRANZ)</i> | Saci-Pererê Negrinho do Pastoreio Cuca e Emília Hércules Teseu os Argonautas Mickey Mouse Tarzan os Macabeus João Felpudo Huck Finn |

Fonte: Elaborado por mim a partir da *Página Scliar oficial*, no Facebook (2020) e dos programas televisivos *Saraiva Conteúdo* (2010) e *Entrevista à Edney Silvestre* (198-?)

Esses personagens foram listados pelo próprio autor no livro *O texto, ou: a vida: uma autobiografia literária*, onde ele afirma que “Contar e ouvir histórias é fundamental para os seres humanos; parte de nosso genoma [...] Mitos ou histórias proporcionam explicações que, mesmo fantasiosas (ou exatamente por serem fantasiosas), **acalmam nossa ansiedade** diante da vida e do universo”⁴² (SCLIAR, 2017, grifo meu).

⁴² No próximo capítulo da tese, será retomado que o autor disse em várias entrevistas que ter se colocado diante da morte, nas aulas de anatomia, foi algo muito perturbador e que mudou muito a forma de ele ver o mundo.

Ainda sobre autores e autoras que transformaram a vida do autor, ele comenta em entrevista televisiva: “Comecei lendo Monteiro Lobato como muitos brasileiros, daí passei para Jorge Amado e Erico Veríssimo⁴³, cheguei a Guimarães Rosa, Clarisse Lispector, Machado de Assis. Eu acho que esses, são escritores fundamentais” (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 1min14s).

[Edney Silvestre: – Quem você citaria como bons exemplos [de escritores médicos]]? – Vários, mas vamos ficar só com alguns: Eu acho que o exemplo maior é Anton Tchekov, que tinha uma frase muito curiosa. Ele dizia assim: ‘A medicina é minha esposa, a literatura é minha amante, mas eu satisfaço as duas’ (risos). [...] E no Brasil nós temos figuras como: Guimarães Rosa, Pedro Nava, como Jorge de Lima, e no Rio Grande do Sul, dois grandes escritores, que são Cyro Martins e Dyonélio Machado (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 12min19s. Transcrição nossa.).
[...] Mas eu acho que tem autores brasileiros que são absolutamente indispensáveis. Machado de Assis é um deles. Cada vez mais fica claro que Machado de Assis foi um grande intérprete do Brasil. E é um escritor que eu citaria como exemplo. (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 17min40s. Transcrição nossa.).

Scliar responde, inicialmente, sobre o que lhe foi perguntado, sobre os escritores médicos que ele citaria como bons exemplos. Mas, imediatamente, conduz a resposta para a atenção à interpretação da realidade brasileira, quando menciona Machado de Assis como “absolutamente indispensável”. Aqui, temos a explicitação de seu interesse pela Saúde Pública, pois é a especialização médica mais abrangente e relacionada ao trabalho de combater os impactos sociais no adoecimento humano. Ainda na entrevista conduzida por Edney Silvestre, o autor comenta sobre a vida cultural gaúcha e a experiência de imigrantes:

[A vida cultural gaúcha] bom, ela, eu acho que tem vários componentes aí. Em primeiro lugar, essa tradição gaúcha de contar histórias. O gaúcho é um contador de causos, ele, depois das lidas do campo, ele se reúne no galpão, ele assa o churrasco, ele toma o chimarrão, ele conta histórias, e essas histórias serviram de inspiração para o primeiro grande escritor gaúcho, Simões Lopes Neto e também para escritores como Erico Veríssimo, Josué Guimarães, Luis Fernando Veríssimo. E, depois, nós temos também a experiência do imigrante, porque o Rio Grande do Sul é metade pampa, metade é montanha; metade gaúcho, metade imigrante, e os imigrantes também tem as suas histórias. E tem essa tradição cultural de valorizar o livro. Os imigrantes traziam muito pouca coisa na bagagem – sobretudo os imigrantes alemães – mas livro sempre tinha na bagagem deles. Uma rede de ensino absolutamente fantástica, que foi pioneira no Brasil. E um público leitor. O Rio Grande do Sul é o estado que mais lê. Isso não é uma opinião, são os números, os números da Câmara Brasileira do Livro mostram que o consumo *per capita* de livro no Rio Grande do Sul é o dobro da média brasileira. Então, toda essa tradição, ajuda muito. Nós temos histórias de boas editoras, a começar pela Globo, que foi pioneira, lançou clássicos mundiais, antes que qualquer editora brasileira fizesse, a LP&M e tantas outras, então, e uma imprensa muito ativa também. Enfim, o Rio Grande do Sul tem essa tradição de celeiro cultural, e continua mantendo essa tradição. (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 13min14s. Transcrição nossa.).

⁴³ A grafia do nome de Erico Verissimo difere entre livros em que ele é autor (ERICO VERISSIMO) e obras sobre a produção dele, portanto, de outros autores sobre ele (ERICO VERÍSSIMO).

Ainda sobre a identidade cultural do escritor, o Quadro 2, a seguir, apresenta as opiniões de Scliar sobre a relação entre Judaísmo, leitura e escrita, nesses programas televisivos:

QUADRO 2 – Judaísmo, leitura e escrita, para Scliar

| |
|--|
| <p>“Esse grupo humano [dos judeus] legou para a humanidade, basicamente, um texto, que é o Antigo Testamento. E a partir daí nasce uma tradição de veneração pela palavra escrita né, que condicionou, assim, os rumos do judaísmo e explica porque tantos membros da comunidade judaica, escreveram” (SARAIVA CONTEÚDO, 2010, 00min57s. Transcrição e grifo meus).</p> |
| <p>“No Brasil, as pessoas de origem judaica, frequentemente, eram imigrantes. Meus pais, vinham da Rússia. Então, eles tinham essa experiência da imigração, que é uma experiência importante porque o imigrante é uma pessoa que olha a realidade brasileira de outra maneira. Ele não... Ele vê coisas que as pessoas que nasceram aqui, que se criaram aqui, muitas vezes não percebem. Então, esse olhar original do imigrante, para um ficcionista, ele é muito interessante.” (SARAIVA CONTEÚDO, 2010, 01min28s. Transcrição nossa).</p> |
| <p>“E vários escritores desde aqueles que escreveram em língua <i>Idish</i>, que hoje é um idioma praticamente extinto, mas, que é, literariamente, belíssimo. Até escritores como o Filip Rotton, Soul Bellow, Bernard Malamud, Isac Babel e aqui no Brasil uma escritora Como a Clarice Lispector, porque é uma coisa curiosa, embora a Clarice não aborde temática judaica, mas o judaísmo tá nas entrelinhas dos textos dela.” (SARAIVA CONTEÚDO, 2010, 02min. Transcrição nossa).</p> |

Fonte: Transcrito e elaborado por mim a partir *Saraiva Conteúdo* (2010) e *Espaço Aberto* (198-?).

A tradição gaúcha e a descendência de imigrantes Russo-judeus constituem condição de identidade cultural de Scliar e são essenciais para a compreensão de sua constituição como leitor e escritor:

O filho do imigrante é uma pessoa, é um jovem que constantemente está se interrogando sobre a sua própria identidade. Ele tá em casa, ele ouve um idioma, ele come um tipo de comida, ele segue um tipo de tradição. Aí ele vai prá rua ou ele vai prá escola ou vai pro clube ou vai pro campo de futebol e é outro idioma, outro tipo de comida, outro tipo de costumes. E ele se pergunta, inevitavelmente, ‘quem é que eu sou?’. Essa pergunta, que pode ser muito atormentadora para muitas pessoas, ela é ótima pro escritor, porque ela é matéria prima prá muita ficção. Toda a ficção judaica norte-americana, nasce basicamente dessa pergunta: ‘quem é que eu sou?’ (UMAS PALAVRAS, s. d. Transcrição nossa).

Aliás, tal dualidade, de acordo com próprio autor, está fabulada e caracterizada no seu livro *O centauro no Jardim* (1980). Os sentidos que o autor atribuiu à leitura e à sua condição de leitor estão fortemente ligados à sua família e à sua identidade cultural. Em síntese, no que tange à identidade Cultural do autor, duas importantes dimensões se destacam ao propósito desta tese:

- 1) O “olhar original” de imigrantes russo-judeus: 1.a) A Bíblia, como herança da sua identidade cultural judaica, foi um dos livros que mais ofereceu respaldo à sua curiosidade sobre a condição humana. Ele lia por curiosidade, por fascínio e para se inspirar nas descobertas sobre a natureza humana, suas sensibilidades, conflitos, sofrimentos e prazeres; 1.b) A “veneração pela palavra escrita” ou a paixão pelas palavras, legado judeu.

- 2) A cultura tradicional do Rio Grande do Sul: 2.a) o estado que mais lia, na época das entrevistas aqui analisadas, o grande público leitor; 2.b) a “contação de causos” dos gaúchos, após a “lida” no campo; 2.c) as boas editoras.

Mas a Bíblia teve muitos outros significados na constituição da identidade de Scliar e na sua relação com literatura e cura. Ela foi modelo de superação das dores judaicas, no sentido explicado pelo autor gaúcho na sua principal autobiografia declarada: *O texto, ou: a vida*:

A criação do Estado de Israel, em 1948, teve profundo efeito sobre minha geração. Não era apenas a indenização a um grupo oprimido e massacrado, era uma nova fase de existência desse grupo; A proclamação do Estado foi recebida com júbilo no Bom Fim. [...] Palestinos? A palavra nem existia. Da maneira como víamos o conflito que logo foi deflagrado, eram os judeus de um lado e os governos de países árabes – representantes de oligarquias retrógradas – de outro. David contra Golias. E, como na Bíblia, David venceu (SCLIAR, 2017c, p. 47).

Apesar de não haver menção sobre a Bíblia na página oficial do *Facebook* do escritor, ele a menciona na entrevista à Edney Silvestre, conforme indicamos no Quadro 1 – Autores, personagens e obras inspiradores para Moacyr Scliar criança. Além disso, na série *Scliar, o leitor*, é fato que a Bíblia foi, nas palavras do próprio autor, sua leitura mais apaixonada, inclusive, desde a infância:

[...] corresponde a uma paixão que vem desde a infância. Eu sou um *leitor fanático* [44] da bíblia. Não sou um leitor religioso. Eu não sou crente. Eu não leio a bíblia, para, vamos dizer assim, adquirir lições de moral ou de ética ou de religião. Eu leio a bíblia **como um escritor lê** a bíblia. E a bíblia, como obra literária, ela é absolutamente fantástica. Os escritores anônimos da bíblia, conseguiram de uma maneira, sintética, econômica, direta, mergulhar fundo nas paixões humanas. Não é só, a relação do ser humano com a divindade; é a relação dos seres humanos entre si, das paixões que animam os seres humanos, daquelas coisas mais primitivas. Não há uma história melhor sobre ciúme inveja do que a de Caim e Abel. É a história básica, é um paradigma. (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 4min12s. Transcrição e grifo meus.).

O Quadro 3, abaixo, apresenta as principais opiniões de Scliar sobre a Bíblia nesses programas televisivos.

⁴⁴ Lembrar que destaque no início deste capítulo, Scliar ter mencionado que sua mãe era “fanática leitora”, também.

QUADRO 3 – A importância da *Bíblia* para Scliar

[Edney Silvestre:] “Qual livro não pode faltar numa casa?”

[Moacyr Scliar:] “Ah, eu acho que depende da casa, é claro que a gente diria assim, que a bíblia é para as famílias religiosas ou para as famílias em geral. É realmente um que não pode faltar (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 17min40s. Transcrição nossa).

“Realmente, assim: A bíblia tem essa outra dimensão, e isso que faz desse livro, que afinal começou a ser escrito há três mil anos atrás, a bíblia é um dos documentos mais antigos da História do Ocidente. Mas, até hoje tem seus leitores. É o livro mais vendido no Brasil, mais lido no Brasil. É claro que é lido por um público religioso, mas também, entre o público, tem aquelas pessoas que leem pela curiosidade e pelo fascínio que essas histórias inspiram” (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 9min26s. Transcrição nossa).

“Começar pela própria Bíblia, né. Me fascina na Bíblia a capacidade, que tem esses autores anônimos, de narrar uma história com um poder máximo de síntese né, e ao mesmo tempo, assim, retratando os grandes dramas da condição humana”. (SARAIVA CONTEÚDO, 2010, 02min. Transcrição nossa).

Fonte: Transcrito e elaborado por mim a partir dos programas televisivos *Saraiva Conteúdo* (2010) e *Espaço Aberto* (198-?).

O carnaval dos animais (1968), que ele reconhece como seu primeiro livro é, de acordo com o próprio autor, narrativa que em seus contos, como no “A urso”, “une a Bíblia ao realismo mágico e às fábulas de animais” (SCLiar, 2017c, p. 69). A Bíblia, é considerada pelo autor, também na sua própria tese de doutorado (SCLiar, 1999), mas relacionada à psicanálise e à saúde – o que analiso no quarto capítulo, “Textos e vida”. Por ora, destaco que, na sua autobiografia, ele explica que

Na tradição judaica a medicina sempre teve papel de destaque. Já na Bíblia aparece o interesse por saúde e doença; a lepra, por exemplo, recebe peculiar atenção no Levítico. [...] Apesar dos obstáculos, os judeus buscavam ingresso nas faculdades de medicina [...] era uma profissão portátil: dependia de conhecimento, e conhecimento o médico levava consigo, caso tivesse que deixar precipitadamente um país, o que não era raro com os judeus (SCLiar, 2017c, p. 55-56).

Além de demarcar que a Bíblia, sagrada, edificava o interesse pela área da saúde, essa revelação de que para ele, como descendente de judeus, profissões que dependem de conhecimento, são motivos para se sentir seguro, para vislumbrar perspectiva de sobreviver, parece sinal de profunda relação com sua escolha pela Literatura, com o se tornar escritor – conhecimento é base da escrita como profissão.

A respeito da juventude do autor, diversos elementos relacionados à minha análise são revelados. Ainda em sua autobiografia *O texto ou: a vida*, ele comenta sobre o movimento juvenil do qual participou na adolescência e que foi essencial na sua História de identidade:

O movimento juvenil galvanizou minha adolescência. [...] No movimento juvenil, aprofundi-me na cultura judaica; mais que isso, aprendi a acreditar em valores universais, como a justiça, a solidariedade, a amizade. [...] Líamos Jorge Amado, líamos a coleção ‘Romances do povo’, dedicada ao realismo socialista. Era bom ler,

era bom discutir acaloradamente e em grupo as nossas leituras. Era bom ficar nas esquinas até as quatro da manhã falando mal dos reacionários (inclusive os do nosso próprio movimento) e salvando a humanidade. Era bom ter companheiros. E era bom ter namoradas: a época era de paixões devastadoras. Mas o movimento exigia muito. [...] Além disso, eu tinha um projeto pessoal que, imaginava, em nada contrariava o projeto coletivo – ao contrário, contribuía para ele: eu queria escrever, queria fazer uma literatura engajada. Mas inevitavelmente escrevia sobre mim próprio, como constato nos contos daquela época (SCLIAR, 2017c, p. 49).

O autor comenta, ainda na sua principal autobiografia declarada, que ao reler o conto “Relógio”, que escreveu aos dezoito anos, identificou que o engajamento segue presente nas palavras, que ele usava “aquelas maiúsculas para caracterizar as Palavras Importantes” (SCLIAR, 2007, p. 51) e que no conto, “A mãe não quer que o filho parta em busca de seu ideal, mas o galo cantando e o sol que vai nascer – símbolos de uma nova sociedade – fazem-na mudar de ideia. Ela própria é quem acordará o jovem [...]” (SCLIAR, 2017c, p. 51-52). O movimento juvenil foi tão importante para Scliar, que ele relata o forte impacto que teve quando se retirou dele:

Sair do movimento juvenil era um trauma que inevitavelmente deixava sequelas. Na minha geração a saída do movimento juvenil acompanhava-se quase que automaticamente da entrada em terapia analítica. Ali estava o bálsamo para as nossas feridas psíquicas: um tratamento criado por um judeu e que parecia expressamente destinado a aliviar a milenar culpa judaica. [...] Todos os meus amigos, egressos do movimento juvenil, se analisavam. [...] No tratamento encontrávamos explicações para o nosso mal-estar, um verdadeiro mal-estar **na cultura**, de que falava Freud (1865-1939). Nosso problema era com nossos pais e nossas mães, principalmente nossas mães, grandes geradoras de conflitos edipianos. Dos conflitos nascia a culpa, era a culpa que nos movia – uma versão diferente, mas não menos **compulsiva**, da culpa original que acompanhava o povo judeu desde as suas origens. Num dos tratamentos que comecei – e comecei vários-, o psicanalista me disse, logo na primeira sessão: ‘Tu estás falando da culpa que sentes. E provavelmente não tens culpa de nada’. Desatei a chorar. Um pranto convulso, que representava um alívio. Finalmente eu recebia uma absolvição. Aquela **absolvição** que não encontrava no colégio nem movimento juvenil, encontrava ali, na sala de um psicanalista (SCLIAR, 2017c, p. 53-54)

“Mal-estar na cultura”, para ser combatido ao máximo, se combate também na cultura. O jovem Scliar realizou o projeto pessoal de se tornar escritor. Adulto, apresenta, ainda, suas percepções sobre a vocação realizada:

APRENDI:

- que escrever é basicamente contar histórias, e que os melhores livros de ficção que li eram aqueles que tinham uma história para contar.
- que o ato de escrever é uma sequela do ato de ler. É preciso captar com os olhos as imagens das letras, guardá-las no reservatório que temos em nossa mente e utilizá-las para compor depois as nossas próprias palavras.
- que quando se começa, plagiar não faz mal nenhum. Copiei descaradamente muitos escritores, Monteiro Lobato, Viriato Correa e outros. Não se incomodaram com isto. E copiar me fez muito bem.

- que **quando se começa a escrever, sempre se é autobiográfico**, o que – de novo – não prejudica. Mas os escritores que ficam sempre na autobiografia, que só olham para o próprio umbigo, acabam se tornando chatos.
- que para aprender a escrever, tinha de escrever. Não adiantava só ficar falando de como é bonito
- que uma boa idéia pode ocorrer a qualquer momento: conversando com alguém, comendo, caminhando, lendo (e, segundo Agatha Christie, lavando pratos).
- que aeroportos e bares são grandes lugares para se escrever. O bar, por razões óbvias; o aeroporto, porque neles a vida como que está em suspenso. Nada como uma existência provisória para despertar a inspiração literária.
- que as costas do talão de cheque é um bom lugar para anotar idéias (é por isso que escritor tem de ganhar a grana suficiente para abrir uma conta bancária). O guardanapo do restaurante também serve, desde que seja de papel e não de pano.
- que o computador é um grande avanço no trabalho de escrever, mas tem um único inconveniente: elimina os originais, os riscos, os borrões, e portanto a história do texto, a qual – como toda história – pode nos ensinar muito.
- a rasgar e jogar fora. Quando um texto não é bom, ele não é bom – ponto. Por causa da auto-comiseração (**é a nossa vida que está ali!**) temos a tentação de preservá-lo, esperando que, de forma misteriosa, melhore por si. Ilusão. É preciso ter a coragem de se desfazer. A cesta de papel é uma grande amiga do escritor. (...)
- a não ter pressa de publicar. Já se ouviu falar de muitos escritores batendo aflitos, à porta de editores. O que é mais raro, muito mais raro, são os leitores batendo à porta do escritor.
- que, para um escritor, um livro é como um filho, mas que é preciso diferenciar entre filhos e livros.
- que terminar um livro se acompanha de uma sensação de vazio, mas que o vazio também faz parte da vida de quem escreve.
- que há uma diferença entre literatura e vida literária, entre literatura e política literária. Escrever é um vício solitário.
- que, para um escritor, frio na barriga ou pêlos do braço arrepiados são um bom sinal: um livro vem vindo aí. (SCLIAR apud LOTTI, 2011. Grifos nossos).

No texto acima, grifamos a afirmação de Scliar, de que é a vida dele, do escritor que está no texto, em qualquer gênero de texto. Ali, ele não disse que a vida dele estaria somente num romance, numa crônica, num conto ou mesmo num texto de gênero declaradamente autobiográfico. Não. A vida dele está em todo texto que ele escreveu. Sua autobiografia, definida por ele mesmo, está em toda a sua obra, como prova o texto acima. Da mesma forma que nem tudo que vivemos e sentimos sobre uma doença e sua cura está bem certinho e bem descrito sempre em todo compêndio médico, assim também, nem tudo que um escritor vive e sente sobre sua autobiografia está nos textos dos estudos literários. Com isso, não quero dizer que estará tudo em teses, por exemplo, mas que há, nas próprias palavras do autor Moacyr Scliar, a revelação de que tudo o que ele escreveu é autobiográfico. A vida dele está ali, nos textos. Ali mesmo, nas vidas que ele criava, enquanto deixava a vida dele em suspenso para escrever: “Apesar da **suposta** oposição entre texto e vida, **todos os escritores sabem que não há outra forma de produzir literatura**. É preciso, por assim dizer, suspender a existência, ainda que momentaneamente, para criar outras existências, virtuais, ficcionais (SCLIAR, 2017c, p. 10, grifos meus).

Escrever é sempre ler; ler nem sempre é escrever. Mas, analisar o percurso histórico-intelectual-identitário de Scliar permite afirmar que para ele, ler foi o que o levou a escrever. E ele leu porque teve o forte incentivo da mãe e da cultura judaica, de que é descendente. A leitura, para Moacyr Scliar significou pertencimento a um grupo de forte identidade cultural, o de refugiados e imigrantes russo-judaicos no Rio grande do Sul, portanto mesclados, miscigenados com a também forte tradição gaúcha. Além disso, a leitura possibilitou ao escritor-médico um refúgio, um espaço em busca de cura para os medos e em busca da própria identidade. Finalmente e complementarmente, a leitura significou para Moacyr Scliar, espaço de amor e de reconhecimento de amor, em especial o de seus pais, pela importância e o destaque dado à leitura e à escrita por sua mãe e à contação de histórias, por seu pai.

Aprofundo minha afirmação do início desta tese, de que a leitura oportuniza o reconhecimento de impossibilidades até possibilidades de ser, de interpretar, de sentir e de escrever: O escritor médico Moacyr Scliar lia interessado pela condição humana e nos ensina que para isso é preciso se deixar fascinar. No “Reino das palavras” a leitura tinha a dimensão amorosa de ser espaço correspondente ao grupo daqueles que ele pode amar e de quem pode se sentir amado. A escrita de Scliar, principalmente sobre si, cumpriu o sentido de, além disso tudo, enfrentamento e luta para ressignificar e curar.

Porém, há um limite ao quanto se pode nomear e mudar de sua identidade, por mais que se imagine e que se deixe fascinar. Entretanto, a criatividade é recurso para lidar com menos sofrimento ao que não é possível transformar completamente em si. Cada “Eu” tem aspectos que não são possíveis de deixarem de ser desse “Eu”. A identidade de descendente de judeus é um desses aspectos da identidade de Scliar. Isso converge com as elucidações apresentadas pelo irmão de Moacyr, Wremyr Scliar:

Como a formação de uma personalidade naturalmente nascida e desenvolvida judaica, extensa obra literária voltada ao judaísmo, seria Moacyr influenciado pelo judaísmo, apenas? Ou teria sido ele também uma influente personalidade-autor judeu sobre o judaísmo? Dialeticamente, as duas personalidades conviveram. Moacyr é fruto do judaísmo mas dele não foi um personagem estático: ao contrário, atuou como escritor e como personalidade sobre o judaísmo. Criado judeu, tem parcela relevante de influência no judaísmo, especialmente na sua literatura. É o que se pretende comprovar. Moacyr escritor do judaísmo. Moacyr Scliar não era religioso. Não adotava os ritos do judaísmo. Nesse passo, segue as linhas familiares. Não poucos tios ou primos eram anarquistas, comunistas e em consequência, ateus. Mas isso não os desligava do judaísmo. As histórias dos Macabeus, Bar-Kochba, os ensinamentos dos profetas, a luta pela justiça e pela liberdade igualdade herdadas do povo milenar estavam presentes nas influências dos familiares de Moacyr. Depois, da literatura moderna, cujos autores que o impressionavam eram Philip Roth, Isaac Baschewitz Singer, Isaac Babel, Kafka, além de filósofos como Maimônides (então traduzido) ou cientistas como Freud, Moacyr assimilou ensinamentos que ao longo de suas histórias estarão no substrato criativo. (SCLAR, W., 2017, p. 110-111).

Defendo que a condição judaica, também pela via da identidade foi passível de salvação por Scliar. A escrita autobiográfica – declarada e latente – do autor gaúcho, carregada de sua **história de identidade** (LEJEUNE, 2008, grifo meu) foi espaço elaborado por ele mesmo, ao redor do núcleo de si, como força que salva e cura. Assim, a identidade (a parte que não se pode escolher, os sorteios peculiares da vida – que postulei na introdução desta tese) dói e a ação elaborada sobre a identidade salva, mesmo que limitadamente. Nesse sentido, a leitura e a escrita literária foram meios para que Scliar se compreendesse melhor (e à condição humana) e exercesse o (auto)cuidado.

O texto como instância que mata o autor, para Barthes, se apresenta como algo novo em Scliar, em sua autobiografia de curas e perdas. Para o escritor-médico gaúcho, a escrita autobiográfica, por ser autobiográfica incide em alguma medida nesse espaço nuclear de si e, por ser escrita literária, age pela via da magia, da imaginação, das imagens mentais nos sentimentos, numa espécie de empreendimento – mais vital do que qualquer outra coisa que Barthes propôs – fora e dentro do autor.

2.3 AUTOBIOGRAFIA EM PAPEL DE PÃO

Philippe Lejeune diferencia a autobiografia de outras narrativas produzidas por um “eu”. Lejeune (2008, p. 16-17), postula que uma autobiografia é “toda obra que preenche ao mesmo tempo as condições indicadas em cada uma” das quatro categorias a seguir:

- 1) Forma da linguagem: a) narrativa; b) em prosa.
- 2) Assunto tratado: vida individual, história de uma personalidade.
- 3) Situação do autor: identidade do autor (cujo nome remete a uma pessoa real) e do narrador.
- 4) Posição do narrador: a) identidade do narrador e do personagem principal; b) perspectiva retrospectiva da narrativa.

Entre tais distinções, que incluem o que um “Eu” escreve, estão as relacionadas a Autobiografia e o Romance Pessoal, pois, para o autor (LEJEUNE, 2008, p. 17), “o Romance Pessoal é um gênero vizinho ao autobiográfico” e – como os gêneros “memórias”, “biografia”, “poema autobiográfico”, “diário”, “autorretrato ou ensaio” – não preenche todas as condições para ser uma autobiografia. Nesse contexto, causa estranhamento que Lejeune (2008) ao mesmo tempo em que afirma que “Romance Pessoal” é um gênero que não preenche todas as condições para ser uma autobiografia, diz que as categorias que ele elenca para definir o gênero não são absolutamente rigorosas: “certas condições podem não ser preenchidas totalmente.”

Finalmente, Lejeune (2008, p. 16-17) define, mais detalhadamente, Autobiografia: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Lejeune (2008) se dispõe a explicar a diferença entre autobiografia e romance autobiográfico, afirmando a possibilidade de que não haja diferença.

Como distinguir autobiografia de romance autobiográfico? Tenho de confessar que, se nos ativermos à análise interna do texto, não há **nenhuma diferença**. Todos os procedimentos que a autobiografia utiliza para nos convencer da autenticidade do relato podem ser – e muitas vezes, o foram – imitados pelo romance. (LEJEUNE, 2008, p. 30. Grifo meu).

Ao que defendo: tudo o que alguém escreve, de certa forma, é autobiográfico, em intensidades variadas, trazemos outra afirmação do autor: “Uma ficção autobiográfica pode ser ‘exata’ – o personagem se parece com o autor – uma autobiografia pode ser ‘inexata’ – o personagem apresentado difere do autor” (LEJEUNE, 2008, p. 31). Aqui está um de dois pontos mais fundamentais da teoria de Lejeune à minha análise. Outro está na sua definição de *História de identidade*⁴⁵, que a esse primeiro ponto, está intrinsicamente relacionada conforme explica o próprio autor: “Em suma, todas as questões de *fidelidade* (problema da ‘semelhança’) dependem, em última instância, da questão da *autenticidade* (problema de identidade) que gira também em torno do nome próprio” (LEJEUNE, 2008, p. 31). Nesse sentido, elucidado que, mais que a identidade do nome, é a identidade de vida, ou seja, a *História de identidade* que prevalece na minha análise. Inclusive, porque o próprio “pacto autobiográfico” implica numa hierarquia da identidade enquanto afirmação anterior à do nome do autor, que deve ser considerado, mas “[...] em última instância” (LEJEUNE, 2008, p. 30).

A minha defesa é a de que essa afirmação do nome do autor enquanto englobado ao texto, constituída pelo geral do texto, transcende à publicação da obra, alcançado a história de vida do autor para o estabelecimento do pacto autobiográfico, que pode se apresentar de diversas formas e serem constatadas relacionando modo de narrar, personagens, pessoas a que o autor refere e vida de Moacyr Scliar. Ainda que: “Dizer a verdade sobre si, se constituir em sujeito pleno, trata-se de um imaginário [uma miragem]. Mas, por mais que a autobiografia seja impossível, isso não a impede de existir” (LEJEUNE, 2008, p. 77).

Moacyr Scliar trabalhou literatura, ficção para abordar assuntos médicos e científicos. Exemplos disso são os romances *O ciclo das águas* (1975), *Doutor miragem* (1978), *Sonhos*

⁴⁵ Em minha pesquisa sobre Lejeune, não localizei a definição de “História de identidade”, mas pela lógica, compreendo que seja a “História de vida”.

tropicais (1992), *A majestade do Xingu* (1997) e o infanto-juvenil *Aprendendo a amar – e a curar* (2003). Entretanto, dos vinte e dois romances que produziu e publicou⁴⁶ (é possível haver alguns não publicados), os mais iniciais são os mais autobiográficos. Chega-se a essa afirmativa sem a necessidade de investir tempo e esforços em empreender complexas e demoradas análises. Afinal, o próprio autor afirma que todos os livros iniciais são autobiográficos.

Já foi analisada, por exemplo, a autobiografia no Romance *Eu vos abraço, milhões*, de 2010: mais especificamente, a relação entre comportamento do personagem principal e fatos históricos representados, é lembrada por Leonel e Segatto (2012, p. 1) como autobiografia de personagem de ficção. A conclusão apresentada pelos autores é a de nexos entre “concepções de mundo, valores éticos, culturais e comportamentais – enfim a práxis social proveniente de traços identitários – e as circunstâncias políticas, sociais e econômicas representadas, no que tange à nossa tradição de feitura de autobiografia ficcional” (LEONEL; SEGATTO, 2012, p. 13). Mas a leitura nos foi importante por indicar que: “A autobiografia de Valdo [protagonista] – que permite a reconstrução de sua identidade – chega ao leitor com o propósito de ser uma carta, rememorando suas experiências [...] Menciona os problemas físicos que o afligem no momento da escritura da autobiografia.” (LEONEL; SEGATTO, 2012, p. 13).

Na página oficial do escritor, aparecem vinte e dois romances, fora da ordem cronológica. Entretanto, Zilberman e Bernd (2004) apresentam a cronologia da vida e obra de Moacyr Scliar, onde constam os primeiros romances do autor. Então, é possível compilar no site oficial do escritor, seus dois primeiros romances: *A Guerra do Bom Fim* (1972) e *O exército de um homem só* (1973).

A partir da observação do conjunto de todos os romances de Scliar, constata-se que, *Aprendendo a amar e a curar* está em “Literatura Médica”. Entretanto, afirmamos que este é um romance autobiográfico⁴⁷: É um médico, o personagem principal. O narrador é em primeira pessoa. Por isso, de todos os romances em que o autor aborda assuntos médicos, é a este que dedicamos mais análise no quarto capítulo: “Textos e vida”.

“Até onde vai a ficção é um problema de toda autobiografia”, explica Rettenmaier (2019) ao comentar sobre *O pacto autobiográfico* (LEJEUNE, 2008). Contribui com essa compreensão, a afirmação de que “Se Lins do Rego não tivesse escrito no final da vida *Meus*

⁴⁶ Analiso quais romances de Scliar seriam mais autobiográficos, no trabalho final da disciplina *Romance moderno e pós-moderno*, ministrada pela Dra. Ivania Campigotto Aquino, em julho de 2021, no PPGL UPF, em ensaio que obteve avaliação “A”, intitulado: *Teoricando [-isso aqui é sexo gramatical proibido.] com um romance autobiográfico de Scliar*. Ensaio que revisei, adaptei e atualizei para incluir nesta tese.

⁴⁷ Superadas aquelas elocubrações de Lejeune (2008): “para ser, tem que ter, mas não precisa”.

verdes anos, não teríamos certeza de que a ‘ficção’ de Menino de engenho era tão autobiográfica. O mesmo para Oswald de Andrade com o tardio *Sob as ordens de mamãe*, subsequente ao *João Miramar*” (SANTIAGO, 2002, p. 35).

Sobre personagens criados por Scliar, mas que levam outros nomes mesmo tendo muitas características e situações de vida semelhantes às do autor, Lejeune (2008) amplia o entendimento da expansão do autobiográfico ao postular o “pacto fantasmático”, em que os leitores se sentem convidados, mesmo que indiretamente, para enxergarem os fantasmas que revelam características do escritor nessas ficções.

Rettenmaier postula que “Todo texto autobiográfico é um epitáfio”⁴⁸. Isso dimensionado à obra e à vida de Moacyr Scliar, possui diferente sentido: Relacionada à obra dele, autobiografia é o colchão desenrolado sobre o berço do nascimento. Para ele, autobiografia é o papel que envolve o pão que alimenta e, como lhe ensinou sua mãe, ele investe em garantir, ao escrever no papel de pão, que não falte o essencial, o texto.

[...] Na nossa casa, pode até faltar comida, ela dizia, mas não pode faltar livro. [Meus pais] tinham uma fé, verdadeiramente mágica, no poder do livro como uma forma de ampliar os horizontes pessoais e ao mesmo tempo de proporcionar, assim, um acesso a um mundo que seria melhor que o deles. (UMAS PALAVRAS, s. d. Transcrição nossa).

Mesmo que o autor tenha afirmado que

não existe uma oposição entre o texto ou a vida. Existe uma continuidade entre o texto e a vida. Isso é uma coisa muito importante. Vocês não vão encontrar unanimidade entre os escritores a respeito desse fato. (SEMPRE UM PAPO, 2007, 03min31s. Transcrição nossa).

A autobiografia em Scliar, é o oposto do epitáfio. É o oposto do colchão enrolado que angustia o médico ao lembrar da morte. Autobiografia, em Scliar, é outro tipo de colchão. É o colchão que lembra, a ele, da vida e mais: eternizar-se. Então, quase todo o texto autobiográfico pode ser pensado como um epitáfio de autores sobre si mesmos. Mas, não em Scliar, que a história de vida – do primeiro ao último texto autobiográfico – integra palavras e vida. “Moacyr Scliar – sempre um papo” é um vídeo que documenta a apresentação dele no lançamento da sua autobiografia declarada: “Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida (SCLIAR, 2017c), em evento no Palácio das artes, em Minas Gerais. Na ocasião ele afirma que “Na realidade o texto é

⁴⁸ As reflexões elaboradas neste parágrafo tiveram por base anotações de aula das informações verbais proferidas pelo Dr. Miguel Rettenmaier em 31 de outubro de 2019, na aula da disciplina Teorias da Leitura, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo.

uma outra forma de viver. [...] No meu caso, Literatura sempre esteve associada com prazer e emoção. Sempre” (SEMPRE UM PAPO, 2007, 5min46s, transcrição nossa).

Na ficção autobiográfica da sua infância: *Memórias de um aprendiz de escritor: Memórias de um menino apaixonado por livros* (SCLIAR, 2005), o pequenino escritor Moacyr, apelido Mico, lembra que criou o primeiro texto aos cinco anos: “era para ser uma autobiografia, e eu escrevi num papel que vinha enrolado o pão. Uma autobiografia muito curta, porque eu não tinha muito o que contar” (SCLIAR, 2017c, p. 34). Disso, inferimos que as palavras que ele escreveu agregaram sentido ao invólucro do alimento daquele menino magrinho, de família que vivia em insegurança alimentar, mas que sabia sobre palavras potencializarem vida. As palavras, os textos, os livros, alimentam a vida.

O livro permite recuperar o sentimento da própria continuidade e a **capacidade de estabelecer laços com o mundo**. Também é um depósito de energia e, como tal, pode nos dar força para passarmos a outra coisa, para irmos a outro lugar, para sairmos da imobilidade. **Ele alimenta a vida**, e sabemos como são frequentes as metáforas orais quando se fala de leitura. O livro se oferece como uma tela, **permite dizer emoções e angústias**, colocá-las a distância, atenuar um pouco os medos. (PETIT, 2013, p. 79. Grifos nossos).

Para o autor gaúcho, há uma dimensão protetora e reparadora da leitura que contempla estabelecer laços com os(as) outros(as) e consigo mesmo, pois ele escreve para curar e para escrever-se e curar-se.

Sou um abstêmio conhecido. Realmente, assim, o número de escritores que bebe é muito grande. Mas bebem porque eles são angustiados, né? Bebem porque **eles não podem suportar a ansiedade que é viver sem estar escrevendo**. (PERGUNTAR NÃO OFENDE, s. d., 36min 22s. Transcrição e grifo meus).

Na infância, ele já havia assimilado a matriz de comportamento, de recorrer à leitura para resolver e para enfrentar problemas. Isso, provavelmente, foi potencializado por ele a partir da medicina. Por outro lado, o trabalho com a Saúde Pública foi uma das formas que o escritor Scliar encontrou de ter um contraponto de vida real à inventividade e imaginação exuberantes de seu trabalho com a palavra, com o fantástico da criação literária. Assim, também ao trabalhar no Saúde Pública, ele pôde expressar e exercer a sua esperança em ações.

[...] fui compreendendo cada vez mais as pessoas, me preocupando cada vez mais com as coisas que fazem as pessoas sofrerem. Não digo que não deva haver militância política, digo que não sou uma pessoa para isso. Compreender o ser humano é uma coisa importante, mesmo porque não temos outra alternativa. A verdade é que os seres humanos são criaturas muito desamparadas que, eventualmente, se mostram capazes de coisas admiráveis. Eu não sou pessimista em relação à espécie humana. Muitos escritores da minha geração discordam. Não é o meu ponto de vista. E também não é meu ponto de vista que a humanidade ou mesmo o Brasil estejam perdidos. Não é

verdade. Tenho a clara convicção de que, ao longo da minha vida, vi o mundo e o país melhorarem. (SCLIAR, 2006, p. 17).

O fato de Scliar ter escolhido, na medicina, trabalhar na área da Saúde Pública, diz sobre ele, entre outras coisas, que ele se importa com o social, com os(as) outros(as), com o público, ou seja, com muitas pessoas, inclusive as desfavorecidas financeiramente. Aqui está outro ponto de relação entre Scliar e Petit, nesta consideração à justiça social ou ao menos à busca de um equilíbrio social.

Rettenmaier (2019) destaca que “o próprio Lejeune critica o conceito que desenvolveu, de autobiografia”, o que nos impele a esclarecer como, em quês aspectos Lejeune criticou o próprio conceito que postulou. Inclusive porque ele é referência essencial sobre autobiografia. Remédios (2004b, p. 325) esclarece que Philippe Lejeune “fornece, ainda hoje, apoio suficiente para reunir os textos autobiográficos *sensu stricto*”. A autora destaca que Lejeune formulou os princípios fundamentais do gênero autobiográfico, propôs noções como a de “pacto autobiográfico” ao mesmo tempo em que reconheceu os limites das definições que formulou, inclusive, colocando em xeque a autenticidade das narrativas, por exemplo, apontando “para maior indecisão da fronteira entre o romance autobiográfico e a autobiografia” (REMÉDIOS, 2004b, p. 325). A autora ainda refere que, para Lejeune, pacto autobiográfico é “o contrato proposto ao leitor pelo texto afirmando a identidade entre autor, narrador e personagem principal. O pacto autobiográfico pressupõe soberania do registro de identidade sobre o registro da semelhança” (REMÉDIOS, 2004b, p. 324). Ainda, para Lejeune, “ao relatar sua história, o indivíduo chega a si mesmo, situa-se como é, na perspectiva do que foi” (REMÉDIOS, 2004b, p. 324).

A relação direta entre o autor e o personagem, mediada pelo narrador, em torno do eu que escreve e se lê, parece claro, desconsidera os termos de Barthes, na morte do autor com biografia, ou de Foucault, destinando ao nome do autor o termo de função. Nesse contexto, da mesma forma que as bases teóricas de Lejeune parecem não se associar à materialidade, na abordagem de Chartier, seja texto, obra ou livro, a narrativa autobiográfica não reconhece os desvios possíveis nos portadores da narrativa autobiografia. Talvez, no que diz respeito aos paratextos que alertam que determinado texto é autobiografia, como um subtítulo, um prefácio ou uma advertência. A autobiografia pode ser entendida como um tipo de auto-elogio ao “Eu” que venha resgatar ou tentar resgatar o autor da sua morte.

Entre as pesquisas brasileiras sobre autobiografias comparadas, destacam-se Remédios (1997; 2004a; 2004b) e Rettenmaier (2008). Ambos, comparam a autobiografia de Josué Guimarães com outros autores. A primeira à de Erico Veríssimo, e o segundo à de Ernesto

Sabato. Outro aspecto importante do trabalho de Remédios para a presente pesquisa, é a comparação feita pela autora, entre Josué Guimarães e Erico Veríssimo. A autora demonstra que, ambos, recorrem à diversas fontes ao elaborarem suas obras de ficção. Porém, uma diferença se destaca: “Erico Veríssimo planejou e estruturou suas memórias com muito cuidado, deixando um grande número de fontes e de anotações” (REMÉDIOS, 2004b, p. 285).

Josué Guimarães não deixou muitas fontes documentais, principalmente em se tratando do que antecedeu o golpe de 1964. Considerando a clandestinidade, o início do período ditadura civil-militar e o fim dos anos 60, quando se entrega às autoridades, a escrita literária não tem espaço na vida profissional do jornalista. Ele destruiu documentos e papéis que incluíam suas viagens como correspondente internacional à China e à União Soviética. (REMÉDIOS, 2004b).

Entretanto:

A autobiografia fora um gênero que de alguma forma atraía o escritor anteriormente, em *As muralhas de Jericó*, ao narrar, como testemunha viajante, sua passagem pelas terras do socialismo. Agora, muito mais velho, flertaria com a autobiografia associando-a à ficção [em *Camilo Mortágua*]. (RETTENMAIER, 2013, p. 80).

Nesse contexto, os originais de Josué revelam a “preocupação do autor em produzir, através da continuidade de seus textos, meios para alcançar uma representação estável de si” (REMÉDIOS, 2004b, p. 293). Então, questiono: que representação de si estaria intencionada e/ou revelada na obra de Scliar, especialmente em suas crônicas médicas? Ainda, se, como afirma Remédios, “A “advertência” e a “nota” atraíam o desejo de isenção e de objetividade do autor em relação ao fato que vivencia, pois não são apenas um diálogo entre autor e leitor, mas ‘uma troca, de caráter aprovativo ou contestatário.’ Onde estariam na obra de Scliar, os sinais ou marcas desse tipo de troca entre autor e leitor? E quais sentidos importantes ao contexto em tela (à essa pesquisa), essas trocas evidenciam? De imediato ocorre que Scliar foi um viajante em torno de sua identidade cultural, pela via da produção literária, por onde inseriu sua subjetividade ora como miragem, ora com diversos elementos autobiográficos.

Na tese de doutorado publicada em livro *As cegueiras da Utopia e os desencantos da memória: Uma leitura da esperança nas narrativas de Josué Guimarães e de Ernesto Sabato* (RETTENMAIER, 2011, p. 222), o autor lembra que uma “verdadeira revolução se encontra nos imprecisos desígnios da arte” e:

Perante um universo desumanizado, sufocado por diretrizes ideológicas que além de mascarar uma realidade em sérias fissuras, dissociava os homens priorizando a razão e a lógica, os escritores elegeram a ficção como arauto de novas possibilidades de vida. Por sua capacidade de transcender a ótica superficial da existência, por suas habilidades em descortinar o mundo, introduzindo nele fantasmas e entidades

demoníacas, o escritor poderia revelar os lados escondidos da (in)consciência humana. Como alegorias dessa figura, Sabato e Josué Guimarães escolheram seres íntima e misteriosamente relacionados à cegueira. (RETTENMAIER, 2011, p. 223).

O universo de Scliar, em parte é o que ele constatou como estudante de medicina e como médico: o da miséria matando e, em parte, o do enfrentamento ao antissemitismo ressignificando as feridas da palavra judeu. O escritor-médico escolheu criar e expressar seres e protagonistas relacionados à elaboração desses dois elementos constitutivos da sua história de identidade ou história de vida.

De volta à tese sobre Josué e Sabato, na seção intitulada “A autobiografia e as limitações tortuosas de um gênero ficcional” (RETTENMAIER, 2011, p. 179-196) é analisado que no conceito de autobiografia “[...] diferentes pressupostos relacionados à noção de linguagem, realidade e identidade diversificam irreconciliavelmente as possibilidades de compreensão do gênero” (RETTENMAIER, 2011, p. 179). O pesquisador afirma, ainda, que

Lejeune não consegue jamais dissolver o paradoxo que existe na identidade que admite falhas em si mesma. Tenta, de alguma forma, sustentar sua teoria reconhecendo a complexidade dessas relações negando linearidade no plano da identidade. [...] Não elucida o quanto de ficcional existe nessas relações [entre autor, personagem, modelo] produzidas a partir da complexidade de um conceito como o de representação, sempre perigosamente visitado nas faculdades da imaginação. (RETTENMAIER, 2011, p. 182).

A análise avança, alcançando aspectos autorreflexivos da autobiografia: “[...] o reconhecimento do fundamento autorreflexivo da autobiografia no momento em que um ‘eu’ deixa-se representar pela linguagem como maneira de autocontemplar-se no próprio reflexo” (RETTENMAIER, 2011, p. 185).

Essa constatação coincide e reitera diversas afirmações em minha tese, como a de que escrevendo sua autobiografia, Scliar criou um espaço onde pôde ser enxergar e se experimentar (máscaras) com segurança para se reelaborar como pessoa. Outra contribuição à minha análise consiste em elucidar sobre Sabato que, ele “existe com o discurso e nele se integra revelando questões jamais resolvidas pela autobiografia” (RETTENMAIER, 2011, p. 190-191).

Isso remete a identificar uma contradição na questão de que a crônica seria um gênero pelo qual Scliar exerce fortemente uma dicção autobiográfica; pois embora tenha produzido o *História de médico em formação* a partir disso, que ele recusa, ele exercerá um elemento autobiográfico na crônica dele. Sobre isso, lembro que em *Uma autobiografia literária: o texto ou a vida*, sua principal autobiografia declarada, tem muito mais contos do que romance ou crônicas. Então, há uma contradição aqui: a afirmação de que ele se coloca mais na crônica não

coincide com ter muito mais contos e ele se colocando no lugar de contistas na sua autobiografia declarada principal: o texto ou a vida.

Outra contradição pode ser incluída, ainda: na autobiografia declarada principal o texto ou a vida, ele afirma que a quantidade não é importante para o escritor, para a literatura, pois basta um excelente livro. Então, isso não coincide com a crônica, que é gênero elaborado mais rapidamente que romances, por exemplo, e é publicada muito mais vezes.

Aqui há uma associação possível com a psicanálise, pois, entre todos os gêneros que Scliar trabalhou, a crônica é a que tem frequência de publicação mais aproximada da frequência das sessões psicanalíticas. Pela quantidade, se aproximam. Há maior profusão de crônicas, elas proliferam mais. Por outro lado, ele defende que “Em literatura, quantidade não importa” (SCLIAR, 2017, p. 253). Inclusive, à minha análise, o que importa é a intensidade da autoanálise e da ressignificação do autor pela escrita autobiográfica. Se crônica é toda semana, autobiografia declarada é uma vez na vida. Entretanto, pela qualidade de expressão artística inerente à literatura, em qualquer gênero, associações livres são feitas e realidades pessoais são externadas com significativa liberdade e garantia de leitura (escuta). Mas, o próprio Freud, comenta em “O estranho”, que o escritor de literatura, de ficção, tem uma relação com os leitores, não somente de ter sua obra lida no sentido de escutada, mas de seu lado, exerce um poder sobre quem a lê:

[...] o ficcionista tem um poder peculiarmente diretivo sobre nós, por meio do estado de espírito em que nos pode colocar, ele consegue guiar a corrente das nossas emoções, represá-la numa direção e fazê-la fluir em outra, e obtém com frequência uma grande variedade de efeitos a partir do mesmo material. (FREUD, 1996, p. 268).

Mais adiante, o autor gaúcho diz o que importa em literatura: “que as pessoas acolham as histórias com alguma simpatia, que as palavras servem para estabelecer laços entre as pessoas – e para criar beleza” (SCLIAR, 2017c, p. 255).

O Eu que escreve, sempre está a SE escrever. Afinal, qualquer Eu que escreve, o faz com mais ou menos consciência, é único e múltiplo, busca (re)conhecer-se e ser (re)conhecido enquanto vai se construindo pela escrita de si e a partir de si. Inclusive, escrever sobre si é possibilidade de falar sobre si, se escutando, ao mesmo tempo desejando que seu Eu escrito seja lido – e quem sabe reescrito por outras(os) – com isso, havendo tempo e atenção a si dedicados. Quando um autor escreve sobre o autor que é, sobre como se percebe enquanto autor, é nesse

ponto posso postular uma relação com a sessão de psicanálise, por exemplo, algo a que o escritor-médico Moacyr Scliar dedicou anos de tratamento⁴⁹. Porém,

Frequentemente, a preocupação em erigir uma identidade verdadeira, um entendimento satisfatório da própria imagem, tem elaborado uma reconstituição um tanto parcial do que se foi e, de alguma forma, do que se é. [...]. Nesse sentido, os estudos sobre a memória devem incorrer em uma assepsia às avessas, distante da purificação monolítica dos centros de tradição institucionalizados[...]. (RETTENMEIER, 2008, p. 139).

Nesse sentido, recorrer aos manuscritos do autor e à sua autobiografia declarada ou não declarada – tendo conhecimento detalhado e crítico de outras pesquisas desse tipo – são instrumentos essenciais na direção de compreender a resposta acerca do que seja um autor. Isso passa, também, pela análise da relação entre sua vida e seus textos, seus rascunhos, primeiras versões rasuradas, textos refutados etc. E é porque cada Eu que escreve está a se escrever, que defendo: tudo o que alguém escreve, seja ou não explicitamente sobre si, é autobiográfico, com intensidades variadas.

É nesse contexto que proponho os termos autobiografia declarada e não declarada. Autobiografia declarada é que o autor mencionou como tal em entrevistas ou textos e quando conscientemente o(a) autor(a) intenciona escrever sobre si, sobre sua própria vida. Todos os outros gêneros, são autobiografias do tipo em que é mais ou menos inconscientemente que alguém escreve sobre si e sobre o que há de vida em si (e haver de vida implica em haver algo de morte, seja medo⁵⁰ ou o que mais for). Nesse contexto, quem alguém é, não pode ser medido nem interpretado somente a partir dos textos de um gênero que publica, mas devem ser levados em conta, também, todos os outros gêneros textuais e discursos falados e escritos e, inclusive sua comunicação não verbal e, ainda, algo do que dizem dele(a), quem com ele(a) convive e o que ele(a) diz de colegas e de outras pessoas. Isso tudo permite alcançar uma aproximação de quem seja aquele(a) pessoa, qual a sua identidade.

Um dos significados de escrever uma autobiografia pode consistir em estar tentando uma leitura que leve a um diagnóstico. Entretanto, para compreender os sentidos mais profundos de uma autobiografia, é necessário um trajeto trabalhoso e a consideração de diversos elementos, por exemplo, o contexto do período de vida em que estava o autor quando a escreveu, os manuscritos de textos do autor escolhido, que tipo de leitor ele foi, percepções de leitores próximos ao autor, uma percepção mais totalizante no sentido de dimensão da totalidade

⁴⁹ Assunto que analiso mais detalhadamente no capítulo seguinte, “Escritor médico”.

⁵⁰ Apesar de que medo é um recurso de preservação da vida, quando “bem dosado”.

da produção literária do autor, comparar a autobiografia e os manuscritos do autor em análise com os de outros autores *etc.*

Como tudo isso pode constituir um trabalho de décadas de pesquisa, ressalto que nesta tese o foco recai sobre Moacyr Scliar e sua autobiografia declarada e não-declarada, seus manuscritos, comentários de colegas e amigos próximos ao autor. Nesse sentido e já que o aprofundamento da análise se dará sobre o assunto “cura” na autobiografia de Scliar, será apenas superficial a comparação entre Scliar e outros autores, como Josué Guimarães e Erico Veríssimo, mas a levo a cabo por servir como uma aproximação importante que esclarece nosso objeto pesquisa na medida em que evidencia algumas semelhanças e diferenças mesmo que iniciais. Além disso, ainda há que ser conhecido o sentido mais profundo da autobiografia em Moacyr Scliar, já que o autor – ao menos aparentemente – expressou que pensava em ser reconhecido somente como “um escritorzinho do Bom Fim”. De qualquer forma, o primeiro impulso de escrever para SE ler foi justamente escrever sobre SI.

Rettenmaier (2008), que tem relacionado pesquisa literária – principalmente sobre Josué Guimarães – à memória e aos estudos identitários gaúchos, destaca a importância dos Acervos Literários ao explicar que

No fim do século XX esgotam-se as abordagens meramente analíticas do texto literário. Após um momento focado majoritariamente nas concepções textualistas do estruturalismo, amplia-se o raio de estudo para além da obra literária impressa [...]. Ampliam-se objetos de estudo e o campo de investigação literária para um *corpus* variado de textualidades relacionadas à produção intelectual de determinado autor e aos demais vestígios documentais em torno dele. (RETTENMAIER, 2009, p. 137-8).

A autoria na produção desta tese, arrisca ampliar a abordagem do método de estudo na medida que defende a escrita ensaística como complemento do método bibliográfico e documental. Entretanto, a atenção é total para que não incorra no erro de transformar o autor ou a mim, em personagens. Nem Scliar, nem Eu, seremos transformados em personagens de nós mesmos. Isso relacionado à análise de manuscritos, aumenta a possibilidade de “deflagrar o terror do que somos”, concordando com Rettenmaier, que recorre a Bordini (2011, p. 31) para argumentar que

O manuscrito de um autor, por exemplo, aparentemente tem uma semântica de maldição. É algo que pode não ter sido levado a cabo pela mão que escreveu; é um texto que pode ser visto como uma coisa provisória, não a coisa em si, mas um passo antes de si; e pode, sobretudo, ser um registro em segredo, jamais divulgado, que uma vez publicado poderá despertar não uma ira semelhante à que se impôs aos violadores das antigas tumbas, mas poderá ‘deflagrar o terror do que somos e não apenas aquilo que fomos’.

As teorias de autores consagrados dos estudos literários e a eles relacionados, e as propostas que produzi até o momento a partir delas, sobre autoria e autobiografia contribuem à melhor compreensão da análise que apresento no quarto capítulo, “Textos e vida”. No próximo capítulo, “Escritor médico”, o enfoque é a interface literatura e medicina com o objetivo de constatar a importância da relação entre escrita de si e medicina, para e a partir do autor escolhido.

Em *Nos bastidores da criação literária de Moacyr Scliar: cadernos e caderneta*, Marie-Hélène Paret Passos confirma, a partir de pesquisas diretas aos documentos do autor, a escrita compulsiva de Scliar:

Percorrer o acervo de Moacyr Scliar é entender que escrever é viver, respirar, armazenar ideias, parágrafos, trechos diálogos. Registrar, sempre. Sucumbir à imperiosa necessidade de escrever o faz recorrer a todo tipo de suportes surpreendentes, tal como [sic? Cris?] o bloco de receituários [...], capa dura de caderno, laudas (de Zero Hora, por exemplo), blocos publicitários brindados por hotéis, empresas ou distribuídos em eventos literários ou médicos, receituários, pedaços de cartolina, bloquinhos, capa de talão de cheque, verso de folhetos informativos ou folhas de papel decalque. (PASSOS, 2012, p. 92).

Escrever, não foi algo eventual para o escritor-médico. A atividade de produzir textos se tornou uma constante em sua vida, ocupando muito e recorrentemente o tempo. Isso incide sobre o que apresenta Luiz Antônio de Assis Brasil em *O universo nas ruas do mundo*: “Sua vontade é que orientou seus passos, [...] determinou suas escolhas, e [...] que “fez” a sua vida [...] uma determinação serena. [...] Queria ser um escritor de verdade” (ASSIS BRASIL, 2004, p. 13). Tal afirmação, serve, também, de contra-argumento às afirmativas de que Scliar escreveria somente condicionado pela rígida mãe judia e é, até mesmo um desvelamento ao discurso do próprio Moacyr que refere ter recebido muita expectativa da mãe para que escrevesse.

Percepções de Scliar sobre autobiografia constam na tese de doutorado que o autor desenvolveu em 1999: *Da bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica*. Ele analisa a psicanálise em romances, com destaque para *A Consciência de Zeno*, considerada a obra-prima de Italo Svevo⁵¹. O autor gaúcho comenta:

Zeno muda de estratégia. Fala com um médico; não se sabe se é um psicanalista, mas o conselho que dá é muito pouco ortodoxo: recomenda a Zeno que escreva uma ‘análise histórica’ de sua propensão ao fumo. Não se trata de preocupação médica com o tabagismo; o doutor está pensando na dimensão psicológica do hábito de fumar:

⁵¹ “Italo Svevo foi o pseudônimo adotado por Aron Hector (ou Ettore, como era chamado na família) Schmitz (1861-1928)” (SCLIAR, 1999, p. 130).

‘Escreva! Escreva! O que acontecerá, então, é que você vai se ver por inteiro!’ (SVEVO, *s. d.*, p.11, *apud* SCLIAR, 1999, p. 141. Grifos nossos).

Scliar segue, explicando que o protagonista, Zeno, decide se autoanalisar e busca imagens com o lápis na mão: “O lápis é a chave que abre a porta de seu consciente, a ferramenta pela qual a literatura impede escritores de enlouquecer. Mas ele não quer renunciar ao inconsciente, que, por mais estranho que possa ser, constitui-se no território em que ele deseja penetrar” (SCLIAR, 1999, p. 139). Neste ponto da análise, Scliar observa uma projeção de Zeno sobre o bebê da cunhada, que desperta no personagem sentimentos sobre si, mas que ele não consegue identificar como seus:

Pobre criança! Ainda bem que se trata de recordar a minha infância! Não saberia encontrar um jeito de te aconselhar, agora que vives a tua, sobre a importância de recordá-la para o bem de tua inteligência e de tua saúde. Quando chegarás a saber que seria bom se pudesses reter na memória a tua vida, até mesmo as partes que te possam repugnar? (SVEVO, *s. d.*, p. 10 *apud* SCLIAR, 1999, 136).

Aqui aparece fortemente a autobiografia como cura, no sentido de que é acesso à memória de vida, recordação. Ideia reiterada na tese de Scliar:

A psicanálise, como terapia, é eminentemente não diretiva; nenhum terapeuta ‘induziria’ pacientes a fazer qualquer coisa. Agora: por que desejaria o Doutor S. que Zeno Cosini, o paciente, escrevesse sua autobiografia? Para que ela servisse de prelúdio, de ponto de partida para o tratamento, diz o prefácio. (SCLIAR, 1999, p. 137).

Há dimensões do curar que não são específicas do curar, mas nele incidem e dele participam. Ler e criar literatura, aí estão. O texto literário ter o tempo de elaboração mais expandido possível, mais demorado, aumentado, prorrogado, é recurso curativo. A não-urgência, a não instantaneidade, o poder pensar bem – se tiver essa habilidade, elevam de certa forma, proporcionam um tipo peculiar de satisfação pela demora que em nada tem a ver com atraso do tipo perda, mas com aumento, empoderamento, expansão, ampliação. Se há uma vingança (palavra que ele refutaria) do tipo construtiva e se para ser construtiva precisa acesso a longo tempo de elaboração, o lugar dela é na literatura. Refiro-me ao Scliar descendente judeu e às pistas do manuscrito o grito ainda se houve.

Se palavras escritas e lidas podem nos entristecer, deprimir, machucar, desequilibrar, enraivecer, agudizar, angustiar e podem redimir, aliviar, sublimar, liberar, descontraír, acalmar, suavizar, superar, vingar, redimir. Então a escrita e a leitura adoecem e curam quem as elabora e vive. Muito desse poder curativo está no se fazer ouvir, se ouvir, se afirmar, se ser.

3 O ESCRITOR MÉDICO

A literatura, tanto a literatura de ficção como a ensaística, pode nos falar da doença e da medicina de um modo original e revelador, mais revelador às vezes de que os próprios manuais médicos. (SCLIAR, 2011).

Neste capítulo, a importância da interface medicina e literatura é comentada e relacionada ao trabalho e ao legado de Moacyr Scliar como direcionamento ao esclarecimento acerca da sua definição (a interface) para o autor. Nosso percurso investigativo abrange, em seguida, Saúde pública, psicanálise e cura, recorrendo a coletâneas e pesquisas sobre vida e literatura do escritor-médico, a abordagens sobre o conceito de cura conforme Freud (1996, 2005, 2011), Jung (1984, 1991, 2011) e, principalmente, para Scliar (2000, 2002b, 2007)⁵². Em seguida, a literatura como combate à angústia médica é apresentada em estudo sobre três crônicas do autor gaúcho.

3.1 LITERATURA E MEDICINA

Literatura e medicina são áreas da atividade humana, cada uma com sua identidade, mas que, trabalhadas juntas, potencializam forças ao entendimento sobre o humano, se beneficiando mutuamente e à sociedade. De fato, literatura e medicina são mergulhos na condição humana (SCLIAR, 2004). Ademais, mesmo as especialidades médicas mais objetivas e pontuais, que pouco recorrem às palavras, como a Anestesia, são feitas por pessoas para pessoas. Nisso está o cerne da importância da interface literatura e medicina. Todas essas reflexões implicam em considerar a interdisciplinaridade, que:

[...] possibilita a superação da visão fragmentária e compartimentada do conhecimento e oferece uma compreensão da unidade do saber e da ação tanto em nível teórico quanto em nível prático. Isso, por sua vez, também evidencia que a produção, a difusão e a aplicação do conhecimento dependem das relações de troca entre as mais diversas comunidades de investigação e seus participantes, em um constante processo de conversação, crítica e autocrítica. (BOMBASSARO, 2014, p. 47).

A interdisciplinaridade, além de servir para qualificar a formação no ensino superior, assume especial importância para os assuntos da saúde e da educação, sendo “um dos indicadores mais significativos e um dos maiores desafios pedagógicos para o desenvolvimento da investigação científica [...] especialmente quando se trata de compreender, explicar e

⁵² *História do conceito de saúde* (SCLIAR, 2007) apresenta uma elaboração acerca da evolução dos conceitos de saúde e doença do ponto de vista cultural, político e econômico.

resolver problemas vitais” (BOMBASSARO, 2014, p. 40). O autor defende que novas disciplinas podem ser criadas, mas, para isso

Trata-se de reconhecer que sobre a base ontológica a partir da qual se realiza uma investigação repousa também a possibilidade de reconstrução de uma outra perspectiva de observação e de investigação. [...] até mesmo as idiosincrasias dos pesquisadores podem desempenhar um papel importante na consecução ou no impedimento de uma investigação interdisciplinar. [...] a instauração do espírito interdisciplinar de investigação tem uma dimensão ética que se revela na atitude do pesquisador em relação à abertura ao olhar do outro [...]. (BOMBASSARO, 2014, p. 43-44).

No Brasil, exemplo atual das disciplinas *Literatura e medicina* – e suas múltiplas derivações – constantes em cursos de Medicina, é a e-disciplina Literatura, Narrativa e Medicina, ofertada na Universidade de São Paulo (USP)⁵³. Ela é parte do Grupo de Estudos em Literatura, Narrativa e Medicina (GENAM) – que comentei na introdução da tese – em parceria entre a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) e a Faculdade de Medicina (FM). Durante a pandemia de covid-19, o grupo tem promovido os encontros virtuais *Book Club*, dedicados à discussão de obras literárias que tratam de doenças, especialmente infectocontagiosas, e acaba de lançar a série de podcasts *Ciência Poética*” (COSTA, 2020, s. p.), a qual no episódio inaugural trata da criação do grupo, surgido dentro de um hospital.

A real condição profissional médica implica que curar, salvar e ser objeto do imaginário social de herói ou de heroína estão entre sobrecargas laborais, físicas e emocionais. Sofrimentos, doenças, perdas e mortes são parte do seu cotidiano. Isso, quando insuficientemente elaborado e associado a agravantes, pode angustiar, deprimir e assumir outras formas de adoecimento. Além disso, médicos e médicas precisaram lidar desde muito antes do ingresso no ensino superior, com expectativas e cobranças extremas.

Nesse contexto, o suicídio entre médicos é 70% maior que na população em geral, inclusive pela facilidade de acesso a medicamentos fatais e como resultado do alto grau de responsabilidades (CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DE SÃO PAULO, 2017). Entretanto, há silenciamento sobre o tema em algumas páginas institucionais. No curso de medicina da Universidade de São Paulo (USP) – paradoxalmente, uma das instituições de ensino superior médico mais bem sucedidas do Brasil e da América Latina – ocorreram quatro suicídios em dois meses, em 2017⁵⁴.

⁵³ Conferir mais no artigo de Costa (2020).

⁵⁴ Esta nota foi elaborada a partir de buscas no *site* google.com em 20 de julho de 2020. Ao digitar no Google “USP Medicina suicídio de estudantes”, o primeiro resultado da busca, estranhamente, é da Faculdade de Odontologia da USP (FOUSP) com notícia intitulada “FOUSP na mídia: USP tem 4 suicídios em 2 meses e cria escritório de saúde mental para alunos” (VIEIRA, 2018). No *site* da Faculdade de Medicina, nada consta sobre

Portanto, e porque a medicina brasileira (não é a única que) costuma atuar quando os sintomas já estão mais evidentes, é que esse problema grave e multifatorial deve ser enfrentado por diversas áreas, em suas especificidades e integradamente, a favor da vida. Assim, a literatura é uma das abordagens que pode considerar a angústia – como fator desencadeante de condições mais graves que é – de formas complementares às da medicina, mais profundamente, pontualmente ou abrangentemente, dependendo dos objetivos definidos ao trabalho em interface⁵⁵. A literatura, dessa forma, é forte aliada da Medicina, já que, introduz, faz sentir e melhor compreender a complexa diversidade do bem e do mal da vida, humanizando por ser forma de conhecimento paradoxal e de incorporação difusa e inconsciente – paradoxal porque também organiza em nossa mente essas e outras emoções e características humanas, que nem sempre são reconhecidas como bens (CANDIDO, 2004).

Scliar e Candido se encontram em, no mínimo, um ponto em comum: a defesa do acesso à literatura. Há também uma relação entre esse acesso e o conceito de saúde para Scliar, que é algo mais amplo, no sentido de Sociedade saudável, que tenha como ideal, suas diversas instâncias atendidas adequadamente: econômicas, políticas e culturais, por exemplo, estando a literatura predominantemente entre as culturais. Predominantemente, pois, ela não é somente a complexidade de sua natureza, das expressões que representa (emoções, pensamentos e comportamentos humanos) e nem somente, criação que parte, em alguma medida, do inconsciente e a ele incide nas leituras. “A grande literatura inevitavelmente reflete o contexto social da época. Mas o faz como um sismógrafo, cuja agulha desloca-se como resposta a movimentos profundos” (SCLIAR, 2017b, p. 22).

o fato de todos os estudantes a que se refere a notícia serem da Medicina. Requer compreensão e chama a atenção, ainda, o fato de que ao mesmo tempo em que o discurso médico tem proposto a intenção de desmistificar e deixar de lado os tabus sobre o suicídio, as próprias páginas do Conselho Federal de Medicina (CFM) e da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) [dependendo das palavras escolhidas para a busca, ou seja, ao menos com as que escolhemos aqui] não mencionarem a própria classe médica, que está entre as mais atingidas. A página do CFM aborda o risco e as taxas de suicídio em populações indígenas, por exemplo, mas não na população médica. Após busca no Google pelo conjunto das palavras “ABP Suicídio ente médicos”, a página da ABP mostrou somente uma notícia sobre uma cartilha criada para a prevenção de suicídio em geral e orientando médicos a salvarem pacientes, mas nada sobre médicos cuidarem de si mesmos no sentido de prevenirem os riscos na própria categoria profissional. Foi realizada uma busca pelo conjunto de palavras “Nota Reitoria USP suicídio medicina” e “Faculdade de Medicina USP suicídio estudantes”, sem resultados para as duas páginas oficiais. “Estudantes de medicina fazem parte da população de risco [ao suicídio]”, informa o especial publicitário “Medicina: por que o suicídio nesse curso é tão comum?”, de 22 de agosto de 2018, publicado por *Quero Bolsa* na página de notícias da Globo, que relata a fala de especialistas. “Estudantes de medicina são população de risco ao suicídio” (QUERO BOLSA, 2018).

⁵⁵ Isso, inclusive durante um período de agravamento das doenças mentais na população em geral – da qual médicas(os) e estudantes de medicina – além de interagirem – são parte importante e diferenciada, pois participam, com outras(os), da “linha de frente” na exposição e no enfrentamento da pandemia da Covid-19.

Entretanto, o foco que me interessa é o ponto de vista de Scliar sobre as relações mais imediatas e evidentes entre literatura e cura. Isso, em parte, é expresso na crônica *Literatura como tratamento* (SCLIAR, 2013a):

E, no século XIX, eram os grandes romances — aqueles de Balzac, por exemplo — que ensinavam as pessoas a viver. Esse papel foi assumido pelo cinema e pela tv, mas a proliferação das obras de autoajuda mostra que as pessoas continuam acreditando em livros como guias para a saúde e para a cura. (SCLIAR, 2013a, p. 29).

Em *Literatura de autoajuda e individualismo: contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massas* (RÜDIGER, 2010)⁵⁶ uma qualificada crítica sobre isso é elaborada, iniciando pela conceituação de que:

A literatura de autoajuda constitui uma das mediações através das quais as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo pela modernidade¹². O movimento dessa última desintegrou as representações coletivas e os simbolismos comuns que recomendavam a salvação do eu por meio da fusão dos propósitos pessoais com os propósitos da comunidade. O resultado desse processo foi a criação de uma sociedade de indivíduos livres que convivem com uma comunidade degradada, mas também de um conjunto de problemas pessoais que tornou profundamente problemática essa liberdade (RÜDIGER, 2010, p. 13).

Na seção de conclusões, o pesquisador postula:

A tendência da autoajuda conduzida no sentido de superar a consciência egoísta para chegar ao verdadeiro eu, ou ao chamado eu superior, situa-se neste último plano, se enraiza no entendimento de que a solução do mal estar na cultura, vivido pelo indivíduo contemporâneo, passa pela capacidade de poder criar, através do emprego privado de técnicas espirituais e das supostas forças de uma subjetividade cosmogônica, sentimentos e imagens autênticos suscetíveis de fornecerem conforto contra a dispersão do eu incentivada pelos processos de massificação. Resumidamente, trata-se aqui de recriar um eu mais forte e mais perfeito, reconciliar o indivíduo consigo mesmo através da reconstrução valorativa duma personalidade, nutrida pela fantasia de um cosmos suprapessoal, ordenado pelo princípio terapêutico da criação do bem-estar com a própria individualidade (RÜDIGER, 2010, p. 286).

Koracakis (2001), em *Ciência e medicina na obra de Moacyr Scliar* – dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Literatura Brasileira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) –, analisa obras do autor para afirmar que

o médico Scliar, nas suas experiências clínicas, acaba também por conhecer o ser humano despido de seu verniz, à beira da morte e da dor. E isto vai desaguar também na sua literatura, na qual ele reconstruirá o conhecimento obtido através de sua experiência médica. (KORACAKIS, 2001, p. 50).

⁵⁶ Produzido a partir de sua tese de doutorado, defendida em 1995: *Literatura de autoajuda e individualismo: contribuição à crítica de uma categoria da cultura de massas contemporânea*.

Em *A paixão transformada: história da medicina na literatura* (SCLIAR, 1996a), ele articula citações de obras literárias, para constituir uma noção de totalidade e, ao mesmo tempo, humanista, da medicina na literatura. Contribuem com isso a forma com que os conteúdos do livro foram organizados, em sessões curtas, de duas a três páginas, sempre iniciadas por uma citação em negrito, de trecho da obra literária a ser comentada relacionada a algum aspecto médico ou da história da ciência médica. Portanto, são destacados autores literários e, especialmente, escritores-médicos como o próprio Moacyr Scliar. Ele afirma:

A comparação da medicina com o amor é muito pertinente. Porque a relação médico-paciente é inevitavelmente colorida pela emoção, *pela angústia muitas vezes*. O que eu tenho, Doutor? (Uma questão que corresponde àquela outra, não formulada, do médico: Mas o que tem esse homem?). O texto médico, porém, quer prescindir da emoção. [...]. Eventualmente, porém, esse tipo de texto já não é suficiente para traduzir, para conter a ansiedade – ansiedade médica, ansiedade humana – diante da doença, do sofrimento, da morte. E então o médico recorrerá à ficção, à poesia. (SCLIAR, 1996a, p. 8-9. Grifos nossos).

Nesse livro, o autor seleciona e emite vozes da saúde e da doença através das épocas, contribuindo para descobertas sobre períodos históricos da literatura e da medicina, através:

- a) da *Cronologia* apresentada ao fim do livro, que possui duas colunas. Na esquerda, datas e fatos relativos à História da Medicina, na da direita, datas e fatos gerais e literários. Isso permite relacionar assuntos e períodos, estabelecer diversas relações e reflexões sobre a interface literatura e medicina e
- b) do índice remissivo ao fim do livro (p. 293-307) que é composto por uma lista de nomes de pessoas e de obras, o que permite sinalizar para estudos, quais desses nomes são de Médicos, Políticos, Zoólogos, Geólogos, Filósofos, Astrônomos, Curandeiros *etc.* O índice ainda possibilita diferenciá-los dos escritores de literatura – exclusivamente autores literários e, finalmente, identificar as obras abordadas por Scliar neste livro.

Ainda em *A paixão transformada: história da medicina na literatura*, o escritor-médico gaúcho defende a necessidade de uma “epidemiologia da literatura” para aprofundar os estudos sobre a relação entre medicina e literatura [...]” (SCLIAR, 1996a, p. 9). O autor comenta em *Literatura e medicina* (SCLIAR, 2008, p. 1):

Em 1993, o chefe do Departamento de Estudos Literários da *Brown University*, uma pessoa que já conhecia, me convidou por telefone a dar um curso de seis meses sobre literatura para os alunos da universidade. Fiquei um tanto intimidado e lhe disse que era escritor, não professor de literatura, e não me sentia em condições de dar esse curso para estudantes de letras. Ele: ‘Mas quem falou em estudantes de letras? São alunos de medicina’. Mais: disse que o curso não seria o único e haveria outras pessoas lecionando para a mesma área. Quando cheguei lá, descobri que a área se chamava

humanidades médicas e envolvia várias disciplinas, como história da medicina, antropologia, ética, comunicação, e que minha disciplina seria literatura e medicina. Foi uma experiência extremamente interessante e comecei a me dar conta de que não se tratava, vamos dizer, de uma diversão intelectual. Os americanos são extremamente pragmáticos e aquilo tinha uma razão muito objetiva. Era a crise na medicina americana.

A respeito da crise no sistema da saúde norte-americano à época, Noronha e Ugá explicam que as taxas de cobertura e os índices epidemiológicos eram extremamente insatisfatórios apesar do país ocupar as primeiras posições em gastos *per capita* na área da saúde. Isso, de acordo com os autores, foi consequência do avanço do neoliberalismo fundamentado no individualismo, desde o início dos anos 80, o que também resultou num modelo de sistema de saúde baseado no seguro privado (SCLiar, 1995, p. 177-178). Scliar, como médico de Saúde Pública, portanto, dedicado à prevenção de doenças, à universalização da cobertura e à promoção da saúde para toda a população, compreendeu o significado da crise americana. Nisso, a literatura se relaciona no sentido de ampliar o acesso à compreensão da condição humana e, com isso, refletir mais adequadamente acerca das consequências para toda a sociedade, do individualismo exacerbado e das restrições ao acesso à saúde, por exemplo.

A preservação da sensibilidade nos(as) médicos(as) é um dos ganhos com a interface literatura e medicina, sinaliza, o médico-escritor em entrevista concedida em 2010 ao canal *Saraiva Conteúdo*:

É uma interface fértil (medicina e literatura), são, duas atividades que tem em comum o interesse pela condição humana. A experiência médica, dá muito para a atividade literária. E a atividade literária desenvolve uma sensibilidade que a medicina tende a perder por causa do seu aspecto tecnológico. Acho que, isso, essa situação foi muito bem resumida num médico escritor famoso que foi Anton Tchekov, que dizia o seguinte: ‘A medicina é minha esposa. A literatura é minha amante. Mas, eu dou um jeito de satisfazer as duas’. Eu acrescentaria assim: e as duas satisfazem, também, a pessoa, assim, em dose dupla. (SARAIVA CONTEÚDO, 2010, 5min5s. Transcrição nossa).

O escritor-médico também destaca que “o interesse pelo ser humano é algo comum a escritores e médicos” (SARAIVA CONTEÚDO, 2010, transcrição nossa). O autor esclarece que “A transdisciplinaridade é fundamental na produção e na difusão do conhecimento”, mas, “o especialismo gera uma barreira artificial entre ciência e humanidades, que prejudica ambas” (SCLiar, 2004, p. 10). Além disso, ele defende que “Literatura é um exemplo do contato humano sob a forma de um texto” e que “[...] ler e escrever afina a sensibilidade do médico e faz com que ele, sem desprezar a tecnologia, valorize essa relação médico-paciente [coisificada

pelo excesso de tecnologia na prática médica]” (SCLIAR, 2004, p. 9). Scliar⁵⁷ reconhece que a medicina “precisa de mais tecnologia, não de menos” e comenta, ainda, que o trabalho com textos científicos médicos beneficiou a literatura que ele veio a produzir: “a influência da medicina sobre a minha literatura foi transcendente”.

Mauro Condé, ex-paciente de Moacyr Scliar, refere ter ouvido do próprio escritor-médico, que ele receitava leituras a seus pacientes⁵⁸:

Médico e escritor, **Dr. Scliar** conhecia bem a força das palavras, tanto para diagnosticar as emoções das pessoas quanto para transformá-las em matéria prima de suas obras. Em sua opinião, compartilhar histórias sempre foi o melhor jeito de estabelecer e melhorar os vínculos afetivos entre as pessoas. Seu consultório era decorado como uma biblioteca e exibia na parede um quadro contendo os efeitos terapêuticos e catárticos de um bom livro. Ele tinha o hábito de finalizar suas prescrições médicas com a dica de uma boa leitura, sugerida a partir dos sintomas apresentados pelo paciente. Vivia recomendando mergulhos profundos frequentes em mundos ficcionais (bons livros e bons filmes) como forma de escape do tédio, da monotonia e dos problemas da vida real. Scliar era adepto e praticante da biblioterapia, um método implementado pelo Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido, em parceria com as bibliotecas locais. Batizado como ‘Books On Prescription’ trata da prescrição de livros com fins terapêuticos com o aval de médicos e psicólogos do país e prevê a substituição de antidepressivos por livros em pacientes com quadro leve ou moderado, com resultados incríveis – um livro para cada situação. Inspirado pelas recomendações do **Dr. Scliar**, eu costumava tomar as poesias de Cecília Meirelles [...]. (CONDÉ, 2022. Grifos nossos).

Moacyr Scliar revela que nunca pensou em ser somente escritor:

Eu nunca pensei em ser só escritor. Isso é uma coisa curiosa, porque... E nem penso, hoje em dia, em ser só escritor. É uma coisa estranha, mas é exatamente eu acho, por causa desse sentimento de culpa, e também porque eu gosto do que eu faço, particularmente, eu gosto de Saúde Pública. Eu não me resignaria a ficar o dia inteiro, sentado, esperando que uma ideia me ocorresse para eu escrever. A minha ansiedade não permitiria isso. Eu sempre escrevi num clima de muita ansiedade, num clima quase maniaco, varando madrugadas, escrevendo no meio de plantões *etc.* Eu não saberia fazer diferente. E eu acho que é assim que eu sei escrever e cada vez que eu tento mudar, na verdade, eu só acabo me angustiando. (PERGUNTAR NÃO OFENDE, *s. d.*, 16min07s. Transcrição nossa).

⁵⁷ No trabalho *Divulgação científica e literatura na perspectiva de Moacyr Scliar*, que apresentei na VII Semana do Conhecimento UPF (outubro de 2020) foi exposto que, para Scliar: a) a ciência influencia a literatura em área temática – como na ficção científica – e no campo das ideias; b) Rigor lógico com flexibilidade e imaginação beneficiam tanto a ciência quanto a literatura; c) A divulgação científica pode ser ampla e superficial (jornais) ou restrita e aprofundada (literatura); d) Literatura reduz a objetificação médico-paciente. Para chegar a esses resultados, analisei e relatei: a) a entrevista *Para Scliar, ciência e literatura são compartimentos da mesma cultura*, concedida ao Jornal da Unicamp em 2003 por ocasião do evento *Diversidade na Ciência II: uma reflexão sobre o conhecimento e seu modo de produção* e, b) MORA, Ana Maria Sánchez. *A divulgação da ciência como literatura*. Rio de Janeiro: Casa da Ciência/UFRJ. Editora UFRJ, 2003.

⁵⁸ O texto completo está no Apêndice 2 – *O que perguntar a seu médico na próxima consulta*.

3.2 SAÚDE PÚBLICA, PSICANÁLISE E CURA

A Saúde Pública foi escolhida como especialização médica pelo autor gaúcho no seguinte contexto, que ele mesmo esclarece:

[Cláudia Nocchi 17min04s] – Quando você foi para a Medicina, você escolheu a Saúde Pública. A Saúde Pública ainda não tinha o destaque que tem hoje. Como é que você descobriu que você queria ser um médico voltado para essa área?

[Moacyr Scliar 17min15s] – Bom, eu... Tinha duas coisas: em primeiro lugar, eu tinha um passado esquerdista. Eu era um militante estudantil. E tinha essa coisa, assim, de querer fazer uma medicina social. Eu também achava que, como eu tinha feito uma faculdade de Medicina pública, gratuita, eu tinha que retribuir o que eu recebera nesses seis anos de curso gratuito. [...] O que eu não queria ser, era um especialista num consultório luxuoso atendendo as elites porto-alegrenses. Isso estava bem claro para mim, que não era o que eu queria ser. Mas eu ainda não sabia exatamente como é que eu ia fazer. Aí eu fui trabalhar com tuberculose, no Hospital Sanatório Partenon. E, trabalhando com tuberculose, eu comecei a fazer contato com as pessoas que trabalhavam com tuberculose, que foi uma grande escola neste país. E eu vou mencionar um nome, que o Augusto certamente conhece, talvez até tenha conhecido de perto, pessoalmente, Noel Nutels. Que é um **homem fantástico** porque ele era um fisiólogo⁵⁹ e era sanitarista, também, e de repente, com essas pessoas eu via o seguinte: **que se pode pensar na conjuntura de saúde como um todo.** (PERGUNTAR NÃO OFENDE, *s. d.* Transcrição e grifos nossos).

Em *História do conceito de saúde* (SCLIAR, 2007), o autor destaca, ao fim do artigo científico, mais sobre sua concepção de saúde:

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja: saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar, da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças. Aquilo que é considerado doença varia muito. (SCLIAR, 2007, p. 30).

Disso apreendo que se o conceito de saúde e de doença dependem de valores individuais e variam muito, o mesmo pode ser afirmado do conceito de cura, atrelado a tais valores. A contribuição do conceito de cura a partir da psicanálise⁶⁰, à nossa pesquisa consiste em seu compromisso com a transformação do sujeito e no sentido de que enquanto experiência

⁵⁹ A Pneumologia e Tisiologia é a especialidade médica responsável pelo tratamento das patologias das vias aéreas inferiores, incluindo traqueia, brônquios, pulmões e estruturas relacionadas. Dessa forma, o profissional que escolher se especializar nesta área será responsável por diagnosticar doenças como: asma, tuberculose, bronquite, rinite, pneumonia, malformações pulmonares, distúrbios de sono, dentre outras. (FG VIRTUAL, *s. d.*).

⁶⁰ “Psicanálise: separação ou resolução da psique em seus elementos constituintes. O termo tem dois significados separados: 1. um procedimento criado por Sigmund Freud para a investigação dos processos mentais através da livre associação, interpretação de sonhos e interpretação das manifestações da resistência e transferência; e 2. uma teoria psicológica desenvolvida por Freud a partir de sua experiência clínica com pacientes histéricas”. (CAMPBELL, 1996. Tradução livre nossa).

individual seja universal e, mesmo assim, única, singular e “não idêntica a nada” (NEVES, 2020, p. 21):

o compromisso da cura é com a transformação, isto é, com um processo de saída indeterminado por definição. Não sabemos, antecipadamente, o que será, ao final do tratamento, a experiência de cura para um sujeito. Com efeito, essa noção antipredicativa de cura implica no rompimento com toda abordagem que privilegie o bem-estar e a eficácia adaptativa como objetivos do tratamento. A direção do tratamento não se equaciona pela busca da elevação do humor, pela noite bem dormida ou pela diminuição da ansiedade, mas pela busca do que inconscientemente determina uma alteração afetiva, uma insônia ou uma crise de ansiedade. (NEVES, 2020, p. 21).

Nesse sentido, é possível que todas as ansiedades tantas vezes expressas pela vasta obra de Scliar fossem sinais de cura e não de algo a ser curado.

Confissão – esclarecimento – ação – transformação. Pode ser assim sintetizado o trajeto, o processo de “cura” para a psicanálise. É a partir do relato, da verbalização, enfim, da expressão de emoções (confissão) que se estabelecem as condições para novas percepções (esclarecimento) sobre elas, que antes estavam encobertas ou disfarçadas. Assim, o indivíduo mobiliza (ação) a sua energia psíquica para esforços e riscos conscientes diferentes dos anteriores e, em meio às crises e aos confrontos gerados pelo próprio processo de “cura”, otimizar o diálogo, o contato entre o consciente e o inconsciente (guardadas as limitações).

Por outro lado, o conceito de cura, do ponto de vista da teoria de Carl Gustav Jung, ganha força em minha tese no sentido da afirmação “Só aquilo que somos realmente tem o poder de nos *curar*” (JUNG, 2011, § 258). Isso tem profunda e intensa relação com a importância da autobiografia como elemento constituinte da tríade principal de elementos da minha tese: Scliar autobiografia e cura. Nesse contexto, trago o comentário da pesquisadora e amiga de Scliar, Regina Zilberman:

O Moacyr não foi o primeiro escritor judeu da literatura brasileira. Não foi. A própria Clarice [Lispector] veio antes. Mas o Moacyr eu acho que **foi o primeiro em escala nacional com uma obra de** boa repercussão, boa, **grande repercussão que desde o início se apresentou como escritor judeu**. A Clarice custou. Eu acho que ele nunca assumiu. Eu entendo, a gente entende porque isso aconteceu, mas ela não assumiu, vamos dizer assim, a sua identidade judaica. Muita gente se surpreendeu [quando ela morreu] que ela era judia. Outros muito importantes, antes dele, não tiveram muita repercussão. A própria irmã da Clarice, Eliza Lispector, também excelente romancista, contista, cronista, mas [...] teve uma circulação muito restrita [...] depois que ela faleceu, inclusive se apagou ainda mais o nome dela. Então, **no Moacyr nós vamos ter: a identidade judaica e uma repercussão nacional**. Desde os anos 70. **Desde os primeiros livros**, o Moacyr sempre teve uma receptividade muito grande. Então **ele vai representar um outro patamar da literatura escrita por judeus no Brasil**. E isso vai motivar muitos escritores e escritoras de origem judaica a mostrarem a cara [isso deu mais segurança e consistência]. (RETRATOS, 2021, 49min05s. Transcrição e grifos nossos).

Atributos de cura são transpostos ao estudo da literatura pela via da confissão que emerge nas autobiografias declaradas e não declaradas. As descobertas recentes sobre a aplicação da cura aos estudos literários postulam:

No premiado livro *Literacura: psicanálise como forma literária*, Fernanda Sofio apresenta que a ideia de cura no contexto da *literacura*, “compreende a emersão das possíveis representações do sujeito, dentro dos limites delimitados pelo desejo” (SOFIO, 2015, p. 71). A autora apresenta ensaios a partir de processos de experimentação na clínica, em que sujeitos se sentem enovelados e, através das palavras faladas e elaboradas, se sentem mais soltos e podem criar suas próprias histórias. “A magia funciona na gênese da doença” (SCLIAR, 1996a, p. 15). Imagem, magia, imaginação... Posso inferir que, se funcionam “na gênese da doença”, funcionam também, na gênese da cura e que desejo implica uma força criativa, uma determinação em elaborar e em expressar uma estética que explicita o escondido, o mascarado, ou o que esteja inconsciente.

Scliar fez muita psicanálise e muita literatura. Relaciono a tudo isso, os comentários sobre Cortázar, biografia e expressão da angústia em “Casa tomada de Julio Cortazar”, capítulo desenvolvido pelo mestre em psiquiatria pela UFSC, Géder Grohs. Ele analisa o enfoque psicossocial de Cortázar para defender que

[...] o conto [*Casa tomada*] foi uma transcrição quase literal de um pesadelo que o havia despertado certa noite. Um pesadelo em que ele, Cortázar, estava em uma casa e que, sem saber como nem por que, era progressivamente acuado por algo atemorizante (não lhe ficava claro o que seria). [...] Cortázar fez a ressalva de que, apesar de não haver tido a intenção de aludir a um determinado fato em particular, isso não excluía a ideia de que seu inconsciente pudesse ter-se manifestado por meio de alguma dissimulada simbologia [...] O conto é narrado em primeira pessoa: a do personagem masculino. [...] poderíamos imaginar que relações poderiam existir entre o autor e personagem, e entre biografia e enredo. (GROHS, 2014, p. 54-55).

Mas há um ponto nessa análise, que ligamos de forma crucial à identidade de escritor de Moacyr Scliar e que diz respeito ao fantástico, já que Scliar é um dos principais representantes desse tipo de literatura na América Latina. Grohs, analisa que:

Em alguns casos, o fantástico está relacionado a eventos, fatos ou sentimentos que outrora nos foram familiares, mas que deixaram de sê-lo: a estranheza provocada por **um passado reprimido**, que agora nos ronda de forma espectral apenas, mas que pode irromper a qualquer momento, gerando **medos e angústias**. (GROHS, 2014, p. 55. Grifos nossos).

Essa transposição também é comprovada em *A Literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma* (GALLIAN, 2017). O pesquisador explica que foi recolhendo escritos de experiências e anotando em um “caderno de campo”, ao longo dos anos, os relatos de histórias

de pessoas que tiveram os efeitos da literatura como remédio, no decorrer do trabalho no Laboratório de Leitura (LabLei). O trabalho foi desenvolvido com a realização de entrevistas através da metodologia da História Oral de vida, como meio de pesquisa qualitativa que, de acordo com Dante Gallian,

[...] consiste em gravar um relato autobiográfico do entrevistado, norteado por perguntas de corte relacionadas com o tema de interesse do projeto, e que depois é transcrita e transcritada) transposta do código oral para o escrito), a fim de ser usada como fonte de análise. (GALLIAN, 2017, p. 28).

“Literatura como tratamento” é tema de crônica de Scliar em *Território da emoção: crônicas de medicina e saúde* – coletânea organizada por Regina Zilberman. Nela, Scliar afirma que **Literatura serve** “também **para curar** ou, ao menos, para **minorar o sofrimento** das pessoas” (SCLIAR, 2013a, p. 28. Grifos nossos). Ele argumenta que a Poesia tem sido trabalhada por biblioterapeutas no tratamento de situações patológicas, nos Estados Unidos, desde 1981, na Associação Nacional para a Terapia pela Poesia, assim: “O método é relativamente simples: ele seleciona um poema, um conto, um trecho de romance que é lido para a pessoa. A resposta emocional desta é então discutida” (SCLIAR, 2013a, p. 28).

Um prolongamento disso pode ser aplicado a autobiografias. No contexto do autocuidado médico, por exemplo, trechos de autobiografias de médicos podem ser lidas, comentadas e debatidas. Scliar também comenta que “**respostas emocionais a textos** podem ser **muito intensas**. Exemplo eloquente é a onda de suicídios na Europa, após a publicação de “Werther, de Goethe, cujo jovem personagem se suicida” (SCLIAR, 2013a, p. 28. Grifos nossos). Isso é muito revelador à minha análise no sentido de que se as respostas a textos chegam ao extremo do suicídio, podem chegar ao máximo da promoção da vida e da cura, do cuidado, para Scliar. O escritor-médico explica que

O mecanismo básico que aí funciona é o **da identificação**, algo que começa muito cedo. Bruno Bettelheim mostrou que os contos de fadas exercem um papel importante **na formação do psiquismo** infantil, não apenas **fornecendo modelos** com os quais a criança **pode se identificar**, como também **promovendo uma válvula de escape para tensões emocionais**. (SCLIAR, 2013a, p. 29. Grifos nossos).

Então, dito de outra forma, para o autor, os contos de fadas, oferecem modelos de identificação e promovem uma via de liberação das tensões emocionais, exercendo papel vital na formação do psiquismo infantil. Quanto à idade adulta, Scliar argumenta que uma prova de que as pessoas acreditam na literatura como guia para a saúde e a cura é a proliferação de obras de autoajuda. Mas, o mais importante é comentado a seguir: “Por último, mas não menos interessante, a literatura é importante como fator de estabilidade emocional aos próprios

escritores”. Esse “por último” indica um acesso ao mais profundo na memória do autor, entre tudo que foi dito por ele na crônica médica aqui citada. Na mesma crônica, Scliar, revela ainda mais após o “por último”:

Kay Redfield Jamison, professora de psiquiatria na Universidade Johns Hopkins, estudou a vida de numerosos poetas e escritores, concluindo que há ‘uma convincente associação, para não dizer real superposição’ entre temperamento artístico e distúrbio emocional ou mental (doença bipolar **no caso**). Nessas condições, escrever pode ser uma forma de descarregar a angústia e de colocar ao (menos no papel) ordem no caos do mundo interno. Porque a palavra é um instrumento terapêutico, é o grande instrumento da psicanálise. E a palavra escrita tem a respeitabilidade, a aura mística que cerca os textos fundadores de nossa cultura, como é o caso da Bíblia. Kafka dizia que era um absurdo trocar a vida pela escrita. Mas ele também reconhecia que sua própria vida era absurda e, nesse sentido, estava optando por uma alternativa potencial para redimi-lo (SCLIAR, 2013a, p. 29-30).

No caso de quem? Scliar estaria fazendo emergir uma confissão sobre si? Sobre a estabilidade emocional, identifiquei em *Eu vos abraço milhões* (2010), último livro do autor, que não estava na amostra que defini ao *corpus* desta tese, mas que se revelou essencial à confirmação da minha hipótese de pesquisa.

- 1) O livro foi publicado quando ele estava com setenta e três (73) anos, em que o personagem protagonista, também idoso, Valdo, revela componentes autobiográfico da obra: “Deixa-me contar algo de minha vida. Velhos gostam disso, de falar sobre o passado, principalmente quando, no meu caso, há muito a dizer sobre esse passado, e quando existe alguém como tu, interessado no que contamos” (SCLIAR, 2010a, p. 14).
- 2) Outro elemento que coincide entre a vida do personagem e a vida do autor, é a atitude controladora dos pais. Mas a estabilidade emocional do personagem que tem relação com a História de Identidade (LEJEUNE, 2008) de Scliar fica demarcada no fato – que também é elemento de conclusão da minha tese pois confirma minha hipótese – de que Valdo produz uma carta autobiográfica, buscando reconstruir a própria identidade pela escrita de si. Nela, a cura está relacionada à escrita pois sua produção (da carta autobiográfica) se constitui numa válvula de escape às dores e sofrimentos que o afligem: “Poderia ser mais feliz, se não tivesse essas dores pelo corpo, se escutasse melhor, se enxergasse melhor... se urinasse melhor já seria uma coisa muito boa” (SCLIAR, 2010a, p. 10).

Para Scliar, se me conhecer mais e melhor, serei cuidado mais adequadamente. Não é qualquer presença ao pé do leito, é a presença empática, atenta, desejosa de cura. De modo semelhante, não é qualquer escritor produzindo qualquer autobiografia. Mas um escritor médico

de Saúde Pública, empático, para quem cuidar de outros é também forma de se cuidar e, para quem, o cuidar de si, tem uma dimensão que impacta o social e aos outros, por exemplo, pela via da publicação literária sobre si.

A Projeção, na psicanálise é elemento essencial da cura e significa que “o sujeito deposita sobre outro o que desconhece de si e atribui a uma alteridade externa (ONS, 2018, p. 261). Assim, a produção de Literatura, a criação de personagens e de ficção foram recursos projetivos ao autor. Ser escritor de literatura, para Scliar, constituiu recurso para sublimar – lembremos das palavras dele sobre a culpa

Nosso problema era com nossos pais e nossas mães, principalmente nossas mães, grandes geradoras de conflitos edipianos. Dos conflitos nascia a culpa, era a culpa que nos movia – uma versão diferente, mas não menos **compulsiva**, da culpa original que acompanhava o povo judeu desde as suas origens. Num dos tratamentos que comecei – e comecei vários-, o psicanalista me disse, logo na primeira sessão: ‘Tu estás falando da culpa que sentes. E provavelmente não tens culpa de nada’. (SCLIAR, 2017c, p. 53-54).

Daqueles quatro elementos do processo de cura para a psicanálise, relacionando-os à autobiografia de Scliar, inferimos que elemento principal de cura na narrativa é o mesmo que na vida: a transformação. Diferentemente da descrição, da anatomia estáticas, narrativas pulsam e se transformam, impactando quem as escreve e as lê pela via simbólica, dos sentidos, da imaginação.

Além disso, na narração o ponto de vista é mais ancorado no personagem (que é interno) e, então, deste para uma dinâmica no interior do próprio texto. Na descrição parece ser uma observação mais do narrador e de fora do texto. A cura para Scliar, através da autobiografia pode bem ser representada por uma roda, como a proposta por Willemart que, além de estar em movimento está em interação e, por isso, em transformação. A leitura, o estudo, a medicina, a Saúde Pública, a lembrança forjada pelo ouvir histórias bem contadas (emoções de fazer parte, de identidade, de integração, de liberação, de transmissão de legados), a sensibilidade, são elementos de cura que circulam ao redor do núcleo Moacyr Jaime Scliar, participando da sua escrita autobiográfica. Fosse outro autor que tivesse a vida entregue à desistência de lutar por saúde, ou repleta de intenções de adoecimento a prevalecerem, pouco importaria se fosse uma autobiografia. Então, a cura somente está atrelada à autobiografia, porque também está na vida de quem a escreveu.

Relaciono isso à “Roda da escritura agindo em cada rasura”, de Willemart (2021, p. 516), que comentei no segundo capítulo, “O eu que (se) escreve”, já que “observa – escreve –

invoca – relê/rasura – confirma” é sequência que se assemelha a “confissão – esclarecimento – ação – transformação”.

O texto escrito muda quem o escreve. O autor se torna escritor e o escrito se torna autor. Isso pode ser pensado como um tipo de rasura que não está nos manuscritos, mas na própria subjetividade, que se faz pela interação com o texto escrito.

O autor é quem determina definitivamente que o texto estaria acabado, concluído para ir à publicação e à leitura do público. E o faz recorrendo a uma série de edições, restrições, adequações e apagamentos, portanto, geralmente após um longo e trabalhoso percurso produtivo e reflexivo sobre o texto. Isso tudo se constitui (pela ação do autor) num outro tipo de máscara colocada pelo autor no escritor. Por outro lado, as escolhas do que excluir e do que mudar no texto, também revelam o perfil do autor. Porém, apesar de o texto escrito mudar quem o escreve, nem sempre há a necessidade de se transformar, nem sempre à submissão a esse apelo de ter que ser sempre uma pessoa melhor (e o que seria isso?). Por vezes, a confirmação toma o lugar da transformação que “deveria haver” em se tornar algo diferente, para conquistar lugar ao transformar-se em si, no sentido de se reconhecer. Aqui temos um importante ponto de contato com a autobiografia. Seja ela travestida de ficção autobiográfica ou não.

Nesse contexto, sobre o significado de Cura para Scliar, o Quadro 4 apresenta a transcrição de um trecho do *Debate Scliar: o médico, o escritor e o humanista* (DEBATE, 2021).

QUADRO 4 – Significados de cura para Scliar, na observação de amigos do escritor-médico

TÚLIO MILLMAN (45min33s): “A Helena Fernandes faz uma observação aqui: ‘Por gentileza, para o momento das perguntas: Os convidados sabem qual era o sentido o significado de Cura para Moacyr Scliar? O que era Cura para ele? Qual o conceito principal ou os conceitos de Cura? Ele comentou algo sobre isso? Ele teria se tornado escritor para curar algo? Obrigada por este encontro. Viva Scliar”.

GERMANO BONOW (46min36s): “Helena, eu vou ser extremamente objetivo. Deixo para os meus colegas fazerem um complemento. Em um livro dele, ele diz que **Cura significa Cuidado**”.

GABRIEL OLIVEN (46min52s): “Eu acrescentaria uma segunda observação, que, tão importante quanto a Cura, é a empatia que o médico tenha pelo paciente no atendimento. Quer dizer, para chegar à Cura, o médico precisa se colocar um pouco na posição do paciente, ou seja, ouvir com atenção. E tratar mais do que apenas como se estivesse tratando a doença. Não, ele tem que tratar “o” paciente. Então, esse diálogo, essa relação, médico-paciente, para o Moacyr é tão importante quanto a Cura propriamente dita. **Ele acredita que isso é um processo que o médico precisa desenvolver ao longo da carreira, essa empatia, esse... essa visão humanista, para poder realmente atingir a Cura.** É uma das coisas que ele falava, inclusive, é que ele criticava colegas que numa consulta ficavam ouvindo o paciente, anotando as informações sem olhar olho-no-olho. Essa é uma coisa que para ele era fundamental: **esse olhar, essa troca para o Moacyr era um componente fundamental do tratamento e, também, da Cura**”.

FLÁVIO KANTER (48min07s): “Ele publicou num artigo em 23 de janeiro de 2010 chamado *Medicina e ficção*, onde ele tem uma frase que eu separei que diz: ‘Difícil é tratar a doença. Difícil é cuidar do paciente. **Ao fim e ao cabo a medicina é isto: uma relação pessoal especial entre pessoas**’. Que é isso que o Gabriel está dizendo”.

J. J. CAMARGO (48min31s): “Eu tive uma experiência interessante com ele a respeito de transplante. Porque ele dizia o seguinte: o transplante transforma um paciente de uma doença em paciente da medicação. Mas o que significa isso para o paciente? Isso é Cura? Não. Isso é uma forma de se sentir protegido pelo médico. E que o médico verdadeiro é o que transforma a doença em cuidado. Isso. Proteger. Então, **o atendimento médico com a visão de Cura é, antes de tudo, proteção. E se o paciente se sentir protegido ele está a caminho da ‘Cura**’. Eu acho essa distinção muito importante”.

FLÁVIO KANTER (49min18s): “Ele contava, quando ele teve aquele acidente, que ele esteve baixado no Pavilhão Pereira Filho, aos cuidados do Camargo, que quando ele estava acordando da fase de muita sedação e um trauma de tórax severo, do bem-estar que ele tinha ao ver o Camargo aos pés do leito dele. Não precisava nada. Precisava **aquela presença, o efeito tranquilizador que ele sentia quando via o seu médico ali, olhando para ele, atento [...]**”.

Fonte: *Debate* (2021)⁶¹. Transcrito e elaborado por mim, com grifos meus.

Em *Nos calcanhares de Esaú: diário de um comedor de lentilhas*, de Moacyr Scliar, Kênia Maria de Almeida Pereira analisa que na escrita ficcional do autor sobre a história milenar, bíblica, de Esaú e Jacó, o personagem Esaú, é “liberto das amarras sociais, sente-se livre para escrever e purgar pela escrita suas queixas” (PEREIRA, 2019, p. 116). Isso vai ao encontro do que supúnhamos ao início dos nossos estudos, de que Scliar escreve para estabelecer um espaço de liberdade e de cura. Mas, ainda, sobre a medicina como espaço de cura de si para o autor:

Há uma coisa curiosa na faculdade de medicina que se chama ‘Síndrome do terceiro ano’. Quando o estudante de medicina entra no terceiro ano e ele descobre as doenças, ele adoce de tudo o que ele vê. Eu passei por essa fase, e depois que eu passei por essa fase, eu estava curado de toda a hipocondria. (PERGUNTAR NÃO OFENDE, *s. d.*, 5min 20s. Transcrição minha).

Entretanto, foi necessário recorrer à escrita literária para elaborar a angústia que permaneceu, como evidencio a seguir.

3.3 ANGÚSTIAS EMERSAS EM CRÔNICAS MÉDICAS

Outro exemplo de que as Literatura e Medicina se beneficiam, diz respeito a literatura como recurso para amenizar a angústia médica⁶². Assim, para contribuir à compreensão das

⁶¹ Mediado por Túlio Milman e com introdução de Gabriel Oliven, os médicos Flávio Kanter, Germano Bonow e J.J. Camargo debatem entre si e interagem com o público sobre o legado de Moacyr Scliar na Saúde Pública.

⁶² Este foi o tema do artigo *Angústia em crônicas médicas de Moacyr Scliar: uma abordagem hermenêutica da literatura à saúde*, apresentado em dezembro de 2020, como requisito à primeira qualificação de tese do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, sob orientação do professor Dr. Miguel Rettenmaier da Silva. Alguns trechos deste artigo foram selecionados e atualizados para inclusão neste capítulo da tese.

funções da literatura na promoção da saúde médica, nesse momento, são analisadas as relações de sentido sobre angústia em três crônicas médicas de Scliar: *Aprendendo a conviver com a morte* (2010), *Batalha final* (2000) e *O medo alavancado pela imaginação* (2001)⁶³.

Conforme expliquei, o meu interesse nesta pesquisa é compreender, também, como é esse recorrer à ficção, para Scliar, de que formas ele se valeu da escrita literária para amenizar a angústia. A etimologia de “Angústia” está ligada ao latim: *Angere* (contorcer-se) e *Angustus* (sem saída, sem ar, apertado, oprimido, constrangido) e ao grego *Angor* (estreitamento e afogamento)⁶⁴. *Angst* é um termo alemão considerado como “Angústia” em traduções para a Língua Portuguesa, mas dá conta de significações que vão desde “medo” até “pânico”. Na língua alemã não há equivalentes para “Angústia” nem para “Ansiedade”. É o que afirma Christiane Whitaker na tese de doutorado *Pânico, a fenomenologia da angústia: um estudo sobre a angústia em Freud e Lacan* (WHITAKER, 2001, p. 40). De volta à Scliar, ele apresenta um importante comentário, a partir do qual, inferirei sobre autobiografia:

Individualidade e autonomia são, por definição, **ansiogênicas**. Se queremos avançar, progredir, temos, como o anjo de Klee, de suportar a ventania que ameaça desfazer nossas frágeis asas. Ou seja: precisamos manejar a **ansiedade**. [...] mas é do equilíbrio entre o indivíduo e o coletivo, entre o eu e o outro, que depende nossa estabilidade. Podemos não ser felizes, mas pelo menos atingiremos a tranquilidade, que é, como disse Freud, a coisa mais próxima da felicidade disponível na condição humana. (SCLIAR, 2005, p. 167. Grifos nossos).

Isso se relaciona à autobiografia, que é algo individual. Suponho que a escrita ficcional para Scliar, reduziria a ansiedade pois permite multiplicar o “Eu” do escritor, em personagens pela liberdade atrelada à criatividade artística e estética inerente à escrita ficcional. Para Scliar, essa escrita de si é constituída como uma miragem em que o autor mescla e refrata aspectos reais e imaginados de si e, mais, para ele é a vida dele que está em sua literatura. Novamente, trago um pequeno trecho do texto “Aprendi”, comentado no capítulo anterior, para avançar na análise:

Quando um texto não é bom, ele não é bom – ponto. Por causa da autocomiseração (é **a nossa vida que está ali!**) temos a tentação de preservá-lo, esperando que, de forma misteriosa, melhore por si. Ilusão. É preciso ter a coragem de se desfazer (SCLIAR *apud* LOTTI, 2011. Grifo meu).

⁶³ Essas crônicas estão no livro *Território da emoção* (SCLIAR, 2013a), escolhido: 1) pela legitimidade científica da sua organizadora, Dra. Regina Zilbermann, que pesquisa sobre a vida e a obra dele e possui um pós-doutorado no exterior, na área de Letras/Linguística e Artes, e outro em Literatura e 2) pelos títulos das crônicas constantes no sumário de *Território da emoção* remeterem mais ao assunto angústia do que em comparação aos sumários dos outros livros de crônicas médicas de Scliar: *O olhar médico* (2005) e *A nossa frágil condição humana* (2017a).

⁶⁴ Compilado de diversos sites sobre etimologia.

Scliar usa, em toda a sua obra literária, diversos termos: angústia, ansiedade, medo, pânico e derivados, por exemplo: ansiogênica. Quanto ao uso do termo pela psicanálise, não é o propósito da presente pesquisa analisar, detalhadamente, a diversificada e complexa trama de significados para “Angústia” em seus diferentes autores. Importa, aqui, o conceito de angústia para Freud. Ele postulou que *angst* (ansiedade, angústia) é a reação ao perigo (FREUD, 2005, p. 88). “A análise dos estados de ansiedade, portanto, revela a existência de (1) um caráter específico de desprazer, (2) atos de descarga e (3) percepções desses atos” (FREUD, 2005, p. 78). A esse respeito, Pisetta (2008, p. 405) comenta que

[...] a teoria da angústia em Freud em dois momentos principais: em 1916-1917, teorizada como um afeto que incide posteriormente em relação ao recalque, como um produto deste último, e, num segundo momento, a partir de 1926, quando ela é considerada um afeto anterior e causador do recalque. Nesse segundo momento, portanto, ela é um indício de que o princípio regulador do aparelho psíquico, que quer a obtenção de prazer e a evitação de desprazer, falhou em sua ação. Ela é, pois, um anúncio da falência do princípio de prazer-desprazer, já que é percebida essencialmente como desprazerosa.

Supomos que a angústia possa estar situada tanto antes quanto depois do recalque. Haveria motivo para a desconsideração de que possa se manifestar das duas formas? Pisetta (2008, p. 407) consegue considerar o para dentro e o para fora:

Enquanto ‘moeda universal’, é a angústia um afeto que fala tanto de ‘dentro’ quanto de ‘fora’ a partir do prisma do eu. ‘De dentro’, ela acusa a castração, pelo processo de recalque, e, ‘de fora’, relaciona-se aos objetos, nesse momento da teoria, e é trocada por raiva, temor ou qualquer outra tonalidade que melhor se associe a determinado objeto. Se ‘de dentro’ ela nos fala da castração, é porque evidencia, já na primeira tópica, algo de inaceitável na consciência. Essa balança entre o que é interno e o que é externo denota que a angústia demarca um limite, sendo ainda a própria expressão desse limite.

A leitura pode servir à compreensão da própria angústia. Freud considerou a interface da psicanálise com outras áreas, por exemplo, com a literatura, como referem Pollo e Chiabi (2013, p. 148): “Freud nunca deixou de reconhecer que a psicanálise poderia se beneficiar de suas conexões com outros campos de saber, porém ressaltou, em particular, a literatura, a poesia e os estudos filosóficos e antropológicos”. Ainda, para as autoras, Freud, na versão mais recente (1926) de sua formulação do conceito, define a angústia como

[...] um “sinal de perigo no eu”, espécie de alerta contra a repetição de uma situação traumática. Ele chega mesmo a fazer uma analogia da angústia com a vacina médica, propondo que a liberação de uma pequena dose de angústia impede a liberação descontrolada da mesma. Em outros termos, sua experiência clínica lhe sugere a existência de uma angústia a ser dita, paradoxalmente, benéfica. (POLLO; CHIABI, 2013, p. 144).

Para Lacan (2005), o amor pode ser indicado para tratar angústia e somente existe amor por um nome. Em síntese, para ele (LACAN, 2005, p. 366) “só há superação da angústia quando o Outro é nomeado”. Atribuir autoria é nomear, tornar-se autor é nomear-se, escrever autobiografia é nomear a própria vida. E, se nomear o outro é o que permite superar a angústia (LACAN, 2005), então, nomear a si como um outro poderia ser um entendimento do que seja autobiografia. Afinal, o escritor pode ser entendido como um outro do autor, conforme postulado por Willemart, por exemplo. Mas, de volta à angústia para Lacan, Lustoza explica:

A angústia ocorre quando desaparecem as coordenadas simbólicas que possibilitavam ao sujeito situar-se, apreender-se como algo cuja existência pode ser testemunhada por um ponto de vista qualquer. É como se o sujeito estivesse dentro do campo visual do Outro, sem que saiba de que ponto de vista é olhado. O olhar vazio e fixo de um morto ilustra esse Outro irrepresentável: a perspectiva do Outro se opacifica, e essa impossibilidade de representar o Outro será vivida, conseqüentemente, como uma abolição de si mesmo. É como se a estrutura da doação retroativa de sentido operada pelo Outro ficasse momentaneamente interrompida, como se fôssemos objeto de um olhar que não retorna para nós qualquer mensagem, acarretando, por conseguinte, o desaparecimento do sujeito enquanto entidade simbólica. O problema é que na angústia ocorre uma modificação do papel desempenhado pelo Outro, de tal forma que, enquanto o Outro simbólico seria incompleto, o Outro real seria inconsistente. A inconsistência aparece quando o Outro se apresenta como contraditório, incoerente, paradoxal. (LUSTOZA, 2006, p. 55-56).

Sobre o gênero escolhido por Scliar para expressar mais explicitamente angústias médicas acerca da morte, observo que há um extenso debate sobre a definição de crônica. Ferreira (2005, p. 132) propõe:

Para nós, a crônica é um gênero de texto em prosa cuja função social e/ou comunicativa é fazer refletir através da análise ou do relato de episódios, subjetivamente, por intermédio de um autor-narrador, que procurará fazer acontecer essa análise na mediação entre o cognitivo e o sensível do leitor. Para tanto, esse autor-narrador se utilizará de categorias da superestrutura dissertativa ou narrativa, respectivamente.

Silva Júnior (2013, p. 156) destaca que a crônica traz “na miudeza, o universal. Como se, na minúscula gota, a multiplicidade do oceano. Tal seria o destino da crônica moderna: concentrar, em seu pequeno ‘universo’ de termos, tempos e ideias, significados vastos, da ética à poética”. Para dimensionar parte da importância de Scliar cronista, ressalto que ele “[...] publicou mais de cinco mil crônicas” (GLOBONEWS, 2017). No *site* oficial do escritor, suas crônicas estão na coluna “Mídia” – que também elenca: fotos, vídeos, entrevistas, textos, *clippings* e o acervo Delfos Digital. Para Scliar, o gênero mais descontraído (acalmar ansiedade), e que se compara a uma conversa de bar é a crônica. Mas há mais sobre isso revelado no vídeo em que Scliar fala no lançamento de *Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida* em Minas Gerais:

[...] eu tinha um grande contador de histórias na minha casa, que era o meu pai. Meu pai é um homem desses que é um narrador nato. E não só na infância. Durante muitos e muitos anos, eu continuei ouvindo as histórias do meu pai. Durante muitos anos, o meu programa aos domingos lá em Porto Alegre, era ir num bar – que ficava, exatamente, no Bairro do Bom Fim, onde o meu pai, ia de manhã, sentava numa mesa [sic], pedia um café – ele também tomava chimarrão, mas lá era só café – e ficava aguardando porque as pessoas iam chegando para ouvir as histórias que ele tinha para contar. Ele era desses narradores que fascinam os seus ouvintes com as histórias. Então, eu tinha essa escola a domicílio, esse exemplo de como a narrativa pode encantar. [...] Agora, vocês completam isso com uma mãe [...] que aplaude tudo o que esse filho escreve, então vocês veem como é que nasce um escritor. (SEMPRE UM PAPO, 2007, 11min49s. Transcrição nossa).

A crônica é um dos gêneros mais efêmeros, mas os gêneros são ressignificados pelos leitores e, para Scliar, é muito provável que a crônica tenha tido maior intensidade emocional e importância, justamente por essa lembrança de olhar o pai satisfeito, realizado e reconhecido como contador de histórias num bar, que muito frequentavam. Na mesma linha de raciocínio, parece que o gênero autobiográfico declarado por Scliar indica mais uma formalidade a cumprir, juntando trechos (mais de contos) de diversos gêneros que produziu e comentando sua situação de produção do que se colocar ali, colocar seus sentidos como ser, ali – o que entendo, fez mais livremente nas autobiografias não declaradas. Pode ser que ele tenha colocado muito dele na crônica, também, mesmo sendo um gênero vizinho, aproximado ao jornalístico, à notícia, por ser uma forma de se aproximar, de se fazer ver pelo pai, identificar-se com ele.

Avanço na análise do assunto, retomando um pequeno trecho do texto em que Scliar apresenta suas percepções sobre ser escritor:

[...] APRENDI que, para um escritor, frio na barriga ou pelos do braço arrepiados são um bom sinal: um livro vem vindo aí. [...] que aeroportos e bares são grandes lugares para se escrever. O bar, por *razões óbvias*; [...] Nada como uma existência provisória para despertar a inspiração literária (SCLIAR *apud* LOTTI, 2011. Grifo meu).

A “existência provisória” que o autor refere estar nos aeroportos, remete ao medo da morte, que o impulsiona a escrever. Mas, quais seriam essas “razões óbvias”? Isso tem algo a ver com angústia, para Scliar? Lembrar que ele mencionou “bar” quando conceituou crônicas:

A minha teoria é de que a crônica é a transcrição, para a página do jornal, da conversa de bar. E nisso o brasileiro realmente é especialista. Essa coisa de sentar e ficar batendo papo é uma coisa que é do temperamento do brasileiro. E a crônica é a forma literária dessa conversa informal. Por isso que é, assim, um gênero eminentemente brasileiro. Pode ter coisas similares noutros países ou não, mas não será a crônica como é no Brasil e, por isso, que ela é tão popular entre os nossos leitores. Além do quê, é uma coisa que remete ao cotidiano. Com um tom poético, uma conotação literária e realmente consegue aglutinar a atualidade – que é uma exigência do jornal com a forma literária. (JOGO DE IDEIAS, 2004, 6min3s. Transcrição nossa).

Outra possibilidade de resposta sobre quais seriam as “razões óbvias” que tornam os bares, grandes lugares para a escrita é o fato de que as pessoas costumam se descontraírem e conversar mais, geralmente, mais desinibidas por diversos fatores, entre eles, o consumo de álcool e, com isso, as máscaras, as personas, seriam deixadas de lado, em alguma medida, e aspectos inusitados e mais espontâneos se revelariam. Talvez a crônica seja um dos gêneros preferidos de Scliar, porque coincide com a simplicidade, a não-pompa característica de uma das facetas do escritor, conforme relato do cunhado e amigo, Ruben George Oliven, por ocasião de imersão na exposição “Moacyr Scliar, o Centauro do Bom fim”:

Foi muito bonito acompanhar de perto sua trajetória pessoal e profissional e ver como ele mantinha o mesmo jeito simples, apesar da notoriedade que foi adquirindo. Quando Moacyr começou a escrever novelas, elas jorravam em uma velocidade impressionante. Ele escrevia em qualquer lugar. A família extensa estava na casa de praia em Atlântida e havia movimento e ruídos por todos os lugares e Moacyr escrevia como se estivesse sozinho em uma ilha, alheio ao que acontecia ao redor. Da mesma forma, ele nunca perdeu a simplicidade do menino do Bom Fim: tinha tempo para as numerosas demandas que recebia e atendia a todos do mesmo jeito acolhedor. [...] Ao percorrê-la [a exposição] pela primeira vez, tive a sensação de que Moacyr ia aparecer de uma hora para outra de trás de um painel e me dizer: ‘Não sei por que me estão prestando tantas homenagens. O que achas de a gente sair daqui e ir no cinema? Há um filme imperdível que precisamos ver e discutir depois’. (DEPOIMENTOS, 2014)⁶⁵.

O comentário do cunhado e amigo de Scliar, traz outro elemento importante à análise: a escrita que jorra, a necessidade de escrever em qualquer lugar e a qualquer momento, a confirmação da compulsão por escrever. Afinal, é emblemático, o escritor que em férias com a família, retira-se ao seu espaço de escrita e, ali fica como em uma ilha, acompanhado somente da sua imaginação. Por outro lado, muitas vezes, o que se chama de vocação à escrita é algo impulsionado pelo hábito leitor, como uma necessidade existencial. Isso trazido à compreensão dos sentidos da produção de crônicas médicas pelo autor, possibilita acesso a sinais de que a literatura serve ao alívio da angústia na prática médica, por exemplo.

Parte dessa análise consistiu em considerar palavras semelhantes à angústia, em significado, como “ansiedade”, “medo”, “pânico”, “pavor” *etc.* Após, elenco símbolos que Scliar relacionou a essas palavras, ou com possibilidades de associação por estarem na mesma crônica e/ou no mesmo contexto. Ainda, a leitura das crônicas foi inicialmente aberta aos sentidos sobre angústia no texto, seguida de interpretação. Para tanto: a) verifico fragmentos em que, de acordo com o postulado por Ricoeur (1986, p. 143), há ligação da “voz de um [autor]

⁶⁵ A exposição ocorreu no Santander Cultural em Porto Alegre, em 2014, apresentando um conjunto de manuscritos, fotos e representações audiovisuais dos personagens de Scliar.

ao ouvido do outro[(a) leitor(a)]”; e b) exploro “a pluralidade das ‘camadas de significação’ do texto”, por vezes, estabelecendo associações livres, ou relações de sentidos e de significados.

Crônica médica 1 – *Aprendendo a conviver com a morte* (2010): a relação emocional dos médicos com a morte é o tema central da crônica médica *Aprendendo a conviver com a morte*, em que Scliar comenta a experiência de estudante de medicina e de médico com cadáveres e com as demais objetividades da morte. Nela, o que poderia funcionar como ligação entre a voz do autor e a do(a) leitor(a), parece mais a voz do autor em “auto-psicanálise”, em busca do sentido da própria existência. Destarte, ele oferece perguntas e respostas, como autonomia do pensamento e do sentimento, mas oportunizando que a recepção se coloque na condição de analista: “Numa semana que teve em seu início o dia de finados, a pergunta que cabe é: como aprendem os médicos a conviver com a morte? De forma gradual, é a resposta. Coisa que constatei por experiência própria” (SCLIAR, 2013b, p. 111). Chama a atenção ao contexto da minha análise, o autor pensar que: “Algo, se não benéfico, pelo menos pragmático: à entrada do necrotério, bem poderia estar inscrita uma paráfrase de Dante: ‘Deixai de lado todas as emoções, ó vós que aqui entraís, e pensai exclusivamente no aprendizado da profissão’” (SCLIAR, 2013b, p. 111). Interpreto, inicialmente, perguntando: “Deixai de lado”, para o escritor? Deixai na literatura?”:

[...] A morte agora tinha penetrado em nossas vidas e delas não mais sairia.’ Na fase clínica do curso estagiávamos na Santa Casa, onde casos graves eram regra. Muitas vezes, chegávamos de manhã e víamos, sobre o leito. Cena tão eloquente quanto desanimadora. Como desanimador, apesar de instrutivo, era proceder à necropsia desses pacientes. **Obedecendo a uma necessidade interior, íamos construindo nossas defesas contra a angústia, resultantes do conhecimento técnico e científico, que condicionava** nosso modo de pensar, e até o de falar o jargão médico: ‘Ele fez um edema agudo de pulmão’. Ele fez: era o paciente que tinha feito o edema agudo de pulmão, o seu corpo. Desse corpo era a responsabilidade do óbito que aliás raramente presenciávamos. (SCLIAR, 2013b, p. 112. Grifo meu).

Aqui, estabeleço importante ligação com comentários que temos tecido nesta tese, acerca da necessidade de investigação das relações entre texto ensaístico, literário e texto médico científico, na perspectiva de Scliar. Observo que o autor atribui a construção de defesas em relação às emoções – nesse caso, a angústia – a um condicionamento do “modo de pensar” advindo por meio do, “resultantes do conhecimento técnico e científico”. Porém, estudar e pesquisar a vida de Scliar, implica reconhecer que o escritor-médico tinha perfil fortemente humanista, libertário e sensível. Assim, como oposição ao “desanimador”, buscou a escrita literária para “animar-se”. Isso lembra, uma de nossas notas de rodapé na introdução desta tese e que, aqui, sintetizo: “O escritor é veículo, meio, entre alma e texto. Para Jung: “O nome latino

animus, espírito, e *anima*, alma, têm o mesmo significado do grego *anemos*, vento. A outra palavra grega que designa o vento, *pneuma*, significa também, espírito” (JUNG, 1984, p. 358).

A mim, particularmente, o momento da verdade chegou quando eu já era residente em medicina interna. Uma noite atendemos, no Hospital São Francisco, uma mulher que havia sido internada por grave insuficiência renal. Seu estado era absolutamente *desesperador*, e ali estava o grupo de médicos lutando para salvar a pobre criatura. Esforço inútil porque, como previsto, a paciente acabou morrendo. Curvado sobre ela, presenciei o momento exato do óbito: o relaxamento da musculatura facial, uma súbita e impressionante palidez, e pronto, a vida a deixara, dissolvera-se nas trevas da noite lá fora. Minha reação foi um misto de horror, de perplexidade, de fascínio. Então era assim, num momento estamos vivos, e no momento seguinte estamos mortos? *O que queria dizer aquilo, não em termos de fisiopatologia, mas em termos de sentido da existência?* (SCLIAR, 2013b, p. 112-113. Grifo meu).

O trecho acima sinaliza para um padrão constatado nessa crônica, o autor perguntar na intencionalidade dele mesmo responder. Além disso, a angústia é como uma existência sem sentido, então, conseguir expressá-la, nomeá-la e atribuir sentidos a ela, é recurso para elaboração e alívio diante das emoções. “A mensagem é óbvia: a última palavra é a da Morte. Mas, enquanto ela não chega, a medicina tem muito a dizer. E pela voz da medicina fala o que tem de melhor, e de mais corajoso, o próprio ser humano” (SCLIAR, 2013b, p. 113). Aqui, são apresentadas morte com “m” maiúsculo e medicina com “m” minúsculo na mesma oração. Na crônica analisada a seguir, “Batalha final”, morte está com “m” minúsculo. Ainda, a morte com “m” maiúsculo está em uma crônica de 2010 e a com “m” minúsculo numa crônica de 2000.

Crônica médica 2 – *Batalha final* (2000): Nessa crônica, Scliar aborda as atitudes, emoções e pensamentos de socorristas diante da morte ou de sua possibilidade. Os trechos em que aparecem as perguntas, ou seja, que dariam margem a essa ligação entre a voz do autor com a dos(as) leitores(as), são os seguintes:

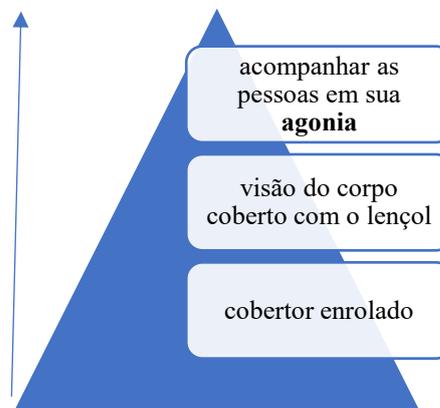
Como foi que isso aconteceu? Como perdemos esse homem, essa mulher, essa criança? O que fizemos de errado? Por que o organismo dele não respondeu à medicação como devia, *como os livros diziam que responderia?* Perguntas sem resposta. Na verdadeira guerra que a medicina e as profissões afins travam com a doença, há uma sucessão de batalhas. Mas a batalha final é ganha pela morte. Todo médico sabe disso. Nenhum médico aceita isso. Não por onipotência. Fala-se muito da onipotência médica, inclusive em ações judiciais, mas tenho dúvidas de que tal onipotência exista de fato. O que existe é provavelmente uma defesa contra a *ansiedade* despertada por nossas limitações e por nossa própria condição de mortais. (SCLIAR, 2013b, p. 59. Grifo meu).

Sobre a onipotência, ser autor, talvez, seja uma forma mais (auto)aceitável de ser onipotente. Afinal, ao criar seres, mundos e acontecimentos e/ ou transformá-los e/ou mesclá-los com realidades, cada autor é um tipo de pai e mãe num só, gerando e parindo multiplicidades e quantidades de vidas, que passam a ser vidas ganhas, não vidas perdidas. Ser autor de

personagens é ser autor de vidas, mesmo que ficcionais. Além disso, ser autor da sua vida em livro (autobiografia), talvez seja recurso para compensar perdas. Ser lido é fecundar.

Agregado ao padrão, já comentado, de perguntar e responder com autonomia, está a humildade da aceitação do que, por vezes, não se pode evitar. Essa impotência se relaciona à angústia enquanto expressão de uma castração, de um limite enquanto limita – conforme trouxe anteriormente, recorrendo às explicações de Pisetta (2008) sobre angústia para Freud. Sobre esta frase de Scliar (2008, p. 59, grifo meu) – “[...] terrível mesmo era acompanhar as pessoas em sua **agonia**” – elaboro a Figura 2, pois importa à minha análise demarcar esta gradação que vai do “menos pior” ao “mais pior”:

FIGURA 2 – Progressão da angústia, para Scliar, diante da perda de pacientes à Morte



Fonte: Elaborada por mim.

Apesar da tristeza pela perda de pacientes, é possível que o médico Moacyr Scliar ao estar empaticamente presente em momentos que antecedem a morte, em que costuma haver dores, angústias e, por vezes, revelações extremas, isso o colocava em contato com a retirada de máscaras (o esmaecimento das *personas*). Ele encontrava, de uma determinada perspectiva de observação, seres humanos em sua máxima capacidade de verdade.

Crônica médica 3 – *O medo alavancado pela imaginação* (escrita em 2001, publicada em SCLiar, 2013b): Essa crônica, inicia abordando a importância do medo bem dosado, racional, para a proteção da vida, como prudência. Nela, em seguida, Scliar apresenta Fobia como “medo aumentado, deformado pela imaginação” (SCLiar, 2013b, p. 175) e a diferencia de Medo. O autor desenvolve vários exemplos detalhados de como a imaginação transforma o medo em fobia. Em suma, defende ele, é “criando, instantaneamente, uma mini-história” (SCLiar, 2013b, p. 175). repleta de comentários do autor sobre medos e fobias, a crônica *O medo alavancado pela imaginação* apresenta, algumas vezes, a palavra “imaginação” – que

aparece na seguinte pergunta (portanto, possibilidade de ligação entre as vozes do autor e de seus(suas) leitores(as): “De que maneira a imaginação transforma o medo em fobia? Criando, instantaneamente uma mini-história” (SCLIAR, 2013b, p. 175). Aqui, como nas outras duas crônicas analisadas, o autor responde às próprias perguntas. “Há também situações em que nos interrogamos: é mesmo fobia ou é disfarce? Se um adolescente diz sofrer de ablutofobia – temor do banho –, será que os pais acreditarão?” (SCLIAR, 2013b, p. 176). Mas a quais símbolos, ele relaciona, nessa crônica médica, medos e fobias? E a imaginação? Ele comenta que:

O medo é uma coisa saudável. Avisa-nos que estamos diante do perigo e que, se o perigo é superior às nossas forças, *fugir*, (ou ‘bater em retirada’, se vocês quiserem uma expressão mais aceitável) pode ser uma atitude prudente. Mas, *para o medo funcionar como tal, tem de estar associado à racionalidade.* (SCLIAR, 2013b, p. 175, grifo meu).

Produzir ficção foi um dos recursos internos do autor para neutralizar o medo. A fantasia presente na literatura – pela via da imaginação e da criatividade, portanto, por uma via de enfrentamento produtiva e construtiva, de um irracional maravilhoso, por assim dizer – “desfuncionalizava” o medo e seu sentimento ampliado, a fobia:

Fobia é uma coisa diferente. Fobia é o medo aumentado, e deformado pela imaginação. O que poderia ser expresso pela fórmula $F = M \times I$, fobia é igual a medo multiplicado por (ou pela) imaginação. Só depois de ter escrito isto é que me dei conta das três letras em jogo, FMI. Mas a coincidência não deixa de ser apropriada. O FMI inspira fobias. E o FMI também tem suas fobias. (SCLIAR, 2013b, p. 175).

Se a imaginação pode dissipar ou desconstruir o medo, por outro lado, ela pode aumentá-lo, transformando-o em um medo maior, mais intenso: a fobia. Na crônica em tela, após um espaço duplo, o Scliar (2013b, p. 175) inicia outro parágrafo, da seguinte forma: “De que maneira a imaginação transforma o medo em fobia? Criando, instantaneamente, uma mini-história”. Um pouco mais adiante, o autor reitera na frase inicial de mais um parágrafo: “A imaginação tem uma incrível capacidade de fabricar fobias” (SCLIAR, 2013b, p. 176). Angústia foi uma das motivações para ele escrever, então o “fez” criar a vasta obra. Medo de livros, interessante, livros poderosos “para o bem e para o mal” (?).

As palavras e expressões que mais remetem ao assunto da angústia, nestas crônicas, estão dispostas no Quadro 5:

QUADRO 5 – Palavras e expressões que remetem à angústia nas crônicas analisadas

| Crônica médica | 1 – <i>Aprendendo a conviver com a morte</i> (2010) | 2 – <i>Batalha final</i> (2000) | 3 – <i>O medo alavancado pela imaginação</i> (2001) |
|---|--|---|--|
| Palavras e expressões que remetem à angústia | dia de finados disciplina de anatomia necrotério da faculdade mesas de alumínio corpos, rígidos preservado pelo formol aparência de coisa sintética o colchão enrolado [grifo meu] | Atormentado Não conseguir salvar Tormento Sombrio reverso de uma moeda cuja brilhante face nos mostra essas profissões [paramédicos] arrancando pessoas à morte. Perplexidade Potência Onipotência Impotência [inferência e grifo meus] | Avião Fundo Monetário Internacional (FMI) ser roubado trovão bacilos banho (é fobia ou disfarce? No caso de adolescentes) manteiga de amendoim (ela adere ao céu da boca ⁶⁶) livros o próprio medo galinhas |

Fonte: Elaborado por mim.

Essas três crônicas são parte da autobiografia não-declarada do médico-escritor Moacyr Scliar. A análise dos três títulos relacionados à sua cronologia de publicação, permite observar que “medo” (2000) e “batalha” (2001) foram trocados por “aprendendo a conviver” (2010) sequênciamente essa que evidencia uma evolução do autor sobre lidar com a morte, com a perda. Mesmo de medo para batalha, já havia um sentido de que batalha é agir para resolver, mais que apenas medo, mesmo que afirmado que a morte sempre vence, ela não vence sem batalha.

Contudo, acerca da compreensão da Angústia para Scliar, a partir da definição de que angústia expressa um limite, acusa impotência diante de algo (FREUD, 2005), encontramos que, nas três crônicas médicas analisadas: a) o autor gaúcho relaciona a angústia médica à relação emocional dos médicos com a morte – por exemplo ao contatarem os cadáveres no necrotério para estudos, a perder pacientes diante da morte – como é o caso dos socorristas/paramédicos e, ainda, relacionada a medos e fobias; b) Encontramos vinte e sete palavras ou expressões relacionadas à angústia: dia de finados, disciplina de anatomia, necrotério da faculdade, mesas de alumínio, corpos, rígidos, preservado pelo formol, aparência de coisa sintética, o colchão enrolado, atormentado, não conseguir salvar, tormento, sombrio reverso de uma moeda cuja brilhante face nos mostra essas profissões (paramédicos) arrancando pessoas à morte, perplexidade, potência, onipotência, impotência (inferência minha), Avião, Fundo Monetário Internacional (FMI), ser roubado, trovão, bacilos, banho (é fobia ou disfarce? No caso de adolescentes), manteiga de amendoim (ela adere ao céu da boca), livros, o próprio medo e galinhas; c) associações de sentido interessantes puderam ser inferidas, relacionando a

⁶⁶ Ademais, poder-se-ia considerar que há quem seja alérgico a amendoim e/ou tenha visto a agonia de alguém alérgico.

imagem do colchão enrolado sobre o leito à língua enrolada impedindo a voz da medicina de falar, entre outras.

A análise desse exemplo de contribuição da literatura à medicina, permite afirmar que a mesma imaginação que “tem uma incrível capacidade de fabricar fobias” também fabrica curas (SCLIAR, 2013b, p. 176). Scliar aliviou a própria condição angustiante de contatos com situações de morte e de agonia na medicina, recorrendo à leitura, à fantasia e à criação de histórias. Além disso, inferimos que a habilidade humana de imaginar e de contar histórias precisa ser mais considerada em relação à saúde, já que é recurso ao enfrentamento, à elaboração, à sublimação. Destarte, sempre ressalvada a necessidade de viver no real, é preciso ensinar que imaginar e criar histórias pode ser útil em momentos de medo e de fobia, pode beneficiar a saúde, inclusive médica. Treinar e “aparelhar” (por exemplo, via literatura) o pensamento e o sentimento, a imaginarem e a criarem histórias poderia aliviar o sofrimento e o tormento provocado pelo medo e pela fobia.

No início deste capítulo, foi comentado que Scliar afirmou: “[...] ler e escrever afina a sensibilidade do médico e faz com que ele, sem desprezar a tecnologia, valorize essa relação médico-paciente” (SCLIAR, 2004, p. 9). Ora, se, para Scliar, como afirmaram seus amigos e colegas médicos no vídeo *Scliar: o médico, o escritor e o humanista*: “Curar é cuidar, [...] curar é olhar nos olhos dos pacientes durante a anamnese, [...] curar é a presença afetuosa ao pé do leito”, então, pode-se postular que, para Scliar, “afinar a sensibilidade” é uma das ações de cura da literatura sobre os médicos. Mais, que o hábito de ler literatura contribuiria para “renascer a arte de curar” a cada momento: “[...] a arte de curar precisa renascer cada vez que um estudante se aproxima, tímido ou arrogante, interessado ou enfadado, do seu primeiro paciente” (SCLIAR, 2005, p. 5).

Nesse momento, lembro novamente da minha participação como ouvinte (*online*) no evento de *Literatura e Medicina: a dor de ouvir a dor*, que o Grupo Narrativas médicas da USP-GENAM realizou com a Associação Paulista de Medicina (APM) em maio de 2022. Nele, chamou a minha atenção a fala Andréa Del Fuego, autora do livro *A pediatra*: “Escrever é cuidar” (às 14h30min). Aqui, estabeleço importante síntese: Se curar é cuidar e escrever é cuidar, então escrever e curar são cuidar. Os diversos elementos que estou encontrando em minha tese, levam a afirmar que é o mesmo para Scliar.

Porque a leitura teve algo de cura na vida de Scliar, a escrita também teve. Assim, importa comentar ao menos brevemente sobre leitura e cura para Scliar. Para tanto, recorro novamente a Petit (2013, p. 73), que destaca: “algumas vezes, esses encontros com textos lidos podem chegar a desempenhar um papel decisivo no processo de cura”. A autora também postula

que “[...] mulheres e homens elaboram um espaço de liberdade a partir do qual podem dar sentido às suas vidas, e encontrar, ou voltar a encontrar, a energia para escapar dos impasses nos quais eles se sentem encurralados” (PETIT, 2013, p. 31). Nesse sentido, um dos impasses que Scliar refere ter sido basilar na sua dedicação à leitura sobre medicina foi o medo da morte. Ele diz que ao estar diante do morto, nas aulas de anatomia, a forma como ele via as coisas mudou muito. Aqui, também lembro a sensibilidade ao medo, mais intensa entre os hiperfantásticos – algo que abordo anteriormente neste capítulo.

Petit (2013, p. 33) alega que em algumas sociedades “ler é enfrentar o diabo”, para Scliar ler foi enfrentar a morte, ou, o medo da morte, dele e dos familiares dele, como ele explicitou em diversas entrevistas.

Quando meus pais ou meus irmãos ficavam doentes, eu entrava em pânico. E essa sensação desconfortável e angustiante **me levou a ler** sobre medicina, a conversar com médicos, nasceu daí um fascínio pela doença e pelo corpo humano que me levou à medicina. (SARAIVA CONTEÚDO, 2010, 04min16s. Transcrição e grifo meus).

A leitura como refúgio deve ter se intensificado para Scliar a partir da faculdade de medicina, quando o autor teve contato com dores, perdas, angústias, sofrimentos e mortes. De certa forma, alinha-se o refúgio de Scliar à sublimação apontada por Petit:

A leitura tem um parentesco com as atividades chamadas de sublimação, e vocês sabem que para a psicanálise, a sublimação se assemelha ao trabalho de luto e nasce quando pela primeira vez devemos ficar de luto. Winnicott descreve especialmente como, com a experiência da falta, a criança vai construir um jogo, para superar a angústia da separação da mãe. Ele introduz a noção de área transicional, espaço psíquico que se estabelece entre a criança e a figura materna, se a criança se sente em segurança. Neste espaço a criança se apodera de objetos que lhe são propostos, quer se trate de uma ponta de cobertor, de um ursinho de pelúcia ou de uma canção. E esses objetos eleitos protegem da angústia da separação, simbolizam a união de coisas que estão diferenciadas a partir daí. Representam a transição, a viagem da criança que passa do estado de união com a mãe ao estado de relação com ela. (PETIT, 2013, p. 69).

Para a autora, “a leitura não é facilmente conciliável com o gregarismo viril nem com as formas de vínculo social em que o grupo tem sempre a supremacia sobre o indivíduo” (PETIT, 2013, p. 37). A respeito da influência da descendência de judeus, na identidade de Moacyr, seu irmão Wremyr relata que “se produziria a solidariedade e a integridade, uma relação inédita proposta pela Bíblia. O pilar principal é o coletivo de Israel. A temática não é teológica, mas a capacidade de organizar-se como família e tribo.” (SCLIAR, W., 2017, p. 112). Além disso, Wremyr comenta outras diversas passagens essenciais no artigo *A influência Judaica na Literatura de Moacyr Scliar*. Uma se destaca ao propósito desta tese:

Se não foi a religião, o que conduziu Moacyr? Sem dúvida, a influência familiar e a cultura judaica. Um conjunto ético e solidarista. E sobre essa cultura judaica, repisa-se. Moacyr fez incidir sua própria criatividade criada pelo judaísmo. É uma contradição dialética, da qual nasceu um escritor e sua obra. (SCLIAR, W., 2017, p. 121).

Mas, antes, Wremyr – que neste artigo descreve as influências Judaicas, familiares e culturais de Moacyr – apresenta o percurso dos seus pais, que vieram da Bessarábia (atual República Moldávia), “fazia parte da Romênia, e integrava o império czarista russo” (SCLIAR, W., 2017, p. 110). Depois de presenciar invasões e violências dos cossacos, “a mãe de Moacyr, Sara, emigrou com os pais e três irmãos, já no início da década de 20. As duas famílias (da mãe e do pai de Moacyr) tinham parentesco e mantinham na Europa e depois no Brasil convivência constante. (SCLIAR, W., 2017, p. 112). Sara, falava e escrevia o português com perfeição e “era leitora de autores brasileiros, especialmente José de Alencar, no qual encontrou o nome Moacyr para o filho – do tupi-guarani, que significa filho do sofrimento” (SCLIAR, W., 2017, p. 112). Após os imigrantes familiares de Moacyr se instalarem em Porto Alegre, na beira insalubre do Guaíba, em casas próximas umas das outras e pobres. Muitos chegavam repentinamente pedindo ajuda (SCLIAR, W., 2017). Além disso:

Ana (Avó materna de Moacyr) acolhia a todos e os filhos dela cediam as camas com colchões de palha para os imigrantes e dormiam no chão. Só se mudavam quando conseguiam outro local para morar. Repartiam a comida, usavam a cama e os cobertores (Henrique e depois José (Pai de Moacyr) – filhos de Ana, fabricaram acolchoados. Henrique, que migrara com 17 anos, mantivera-se anarquista e quando militantes de esquerda eram presos pela polícia política, ele levava acolchoados para o velho presídio junto à usina, parte submerso no Guaíba, e prestava sua solidariedade aos detidos. Solidários e fraternos entre si, todos praticavam – modestamente – a ajuda impossível – pouca comida e muitas palavras -, que os demais necessitavam. (SCLIAR, W., 2017, p. 114).

O irmão de Scliar sintetiza quem foi Moacyr escritor:

Como se fosse uma conclusão: Esse era – como ele se definia -, o guri do Bom Fim que escrevia. Moacyr Scliar, autodeclarado: médico por profissão, escritor por ofício. Um humanista, idealista e otimista em relação à espécie humana, ao mundo e ao seu país. (SCLIAR, W., 2017, p. 141).

Scliar foi um escritor-médico sensível e curioso. Assim, lia para acalmar a ansiedade diante da intensidade com que percebia a vida [e a morte] e para buscar explicações sobre o mundo, o universo e a condição humana. Ao aprender sobre a existência atribuía sentido ao próprio existir, à própria vida, vencendo simbolicamente a ideia de morte. Talvez por isso, também tenha se tornado escritor. Palavras escritas, tem mais chances de perdurarem e, de certa maneira, fazem sobreviver a própria sensibilidade afrontada diante da dor e das perdas. Os trechos de manuscritos analisados, evidenciam, ainda, que para o autor gaúcho as dores da

condição judaica foram importantes para que ele buscasse superar medos. Noutras palavras, em sua obra resta evidente que a dimensão político-cultural impacta comportamentos e saúde. Ele recorreu à literatura, à escrita de si – mesmo à ficção de forma ampla, com a criação de personagens e nos levando a lugares – dentro e fora de nós, acionando leitura, imaginação e criação de histórias para amenizar a angústia. Enfim, esse Doutor criou miragens capazes de desenrolar a língua e a linguagem das emoções para que rompam o silêncio e o medo, descobrindo, retirando o lençol que cobre os olhos e o olhar médico e humano do ser ainda em vida.

No próximo capítulo, analiso o *corpus* desta tese, investigando os sentidos de autobiografia e de cura em manuscritos, datiloscritos e livros do escritor-médico.

4 TEXTOS E VIDA

Desde que o autor use outro nome para o personagem, pode contar tudo. O real e o imaginário, o verossímil e o inverossímil. Terá traçado, então, **o perfil do médico como Doutor Miragem**. (SCLIAR, 2010a, p. 181).

Ao investigar um *corpus* delimitado que se queira pertencente à obra que compõe a autobiografia do autor, com a finalidades de refletir sobre a cura como assunto norteador da construção de si (do autor) e de sua literatura, alguns fatores surgem como problema justamente na delimitação do referido *corpus*:

- 1) o escritor-médico criou um efeito de refração da sua imagem ao propagar as múltiplas facetas de si em sua literatura;
- 2) o autor jorrou textos, portentosamente e compulsivamente pela vida, resultando em uma copiosa obra (somente crônica, foram cinco mil);
- 3) há uma forte, envolvente, inusitada e interessante energia que Scliar impulsionou em sua obra, como um tipo de ventania que conduz ao que o autor quer para a sua obra, a qual é preciso ajustar com muito vigor as asas durante as leituras e a pesquisa.

Por tudo isso, é necessário limitar a curiosidade sobre a vida e a obra do autor, com esforço e determinação constantes, a fim de viabilizar o trabalho e cumprir seus objetivos. Isso também foi constatado, com algumas diferenças de percepção, no relato de Lilenbaum (2009) acerca da tese que desenvolveu, intitulada *Judeus escritos no Brasil: Samuel Rawet, Moacyr Scliar e Cíntia Moscovich*. Ela comenta sobre Scliar:

A produção farta do autor, misturada a depoimentos e entrevistas, torna estudar seus livros uma tarefa exaustiva; para atenuá-la, tentamos encontrar fases, ciclos, modelos, grupos de obras que funcionem juntas, que apontem para a mesma direção – como fazemos como todo autor. Isso é, obviamente, possível, mas em Scliar resta sempre uma sensação de produção selvagem, indômita, centauresca, que não foi feita para se encaixar em nossos estudos. Recebemos, algumas vezes, um leve coice. Nada que machuque gravemente –é mais o coice dos desenhos animados, em que a dor é de brincadeira. Ou, talvez, o que lemos é uma produção que está de bem consigo, que segue os caminhos que lhe convêm, ainda que esses não sejam os que fariam a crítica vibrar. (LILENBAUM, 2009, p. 129).

Oito anos após a produção desta tese, foi lançada a principal autobiografia declarada de Moacyr Scliar: *Uma autobiografia literária: o texto, ou, a vida* (2017). Sobre este gênero relacionado ao escritor gaúcho, a pesquisadora pondera:

Embora Scliar não tenha lançado ainda nenhuma autobiografia propriamente dita, há algumas publicações, como veremos, que usam um narrador em primeira pessoa que não cria uma voz ambígua, deslizante entre ficção e realidade. Esses pequenos livros, unidos a depoimentos e entrevistas, constroem uma biografia do

autor em doses homeopáticas, em que informações com referências verificáveis, além de repetidas, sedimentam a certeza de se tratar de uma voz biográfica, e não ficcional. O autor, ao lançar textos de cunho autobiográfico paralelos às novelas e aos contos, nos ajuda a visualizar uma imagem de escritor e de judeu de apelo irresistivelmente direto, que transmite a nós, leitores, um abandono das (transparentes) máscaras autoficcionais, as quais dão lugar a uma exposição franca da voz que nos guia por essa seara textual. (LILENBAUM, 2009, p. 130).

Isso consolida minha proposta de pesquisa, que já havia sido ancorada no estudo de um conjunto de obra extenso e repleto de componentes que identifiquei como autobiográficos, “repetidos e verificáveis”, quando ainda planejava em que amostra miraria o mergulho⁶⁷. Aquelas constatações científicas de Lilenbaum (2009), além de validarem minha hipótese de que a autobiografia de Scliar está dissolvida em sua obra, permitem a análise que consiste em grande medida na verificação do que há de repetido, sobre cura para o autor quando diz algo de si na sua ficção.

Entretanto, o fato de minha tese ser empreendida em 2022, a torna ainda mais exaustiva que a trabalhada em 2009 por Lilenbaum. Afinal, todo o legado literário e prototextos⁶⁸ que Scliar produziu freneticamente até 2011 – ano de seu falecimento, está acessível em diversos suportes (com especial destaque ao ano de 2013, quando foram criados o Acervo Delfos Scliar⁶⁹ PUC-RS e o Site oficial do escritor). E há muito mais: homenagens, eventos, pesquisas e publicações sobre vida e obra de Scliar, seguem se multiplicando devido às contribuições imprescindíveis do carismático autor para a compreensão da condição humana. Não obstante, solucionei todas as dificuldades em selecionar a amostra para análise da sua autobiografia. Em parte, por este comentário do próprio autor:

Raízes, origens. Na literatura são importantes. Universal, dizia Tolstói (1828-1910), é o escritor que escreve sobre sua aldeia. Claro, não basta querer escrever sobre a aldeia. Mas a trajetória pessoal conta muito; **sobretudo no início, a aventura literária é inevitavelmente autobiográfica.** (SCLIAR, 2017, p. 21. Grifo meu).

Esta afirmação de que os primeiros textos são autobiográficos, os anos de estudo da obra de Scliar e a investigação exploratória, iniciada pelo levantamento de todos os livros do autor – organizados cronologicamente – resultaram na seleção e na diferenciação de quatorze textos em autobiografias declaradas e não declaradas. São nove autobiografias declaradas, nomeadas pelo autor (no título ou em entrevistas): manuscritos e datiloscritos iniciais e os livros *O exército de um homem só* (2012b), *O centauro no jardim* (1980), *Memórias de um aprendiz de escritor*:

⁶⁷ No decorrer do primeiro ano do curso de doutorado, em 2019, quando o projeto de pesquisa estava em adaptação, mas já havia lido diversos livros e documentos do autor.

⁶⁸ “[...] documento no qual seja possível encontrar um traço do processo de criação” (PINO, 2007, p. 18).

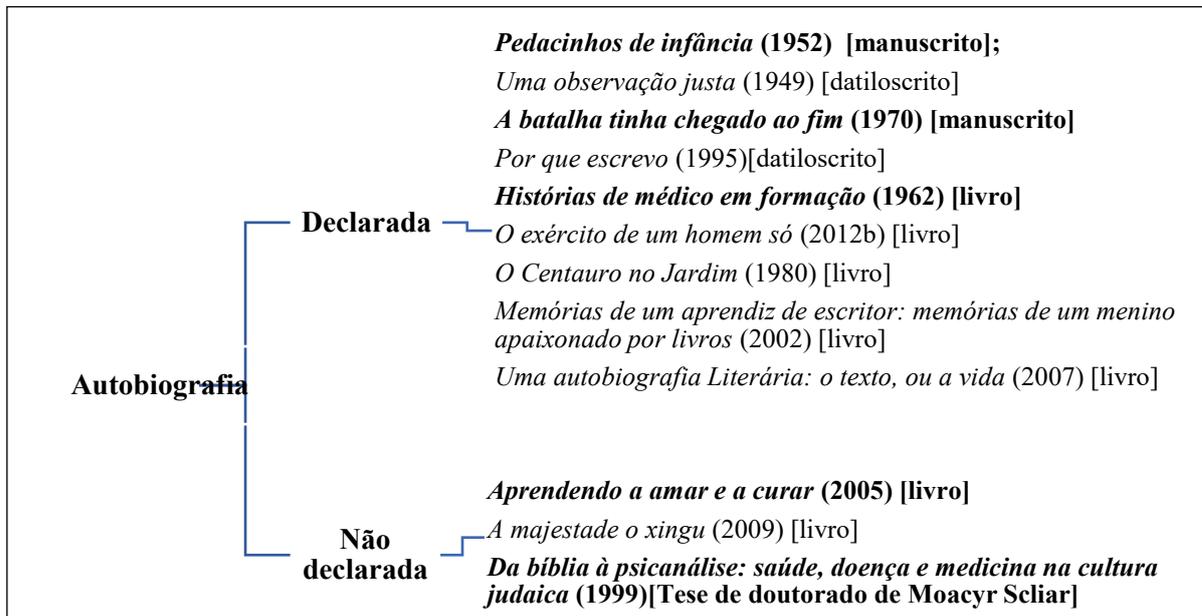
⁶⁹ As mais de oito mil páginas digitalizadas de documentos do autor, começaram a ser disponibilizadas a partir de 2014, conforme notícia em *site* da Confederação Israelita do Brasil (*s. d.*).

memórias de um menino apaixonado por livros (2002) e *Uma autobiografia declarada: o texto, ou, a vida* (2017).

Sobre as autobiografias não declaradas, no decorrer da pesquisa identifiquei textos de diversos gêneros, que apresentaram verossimilhança com o percurso identitário do autor e outros importantes elementos autobiográficos (destacados na análise). Inclusive, se o pacto entre leitor e autor, o modo de leitura do texto é que determinaria se os efeitos “atribuídos ao texto, nos parecem defini-lo como autobiografia” (LEJEUNE, 2008, p. 45), então, como leitora, determino efeitos de autobiografia mais ou menos explícita ao *corpus* desta tese. Assim, trouxe cinco autobiografias não declaradas, a exemplo da Tese de doutorado do próprio Scliar, intitulada *Da bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica* (1999), em que diversos trechos da abordagem que ele faz sobre Freud coincidem com aspectos da sua *História de identidade* (LEJEUNE, 2008).

Indico o tipo de cada documento, entre colchetes – se é manuscrito, datiloscrito ou livro e resalto em negrito os títulos das obras a que dedico mais aprofundamento na investigação. Para isso, três critérios foram definidos: 1) durante a leitura e a releitura do texto, descobri mais informações relevantes aos objetivos e em maior quantidade, do que nos outros textos do *corpus*; 2) o estudo da vida e das entrevistas do autor revelaram serem textos mais autobiográficos que outros do *corpus* e 3) o texto apresenta uma ou poucas frases relevantes, entretanto, de extremamente reveladoras da relação entre autobiografia para o autor. Os textos não grifados são apenas comentados, mas articulam sentidos com outros a fim de constituir perspectiva de totalidade ou amostra mais significativa da autobiografia de Scliar. A Figura 3 apresenta o *corpus* desta tese:

FIGURA 3 – Amostra de autobiografias declaradas e não declaradas de Moacyr Scliar



Fonte: Elaborado por mim.

Bem dimensionado e representado o *corpus*, inicio sua análise pela autobiografia declarada pois recapitula conhecimentos sobre vida e obra do autor, servindo de base mais estruturada e formal para a análise seguinte, da autobiografia não declarada. Não sigo a cronologia de publicação, mas o objetivo de articular sentidos para compreender a cura no pensamento do autor, o que significa que ao encontrar uma palavra ou narração de situação que lembra outra obra, num tipo de repetição verificável, investigo tal relação na outra obra mesmo que publicada antes.

A validade da escrita ensaística, levada a cabo em alguns momentos da análise, é justificada por ser recurso para a constituição de um espaço que coloca em relação rigor científico e individualidade, que me aproxima do contato aos sentidos do subjetivo, o que é pertinente a uma tese sobre autobiografia. Sobre isso, ainda é possível estabelecer uma analogia com uma afirmativa de Lejeune (2008), mesmo que ele esteja comentando sobre autobiografia e romance. Afinal, estou ponderando sobre gêneros textuais:

“Seria então um e outro? Melhor: um *em relação* ao outro”. O que é revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de textos, que não pode ser reduzido a nenhuma delas. Esse efeito de relevo obtido por esse processo é a criação, para o leitor, de um “espaço autobiográfico” (LEJEUNE, 2008, p. 51). Ainda:

[...] os leitores passaram a gostar de adivinhar a presença do autor (de seu inconsciente) mesmo em produções que não pareçam autobiográficas [...]. É nesse nível global que se define a autobiografia: é tanto um modo de leitura quanto um tipo

de escrita, é um efeito contratual historicamente variável. O presente estudo se assenta, na verdade, nos tipos de contrato em curso atualmente; donde sua relatividade e o absurdo que seria querê-lo universal. Donde também as dificuldades encontradas nessa tarefa de definição – eu queria explicitar em um sistema claro, coerente e exaustivo (que desse conta de todos os casos) os critérios de constituição de um *corpus* (o da autobiografia) constituído, na verdade, segundo critérios múltiplos, variáveis no tempo e segundo os indivíduos e, frequentemente, sem coerência entre si. Conseguir oferecer uma fórmula clara e total da autobiografia seria na verdade um fracasso. [...] A história da autobiografia seria então, antes de tudo, a história de seu modo de leitura: história comparativa na qual poderíamos fazer dialogar os contratos de leitura propostos pelos diferentes tipos de texto (pois nada adiantaria estudar a autobiografia isoladamente, já que, assim como os signos, os contratos só tem sentido por seus jogos de oposição), e os diferentes tipos de leitura a que esses textos são realmente submetidos. Se podemos dizer que a autobiografia se define por algo que é exterior ao texto, não se trata de buscar, aquém, uma inverificável semelhança com uma pessoa real, mas sim, de ir além, para verificar no texto crítico, o tipo de leitura que ela engendra, a crença que produz. (LEJEUNE, 2008, p. 55).

Entretanto, reitero que aqui não se está a “gostar de adivinhar” a presença do autor, mas, sim, de analisar a partir de pesquisa disciplinada e extensa sobre a vida e a obra de Moacyr Scliar, uma amostra da sua autobiografia, com objetivos também adequadamente embasados e delimitados. Além disso, o próprio autor é quem revela que o objetivo de sua autobiografia declarada, não foi o de contar sobre si mesmo:

Eu entremeei os textos com uma narrativa pessoal, cujo propósito, vejam bem, não é falar sobre mim próprio. Nós vivemos numa época – até tem uma expressão que é muito comum, hoje, a pessoa diz: ‘eu sou autorreferente’. Quando a pessoa diz ‘eu sou autorreferente’, significa, ‘eu só falo de mim e a única coisa que me interessa é o meu umbigo, em torno do qual eu gravito. Eu não consigo, talvez, assim, pela minha própria formação, pensar no mundo e na vida dessa maneira. Eu acho que a gente se realiza na medida em que a gente intercambia com os outros emoções e sentimentos. Então, o meu propósito não era usar a palavra ‘eu’. Era falar do que é a experiência de contar histórias, de escrever livros, de conviver com uma geração literária que foi a minha geração, uma geração importante, pelo que passou neste país. Porque vocês não podem esquecer que nós começamos a publicar no final da década de 60. [...] A nossa missão era, de um lado, fazer literatura, como escritores, mas de outro lado, defender a liberdade de expressão. [...] Fizemos isso. De modo que, não faltaram histórias para eu contar, neste, “o texto ou a vida (SEMPRE UM PAPO, 2007, 16min02s. Transcrição nossa).

Nesse contexto, mesmo que nas narrativas autobiográficas, o personagem, o autobiografado, nunca seja o sujeito real, mas um sujeito parcial, o essencial é que a ficção é possibilidade de acessar o que o autor sente e pensa de si. Inclusive, nas palavras de Cláudia Laitano, “É muito interessante como ele consegue ter um registro super realista, a partir de uma premissa que é absolutamente fantástica (DEBATE SOBRE OS 40 ANOS DE *O CENTAURO NO JARDIM*, 2020, 18min10s). Ademais, os seres criados por Scliar existem dentro do discurso, mas o discurso partiu de dentro do Scliar.

[Túlio Milman (45min49s)]: Escritores muitas vezes são craques em despistar – tem uns que não – mas são craques em despistar quando se colocam ou colocam elementos

muito familiares. Então, assim, descreve um personagem da família ali, há os elementos que é absolutamente antitabagista, mas no livro ele fuma, então torna inviável a comparação, né. São despistes que os escritores usam para se apropriar da realidade de uma forma camuflada. Então, a pergunta é: Para vocês, o que no Centauro é o Scliar? Até que ponto a gente pode dar o sobrenome Scliar pra esse Centauro?

[Cíntia Moscovich (46min27s)]: O Centauro é o Scliar. O Centauro é o Scliar, sem dúvida nenhuma.

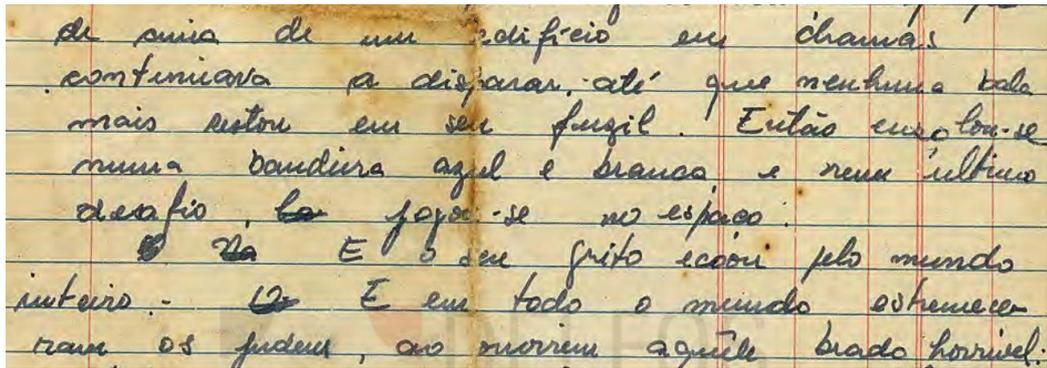
[Túlio Milman (46min38s)]: Em todos os aspectos e sem qualquer tentativa de, enfim, de esconder isso. Não esconder, mas...

[Cíntia Moscovich (46min50s)]: Ele virou. Olha aqui, ó: Ele virou. Eu posso te arrazoar: Ele virou um doctor como queria o seu José e a Dona Sara. Mas não foi um doctor que tinha um consultório. Ele virou um doctor de Saúde Pública, atendia todo mundo. Não virou um doctor rico que atendia setecentos reais a consulta. Não. O sonho dele era este: ele queria atender todos. Na verdade, ele virou doctor prá salvar o pai e a mãe da morte. Isso, dito por ele. Mas, então, ele foi Centauro, começando por aí. Ele foi um doctor de Saúde Pública. Ele era um médico, um sanitarista de Saúde Pública. Também por isso. Ele era um homem que não gostava de comer. Todo mundo quer emagrecer e o Scliar era um Centauro porque não gostava de comer. A mãe dele, deixava prá ele um toddy, toda noite, quando ele voltava do Hospital de Pronto Socorro. Se enchia de formiga o raio do toddy. Ele não gostava de comer. Quer mais Centauro do que isso? Enfim, ele foi um escritor. Um escritor é a coisa mais Centauro da face da Terra, por Deus. (DEBATE SOBRE OS 40 ANOS DE *O CENTAURO NO JARDIM*, 2020. Transcrição nossa).

O que é o Centauro, senão uma miragem, uma imagem com pontos de nitidez e pontos de contraditório e – por isso – real, do escritor?

4.1 AUTOBIOGRAFIAS DECLARADAS

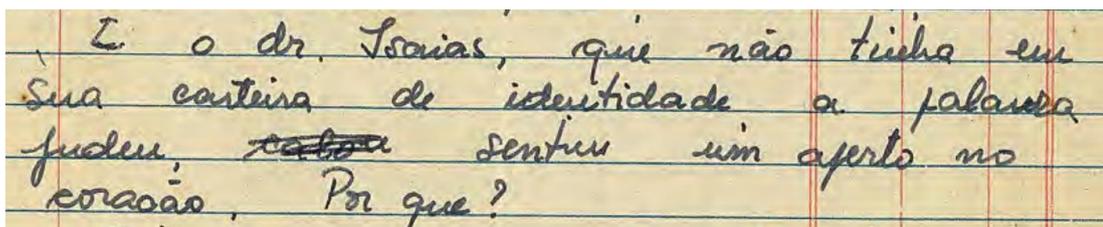
O manuscrito *A batalha tinha chegado ao fim* (Figura 4), foi escrito em 1970, quando Scliar tinha 33 anos e estava fazendo uma especialização em Saúde Pública em Israel. Apenas este fato, já dimensiona o contexto de produção do texto numa relação com a cura, que é objeto trabalhado e promovido na área de Saúde Pública. Entretanto, o texto inicia descrevendo uma cidade arruinada pela guerra, onde ainda se ouvem ruídos dos motores de aviões nazistas e explosões. Mas o autor destaca, entre os sons característicos de uma batalha encerrando, a saúde mental abalada, do personagem que a expressa pelo descontrolado manuseio de uma arma e no grito de desespero emitido. O personagem, último sobrevivente entre 500.000 guerrilheiros judeus, sobe ao ponto mais alto de um prédio e enxerga a cidade em ruínas:

FIGURA 4 – Trecho 1, do Manuscrito *A batalha tinha chegado ao fim*

“[...] de cima de um edifício em chamas, continuava a disparar, até que nenhuma bala mais restou em seu fuzil. Então, enrolou-se numa bandeira azul e branca, e num último desafio, jogou-se no espaço. E o seu grito ecoou pelo mundo inteiro. E em todo o mundo, estremeceram os judeus, ao ouvirem aquele brado horrível”.⁷⁰

Fonte: Scliar (1970, p. 2).

Como a cidade, a saúde emocional do personagem também estava arruinada. Ao ver a cidade, talvez não conscientizasse, ou conscientizasse⁷¹, mas via a estética da sua própria dor. A narrativa segue, e Scliar destaca que os judeus, em suas tarefas rotineiras e vidas cotidianas, ainda ouvem aquele grito e estremecem, choram, sentem um aperto no coração, rangem dentes e percebem gosto amargo na boca. Lembro que angústia, palavra entre as mais expressadas pelo autor no conjunto de sua obra literária, significa, de modo simples, um aperto no peito que não se pode nomear. Scliar segue descrevendo, conforme ilustrado pela Figura 5:

FIGURA 5 – Trecho 2, do Manuscrito *A batalha tinha chegado ao fim*

“E o dr. Isaias, que não tinha em sua carteira de identidade a palavra judeu, sentiu um aperto no coração. Por que?”

Fonte: Scliar (1970, p. 2).

Com essa pergunta, o autor cria, pelo recurso a um sintoma, uma atmosfera emocional de identificação, de pertencimento a um coletivo, a um grupo, o dos judeus. Há, portanto, uma relação entre sintoma e identidade nesta ficção que Scliar elabora com componentes

⁷⁰ As transcrições de todos os manuscritos nesta tese são linearizadas, feitas por mim. Optei por colocá-las em seguida a cada manuscrito a que se referem, para facilitar a leitura.

⁷¹ Aqui, lembro a linguagem, repleta de ponderações, trabalhada por Scliar no personagem Alexandre Gusmões de *Aprendendo a amar e a curar*: “ou talvez seja o inverso, não sei” (SCLAR, 2005, p. 7), “ou teriam sido?” (SCLAR, 2005, p. 9).

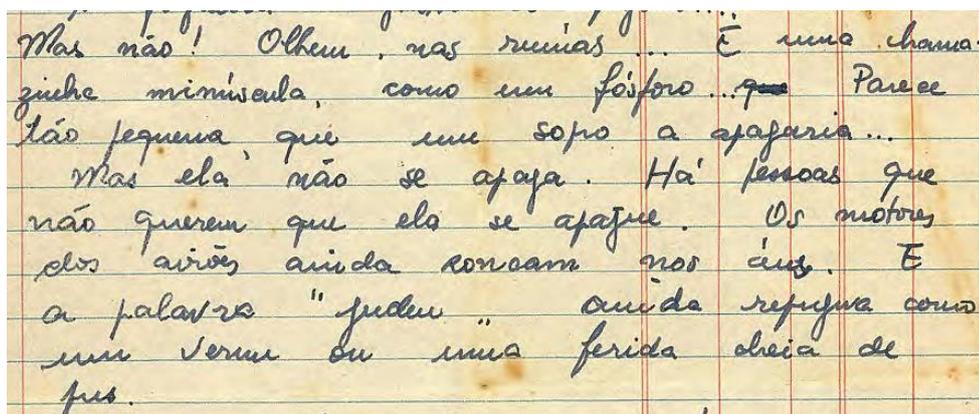
autobiográficos – pois descende de judeus. Por outro lado, esse aperto no peito seguido da não identificação consciente de sua origem, pelo personagem Dr. Isaías, permite uma articulação do conceito de inconsciente coletivo (JUNG, 2003b) ao *corpus*:

[...] assim como a anatomia do corpo humano é a mesma, apesar das diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum, que ultrapassa todas as diferenças de cultura e de consciência. A este substrato dei o nome de inconsciente coletivo [...]. O inconsciente coletivo é a mera expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral, independentemente das diferenças raciais (JUNG, [1929/1957] 2003b §11).

Assim, neste manuscrito de Scliar, além do elemento correspondente à identidade cultural judaica, há o sentido do inerente ao humano. Isso importa na medida em que diz respeito à universalidade da obra *scliariana* e da possibilidade de considerar que o sentimento e sofrimento extremos vivenciados pelos judeus, foram e são vivenciados por outros grupos humanos. Além disso, quando trago Jung para elaborar acerca do dor no peito expressada pelo escritor-médico através de seus personagens, e ele (Jung) postula semelhanças e relações de sentido entre a anatomia do corpo humano e a expressão psíquica da **identidade** da estrutura cerebral, suponho que assim como a anatomia é objeto de revelações (possível recurso de leitura e de compreensão) sobre saúde e doença para o corpo humano, as expressões psíquicas desse substrato comum – que tem um de seus instrumentos na Literatura – também revelam sobre cura. O mesmo inconsciente coletivo é o “criador de uma compensação curativa à consciência” (JUNG, 2002, p. 82). E é o próprio Jung quem relaciona sol a verdades psicológicas, interiores: “Há alguma coisa semelhante ao sol dentro de nós, e falar em manhã de primavera, tarde de outono da vida não é mero palavrorio sentimental, mas expressão de verdades psicológicas (JUNG, 2011, v. 8/2, par. 780).” Em *História do conceito de saúde* (SCLIAR, 2007) o autor comenta:

Em outras culturas era o xamã, o feiticeiro tribal, quem se encarregava de expulsar, mediante rituais, os maus espíritos que se tinham apoderado da pessoa, causando doença. O objetivo é reintegrar o doente ao universo total, do qual ele é parte. Esse universo total não é algo inerte: ele ‘vive’ e ‘fala’; é um macrocorpo, do qual o Sol e a Lua são os olhos, os ventos, a respiração, as pedras, os ossos (homologação antropocósmica). A união do microcosmo que é o corpo com o macrocosmo faz-se por meio do ritual. (SCLIAR, 2007, p. 31).

Indicadas essas relações, lembro, ainda, da pomba que debica entre as pedras e olha o menino leitor do Bom fim. Passamos, então, à sequência do manuscrito, com a Figura 6, onde o autor comenta que apesar do sol secar as lágrimas e das músicas abafarem o gemido, ainda há um chama minúscula que não se apaga pois segue sendo alimentada por pessoas que se interessam no seu fortalecimento e propagação:

FIGURA 6 – Trecho 3 do Manuscrito *A batalha tinha chegado ao fim*

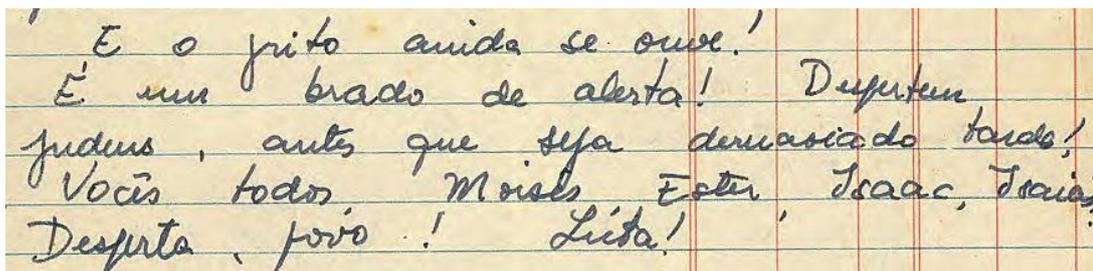
“Mas não! Olhem, nas ruínas... É uma chamazinha minúscula, como um fósforo... Parece tão pequena, que um sopro a apagaria.../Mas ela não se apaga. Há pessoas que não querem que ela se apague. Os motores dos aviões ainda roncam nos céus. E a palavra ‘judeu’ ainda repugna como um verme ou uma ferida cheia de pus”.

Fonte: Scliar (1970, p. 2).

Aqui, outra relação de sentido com cura: Scliar afirma que a palavra adocece. Então, ele se tornando médico-escritor poderá curar a palavra, acreditar que é possível realizar o querer curar “[...] a palavra ‘judeu’ [que] ainda repugna como um verme ou uma ferida cheia de pus” (SCLIAR, 1970, p. 2). Ele precisa curar a palavra para estar à vontade com a palavra, porque se identifica com ela, porque ele está NA palavra:

Essa paixão pelas palavras, ela é absolutamente incurável. Depois que a gente adquire, ela só tem equivalência na paixão que a gente tem pela nossa mulher, pelos nossos filhos, pelos nossos amigos. É, realmente. O ‘Reino das palavras’ é o Reino onde a gente se sente à vontade, onde a gente se sente entre seres amados. (ESPAÇO ABERTO, 198-?, 18min32s. Transcrição minha).

Assim, curar a palavra é SE curar. SE escrever, escrever sobre SI, sobre a palavra é SE curar, curando a palavra. Escrevendo sobre si, ele desperta a cura para a palavra. Além disso, o Eu (se) escreve, lê o que escreve, leu o que muitos(as) escreveram e será lido por outros(as). Há, portanto, uma continuidade a partir da criação escrita. Assim, o medo da morte e lutar para melhorar o mundo ou as pessoas (futuro) podem levar alguém a escrever num sentido mais emocional, político e social (presente) recorrendo às memórias e impressões e impactado por uma História (passado). Mais ao fim do manuscrito (Figura 7), ele incita:

FIGURA 7 – Trecho 4 do Manuscrito *A batalha tinha chegado ao fim*

E o grito ainda se ouve! É um brado de alerta! Despertem judeus, antes que seja demasiado tarde! Vocês todos, Moisés, Ester, Isaac, Isaías. Desperta, povo! Luta!

Fonte: Scliar (1970, p. 2).

Em *O conflito das interpretações: ensaios sobre hermenêutica*, Paul Ricoeur apresenta no segundo capítulo, “Hermenêutica e psicanálise” (RICOEUR, 1978, p. 87-166), uma interpretação da teoria Freud abordando cultura contemporânea, arte e filosofia. Ao analisar a esfera humana de sentido do *valer*, comenta que “a constituição do ‘Si’ não se esgota numa econômica nem numa política^[72] e tem prosseguimento na região da cultura” (RICOEUR, 1978, p. 97). Penso que no sentido do *valer*, o Eu não se esgota nem numa classificação de gênero autobiográfico.

Ricoeur defende, ainda, que os produtos culturais, aos quais ele chama de monumentos, obras, são constituintes de “uma dignidade do homem e uma estima de si” (RICOEUR, 1978, p. 97). Para ele, a consciência “é aquilo que só possui seu sentido em figuras posteriores” que num movimento incessante, revelarão mais tarde o sentido de figuras anteriores (RICOEUR, 1978, p. 98). O mais importante disso, para a análise do manuscrito de Scliar é que Ricoeur postula que a busca de sentido “orientada para a descoberta de figuras posteriores” é relacionada à consciência, enquanto a voltada para as figuras anteriores é “do inconsciente” (RICOEUR, 1978, p. 99). Isso ratifica nosso movimento de investigar a autobiografia de Scliar, em seus primeiros textos, ou seja, nas “figuras anteriores”, buscar os sentidos mais encobertos, mais inconscientes ou ao menos, mais próximos a eles. A literatura de Scliar, como um produto cultural, monumento, obra, constitui parte da estima de si do escritor-médico, que, colocou seu inconsciente a serviço da busca de sentido, portanto, elaborando figuras anteriores. Escrevendo, projetou conscientemente o sentido elaborado para figuras posteriores, sua literatura.

Outro aspecto a analisar no manuscrito é que, se partirmos da explicação de Willemart, de que o grito-rasura-emergência gera um tempo de espera e um enigma, que aumentam a rasura (WILLEMART, 2019a, p. 80), inferi que preencher o tempo de espera, o quanto antes, com música, exposição ao sol ou escrita compulsiva poderia reduzir danos, evitar aumento da rasura.

⁷² Mais relacionadas ao ter, ao trabalho e ao poder (RICOEUR, 1978, p. 96-97).

Mas o tipo de grito narrado neste manuscrito de Scliar, parece mais relacionado a rasgar o papel em que se escreve, pois o se lançar de um prédio sem proteção no impacto com o chão, é irreversível. Talvez para evitar que se chegasse ao irreversível é que a batalha de Scliar durou mais que a sua vida de escritor-médico já que segue no seu legado graças à escrita literária. Ao escrever, pouca chance deu ao silêncio ou o converteu em seu aliado, e nunca lhe faltou munição para curar a palavra “judeu”. A literatura é seu canto de vida que segue ecoando pelo mundo. Em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, em 2003, Scliar reiterou:

[...] Postura generosa, e, na conjuntura política de então, corajosa; bem de acordo com o auto-retrato [sic!] que forneceu ao próprio Geraldo França de Lima: ‘*Quando um dia perguntarem a você o que sou, responda que sou um antifascista que odeia a mediocridade, a falsa modéstia, a virtude fingida e estudada, a mentira e a superficialidade. Sou um antifascista e pouco me importa que o fascismo esteja na Itália, na Alemanha, na Espanha, em Portugal, na Rússia ou nos Estados Unidos. Sou um[a] homem[peço] que acredita em Deus e que acredita que o homem foi feito por Deus para amar, ser amado e respeitado*’. (SCLIAR, 2003. Grifo meu).

Neste discurso, as palavras usadas pelo autor são alçadas a atributos de cura à ferida relacionada às dores da condição judaica. O escritor-médico afirma-se diante do coletivo dos escritores(as) mais destacados e legitimados do país, enquanto um deles e, mais que isso, um batalhador na guerra para arrancar as máscaras (mentira, falsidade, fingimento) que ainda protegem a chama do ódio e do preconceito. A cura, também está presente na enunciação deste discurso, no sentido de que está comprovando em “Cura-te pela cabeça: a biologia da esperança” (COUSINS, 1992) que a crença determinada na cura de uma doença, otimiza a recuperação de pacientes, aumentando o número de células T (Células de defesa do nosso organismo).

Nesse sentido, a aura que envolve a fala de Scliar na posse da ABL, revela uma pessoa repleta de determinação e de fé no amor humano. Além disso, o argumento de autoridade a que recorre, diz respeito a afirmar sua identidade, sua *História de identidade* (LEJEUNE, 2008), quando proclama que se for para defini-lo, que seja como um antifascista. Se alguém perguntar quem ele é, que digam: Moacyr Jaime Scliar, um antifascista. “Toda autobiografia é um epitáfio”, lembro Rettenmaier (2019).

O Centauro no Jardim (1980) foi exaustivamente analisado por diversas(os) pesquisadoras(es), que mais destacaram acerca desse livro o fato de representar a dualidade judaica-gaúcha da identidade de Scliar. Porém, nenhuma das pesquisas anteriores considerou o assunto cura relacionado a essa obra. O que faço, brevemente, aqui: O personagem principal, Guedali, o Centauro, foi levado pelo pai a um médico que o curasse, no sentido de que pensavam que se retirasse os cascos, reduziria o sofrimento. Mas, não foi possível curar. O

Centauro, então constatou: “vou dolorosamente tomando consciência de minhas patas, de meus cascos (sou obrigado a pensar em algo chamado ferradura)” (SCLIAR, 2011, p. 28). O doloroso processo de adaptação passa por algumas constatações reveladoras da identidade de vida, da história de identidade do próprio personagem – afirmado pelo próprio Scliar como autobiográfico:

O que eu queria era o contato com a terra — experiência que acreditava profunda, visceral. Queria andar descalço, queria criar calos nas solas dos pés, para torná-las cada vez mais grossas, cada vez mais semelhantes a cascos — cascos verdadeiros, enfim. Cascos em que cada camada córnea fosse resultado de longas caminhadas sobre terra e sobre pedras, de meditação sobre o sentido da vida. Andar muito, era o que eu pretendia. Trabalhar, sim; mas andar, também. E, se me cansasse, me sentaria na terra. Não temeria picadas de espinhos ou ferroadas de insetos nas nádegas. Ao contrário, as desejaria. Que se formassem calombos. Que crescessem esses calombos; que ossos se desenvolvessem neles, articulados aos da bacia; que criassem cascos; enfim, que merecessem o nome de patas era o que eu desejava. E não desejava menos uma cauda. Patas, quatro; cauda, uma. Pronto: centauro. (SCLIAR, 2011, p. 184-185).

Interessante a aceção de que aceitar os incômodos cascos seria uma forma de definir a própria identidade. Ao fim do livro, a impressão é de que toda a narrativa converge para um tipo de cura, tal qual proposta pela psicanálise, como transformação. Assim, consta no parágrafo final do livro: “Como um cavalo alado, prestes a alçar voo, rumo à montanha do riso eterno, o seio de Abraão. Como um cavalo, na ponta dos cascos, pronto a galopar pelo Pampa. Como um centauro no jardim, pronto a pular o muro, em busca da liberdade” (SCLIAR, 2011, p. 217-218).

Cada eu que se escreve tem muito de único e algo de universal. “Somos todos Centauros”⁷³ – disse meu colega professor de medicina (mas, ele, médico, oncologista), ao saber que eu estaria produzindo uma tese sobre Scliar.

Ainda a respeito da relação de centauro com cura, houve manifestação no evento “A dor de ouvir a dor”, promovido pelo GENAM USP, em que participei como ouvinte, o neurologista Dr. Hélio, professor de medicina, comenta: “Quero que meus alunos se formem sob o signo de Quíron.” (INFORMAÇÃO verbal ao meio dia e meia). Observo que na Mitologia Grega, Quíron é um centauro curador, mas que não conseguia curar a si mesmo, tendo que viver ferido, apesar de imortal. Moacyr Scliar relaciona a mitologia grega à saúde na recapitulação que faz no artigo científico *História do conceito de saúde* (SCLIAR, 2007) ele observa que:

A medicina grega representa uma importante inflexão na maneira de encarar a doença. É verdade que, na mitologia grega, várias divindades estavam vinculadas à saúde. Os gregos cultuavam, além da divindade da medicina, Asclepius, ou Aesculapius (que é

⁷³ Informação visualizada no grupo do whatsapp “Professores Medicina UFFS”, em julho de 2018.

mencionado como figura histórica na *Ilíada*), duas outras deusas, Higiéia, a Saúde, e Panacea, a Cura. Ora, Higiéia era uma das manifestações de Athena, a deusa da razão, e o seu culto, como sugere o nome, representa uma valorização das práticas higiênicas; e se Panacea representa a idéia de que tudo pode ser curado – uma crença basicamente mágica ou religiosa -, deve-se notar que a cura, para os gregos, era obtida pelo uso de plantas e de métodos naturais, e não apenas por procedimentos ritualísticos. (SCLiar, 2007, p. 32).

Na dedicatória do seu livro mais autobiográfico (conforme ele mesmo, por ser o primeiro livro é o “mais autobiográfico”), *Histórias de médico em formação* (1962), ele dedica: “A MEUS PAIS, que **me fizeram** médico” (grifo meu). Poucas palavras no livro, Scliar escolheu para estarem em maiúsculas. Outras poucas, mas um pouco mais palavras, para estarem em negrito. Sobre isso comento em seguida. Antes, importa destacar que esse pronome “me” seguido do verbo “fizeram”, na expressão, então, “me fizeram” indica um declínio ou, melhor, uma fraqueza da autonomia, ou, no mínimo, um reconhecimento menor de si para essa escolha da profissão de médico.

Mas o autor traz outro elemento como fundamental para a escolha da medicina. O medo de que os pais adoecessem:

[Claudia Nocchi (05min49s)] – E alguma vez você tentou explicar, esse medo que você tinha da doença, por exemplo, de ver seus pais doentes?

[Moacyr Scliar (05min54s)] – Eu entendi isso muito bem. Eu devo dizer, por longos períodos de análise. E o divã ajuda muito, ajuda a gente e ajuda aos psicanalistas, também, não há dúvida. Mas, entender a relação com os pais, com os nossos temores, é uma coisa que, no meu caso, pelo menos, requereu um bom período de terapia.

[Claudia Nocchi (06min22s)] – E de onde que vem esse medo, se a gente pode saber?

[Moacyr Scliar (06min23s)] – Vem da insegurança.

[Claudia Nocchi (06min26s)] – Vem da História?

[Moacyr Scliar (06min27s)] – É. Vem, em parte, da História. É a História de um grupo, **sempre** desamparado, **sempre** inseguro, **sempre** perseguido, com uma longa tradição de mudar de países, **sempre** se sentindo ameaçado, pessoas que não podiam ficar doentes. Eu me lembro disso: quer dizer, meus pais não se davam ao luxo de ficar doentes. Porque eles precisavam fazer as coisas deles. Então, a doença era uma dupla ameaça: era ameaça à integridade deles e ameaça à subsistência da família. Então, por isso, o medo que a gente tinha. (PERGUNTAR NÃO OFENDE, *s. d.* Transcrição e grifos nossos).

Também chama a atenção para essa análise, Scliar ter dedicado o seu primeiro livro “aos colegas da União Nacional de Estudantes de Medicina e da Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul, companheiros de luta por um mundo melhor.” Inclusive, o patrocínio para a publicação de livro foi desses dois grupos de colegas. Entendo que essa luta por um mundo melhor, a que Scliar se refere, a partir de outro momento de sua trajetória produtiva profissional, é intencionada e instrumentalizada também e com grande força e importância pela sua produção literária.

Rubens Maciel, é quem prefacia este livro. Ele participa de outro livro com Moacyr Scliar: *Fogos de Bengala nos céus de Porto Alegre: a faculdade de medicina faz 100 anos* (HASSEN; RIGATTO, 1998), um dos seis livros que mais contribuem com a História da Medicina no Rio Grande do Sul⁷⁴, conforme o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS⁷⁵).

No decorrer se usa vida, em especial, a partir da faculdade de medicina e do trabalho na Saúde pública, Scliar foi memorizando e como que juntando aspectos do que observava e experienciava, do que vivia. Para, depois, expressar em sua rica e diversificada criação ficcional, com personagens, situações e outros elementos que narrou. De todos os contos do livro, o que mais chama atenção é “História clínica cínica” (SCLIAR, 1962, p. 37-41), pois, nele, Scliar expressa, e em negrito, numa verborragia, tudo o que quer falar para a paciente que ele entrevista, sem edição. Nesse conto ele receita um ansiolítico para a paciente, Equanil. Sobre isso, no conto inicial, quando narra que sua mãe o obrigou a tomar ansiolítico para o vestibular.

O livro *Uma autobiografia Literária: o texto, ou a vida* (2007) traz no título algumas possibilidades iniciais de interpretação. Uma, de que a frase do título joga com um jargão de roubo, “o dinheiro ou a vida”, constituindo uma ameaça de morte, como quando se está sendo assaltado e fosse exigida a escrita para continuar vivo. Isso faz mesmo algum sentido pois o autor explica que tinha por missão escrever para defender a liberdade de expressão, “assaltada” pela ditadura militar. Além disso, o próprio Scliar esclarece mais sobre o sentido do título desta obra para ele (SEMPRE UM PAPO, 2007).

A comunidade de descendentes de judeus-russos que vieram ao Bom fim de Porto Alegre e, ali, viveram em casas pequenas, pobres, sem fogão a gás, sem banheiro, sem as mínimas condições de conforto, repletas de ratos, como conta o próprio Scliar, não o impediram de ter uma infância feliz:

Eu tive uma infância muito feliz, porque essas pessoas sabiam compensar essas carências com trocas afetivas que eram extremamente importantes. E essas trocas afetivas, elas se consubstanciavam num hábito que eles tinham, e que é uma coisa admirável e que se perdeu por completo. Todas as noites, eles se juntavam [...] e ficavam contando histórias e contar histórias é a gênese de toda a literatura. Toda

⁷⁴ Com FRANCO, Álvaro; RAMOS, Sinhorinha Maria. *Panteão médico riograndense: síntese cultural e histórica; progresso e evolução da medicina no Estado do Rio Grande do Sul*. São Paulo: Ramos, Franco, 1943; GODOY, Jacintho. *Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edição do autor, 1955; SOUZA, Blau; NEUBARTH, Fernando; CUNHA, Franklin (Orgs.). *Médicos Prescrevem*. v. 4. Porto Alegre: AGE, 1995; BONAMIGO, Telmo Pedro; OLIVEIRA, Miriam da Costa. *Memórias da criação da Fundação Faculdade Federal de Ciências Médicas de Porto Alegre*; WEBER, Beatriz; SERRES, Juliane. *Patrimônio cultural da saúde: inventário das instituições de Porto Alegre (1808-1958)*.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.simers.org.br/noticia?name=6-livros-que-contribuem-para-historia-da-medicina-no-rio-grande-do-sul>.

literatura começa como literatura oral. Toda literatura começa com a narrativa. Narrar é uma coisa importante. Escutar narrativas e contar narrativas é uma coisa que está no genoma humano. É uma necessidade básica das pessoas. Vocês vejam isso, na relação entre pais e filhos. Todo o pai e toda a mãe sabem que a maneira a se convencer a criança a ir para a cama é dizer que vai contar uma história. Não tem criança que resista a esse convite, porque a criança sabe que ela não vai só ouvir uma história ela não vai só ouvir uma narrativa, ela vai ter a presença reasseguradora do pai e da mãe junto de si e isso vai representar uma troca emocional que vai marcar essa criança pela vida. A gente esqueceu como é importante na paternidade e na maternidade como é importante o ato de contar histórias. (SEMPRE UM PAPO, 2007, 9min35s. Transcrição nossa).

Lembro que para o autor “a Literatura serve para estabelecer laços entre as pessoas” e que na psicanálise, que ele também fez por muito tempo, ele pode falar muito, narrar muito. Essa presença dos pais que ele revela na citação, tem total relação com o significado de cura para ele, conforme afirmaram seus amigos e colegas médicos: curar para Scliar é cuidar. É a presença atenta e empática ao pé do leito.

Então, se, para Barthes, o texto “mata” o autor; para Scliar, o texto – mais especificamente, mas não somente, o autobiográfico – se apresenta como possibilidade de cura e de vida.

Para Scliar, algumas formas de lidar com o processo desde a ideia até a publicação, podem levar a adoecer o autor. Mas, há uma contradição nos comentários do autor gaúcho sobre guardar textos em gavetas. Talvez, a contraste das afirmações sejam apenas pelo fato de terem sido enunciadas em diferentes momentos da vida do escritor.

Em entrevista no programa *Perguntar não ofende*, ele afirma que é bom guardar textos na gaveta, até mesmo por um ano, por exemplo, para pensar bem sobre o texto, antes de publicar: “Uma coisa muito boa é a gaveta. Eu reluto muitíssimo em tirar um texto dum computador e manda-lo para uma editora. Eu só faço isso, realmente, assim, quando eu sou muito pressionado. Se não, eu prefiro esperar, no mínimo, um ano, por exemplo” (PERGUNTAR NÃO OFENDE, s. d., 34min46s, transcrição nossa).

Noutro momento de sua carreira, comenta “[...] o inconsciente se protege” (SCLiar, 2007, p. 243), na sua autobiografia declarada, ao narrar sobre um escritor que não se conformava em esquecer os sonhos que lhe traziam muitas boas ideias. Então, explica Scliar, o escritor “decidiu colocar uma caderneta na mesa de cabeceira” (SCLiar, 2007, p. 243), porém sonhou que tinha anotado na caderneta. Que decepção quando viu que nada tinha anotado. Em seguida, o autor gaúcho questiona se devemos guardar ou mostrar o que escrevemos. “Melhor mostrar. Textos **guardados** na gaveta são perigosos. Fermentam, produzem emanções emocionalmente tóxicas que **adoecem** ou fazem sofrer **o autor**” (SCLiar, 2007, p. 243, grifos

nossos). Interessante que, para Scliar, deletar não adoce nem faz sofrer, somente guardar os textos, conforme observo neste trecho da sua autobiografia, *O texto ou a vida*:

[...] há uma tecla que é a grande amiga do escritor, a tecla de deletar. Ela é melhor que a cesta do lixo. Esta sempre dá uma chance ao arrependimento. A tecla deletar, não. [...] O texto deletado some, deixa de ter existência material, e isto envolve inclusive uma reflexão de caráter filosófico: viver é tentar, mesmo que nem sempre se obtenha êxito. Perdi a conta do número de textos que destruí ou deletei. É algo que a gente deve fazer sem se lamentar. Uma ideia boa, voltará – sob melhor forma. (SCLiar, 2007, p. 242).

Entre guardar na gaveta manuscritos ou deletar textos do computador, dispersando irremediavelmente “os átomos que se reuniram na tela para formar letras e palavras” (SCLiar, 2007, p. 242), o escritor revela dois caminhos para seus textos: o que estiver escrito e guardado em gaveta, publicar. O que estiver digitado em computador e aparentar mediocridade, deletar sem arrependimento. Nesta autobiografia, ainda, ele revela que copiou muito, muitos escritores:

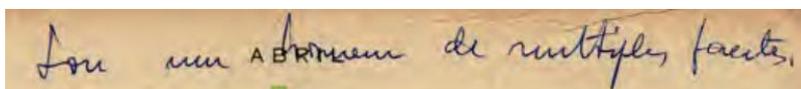
Copiei Viriato Correia, copiei Erico Veríssimo, copiei Jorge Amado, copiei Kafka. Os escritores que a gente copia são aqueles com quais temos afinidades, aqueles que nos fazem a cabeça. Mas existe aquilo que o crítico Harold Bloom (1930-) chama de ‘a angústia da influência’, algo muito parecido à relação que temos com os nossos pais: eles **cuidam de nós**, eles nos alimentam, nos vestem, nos educam, e nós os amamos, mas **queremos ser nós próprios**. Lá pelas tantas, e independente de qualquer tipo de resolução, a gente espontaneamente para de copiar. Seguimos nosso caminho, andando com nossos próprios pés. (SCLiar, 2007, p. 241. Grifos nossos).

Fico pensando se a “angústia de influência” ocorre também em relação a autores que escolho para elaborar teses. Penso que sim. Mas, de volta ao foco da análise, nesta citação há novamente a palavra angústia. Além disso, Correia, Erico, Amado e Kafka, estão ali, reiterados, pois já haviam sido mencionados por Scliar em diversas entrevistas e publicações – como no texto “Aprendi” que apresentei no item 2.2 desta tese: “escritor e leitor Moacyr Scliar. Outro elemento interessante expresso na citação é acerca da percepção do autor gaúcho sobre a relação com os pais. Isso se relaciona a cura, para Scliar, pois de acordo com seus amigos e colegas médicos, curar é cuidar, para ele. E ali está referido que “eles cuidam de nós” – os pais e os escritores. Mas o ponto crucial, aqui, é ir um pouco além do ser cuidado por outros. É ele revelar que “Lá pelas tantas, [...] espontaneamente,” paramos de copiar (de sermos cuidados por outros) e “Seguimos nosso caminho, andando com nossos próprios pés”. O “queremos ser nós próprios” tem crucial importância no sentido da autoria, da criação, pois copiar é outra forma de encapsular o eu. Mas, essa afirmativa sobre ser, também diz respeito à relação entre autobiografia e cura para o autor.

Escrever autobiograficamente, ou seja, sobre si, é realizar esse querer: ser ele mesmo. O escritor-médico andou muito com os próprios pés. Muito criou, publicou, se cuidou, se curou. Finalmente, sobre Scliar recorrer intensamente a outros autores: “O trabalho com a história revela o texto de Scliar como um texto que recebe interferência de outros, porque está aberto a diálogos a serem travados com [...] outras percepções do tempo em sua fugacidade” (REMÉDIOS, 2004a, p. 83).

4.2 AUTOBIOGRAFIAS NÃO DECLARADAS

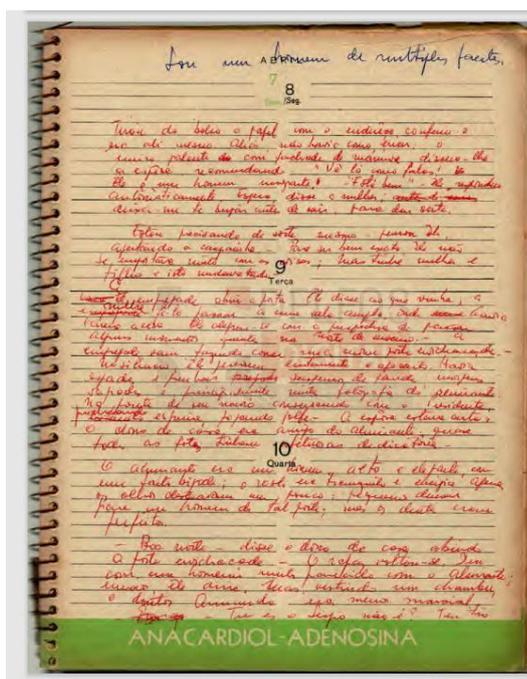
FIGURA 8 – Trecho 1 de um *Diário Médico* de Moacyr Scliar



“Sou um homem de múltiplas facetas”.
Fonte: Scliar (1963, p. 55).

A frase da Figura 8, acima, foi escrita na página de um *Diário Médico* de 1963, em que Scliar escrevia ideias para textos literários nos espaços para as anotações diárias, elaborando e imaginando, a partir de situações vivenciadas na prática do atendimento a pacientes. A Figura 9, abaixo, é trazida somente para contribuir com essa contextualização, não necessitando leitura detalhada para a viabilidade da minha pesquisa:

FIGURA 9 – Trecho 2 de um *Diário Médico* de Moacyr Scliar.



Fonte: Scliar (1963, p. 55).

Ele é homem de múltiplas facetas que se coloca na sua literatura, nas múltiplas personagens, personas. Considero personagens como outras vozes que Scliar invoca através do narrador, para se confirmar como autor de seus múltiplos. lembro que “A ficção pode encorajar uma confissão mais sincera e menos censurada pelo pudor” Lejeune (LEJEUNE, 2008, p. 137-162) e que a autobiografia está entre os textos confessionais, conforme Maria Luiza Ritzel Remédios (1997). A pesquisadora destaca que a natureza especular da desafiadora literatura confessional, “revela a natureza desse eu que se apresenta como uma tessitura e que, assim, proclama sua multiplicidade e fragmentação” (REMÉDIOS, 1997, p. 15). Essa realização que conjuga o detalhar, estruturar reflexivamente (tecido, texto, tessitura) à expressão o fragmentado e múltiplo – para ver o ser, reforça importância de trazermos nesta tese a autobiografia não declarada do autor escolhido, para ser analisada.

Possibilidade inusitada de contribuição que caberia às autobiografias, é indicada por Petit (2013) ao se referir às pesquisas que realizou sobre leitura para crianças e adolescentes. Ela afirma que não há lista dos tipos de livros mais apropriados para ajudar pessoas a se construírem, por isso, às vezes é a “autobiografia de uma atriz surda o que permitiria a um jovem homossexual assumir sua própria diferença [...]” (PETIT, 2013, p. 27). Essa constatação de Petit, tem profundas e importantes implicações à minha investigação sobre Scliar, no sentido de que posso inferir que, se um tipo específico de perfil apresentado numa autobiografia, alcança elaborações de outro tipo de perfil, talvez, o caminho oposto também seja viável, ou seja, alguém com um determinado perfil, por exemplo, o escritor-médico Scliar, escreve um conjunto de autobiografia não declarada, em ficção, contos e outros... e, com isso, alcança elaboração de seu Self, seu Eu mais autêntico, da redução do sofrimento, do curar feridas.

Proponho uma analogia entre a crônica “Roda dos expostos” que Scliar comenta na sua autobiografia declarada, *O texto ou a vida* (SCLIAR, 2007), e a Roda da escritura de Willemart – que apresentei no segundo capítulo, desta tese, “O eu que (se) escreve”. O autor gaúcho comenta que foi convidado pela Folha de S. Paulo para escrever ficção baseado em notícias. Então, ele elaborou esta crônica com base na notícia da “Roda dos expostos”, onde bebês eram deixados pelos pais, numa roda, para que as freiras os adotassem, ao girarem a roda da rua para dentro da Santa Casa. Na crônica criada por Scliar, um dos últimos bebês colocados na roda, chegou aos 65 anos, tendo se formado em Medicina (elemento autobiográfico I) e se tornado um neurocirurgião, “respeitado no país e no exterior” (SCLIAR, 2007, p. 236) (elemento autobiográfico II) e que sua mãe, “pouco antes de morrer, “revelou-lhe a história da roda dos expostos” (SCLIAR, 2007, p. 236). O personagem criado por Scliar, “Fez psicoterapia por algum tempo (elemento autobiográfico III), acabou deixando, e

por fim achou sua própria maneira de lidar com esse trauma de infância: mandou construir uma roda dos expostos [...] algo grande, onde ele, homem robusto, cabe facilmente. E a partir daí imaginou uma espécie de ritual. Todos os anos, no seu aniversário, a porta da luxuosa mansão em que mora é aberta e, no vão, os empregados colocam a grande roda dos expostos. Ele entra ali. A roda gira, uma campainha soa, e logo ele se vê dentro da sua casa, onde a família, uma grande família, esposa, filhos, filhas, netos – recebe-o de braços abertos e exclamações de júbilo. Cantam o ‘parabéns a você’, a roda é retirada e a festa tem início, agora com a presença de amigos e familiares. Nos primeiros anos as pessoas achavam estranho este costume. Depois, deram-se conta de que aquilo correspondia a uma necessidade emocional e aceitaram-no. Até o cumprimentam pela ideia, simbólica e generosa. O que não lhe perguntam, e **nem ele fala a respeito, é o que pensa no momento que a roda está girando, transportando-o do exterior para o interior, do abandono para o acolhimento.** Dura poucos segundos esse intervalo, e nem há tempo para refletir muito. Mas é **então, certamente, que ele descobre os segredos de sua vida** (SCLiar, 2007, p. 236-237. Grifos nossos).

Esta crônica revela o poder curativo que o médico-escritor atribui às palavras, à escrita literária. Scliar entrou na roda da escritura, na literatura, no ser escritor, para reelaborar através dos personagens, da criação de ficção, da imaginação e da escrita autobiográfica que o permitiu se orientar em relação a si – curar simbolicamente suas (e de outros) feridas de descendente de judeus, para se fortalecer diante do medo da morte, para aliviar o sofrimento provocado pela angústia do dia-a-dia de médico de Saúde Pública e de cidadão brasileiro que viveu no período da ditadura militar. Os leitores e leitoras o recebem de livros e de braços abertos.

Sua obra nos alimenta contra barbáries em geral pois as elaborações que ele trouxe sobre o antissemitismo podem ser aplicadas à compreensão e ao alívio de sofrimento de qualquer outro tipo de barbárie, guardadas as especificidades e o contexto de cada barbárie. Mas, isso, não de uma forma forçada ou iludida, mas desmistificada, realista. Às vezes é somente a palavra que temos como recurso para a criação de um espaço de cura, seja individual ou coletivo. Noutras situações, mesmo que não seja somente a palavra o recurso para cura ou alívio do sofrimento, ela se faz poderoso instrumento para o acesso, o uso, a permanência e mesmo a evolução de outros recursos. Palavras podem destruir, mas podem construir. Podem adoecer, mas podem curar. Podem doer, mas podem aliviar.

Enquanto o escritor-médico escrevia para elaborar a própria vida, encarava suas personas em meio às personagens que criava, a imaginação o apresentava a si, ao seu olhar pela via de um espelho de si. Então, em Moacyr Scliar até a escrita de si, a autobiografia, tinha o escrever para outros, mas não apenas no sentido de que seja para leitores(as). Havia também o sentido do altruísmo, do cuidar de si e dos outros. Afinal, o médico está ali, no escritor e o escritor está no médico. Porém, por outro lado, é compreensível que os atributos de cura ligados aos componentes autobiográficos de sua escrita estivessem na possibilidade e mesmo no direito ao uso de diversas personas, a experimentações de si, num tipo de sublimação sem a obrigação

nem mesmo a pressão por um autoconhecimento – mesmo que essa descontração acabasse imprimindo muito de sua identidade em sua obra e passasse, assim, a ser acessível a leitores(as) interessados.

Freud não apresenta um conceito estanque para cura, nem a estabelece como uma promessa de felicidade e de bem estar a serem alcançados. Isso, em vista de cada condição psíquica ser específica e de que nem sempre prescrever atitudes viáveis ou “educativas” condizem com a realidade da libido e do aparelho psíquico.

O verdadeiro desafio da psicanálise não consiste em postular a desintegração do sujeito, mas de encontrar a potência de cura própria às experiências de **não-identidade** que quebram tanto o círculo narcísico do eu como o quadro controlado de trocas intersubjetivas previamente estruturadas. (SAFATLE, 2006, p. 29. Grifos nossos).

Esse aspecto de considerar a não-identidade, adquire importante dimensão ao nosso trabalho, no sentido em que potencializa nossa proposta de identificarmos elementos que se relacionam à cura, na autobiografia não declarada de Scliar. Entre esses elementos, as personas, as máscaras usadas pelo autor, através dos personagens que ele não declarou explicitamente como autobiográficos, mas que estão disseminados em sua obra.

Entretanto, no romance autobiográfico juvenil *Aprendendo a amar e a curar* (2005), Scliar narra a história de um personagem com diversos aspectos de identidade semelhantes aos do autor. Mas, Alexandre Gusmões é um professor iniciante, em sua primeira palestra, que ocorre na primeira aula de uma turma de medicina. Ele conta aos estudantes o seu relato de vida e refere, logo no início, que irá gravar:

Vocês não se importam que eu grave, não é? Quero me ouvir depois. Não que eu goste particularmente do som da minha voz; [...] mas estou curioso, quero ver como vai sair esta palestra. [...] Se [...] ficar boa, talvez eu a publique. É bom **publicar**; difunde o conhecimento e **diminui a ansiedade** que todos sentimos; vocês em maior grau, eu em menor, ou talvez seja o inverso, não sei. Já saberemos (SCLIAR, 2005, p. 7).

Aqui, o autor revela dois aspectos essenciais à minha tese: 1) a importância de se ouvir, que *analogizo*⁷⁶ a se ler e defendo que é sinal de um padrão de comportamento do autor: fazer psicanálise, se ouvir, se ler e 2) o atributo curativo da escrita, da produção textual: diminuir a ansiedade, na percepção dele. Importante detalhe é a atribuição específica disso a **publicar**, o que, no meu entendimento indica o Eu em expansão. Publicar é expandir-se e, estando a publicação em suporte permanente, é forma de permanecer. No caso das autobiografias, é permanecer sua vida em forma de narrativa. Assim e porque quem o lê está vivo e o assimila

⁷⁶ Esse neologismo significa “fazemos analogia com”.

num tipo de antropofagia em que as palavras escritas conquistam, pela leitura, uma dimensão de vida do autor no leitor – que pulsa, respira, sente, sofre, ri – o eu expandido vive, como a partir deste romance autobiográfico do escritor-médico. Inclusive, o personagem Alexandre Gusmões, personagem-persona de Scliar, comenta: “Vocês querem começar logo, e nisto estão certos: a vida é curta, a arte é longa, dizia Hipócrates, o pai da medicina” (SCLIAR, 2005, p. 8). Personagens e autor participam, cada qual guardadas as suas proporções e importância, na construção de uma mesma identidade de escritor. Sobre isso:

[...] como a persona, a atitude externa é representada em sonhos pela imagem de certas pessoas que possuem as qualidades correspondentes numa forma bem acentuada, também a alma, a atitude interna, é representada pelo inconsciente por certas pessoas que possuem as qualidades correspondentes à alma. Essa imagem chama-se imagem da alma [...]. (JUNG, 1991, p. 422).

O personagem médico iniciante, no livro de Scliar, revela, em seguida, que se sente intimidado pela juventude dos estudantes, mas, sobretudo porque o olham, em silêncio, num auditório sombrio. O problema, para o médico é não conseguir distinguir as faces, devido a intensidade das sombras no auditório. O que o silêncio ou, dito de outra forma, o não escrever compulsivamente, o faria escutar de si? Muito significativo à minha análise é o comentário de Alexandre, neste contexto: “Aquele moço, por exemplo, que está sentada sozinha na última fila, sou capaz de jurar que a conheço, que a conheço muito, até. Se a conheço, chama-se Eunice. Se não a conheço, ela não precisa de um nome” (SCLIAR, 2005, p. 8). Olhar, assim como angústia, é uma das palavras mais usadas pelo autor em toda a sua literatura. Ele precisava enxergar, compreender, elaborar o que se escondia ou se disfarçava ou não conseguia se mostrar nas sombras. Scliar precisava se diferenciar do que imaginava de si e, dos outros, para se descobrir. Mas, precisava fazer isso com segurança de não se expor totalmente, então, um recurso utilizado foi manipular o narrador, conforme defende Lilenbaum (2009) em sua tese de doutorado onde comenta que as vozes narrativas de Scliar são “nascidas da tensão entre ficção e autobiografia, expressam uma busca por identidade sempre provisória e passível de traição em diferentes graus” (LILENBAUM, 2009, p. 4). Ainda, em sua tese, o escritor-médico comenta sobre um tipo de triunfo da literatura sobre a doença, relacionado ao olhar, a imagens:

Ele me mostrara que eu desejava fugir com a mulher de meu pai – minha mãe! – e não me sentia curado? A própria confissão escrita de Zeno é uma mentira. E é uma mentira, em primeiro lugar, no idioma usado: Zeno fala o dialeto triestino, mas escreve em italiano. Como na história do médico judeu que diagnosticou o momento do parto pelo idioma em que gritava a parturiente, Zeno está afirmando que só uma linguagem visceral, como o dialeto de sua infância, poderia expressar a verdade. A narrativa em si também é uma falácia, porque seletiva: ‘escolhemos de nossa vida os episódios mais notáveis’ (Svevo, op.cit., p.373). Mas as imagens da vida de Zeno despertam

nele próprio intensa emoção, uma emoção que até ao próprio psicanalista assombra e que talvez o tenha levado a declarar o paciente curado. Só que estas imagens, diz Zeno, foram inventadas. ‘Inventar, porém, é uma criação, não uma simples mentira’ (Svevo, op.cit., p.373): de novo, a literatura triunfa sobre a neurose, e sobre a psicanálise. Mas é uma vitória de Pirro: Zeno continua doente, sabe disto, o que deixa o analista desconcertado: ‘Eu estava curado e não queria admiti-lo! Mas que cegueira a minha! (SCLIAR, 1999, p. 147).

Diversos elementos importantes para analisar autobiografia e cura para Scliar, são revelados nesta citação. A constatação de que confissão pode ser mentirosa se num idioma não-visceral, não original para ele. Novamente, aqui, a importância da visceralidade e da infância como acessos à verdade, são demarcadas. A informação de que seria uma falácia a narrativa em si, pelo fato de selecionar “episódios mais notáveis” da nossa vida. Outro elemento revelado é a carga intensa de emoções atribuída às imagens que Zeno enxerga, de sua própria vida. Lembro que Scliar comentou que o poder curativo da literatura está, entre outros fatores, nas fortes emoções que desperta. Na citação da sua tese, o assombro que esse excesso de emoção causa também no psicanalista, o induz a declarar o paciente curado. E aí estaria o triunfo⁷⁷ da literatura sobre a doença – no caso, a neurose, e sobre a psicanálise: na invenção, num tipo de mentira que não é menor, pois é inventiva, criativa.

Retorno ao início da narrativa de *Aprendendo a amar e a curar*, onde o personagem médico iniciante comenta sobre máscaras. Ele refere que seria preciso tirá-las para se alimentar das lindas frutas, pois não há orifício para entrar comida. Posso associar isso a que as personas, personagens de Scliar, foram trabalhadas por ele na literatura, que, em princípio é ofício (como ele mesmo diferenciou no início do livro) com menores oportunidades ou perspectivas de lucro que a medicina. Na literatura, através das personas, das personagens, Scliar estaria com as máscaras. Para se alimentar, as tiraria, exerceria a medicina. Mas a dialética é que com as máscaras acessava conhecimentos sobre si, que não eram possíveis somente pelo exercício da medicina. Assim, uma área complementava a outra para o autoconhecimento do autor. Uma analogia com o olhar que para chegar ao foco, precisa passar um pouco do objeto, indo adiante, indo além, num desfocado como uma miragem, para garantir que passou pelo ponto do foco e, assim, tendo a segurança de haver passado pelo ponto principal, então, poder, aos poucos reduzir a velocidade e retornar vagarosamente para o ponto do foco, que somente foi possível alcançar por sua ultrapassagem. A criação de personagens-personas, também remete à a Karl

⁷⁷ Vitória de Pirro “é uma expressão utilizada para expressar uma vitória obtida a alto preço, potencialmente acarretando prejuízos irreparáveis. A expressão tem origem em Pirro, general grego que, tendo vencido a Batalha de Ásculo contra os romanos com um número considerável de mortes, ao receber os parabéns pela vitória, teria dito, preocupado: “Mais uma vitória como esta, e estou perdido”.
Fonte: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=725979&pid=S1415-128202000010001300027&lng=pt. Acesso em 25 de julho de 2022.

Popper, mesmo que não no sentido totalmente original que ele postulou, mas no sentido de que se não for falsificável, não é pensamento científico. Aqui, a experimentação que Scliar fez com sua criação de personagens-personas e minha análise disso, convergem para aproximação ao objeto científico em tese: autobiografia e cura para o autor gaúcho.

Diversos pontos da narrativa de “Aprendendo a amar e a curar” se relacionam à história de identidade de Moacyr Scliar. Assim com Alexandre Gusmões, ele também foi médico e professor de medicina, também morou e trabalhou em Porto Alegre, também é gaúcho, também teve uma infância de admiração pelos médicos e de ver seus pais colocarem muito afeto e expectativa chegando à quase idolatria dos médicos, também o autor e seu personagem-persona ponderam detalhes, nuances, possibilidades para além de certezas, também tem personalidade humilde, de respeito e de boa interação com funcionários como ao personagem Chico:

Vamos pedir ao nosso amigo Chico para projetar o primeiro slide [...]. Vocês conhecem o Chico? Não? Pois é bom que conheçam. [...] Nos meus tempos de estudante ele já trabalhava aqui – e nos quebrava todos os galhos. Apostilas? Com ele. Livros usados? Com ele, também. Microscópios, estetoscópios, crânios, ele conseguia tudo. (SCLIAR, 2005, p. 10-13).

Alexandre ainda relata aos estudantes várias histórias sobre Chico, sobre como ele carneava animais com enorme habilidade em uma fazenda onde, numa emergência, outro empregado precisou ser operado e Chico ajudou o cirurgião. E continuou o ajudando em outras ocasiões até constatar que o cirurgião perdia a visão, gradualmente. Então, tendo se aposentado por isso, o médico indicou Chico para um emprego de servente na faculdade de medicina.

Outro detalhe interessante desse romance autobiográfico de Scliar, é que a cura também é destacada nesta narrativa através da personagem Rosa, curandeira que se vale de plantas medicinais e atua em um centro de umbanda. Alexandre conta que, quando estudante de medicina, se apaixonou por Rosa, que é filha de empregada doméstica e curandeira. Outro sinal importante é o nome da personagem curandeira: Rosa. Rosa de Luxemburgo é a mulher mais citada pelo autor em entrevistas televisivas, e há diversas menções ao nome dela distribuídas por sua literatura. Caso seja uma homenagem à Rosa de Luxemburgo, ou nela inspirado o nome, que poderes teria a Rosa pessoa real para curar as feridas de Scliar? Outro exemplo de referência do autor a ela, está em diversos trechos de *O exército de um homem só* (SCLIAR, 2014): “Rosa de Luxemburgo o ajudaria [fundar a universidade do povo de nova birodijan]” (SCLIAR, 2014, p. 88) e “O Capitão Birodijan puxou-a para si. Era o amor que se iniciava, o puro sentimento revolucionário” (SCLIAR, 2014, p. 89). Ainda:

Naquele ano Mayer Guinzburg lia Rosa de Luxemburgo (1870-1919), que ele chamava carinhosamente ‘minha rosa de Luxemburgo’, embora ela não fosse de Luxemburgo e sim da Polônia. Muito moça, emigrava para a Alemanha, lá casando com um trabalhador. (...) Rosa de Luxemburgo... Mayer Guinzburg chorava lendo as ‘Cartas da Prisão’. Rosa de Luxemburgo; Mayer Guinzburg tinha uma fotografia dela; um rosto puro e iluminado, parecido ao de Leia. Rosa de Luxemburgo. (SCLIAR, 1973, p. 25).

Avanço a análise, lembrando sobre iluminar para curar e acalmar a angústia, trazendo de modo pontual e breve a autobiografia de Erico Veríssimo, *Solo de Clarineta: memórias – Volume 1* (VERISSIMO, 2005)⁷⁸ que constitui um ponto de vista relevante e complementar. Apesar de Erico não ter sido médico, suas constantes e longas vivências observando pacientes e médicos ao lado da farmácia do pai, no terreno de casa, alimentaram seu computador interno, como ele mesmo referia a seu inconsciente, sendo importante material para sua produção literária:

Essas figuras humanas estavam como que a oferecer ao futuro romancista elementos para uma variada e colorida galeria de personagens. O misterioso computador de meu inconsciente ia sendo assim programado sem que eu soubesse. Havia entre os frequentadores habituais da farmácia ‘gaúchos buenachos’, admiráveis contadores de casos, mentirosos patológicos, pelo menos um cretino clinicamente reconhecido, um pederasta, um tuberculoso, um sujeito que sofria de furunculose, vários portadores de bronquites crônicas, políticos da oposição, oficiais do Exército – homens que em geral vinham do Rio ou do norte do país e que eram tratados por uns com circumspecta desconfiança e por outros com uma atenção bajuladora. (VERISSIMO, 2005, p. 60).

Como Scliar, Erico foi escritor gaúcho e viveu em Porto Alegre. Ambos lecionaram Literatura nos Estados Unidos: Scliar, em 1993, no Departamento de Estudos Literários da *Brown University* (SCLIAR, 2008, p. 1); Erico, em 1943, na Universidade da Califórnia e no *Mills College* (VERISSIMO, 2005, p. 12). Além disso, produziram “narrativas alegóricas” que redimensionam “diferentes dados de momentos cruciais da História do Brasil e agem sobre os leitores provocando polêmica, reflexão e, por extensão, a revisão crítica dos momentos políticos referidos” (NIEDERAUER, 2007, p. 8). Se, de maneira geral, viveram algumas experiências semelhantes, cada um produziu com sua própria identidade, seus sentidos a elas.

O pai de Erico, que era farmacêutico, havia construído nos fundos da farmácia “dois pavilhões de madeira para abrigar os doentes recém-operados, que ficavam lá até o dia em que o cirurgião os declarava em estado de voltarem para suas casas ou serem removidos para o

⁷⁸ Esse livro de memórias de Erico Verissimo, possui dois volumes e foi publicado inicialmente em 1973, estando na vigésima edição em 2005.

cemitério” (VERISSIMO, 2005, p. 62). O autor descreve uma situação em que se viu diante da vítima e do médico:

[...] certa noite – eu teria uns quatorze anos [...] -, encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam ‘carneado’. [...] o que vi de relance inicial me deixou de estômago embrulhado. [...] um polegar decepado, que se mantinha pendurado à mão [...] apenas por um tendão. O ferimento mais horrível de todos era o talho [...] que rasgara uma das faces [...] numa comissura dos lábios até a orelha. Tinha a impressão de que o homem estava sorrindo de tudo aquilo. [...] Um golpe, [...] lhe havia descolado parte do couro cabeludo. Pelo talho do ventre, escapava-se a madreperla viscosa dos intestinos. Foi essa a primeira vez que senti de perto o cheiro de sangue e de carne humana dilacerada. (VERISSIMO, 2005, p. 64).

Erico relaciona o vir a ser escritor com o despertar adolescente para a coragem de segurar uma lâmpada a fim de que um cirurgião possa salvar um paciente nos fundos da farmácia de seu pai. Iluminar com força o sofrimento e a quase morte, para, a despeito do horror do que via com muita clareza – da qual era o próprio autor, mesmo tendo sido chamado para isso – não se permitir o encolhimento ou o fechamento pela cegueira do medo e, com isso, estar agindo para uma vida ser salva. Seu relato de memória, continua:

Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse caboclo pode aguentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhes e salvar essa vida? Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a idéia de que o menos que um escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto. (VERISSIMO, 2005, p. 64-65).

Erico relacionou o ofício do escritor a um colocador de luz nas feridas para a cirurgia poder ser bem sucedida, para vencer as sombras. Lembro das palavras de Rettenmaier em reportagem de Fávero (2021): “O escritor não tem as respostas, não sabe suturar, mas seu sentido de existir passa por colocar luz naquilo que dói ao mundo”. Autobiografia, nesse contexto, é colocar luz nas próprias feridas e as máscaras-personas-personagens iluminam o conhecimento de si do autor, apesar de aparentarem somente mascarar-lo. Erico e Scliar, em duas autobiografias e relatos de memória explicitam que recorriam à imaginação como instrumento e estratégia para a saúde mental e emocional. Erico, inclusive menciona que a “magia da memória afetiva” traz algo de volta à vida, neste caso, uma árvore que Erico guarda dentro de si:

Tive no começo no começo de vida uma árvore que até hoje continua dentro de mim como um marco do tempo da infância e uma entidade importante de minha mitologia particular. Era a única existente no nosso pátio interno. Estava plantada num alto canteiro, num dos ângulos dessa área comum à nossa residência e à farmácia, numa zona pobre de sol, entra a ‘cloaca máxima’ e um dos pavilhões hospitalares. Graças à magia da memória afetiva, esse ‘fóssil’ dum minuto para outro pode voltar à vida, com raízes, seiva circulante, tronco, galhos, folhas, flores, frutos e até com os insetos e passarinhos que costumavam frequentá-lo. Com tudo isso reviverá também o menino que amava a árvore e procurava sua companhia nos momentos em que necessitava de solidão para arquitetar suas ficções, viver seu mundo de faz-de-conta. (VERISSIMO, 2005, p. 74).

Para Veríssimo, a memória da magia afetiva, substitui a escassez de sol, reduzindo as sombras e revivendo o menino que foi, amoroso que sentia na companhia da árvore um tipo de cuidado, de presença, de olhar mesmo ao menino criador de ficções, de forma semelhante à pomba que olhava o menino Scliar no Bairro Bom Fim de Porto Alegre.

Além disso, o médico, personificado em Alexandre, na narrativa *scliariana*, também é promotor da luz e do esclarecimento que acalmam. Pois, conforme afirma Scliar.

Às vezes, acordava à noite ardendo em febre, todas as fornalhas do inferno ardendo em meu magro corpo; [...] mas eu só melhorava quando chegava o médico. Este grandioso personagem, um gigante, adentrava, barulhento, a casa, trazendo consigo o vento dos pampas. [...] Sua presença iluminava a casa. (SCLIAR, 2005, p. 16).

Aqui, também há relação à Literatura e medicina, no que essas áreas tem de muito em comum. Voltamos, então, à análise da autobiografia não declarada de Scliar, que produziu toda a sua obra literária, como uma forma de trazer luz, iluminar, esclarecer consciências acerca da medicina, da palavra judeu.

A tese que Scliar desenvolveu em 1999, evidencia que Scliar identificou sua história de identidade (LEJEUNE, 2008) com a de Freud. A dimensão disso para a cura relacionada à autobiografia diz respeito a que Freud foi um médico que trouxe para a medicina, a palavra com um tipo de poder de cura diferente do que vinha sendo usado pela medicina, por exemplo, a palavra nas entrevistas médico paciente. Ao trazer a noção de inconsciente e ligar a ela o poder da palavra, ao trazer a noção de sonho e tantas outras acessíveis ao psicanalista e ao paciente pela primordial tábua de salvação e de cura “a palavra”, Freud descentrou não somente a noção de sujeito, mas, também a noção de cura, alterando profundamente a noção da condição humana do ser humano sobre si mesmo, os limites do consciente, a função dos instintos, da libido, o Eu lutando para se expandir, entre id e superego – que ao fim e ao cabo, também são “Eu”.

Scliar, se apropriou do poder da palavra como instrumento estético, de criação de beleza e de ligações entre pessoas, mas, além disso, de expressão e de acesso à compreensão do sofrimento e das curas humanas e, da imaginação como potencial e realização de uma refração,

em miragem, mas ainda assim acessível ao olhar, da condição humana – que é mesmo mais que racionalidade, mais que nitidez, pois contraditória, surpreendente e mesmo confusa, recorrentemente. Não obstante, se ingressar na fase profunda do sono, como mostrou recentemente a ciência⁷⁹, permite faxinar o cérebro, então, sonhar profundamente a escrita – isso que é a literatura – permite decorá-lo.

Seu diverso conjunto autobiográfico tem uma dimensão para além do sujeito, do indivíduo, na medida em que ele produziu sua literatura para alcançar o público, uma Literatura pública em analogia à especialidade médica escolhida por ele, a Saúde Pública. Assim como ele não trabalharia medicina em um consultório de elite econômica, com consultas impossíveis de serem acessadas pela população em geral, ele também não faria uma literatura para a elite, rebuscada, inacessível, mas, uma literatura para o público, acessível à população letrada em geral que pudesse comprar livro, mesmo com dificuldades, como ele fez na sua infância em que não faltaram livros, embora pudesse haver a insegurança alimentar em sua família. Scliar entendeu logo na faculdade que a miséria mata e ele não queria fazer parte dessa barbárie, ele entendia o dever moral de contribuir com os menos favorecidos e deixou isso muito claro em seu discurso de formatura na faculdade de medicina.

Freud também é trazido por Scliar a um de seus mais autobiográficos livros, conforme afirmou o próprio Scliar: *O exército de um homem só* (2012b). Neste livro, que teve sua primeira edição em 1973, na p. 42 há um diálogo em que alguém afirma que Dr. Freud cura pela força da palavra. A identificação de Scliar com Freud, conforme constato em minha tese, me leva a supor que Scliar poderia ter tido vontade de ser médico e psicanalista, como Freud. Talvez a escolha de Scliar pela Saúde Pública tenha ocorrido em detrimento do vir a atender pacientes de elite em consultórios psicanalíticos, que o próprio Scliar mencionou sobre o alto custo dos tratamentos psicanalíticos em sua tese de doutorado, quanto traz, entre exemplos de piadas do humor judaico, a seguinte:

Ou esta outra, que também ao alude ao status representado pelo caro tratamento psicanalítico nos Estados Unidos. Três senhoras judias estão na praia, em Miami Beach, falando sobre seus filhos: – Meu filho – diz a primeira, orgulhosa – todos os anos me traz aqui para Miami, hospeda-me no melhor hotel, paga todas as contas e ainda manda me buscar de avião. – Pois o meu filho – diz a segunda – comprou-me um apartamento duplex em Nova York e todos os anos me lava a passear pela Europa.

⁷⁹ Nas fases mais profundas do sono, “o corpo repõe as energias do desgaste diário [...] executa o processo de recuperação de células e órgãos [...] a atividade do cérebro acelera e inicia o processo de formação dos sonhos [...] É quando o cérebro faz um tipo de faxina na memória, guardando as informações importantes recebidas durante o dia e joga fora as informações desnecessárias (NUNES, s. d.).”

– Pois o meu filho – diz a terceira – vai quatro vezes por semana ao psicanalista. Cada vez paga cem dólares, e sabe de quem ele fala? De mim! (SCLIAR, 1999, p. 127).

Lembro que em *Pedacinhos de infância* (1952), “Carlinhos segue comprimido, humilhado, dirigido. O Eu de Scliar precisava se expandir, se libertar das pressões sobre si, exercidas pela dupla condição de descendente de judeus-russos, pela mãe e pai judeus e pela profissão médica. Criou espaço para expandir-se com mais liberdade na Literatura. Sobre a mãe, a quem ele refere carinho e gratidão e, mais, responsabilidade por torna-lo médico e escritor, ele também comenta em diversas entrevistas e publicações que ela é, como toda mãe judia, exigente ao ponto de obrigar ele e o irmão Wremyr, a escreverem redações nas férias, “duas redações por dia, pois há mais tempo nas férias”. Passagem do livro autobiográfico (de acordo como próprio Scliar), *O exército de um homem só* (2012b), reitera esse nosso raciocínio. Nela, a personagem mãe judia, trouxe para a família comer, costeletas de porco:

– Come! Berrou nossa mãe. – Come! Come!
Arrancava os cabelos da cabeça, lanhava o rosto com as unhas. Apressadamente, Mayer engoliu as costeletas, eu o ajudando como podia (SCLIAR, 2014, p. 30-31).

De outro lado, o pai de Mayer, o obriga a estudar para se tornar rabino, apesar de Mayer não querer e da sua exaustão pelo sono:

– Em que estou errado, meu filho?
– Em me obrigar a estudar essas bobagens – gritava Mayer – quando estou louco de sono! É um absurdo!
[...] – Estamos com fome, é certo. Mas o que importa? [...] A maior riqueza é o estudo, a religião.
– Não! Gritava Mayer. A maior riqueza é a posse dos Meios de Produção, estás ouvindo? Estudo, religião! É bem como diz Marx: a religião é o ópio dos povos! (SCLIAR, 2014, p. 32-33).

Ainda, em sua Tese de doutorado, em síntese, Scliar considera literatura, psicanálise e os sentidos sobre a doença e o médico no imaginário judaico, para concluir:

1. A evolução das concepções sobre saúde, doença e medicina na cultura judaica corresponde, de maneira geral, à evolução destas concepções na cultura ocidental, na qual sucedem-se, ao longo do tempo, três modelos: mágico-religioso, empírico e científico;
2. Na cultura judaica ocorrem variações destes modelos. Assim, na fase religiosa, temos uma fase teológica, ou bíblica, em que o sacerdote assume papel importante, sobretudo no diagnóstico e no encaminhamento de situações mórbidas em que a idéia de impureza está presente. O abandono do modelo religioso se faz através de uma fase teológico-filosófica em que rabinos, e depois filósofos, são figuras de influência na **interpretação**, na prevenção e no manejo da doença;
3. O surgimento da medicina como profissão institucionalizada e de caráter científico foi de grande importância para o judaísmo como grupo social, de vez que forneceu um mecanismo de ascensão na sociedade, ao mesmo tempo em que serviu como

veículo para a introdução das transformações trazidas pela modernidade **num grupo até então discriminado e isolado**;

4. Nesta evolução é importante a figura de Sigmund Freud. Ele não apenas empreende uma interpretação do judaísmo à luz dos conceitos da psicanálise como a sua própria evolução científica e intelectual reproduz, em sentido inverso, a trajetória acima descrita;

5. Ao longo de toda esta evolução, relatos e textos de origens diversas, anônimos ou não, deram **testemunho** das transformações sociais e individuais que acompanham todo este processo. No caso de escritores, grandes obras literárias surgiram, tendo como ponto de partida a universal relação do ser humano com o binômio saúde-doença, vista através de uma peculiar ótica; uma ótica que, **alargando as fronteiras do entendimento**, representa também uma **fonte inesgotável de emoção estética**. (SCLIAR, 1999, p. 162. Grifo meu).

Esse último parágrafo da sua tese, em que apresenta a quinta das cinco conclusões a que chegou, ao pesquisar sobre Freud, parece coincidir com a sua autobiografia e poderia perfeitamente se aplicar a um texto que fale sobre Scliar. É fato que, para conhecer a identidade de Scliar, importam a identificação e a admiração que tem pelo criador da psicanálise. O autor gaúcho fez a tese e diversas publicações sobre o médico judeu-austriaco, em diversos gêneros literários. Parece, a todo momento de sua tese, que Scliar está falando sobre si ao falar sobre ele. Um exemplo disso é quando afirma que “Freud jamais recusou o seu judaísmo, no qual via não apenas suas raízes, mas uma verdadeira fonte de energia psicológica” (SCLIAR, 1999, p. 153).

Sobre *A majestade do Xingu* (1997), o autor gaúcho comenta:

[...] baseei-me em um personagem real: o médico e indigenista Noel Nutels (1913-1973) que, imigrante russo como meus pais, se formou em medicina no Recife e acabou dedicando a vida a cuidar dos índios do Xingú. Tínhamos em comum a ascendência judaica e o trabalho em Saúde Pública, ao qual cheguei, quando, médico formado, comecei a trabalhar no Hospital Sanatório Partenon, da Secretaria da Saúde do Rio Grande do Sul, à época atendendo exclusivamente tuberculosos. O Brasil tinha, já então, um excelente programa para o controle da doença, e foi isto exatamente o que me atraiu: a abordagem da doença como um problema coletivo, social.

O enredo deste romance, remete ao *A morte de Ivan Ilitch*, de Tólstoi – importante influência para Scliar. Uma elaboração da vida de Noel Nutels é apresentada pelo personagem narrador, que está abandonado pela família em uma cama de hospital, aos seus mais de 60 anos. Este narrador é um imigrante judeu-russo (elemento autobiográfico I) que prometeu ao seu pai que se tornaria médico (elemento autobiográfico II), entusiasmou-se com o comunismo (elemento autobiográfico III). A amizade entre o narrador e Noel, como que qualifica o narrador para que conte a história de vida do médico indigenista. Entretanto, ao contrário de Scliar, o narrador do livro, é um fracassado e expressa esse fracasso, inclusive, contando sobre o bem sucedido Noel, algo que ele não conseguiu ser, sucesso que não conseguiu alcançar. Apenas herdou uma lojinha sem pompa, curiosamente chamada de “Majestade”.

A tese de Moacyr Scliar, defendida em 1999 é intitulada *Da bíblia à psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica*. Entretanto o autor revela que o tema seria outro, em conversa com o escritor Rubem Alves, transcrita e publicada no livro: *Rubem Alves & Moacyr Scliar conversam sobre o corpo e a alma: uma abordagem médico-literária* (ALVES; SCLIAR, 2011), do qual apresento um trecho do diálogo revelador, mediado pelo médico e editor Odorico Monteiro:

Moacyr Scliar – [...] Hoje, depressão está na ordem do dia; é o distúrbio emocional mais frequente. Mas, como dissemos, depressão não é a mesma coisa que melancolia que, apesar de tudo, tem seu lado intelectual, poético mesmo. As pessoas que sofrem de depressão são unânimes em dizer que se trata de algo demolidor. Há um livro famoso do escritor norte-americano William Styron, autor de ‘A escolha de Sofia’, que se chama *Darkness Visible* (Visível Escuridão, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1991). O autor fala de um surto de depressão pelo qual passou, penosa situação agravada pelo fato de muitas pessoas não entenderem o deprimido; classificam-no como um preguiçoso moral, censuram-no por não reagir contra sua depressão. Ou seja, além do sofrimento, a pessoa ainda tem que aguentar as acusações alheias. Isso é cada vez mais frequente, porque em sociedades tão competitivas como a nossa, se o indivíduo não sai na frente na corrida pela vida, ele imediatamente acha que não é bom e se deprime. [...].

Rubem Alves – [...] Você foi absolutamente brilhante! Você decorou tudo isso antes de vir para cá?

Moacyr Scliar – Não, eu trabalhei muito tempo com esse tema. Ele seria a minha tese de doutorado. Acabei fazendo outra tese [...]. (ALVES; SCLIAR, 2011, p. 56).

A última fala de Scliar, neste livro que foi publicado no ano de sua morte é: “[...] Rubem, nós sabemos que o fato de alguém estar nos lendo (gostando ou não...) é uma coisa que faz com que a gente viva melhor” (ALVES; SCLIAR, 2011, p. 121).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÕES: LÁ PELAS TANTAS, QUEREMOS SER NÓS PRÓPRIOS

A metáfora da miragem, a que recorri algumas vezes nesta tese, se aplica à própria tese. Existe. Mescla e refrata citações, falas, sentidos e entendimentos, acessando o contraditório e a nitidez. Assim, a vida desse escritor-médico em sua literatura, esteve acessível ao meu olhar. Alcancei o ponto do foco e a objetividade em diversos momentos dessa busca em que relacionei a cura, para o autor, no conjunto da sua autobiografia.

Numa época em que é preciso ensinar a importância da humanização nas relações humanas, que vacinas, Saúde Pública e ciência salvam vidas, que acessar e produzir Literatura constituem liberdade de expressão, trabalhos sobre Moacyr Scliar são imprescindíveis. No Brasil e em outros países – inclusive nos que acessam as palavras de Scliar em outras línguas, a sociedade esclarecida reconhece e investe na responsabilidade humana para preservar a vida e reduzir sofrimentos e custos. Entretanto, há limitações de raciocínio e dificuldades emocionais que dizem respeito à condição humana, não são exclusivas a uma nacionalidade e acometem mesmo quem se pretende esclarecida(o). Isso significa que é preciso lutar.

Scliar enfrentou bravamente e com importantes resultados enormes desafios: curar a ferida da palavra judeu, defender a justiça na Saúde Pública brasileira, otimizar a humanização do atendimento médico-paciente, promover a leitura onde se investe na sua retração – o Rio Grande do Sul, do qual ele se alegrava em ter a tradição de “Celeiro cultural” em que a leitura e os livros eram promovidos, hoje, esmaece e tem cultivado outros sentidos, está sendo preenchido por outro tipo de “cultura”. A angústia, ao contrário de o paralisar e vitimizar, o impeliu a lutar. Muito. A vida toda. Ele se fez uma pessoa imprescindível, o que nos lembra Bertold Brecht:

Há homens [pessoas] que lutam um dia e são bons[as].
 Há outros[as] que lutam um ano e são melhores.
 Há os[as] que lutam muitos anos e são muito bons.
 Porém, há os[as] que lutam toda a vida. Esses[as] são os[as] imprescindíveis.
 (BRECHT, 1981).

Scliar sabia da possibilidade de luta se propagar, “correr pela vizinhança” e se fixar na vida alheia. Que ela pudesse tomar o lugar ocupado pela angústia, de forma semelhante ao que elaborou para si. As lutas curariam feridas do passado. As lutas da imaginação venceriam os lutos. Afinal, escrever, ler e publicar são, ao fim e ao cabo, recursos humanos para elaborar a vida e a morte.

Moacyr Jaime Scliar tem em si a infinitude da memória humana,
pelo tempo que durar o acesso à sua obra.

A cura é sempre relacionada a alguém.

O eu, não cabe em si.⁸⁰

Literatura é força fecunda e perturbadora, sobretudo pelo caráter envolvente com que leva a (re)conhecer sonhos, desejos e vozes. Nos meandros das ficções, a profundidade e a multiplicidade de relatos e de facetas humanas permitem intuir que para além de escolhas, há complexidade na vida por suas combinações e sorteios peculiares. Assim, autores e leitores transformam-se em si e entre si, pois tudo o que é escrito é *animascrito*⁸¹ e tudo o que é lido, é lido pela alma. Com a leitura nascem desde o reconhecimento de impossibilidades até possibilidades de ser, de interpretar, de sentir e de escrever. Dos leitores nascem escritores que sussurram, falam ou gritam literatura perturbando silêncios e espelhando imagens passadas e presentes, de e para uma sociedade que precisa se compreender melhor e assim, de alguma forma, exercer o cuidado.

Literatura, para Moacyr Scliar, é cria da contação de histórias e é proteção afetiva que serve para curar ou, ao menos minorar o sofrimento devido à possibilidade de desencadear respostas emocionais muito intensas (SCLIAR, 2003, p. 28). Para o autor, os contos de fadas, oferecem modelos de identificação e promovem uma via de liberação das tensões emocionais, exercendo papel vital na formação do psiquismo infantil. Quanto à idade adulta, Scliar argumenta que uma prova de que as pessoas acreditam na literatura como guia para a saúde e a cura é a proliferação de obras de autoajuda. Mas, o mais importante é comentado a seguir: “Por último, mas não menos interessante, a literatura é importante como fator de estabilidade emocional aos próprios escritores”. Por se tratar de um escritor-médico, entendo que a estabilidade emocional proporcionada pela escrita autobiográfica, contribui ao autocuidado médico e, com isso, à otimização das relações médico-pacientes.

No contexto da literatura, a estabilidade emocional de Scliar, foi sendo evidenciada, consolidada e registrada ao decorrer de toda sua obra, se observo sua linha do tempo de produção literária: De seu primeiro livro autobiográfico, *Histórias de médico em formação*

⁸⁰ Escrita ensaística minha.

⁸¹ Toda escrita literária é produto da alma de quem escreve. Alma, que interage com pensamentos interiores e exteriores ao escritor. O escritor é veículo, meio, entre alma e texto. Para Jung: “O nome latino *animus*, espírito, e *anima*, alma, têm o mesmo significado do grego *anemos*, vento. A outra palavra grega que designa o vento, *pneuma*, significa também, espírito. [...] A palavra grega *psyche* tem um parentesco muito próximo com esses termos e está ligada a *psycho*, soprar, a *psychos*, fresco, a *psychros*, frio e a *physis*, fole. Estas conexões nos mostram claramente que os nomes dados à alma no latim, no grego e no árabe estão vinculados à ideia de ar em movimento, de “sopro frio dos espíritos. É por isso, talvez, também que a concepção primitiva atribui um corpo etéreo e invisível à alma” (JUNG, 1984, p. 358).

(1962), em que expressou o médico clínico: “tomara que ela tenha câncer mesmo” (SCLIAR, 1962), passando pelo romance autobiográfico infanto-juvenil *Aprendendo a amar e a curar* (2005) em que o próprio título carrega o sentido do desejo de estabilidade emocional, até *Eu vos abraço milhões* (2010), último livro do autor, que não estava na amostra que defini ao corpus desta tese, mas, que seu acesso revelou essencial à confirmação da minha hipótese de pesquisa.

Isso está estabelecido pelas coincidências entre a *História de identidade* de Scliar e do personagem protagonista, Valdo: idade avançada, os dois são idosos, a atitude controladora dos pais de ambos, mas a revelação mais importante consiste na escrita autobiográfica como fator de alívio às angústias. Nesse sentido, no decorrer da narrativa, Valdo produz uma carta autobiográfica em que a cura está relacionada à escrita pois sua produção (da carta autobiográfica) se constitui numa válvula de escape às dores e sofrimentos que o afligem: “Poderia ser mais feliz, se não tivesse essas dores pelo corpo, se escutasse melhor, se enxergasse melhor... se urinasse melhor já seria uma coisa muito boa” (SCLIAR, 2010a, p. 10).

Scliar foi leitor que inspirava livros e escritor que expirava livros, talvez os momentos em suspenso, as pausas, fossem vividas na medicina, que também o motivava. Com uma área auxiliando a outra na mobilização de recursos para aliviar a dor de contatar dores próprias e alheias – aguçadas por sua empatia e sensibilidade. A partir do seu ingresso na faculdade de medicina, Scliar passou a trabalhar intensamente pela integração entre literatura e medicina, como um recurso para humanizar a prática médica, especialmente no atendimento a paciente e, para dosar adequadamente as duas áreas, servindo e servindo-se uma do melhor a outra. Além disso, a leitura literária proporciona elaboração aos sofrimentos constatados no trabalho em Saúde Pública.

Uma contribuição pontual desta tese à interface *Literatura e Medicina* consiste na indicação de que Moacyr Scliar foi a personificação dessa interface e o seu principal expoente brasileiro. Guimarães Rosa (1908-1967), Pedro Nava (1903-1984) e outros escritores-médicos consagrados, não produziram literatura para aproximar os conhecimentos das duas áreas como fez Scliar: com tanta, tão diversificada, premiada e difundida produção; investindo em divulgar e em popularizar a ciência médica, comentando sobre essa interface em praticamente todas as entrevistas que concedeu (informação conferida por mim⁸²), mas requer verificação mais detalhada em pesquisas futuras).

⁸² Afirmando isso após observei, entre 2018 e 2021, dezenas de entrevistas de Scliar à televisão e a jornais.

Essa dedicada promoção da Literatura e Medicina unidas, que o escritor-médico sempre defendeu de forma bem demarcada e sem fazer concessões, e de uma medicina que atenda os menos favorecidos, ocorreu embasada nas vivências de médico de Saúde pública, que entrou em casa de famílias pobres, denunciou a doença estrutural causada pela promoção da miséria em nosso país. O sofrimento alheio, seja de pacientes ou familiares, o angustiava. O medo da morte, o angustiava. O sofrimento imposto ao povo judeu, o angustiava. Mas em sua vida, um contexto incidiu sobre o outro: literatura, medicina, judaísmo, condição de gaúcho.

Outro aspecto da importância do escritor-médico à atualidade e ao futuro consiste no legado de humanização da medicina. O autor comenta que precisamos de mais tecnologia na medicina, não de menos, mas que a medicina é no fim das contas uma relação entre duas pessoas que precisam se encarar e que se ajudam, cada uma de uma forma.

Nesses quatro anos de pesquisa sobre a obra e a vida de Moacyr Scliar, chama muito a minha atenção o excesso de vezes em que Scliar usou a palavra angústia, no decorrer de toda a sua produção literária. Ela está lá, na última página de *Histórias de médico em formação*. Ela imuniza sua obra como um todo. Scliar quer que ninguém, nenhum sopro, seja capaz de apagá-la. Pois ela é cura. Pois ele nomeia a dor, e a nomeando de angústia, pode expressá-la e, com isso, elaborá-la, e, com isso, pode expandir a si. A tal da cura em psicanálise. O Eu que aparece, que cresce como uma chama que os instintos e as críticas não podem apagar. Ou, uma parte importante dele mesmo, desse Eu.

Essa palavra está disseminada em sua obra, como “um brado de alerta”, “um grito”, para o autor despertar a si e a suas(seus) leitoras(es). É uma das, senão a palavra mais usada por ele. Por ora, penso que Scliar possa ter substituído as feridas da palavra judeu, por “angústia”, fazendo assim, da sua escrita literária, cura. Angústia, não cura totalmente a ferida, apenas reduz o sofrimento que, de tão intenso, já seria aliviado ao ser trocado por outro sofrimento, de intensidade forte, porém menor que o anterior. E como não cura totalmente, pode ter buscado na imaginação exacerbada, na ultra habilidade de produzir o fantástico, uma forma de colocar a angústia em suspenso e, mais ainda, ao produzir todo o conjunto da sua autobiografia declarada e a não declarada, desoprimir, expandir o Eu - como indica a psicanálise para que haja cura. Ele criou a chama da cura em sua obra, que nós, leitoras(es), pesquisadoras(es), escritoras(es), mantemos acesa. Para sempre. Sua obra é receptiva, atrai e aproxima, com respeito, as(os) leitoras(es) de si mesmas(os) e desse amado autor da literatura brasileira.

É um conjunto diversificado e complexo de elementos da narrativa, o que possibilita uma aproximação maior à subjetividade e a identidade do autor. Personas, personagens, uso dos pronomes, fatos relacionados ao real, sonhos transfigurados em fantasia de ficção. Se o Eu

nunca é totalmente fechado e estanque, nem pela pele, que tem poros, nem pelo pronome Eu ou substantivo ou nome, então, o gênero autobiográfico também não é. O Eu é porque em relação a, é em si e em fronteiras de si com outros, com ambientes, com objetos, com momentos, com subjetividades, estéticas, tempos e mistérios. Assim, se por não ser fechado em si, é mais que si, também por não ser fechado é que o Eu se derrama no que escreve, em qualquer gênero. É aqui que reside a cura pela via de escrita de si.

Aqui, persona e self são partes da mobilização que leva ao alívio das dores e dos sofrimentos pela verdade em nomeá-los. Retirada a máscara da persona, tornando-a explícita e expressa em personagens e palavras, é possível acessá-la e reconhecê-la, nomear para reelaborar o que for possível e compreender que se deve carregar e lidar com as dores e sofrimentos irresolúveis. Mesmo possuindo personalidade sensível e empática, Scliar também era muito determinado e não fez concessões ao que considerou importante. Destarte, há espaço maior para ser o que se é, na medida em que pressões alheias o impactam, mas passam por si, sendo prolongadas à escrita literária, sem nele fazerem casa. Para separar o que é seu do que é de outras(os) e estabelecer alguma ordem no caos, na mistura, é preciso visualizar a totalidade o quanto for possível. Assim, ao escrever autobiografias, o autor prescreveu recurso fundamental ao estabelecimento de limites entre si e (as)os outras(os).

Prova de que os componentes autobiográficos estão dispersos na obra de Scliar como um todo, é o fato de que a autobiografia declarada, nomeada de *Uma autobiografia literária: o texto ou: a vida*, é uma reunião, uma colagem de diversos trechos de diferentes livros e publicações dele. A autobiografia “principal”, não é uma autobiografia escrita numa nova narrativa, criada para ser autobiográfica, mas uma edição que mescla o que havia sido publicado em diversos gêneros. Isso, também valoriza as justificativas da presente tese.

Assim, o propósito desta tese não foi delimitar e descrever o gênero autobiográfico como algo fixo e fácil de acessar, visto que há complexidade demais em jogo na narrativa. Prova de que não há como dar conta de analisar toda a expressão narrativa de um Eu, é a existência de diversas áreas classificadas como Ciências Humanas. Portanto, aqui, o foco foi o de buscar pistas na obra de Scliar e nos relatos do próprio autor e de conhecidos sobre a vida dele, do que seria cura para ele e se a definição de cura para ele estaria ligada ao ato de escrever literatura sobre si. Por isso, também, é que não houve o aprofundamento exaustivo de somente uma ou duas obras, como percebi na maioria das teses sobre autoras(es). Apresentar uma perspectiva que se aproxime da totalidade da obra autobiográfica de Scliar, me pareceu um recurso importante de compreensão sobre meus objetivos, aqui – definidos desde o início.

Um Eu é concentração ou contração de amplidões. Sociedades, lugares, épocas e pessoas são acionadas e vertem para quem (se) escreve num momento e local e, porque esse alguém (se) escreve, também se expande e descontrai na medida em que ingressa pela leitura que fazem de seu(s) texto(s), em pessoas, lugares, sociedades e épocas. Moacyr Jaime Scliar tem sua importância multiplicada na atualidade. Há uma compreensão geral nos Estudos Literários de que as(os) leitoras(es) de cada época e de cada lugar, encontrarão na sua obra assuntos e interesses diversos. Mas, a literatura de Scliar é uma literatura importante porque trata do cuidar, da saúde, dimensionada ao contexto social mais amplo e, como constatei ampliando compreensões sobre a autobiografia do autor: aos cuidados de si, a depender de como for trabalhada e fruída. Portanto, para Scliar, autobiografia é o oposto do suicídio, pois é se fazer viver mais, mesmo que simbolicamente.

Neste trabalho, os sentidos sobre cura para o autor (2000, 2002b, 2007) e para Freud (1996, 2005, 2011) e Jung (1984, 1991, 2011) foram elementos organizadores e agregadores de uma amostra robusta do conjunto autobiográfico da obra *scliariana*, antes dispersa ou não identificada com o gênero. Assim, foi feita a análise que responde à pergunta original da minha tese: “Refletir sobre a autobiografia de Scliar permitirá identificar a Cura para a construção de si e de sua Literatura?” A resposta é sim. É possível identificar a cura norteando a construção da identidade de Scliar e da sua literatura. O problema maior é que a identidade à qual a cura está atrelada é sempre se tornar, é sempre em transformação e não totalmente verificável.

Entretanto, identifiquei atributos de cura, no fato de Moacyr Scliar ter dedicado muito da sua vida a expandir-se na construção de uma literatura interfaceada com a medicina. As reflexões sobre a produção autobiográfica do autor, possibilitaram a identificação do enfrentamento a diversas angústias permeando o conjunto da obra, na medida em que o autor elaborou sentidos contando sobre sua vida, através de personagens, situações e lugares.

O autor percebeu que, para ele, poderia funcionar bem, construir um espaço sendo escritor e médico, numa interface onde pudesse tirar as máscaras e fortalecer seu Eu, criativo, sensível, solidário, artístico e mesmo decepcionante, para com isso, não adoecer a si mesmo e exercer a boa medicina – humanizada e cuidadora. Destarte, Scliar dosou, equilibrou as duas profissões, agregando arte (Literatura) e ciência (Medicina), conseguindo que uma possibilitasse o melhor à outra e, a si, em interação com a outra. Como escritor, principalmente, de autobiografias mais ou menos explícitas e como médico de Saúde Pública.

Além disso, o assunto “cura” assume, na obra do autor gaúcho, relação direta com sua *História de identidade* de descende de judeus, escritor – médico (de Saúde Pública) e morador do bairro Bom fim em Porto alegre. Cidade para ele era vida e descendentes de judeus tinham

o dever de lutar e de serem solidários. Além disso, o fato de Scliar ter escolhido Saúde pública como especialização médica e trabalhado nela, foi experiência que veio a permear intensamente sua literatura. De fato, é luta vital cuidar-se e aos outros. Assim, identifiquei em textos mais ou menos explicitamente autobiográficos e nas falas do autor (em documentos e em entrevistas televisivas e impressas), a cura distribuída em sua obra, nos personagens e situações narradas, na elaboração das angústias manifestas em letras e na própria catarse autorizada pela expressão mais livre (responsabilizando personagens para, depois, ler a si e se transformar no que foi).

Indico, ainda, pesquisas futuras que verifiquem: a) a intensidade de contato, de interesse ou de incentivo aos assuntos acerca da interface “Literatura e medicina”, nos meios universitários brasileiros. Isso, estabelecidos contextos específicos, delimitados conforme necessidades mais locais – Por exemplo, de cada estado; b) a incidência e o estado da arte (avanços científicos) sobre “Literatura e medicina” e “autobiografia e cura”, em outros países. Indico, ainda, que hajam c) investigações mais detalhadas sobre o que dizem familiares, amigos(as) e colegas falando sobre o “Eu” dele. Aqui, considere somente textos do irmão Wremyr e de alguns colegas e amigos médicos. Ademais, o fato de minha pesquisa estar vinculada à linha de pesquisa Produção e recepção do texto literário, me impele a indicar o suprimento da limitação que diz respeito a não ter sido possível – devido à complexidade da minha investigação – escutar leitoras(es) da obra de Scliar. Entretanto, além de indicar pesquisas futuras sobre a recepção da obra de Scliar relacionadas ao cuidar de si, pretendo realizar projetos futuros nesse sentido, no trabalho no curso de medicina da Universidade Federal da Fronteira Sul, em Passo Fundo, ampliando parcerias com outras instituições.

A escrita de si – mesmo a ficção de forma ampla, com a criação de personagens -, enfim, o tornar-se escritor, no caso de Scliar, teve forte e profunda relação com o aliviar angústias, o que requer pesquisas futuras d) sobre o uso da palavra “angústia”, por Scliar, recorrendo à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), inclusive e) sobre outros autores e suas relações entre angústia, escrita literária e cura. Há, ainda, que ser mais pesquisado f) sobre os médicos-escritores que trabalharam para valorizar a interface Literatura e Medicina. Moacyr Scliar personificou com excelência essa interface e, provavelmente, foi o seu principal expoente. Pode ser verificado, por exemplo, g) se em todas as entrevistas que concedeu, mencionou a interface e o que comentou sobre ela e h) comparar autobiografias de escritores-médicos. Ainda sobre pesquisas futuras, ainda devem ser identificadas, comparadas e analisadas muitas das relações entre experiências de vida de diversos autores da literatura brasileira que abordaram assuntos de interesse médico. Nesse sentido, Erico Verissimo (1905-1974) e Moacyr Scliar, apesar dos trinta e dois anos de diferença, são escritores gaúchos que viveram em Porto Alegre e que

tiveram a Medicina impactando em sua produção Literária de formas peculiares e muito intensas, o que é produtivo comparar.

O fato de Scliar ter escolhido a Saúde Pública como especialidade médica, a leitura e a escrita literária como fontes de conhecimento da condição humana para si e para o coletivo e, a psicanálise como tratamento, convergem para a compreensão de que através da sua Literatura – mais ou menos explicitamente autobiográfica -, Scliar quis e fez mais do que reduzir o sofrimento – as próprias angústias. Ele contribuiu, em alguma medida, para reduzir o sofrimento da história do povo a que pertence, ressignificando a palavra judeu, ecoando-a no Brasil e em vários outros países, repleta de bom humor, amorosidade, fantasia, surpresa e cura.

Mais do que apenas afirmar vagamente que literatura acalma e tranquiliza, ao se constituir como uma terapia pela leitura – o que já tem benefícios e méritos, consegui responder nesta tese algo que não era a pergunta de pesquisa inicial, mas que devido à importância, reitero:

A cura se transpõe para o estudo da Literatura, como demonstram os seguintes trabalhos específicos de análise e de interpretação literária levando a práticas, a partir da literatura que cura (aos quais já comentei sobre Scliar):

Em *A arte de narrar para sobreviver: impactos das narrativas de pacientes e familiares na construção do saber médico* (PICCARDI, 2022), a pesquisadora Tatiana Piccardi, do GENAM USP comenta acerca do conceito de cura:

Entendemos a palavra ‘cura’ conforme a tradição milenar do cuidado de si, que difere das tradições da prática clínica e terapêutica, que, de modo geral, entendem cura como restabelecimento, visão muito presente na prática médica atual. [...] Neste trabalho a cura é entendida, na esteira da tradição do cuidado de si, como um tipo de relação permanente consigo, e pela qual o sujeito é responsável [...] Trata-se da sua verdade que a narrativa de si irá consolidar. (PICCARDI, 2022, p. 42).

Scliar narrou sua verdade através das narrativas de si, da sua autobiografia, para sobreviver às angústias e às dores da condição judaica e das constatações da prática médica em Saúde Pública. Ao escrever sua autobiografia, dissolvida em sua produção literária, o escritor-médico estava cuidando de si e, através do modelo oferecido aos leitores, cuidando e curando outros.

Essa transposição também é comprovada em *A Literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma* (GALLIAN, 2017), em que escritos de experiências de pessoas que tiveram os efeitos da literatura como remédio, foram anotados em um “caderno de campo”, ao longo dos anos, no decorrer do trabalho no Laboratório de Leitura (LabLei).

Literacura: psicanálise como forma literária apresenta que a ideia de cura no contexto da literacura, “compreende a emersão das possíveis representações do sujeito, dentro dos limites

delimitados pelo desejo” (SOFIO, 2015, p. 71). Ainda, a pesquisadora e psicanalista considerou as ficções freudianas como construções “como exercício de apresentação de psicanálises possíveis por ele [por Freud] construídas ao longo de sua obra, levando ao extremo a concepção de a literatura de ficção ser o reino análogo da psicanálise” (SOFIO, 2015, p. 298). Lembro que Scliar fez muita psicanálise e muita literatura e que desejo implica uma força criativa, uma determinação em elaborar e em expressar uma estética que explicita o escondido, o mascarado, ou o que esteja inconsciente. A identidade de escritor de Moacyr Scliar, também diz respeito ao fantástico – do que foi um dos principais representantes desse tipo de literatura na América Latina. Grohs, analisa que:

Em alguns casos, o fantástico está relacionado a eventos, fatos ou sentimentos que outrora nos foram familiares, mas que deixaram de sê-lo: a estranheza provocada por **um passado reprimido**, que agora nos ronda de forma espectral apenas, mas que pode irromper a qualquer momento, gerando **medos e angústias**. (GROHS, 2014, p. 55. Grifos nossos).

Nas conclusões de *Literacura: psicanálise como forma literária* é destacado que “Em última instância, é possível propor a própria Psicanálise, na qualidade de prática clínica e ciência futura, como forma, e essa forma como literária. [...] Há literacura. Ela há, e ela é, como forma literária” (SOFIO, 2015, 298).

A literatura de Moacyr Jaime Scliar, um dos autores brasileiros mais lidos no exterior, seguirá viva em cada vez mais leitoras(es), escritoras(es) e pesquisadoras(es) que manterão a sua chama de cura acesa e acendendo, aquecendo e iluminando. A chama que cuidou e trabalhou arduamente para manter, será mantida acesa por todas(os) que levam adiante em textos, livros, publicações, dissertações, teses etc. Scliar deixou um legado e sabia que além de ser o que se é, deve-se parecer o que se é e pensar o que se é. Nesse sentido, Literatura é, além de lugar de buscar respostas e meio de estímulo a questionamentos, um espaço onde se pode garantir que o ser humano, além de ser, se pareça como é, se pense como se é. Existir por pensar. Ou não se é autor(a). Com os anos de leitura e de análise da obra autobiográfica de Moacyr Scliar, entro nas atmosferas envolventes que me aproximam do autor - através das letras, como que para escutar ele afirmar:

Quem pensa que pode fazer o passado presente em mim e a mim misturado com se fôssemos uma coisa só, eu e o passado, é porque não sabe quem eu sou hoje. Vou mostrar quem sou: leia a autobiografia que escrevi. Não sou o passado. Sou eu. Você também pode ser você. Não sou você, também. O passado e (as)os outras(os) fazem algo de mim, mas não me

dominam⁸³. Isso, porque eu também faço algo de mim a partir do passado, do que vejo nas(os) outras(os) e em mim. Situo-me, localizo-me no passado, mas somente em parte, pois sou ser de todos os tempos humanos, apenas estou neste momento. Sei bem, baixar e erguer a cabeça. Sei bem, olhar para trás, para dentro, para frente, para fora. Sei que meu olhar não alcança tudo. Eu ergo a cabeça, tocado(a) por alguma luz suave de algo que progredirá em força. Ergo a cabeça, mesmo que por um instante, um breve instante, esse de buscar sementes, belezas e citações entre pedras e vicissitudes, chamado vida. Eu paro por esse instante. Ergo a cabeça. Fixo os olhos no futuro, me fixando nele. Meu eu expandido vive, em minha autobiografia e na memória do futuro.

Mico e a pomba. Ela anda pelo futuro. Havia sobrevoado o Atlântico desde a Bessarábia, já havia parado em praças e ruas de Porto Alegre, mas agora, está no alto de um prédio sólido e belo do Bom fim, onde olha por um instante pela janela: um escritório, luz que se destaca da escuridão, o escritor, livros na madrugada. Mensageira, sabe que o sol já vai nascer e secar as lágrimas e as palavras vão nomear angústias. – “Então, voa!”, escuta o eco e se joga no espaço.

No céu, cidades, matas, praias, oceano e continentes, ainda há tormentos. Mas ela plana visceral, com a visão clara das sensações e das dores reconhecidas. Então, como o *Anjo* de Klee – suportando a ventania, manejando a ansiedade, levando o indivíduo ao coletivo e, com isso, estabilizando as asas.

Agora consegue prolongar o coração e o peito no voo e levar ao mundo, com seus olhos-sementes-pedras-mensagens, a literatura de Scliar escrito e inscrito narrativa inconfundível, franca, apaziguadora, articuladora de culturas, que ecoa imaginação de potência excepcional, inusitada e com bom humor. Literatura que acalma e cuida. Superação constante e vertiginosa. Ela avança rápida e desliza, lembrando a voz amorosa do menino leitor e escritor: “Quando nasci, correu pela vizinhança que eu me chamava Mico” (SCLIAR, 2017, p. 34).

⁸³ Estes parágrafos de encerramento da tese são de escrita ensaística minha.

FIGURA 10 – Marca de uma mão humana de cerca de 30 mil anos atrás



“A marca de uma mão humana de cerca de 30 mil anos atrás, na parede na caverna de Chauvet-Pontod’Arc, no sul da França. Alguém tentou dizer ‘Estive aqui!’”.
Fonte: HARARI, 2018.

Escrever autobiografia é conseguir dizer: existo e me apresento assim, expandido em letras, memória e imaginação. Autobiografia, relacionada aos símbolos do inconsciente coletivo, pode ser representada pela imagem acima (Figura 10). Mas não há como afirmar o que esse alguém tentou dizer há 30 mil anos, exceto que deixou a marca da sua mão numa parede de caverna. Muitas abstrações e perguntas surgem da imagem: A marca foi um impulso inconsciente e não intencional? Intencionada (afirmação do ser) ou forçada (o ser foi veículo do querer de outro)? Brincadeira ou atitude séria? Registro do elaborar uma vida? Símbolo para enfrentar o medo da morte? Demarcar território e corpo? Estabelecer canal com outras(os) e consigo mesma(o)? Reconhecer-se por dentro – olhando a si, fora – e se experimentando para se reelaborar – como disse na introdução desta tese sobre a Literatura? Exercício da liberdade e do fortalecimento de seu Eu – para estar se transformando em si? Ser é estar-se transformando. Portanto, é se decifrar constantemente – numa expressão de autocuidado – para não ser devorada(o) por

outras(os), pelo passado e por si própria(o). Permanecer é expandir-se para dentro de si, às(aos) outras(os) e ao futuro. É não sumir dentro de si, nem ser uma presa. Curar é, para Scliar, aquela presença que cuida. Autobiografia leva a presença ao passado para nele incidir efeitos do presente, planejando o futuro.

(Apesar dos equívocos que possam ter havido - afinal, a escrita de si em emersão numa tese produzida durante uma pandemia, somada a outros fatos graves, pode expressar mais caos do que ordem - esta tese foi feita com profundo respeito e amor ao legado de Moacyr Jaime Scliar).

REFERÊNCIAS

- ARTE EM FOCO 2011: Literatura, Crítica genética e processo de criação. Parte 1. Apresentação: Philippe Leon Willemart. [São Paulo]: FUNARTE MG, 2017. Documento audiovisual (1h 45min 32s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=45fi6o3LxAg>. Acesso em: 8 mar. 2021.
- ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. O universo nas ruas do mundo. In: ZILBERMAN, Regina; BERND, Zilá (org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 13-33.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. *Campanha Setembro Amarelo*, [s. l., s. d.]. Disponível em: <https://www.abp.org.br/setembro-amarelo>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- BAIBICH, Tania Maria. *O Auto-ódio na literatura brasileiro-judaica contemporânea*. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 43-64.
- BERND, Zilá (org.). *Tributo a Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos. A dimensão ética da interdisciplinaridade. *Roteiro*, Joaçaba, v. 39, edição especial, p. 39-48, 2014. Disponível em <https://unoesc.emnuvens.com.br/roteiro/article/view/6352>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- BONOW, Germano Mostardeiro. *Moacyr Scliar: medicina, saúde pública e história*. Porto Alegre: Padula, 2021.
- BORDINI, Maria da Glória. Moacyr Scliar e o conto insólito. *Webmosaica*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 71-76, jan.-jun. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/webmosaica/article/view/22364/13020>. Acesso em: 27 jun. 2020.
- BRECHT, Bertolt. Mãe coragem e seus filhos: uma crônica da guerra dos trinta anos. In: _____. *Teatro completo*: em 12 volumes. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981. p.174-266.
- CAMPBELL, Roberto J. *Campbell's Psychiatric Dictionary*. 9. ed. Oxford: Oxford University, 1996.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: LIMA, Aldo de (org.) *et al. O direito à literatura*. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas Cidades; Ouro sobre Azul, 2004. P. 12-34.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 72-73.

CASTEX, Ana Cristina. *Moacyr Scliar: a presença do real na literatura juvenil*. 2000 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

CHARTIER, Roger. *O que é um autor? Revisão de uma genealogia*. Tradução de Luzmara Curcino e Carlos Eduardo de Oliveira Bezerra. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

CHAVES, Reginaldo Sousa. O autor como gesto: revisitando uma questão foucaultiana. *Revista de Teoria da História*, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 90-105, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/56508>. Acesso em: 11 jul. 2021.

CONDÉ, Mauro. O que perguntar ao seu médico na próxima consulta. *Hoje em dia*. Artigos de opinião. [S. l.]: 4 jun. 2022. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/opiniaio/opiniaio/o-que-perguntar-ao-seu-medico-na-proxima-consulta-1.902262>. Acesso em: 26 jul. 2022.

CONFEDERAÇÃO ISRAELITA DO BRASIL. *Moacyr Scliar (1937-2011) ganha site oficial*. [S. l.], [s. d.]. Disponível em <https://www.conib.org.br/escritor-moacyr-scliar-1937-2011-ganha-site-oficial-acervo-de-8-000-paginas-sera-digitalizado/>. Acesso em: 7 de jul. 2022.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DE SÃO PAULO. *Mês de setembro é dedicado à prevenção do suicídio*. São Paulo, 6 set. 2017. Disponível em: <https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=NoticiasC&id=4636>. Acesso em: 20 jul. 2020.

COSTA, Cláudia. A literatura como caminho para repensar a saúde. *Jornal da USP*, São Paulo, jul. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/a-literatura-como-caminho-para-repensar-a-saude/>. Acesso em: 30 jul. 2020.

COUSINS, N. *Cura-te pela cabeça: a biologia da esperança*. São Paulo: Saraiva, 1992

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DAVIES, Richard; HODGSON Roger. The Logical song. *In: Breakfast in America*. Intérpretes: Supertramp. [S. l.]: Universal Music Publishing Group, 1979. 1 CD, faixa 1.

DEBATE SOBRE OS 40 ANOS DE *O CENTAURO NO JARDIM*. Mediação: Túlio Milman. Participação: Cíntia Moscovich, Sergius Gonzaga e Cláudia Laitano. [S. l.], 21 out. 2020. Documento audiovisual (58min12s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m0-LXC97EZQ>. Acesso em: 24 jul. 2024.

DEBATE: Scliar: o médico, o escritor e o humanista. Mediação: Túlio Milman. Introdução: Gabriel Oliven. [S. l.], 23 mar. 2021. Documento audiovisual (68min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iWBLYH30hVw>. Acesso em: 21 jun. 2021.

DEPOIMENTOS: Amigos e personalidades escrevem sobre Moacyr Scliar. [Porto Alegre: 2014]. Disponível em <http://www.moacyrscliar.com/exposicao/depoimentos.html>. Acesso em 4 jul. de 2022.

EAGLEMAN, David. *Cérebro: Uma Biografia*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2017. *E-book*.

ESPAÇO ABERTO: Literatura – Moacyr Scliar. Direção: Cesar Seabra. [Rio de Janeiro]: Globo News, 198-?. Documento audiovisual (19min 29s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SoR65M4ADgg>. Acesso em: 11 jan. 2020.

FACEBOOK. *Moacyr Scliar*. Página oficial. [S. l., 2020]. Disponível em: <https://www.facebook.com/MoacyrScliarOficial/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

FÁVERO, Natália. *Centenário de Josué Guimarães: um legado sem fim*. Passo Fundo, 5 jan. 2021. Disponível em: <https://www.upf.br/noticia/centenario-de-josue-guimaraes-um-legado-sem-fim>. Acesso em: 26 jul. 2022.

FERREIRA, Alice Cardoso. *Casa da linguagem: identidades arruinadas e a literatura judaico-brasileira no século XXI*. 2017. 265 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

FERREIRA, Simone Cristina Salviano. *A crônica: problemáticas em torno de um gênero*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

FG VIRTUAL. *Pneumologia e Tisiologia: por que se especializar nesta área*. [S. l., s. d.]. Disponível em: <https://fgmed.org/pneumologia-e-tisiologia-por-que-se-especializar-nesta-area/>. Acesso em 25 jul. 2022.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992.

FREITAS, Cibele Beirith Figueiredo. *Estudo do processo de criação da obra “Os voluntários”, de Moacyr Scliar, e a temática judaica*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

FREUD, Sigmund. *Inibição, sintoma e angústia*. v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

FREUD, Sigmund. O estranho (1919). In: _____. *Obras completas*. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização [1930]. In: _____. *O mal-estar na civilização: novas conferências introdutórias e outros textos [1930-1936]*. v. 18. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GALLIAN, D. M. C. *A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma*. São Paulo: Martin Claret; 2017.

GLOBONEWS. *Literatura: uma homenagem ao escritor Moacyr Scliar, que faria 80 anos em 2017*. Rio de Janeiro, 2017. Programa da TV paga.

GROHS, Géder. A Casa Tomada, de Júlio Cortázar. In: CORDÁS, Táki Athanássios; BARROS, Daniel Martins de. *Personagens ou pacientes?: clássicos da literatura mundial para refletir sobre a natureza humana*. Porto Alegre: Artmed, 2014.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM, 2018.

HASSEN, Maria de Nazareth Agra; RIGATTO, Mário. *Fogos de bengala nos céus de Porto Alegre: a Faculdade de Medicina faz 100 anos*. Porto Alegre: Tomo, 1998.

JACOBI, Jolande. *A psicologia de C. G. Jung: uma introdução às obras completas*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JOGO DE IDÉIAS: Luís Fernando Veríssimo e Moacyr Scliar. trecho. Porto Alegre: Itaú Cultural, 2004. Documento audiovisual (trecho do programa, 9min 45 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XM0t1BtiTBw&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 jan. 2020.

JUNG, Carl Gustav. *A dinâmica do inconsciente: a energia psíquica*. Petrópolis: Vozes, 1984. (Obras completas de C.G. Jung, 8/1).

JUNG, Carl Gustav. *Obras completas*. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNG, Carl Gustav. *Tipos psicológicos*. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1991. (Obras completas de C.G. Jung, 6).

KORACAKIS, Teodoro. *Ciência e Medicina na obra de Moacyr Scliar*. 2001. 138 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LAUXEN, Roberto. Resenha: a memória, a história, o esquecimento de Paul Ricoeur. *Filosofia Unisinos*, São Leopoldo, v. 9, n. 3, p. 281-283, set.-dez. 2008. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/filosofia/article/view/5365>. Acesso em: 14 jul. 2021.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEONEL, M. C.; SEGATTO, J. A. Autobiografia de personagem de ficção. In: _____. *Ficção e ensaio: literatura e história no Brasil*. São Carlos: EdUFSCAR, 2012. p. 143-163.

LEVEMFOUS, Sergio Israel. Memória e identidade nas obras de Moacyr Scliar (Brasil) e de Régine Robin (Quebec, Canadá). 2019. 249 f. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

LILENBAUM, Patrícia Chiganer. *Judeus escritos no Brasil: Samuel Rawet, Moacyr Scliar e Cíntia Moscovich*. 2008. 232 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2009.

LOTTI, Beta. Vinte e uma coisas que a aprendi como escritor: Moacyr Scliar. *Blog Beta Lotti*. [S. l.], 10 mar. 2011. Disponível em: <https://www.betalotti.com.br/2011/03/vinte-e-uma-coisas-que-a-aprendi-como-escritor-moacyr-scliar/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

LUCAS, Jeane. *A subversão do gênero em Leopoldos de Kafka*. 2010. 183 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

LUSTOZA, Rosane Zétola. A angústia como sinal do desejo do Outro. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 6, n. 1, p. 44-66, mar. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482006000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 set. 2021.

MALVACCINI, Rosângela Machado Pereira. *Alegoria e melancolia em O centauro no jardim, de Moacyr Scliar*. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

MILTON, Fraser *et al.* Behavioral and neural signatures of visual imagery vividness extremes: aphantasia versus hyperphantasia. *Cerebral Cortex Communications*, Oxford, v. 2, n. 2, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/texcom/tgab035>. Acesso em: 7 jul. 2021.

MOACYR SCLIAR (Site oficial). *Fortuna Crítica*. [S. l., 2021]. Disponível em: <http://www.moacyrscliar.com/fortuna-critica/>. Acesso em: 9 abr. 2021.

MORAES FERNANDES, Helena de. Letramentos ético-científicos em Medicina: relato de experiência docente em produção textual acadêmica na Universidade Federal da Fronteira Sul – Passo Fundo RS. In: CASSIMIRO; Márcia de Cássia; DIÓS-BORGES; Marcelle Mourelle Perez; ALMEIDA; Renan M. V. R. (org.). *Políticas de integridade científica, Bioética e Biossegurança no século XXI*. Porto Alegre, RS: Fi, 2017, p. 93-115. *E-book*.

NASCIMENTO, Lyslei; CURY, Maria Zilda Ferreira. *O olhar enigmático de Moacyr Scliar*. Belo Horizonte: Quixote-Do, 2019.

NEVES, Tiago Iwasawa. O universalismo da cura em Freud. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2020, v. 23, n. 1. Acesso em 12 de julho de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/CfkcMhRWFRWtRtcFkT96yLg/>

NIEDERAUER, Sílvia Helena. *Ao viés da história: política e alegoria no romance de Erico Veríssimo e Moacyr*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=820. Acesso em: 22 jul. 2021.

NORONHA, José Carvalho de; UGÁ, Maria Alicia Domínguez. *O sistema de saúde dos Estados Unidos*. In BUSS, PM., and LABRA, ME., orgs. *Sistemas de saúde: continuidades e mudanças* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995. 265 p. ISBN 85-271-0290-0. Available from SciELO Books.

NUNES, Cássia. *Guia do sono*. [S. l., s. d.]. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/guiadosono.htm>. Acesso em 24 de julho de 2022.

ONS, Sílvia. Tudo o que você precisa saber sobre psicanálise. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. *Da crítica genética à tradução literária: o caminho da (re)criação e da (re)escritura: Anotações para uma História de Amor de Caio Fernando Abreu*. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15892/000688177.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 7 maio 2019.

PASSOS, Marie-Hélène Paret. Nos bastidores da criação literária de Moacyr Scliar: cadernos e caderneta. In: BERND, Zilá; MOREIRA, Maria Eunice; MELLO, Ana Maria Lisboa (org.). *Tributo a Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2012. p. 79-93.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. Nos calcanhares de Esaú: “Diário de um comedor de lentilhas”, de Moacyr Scliar. NASCIMENTO, Lyslei; CURY, Maria Zilda Ferreira. *O olhar enigmático de Moacyr Scliar*. Belo Horizonte: Quixote-Do, 2019. p. 105-119.

PERGUNTAR NÃO OFENDE: Claudia Nocchi e Augusto Nunes entrevistam Moacyr Scliar. Direção: Roberto Appel. [Porto Alegre]: TVCOM, [s. d.]. Documento audiovisual (50min 54s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V58AWMGF1u8>. Acesso em: 25 jul. 2022.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

PICCARDI, Tatiana. *A arte de narrar para sobreviver: impactos das narrativas de pacientes e familiares na construção do saber médico*. Curitiba: Editora CRV, 2022.

PINCELI, Carlos Ricardo. *Lavoisier, Antoine Laurent (1743-1794)*. [S. l.]: [Unicamp], [s. d.]. Disponível em: <http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/lavoisie.htm>. Acesso em: 22 abr. 2021.

PINO, Cláudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. Considerações sobre as teorias da angústia em Freud. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 404-417, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000200014&lng=en&nrm=isso. Acesso em: 30 jul. 2020.

POLLO, Vera; CHIABI, Sandra. A angústia: conceito e fenômenos. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 137-154, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/798>. Acesso em: 10 jul. 2020.

QUERO BOLSA. Medicina: por que o suicídio nesse curso é tão comum? *GI – Globo.com*, Especial publicitário, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/especial-publicitario/quero-bolsa/bolsas-de-estudo/noticia/2018/08/22/medicina-por-que-o-suicidio-nesse-curso-e-tao-comum.ghtml>. Acesso em: 20 jul. 2020.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel . A Viagem, a Memória e a História. *In: ZILBERMAN, Regina; BERND, Zilá (org.). O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004a. p. 79-98.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel (org.). *Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado de Letras, 1997.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. O empreendimento autobiográfico: Josué Guimarães e Erico Veríssimo. *In: ZILBERMAN, Regina et al. As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: UFMG, 2004b. p. 277-342.

RETRATOS: Moacyr Scliar. Museu Judaico de São Paulo. Participação: Regina Zilberman. Mediação: Roberta Stundfeld. São Paulo, 2021.

RETTENMAIER, Miguel. A cegueira das utopias e os desencantos da memória: uma leitura nas narrativas de Josué Guimarães e Ernesto Sábato. PASSO FUNDO (RS): UPF Editora, 2011.

RETTENMAIER, Miguel. *Aula da disciplina Teorias da Leitura*, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo: UPF, 31 out. 2019

RETTENMAIER, Miguel. O documentário A Jornada de Josué: um acervo literário em foco. *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, [s. l.], 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177741>. Acesso em: 22 jul. 2022.

RETTENMAIER, Miguel. Pesquisa literária e acervo: a maldição dos manuscritos. *Revista Desenredo*, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 137-145, jul./dez. 2008.

RICOEUR, Paul. *Do texto à ação: ensaios de hermenêutica*. Porto: Rés, 1986.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RÜDIGER, Francisco. *Literatura de autoajuda e individualismo: contribuição ao estudo de uma categoria da cultura de massas / Francisco Rüdiger*. 2. ed. Porto Alegre: Gattopardo, 2010.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra: ensaios*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTOS, Kleber José Clemente dos. *A casa e os caminhos de dentro: um estudo sobre o espaço habitado em contos de Moacyr Scliar*. 2015. 233 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SANTOS, M. C. P. dos. Aspectos da trajetória literária de Moacyr Scliar. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 8, n. 14, p. 137–153, 2014. DOI: 10.17851/1982-3053.8.14.137-153. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14217>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SARAIVA CONTEÚDO: Moacyr Scliar, uma vida entre a literatura e a medicina. Edição: João Pedro Bittecourt. Produção: Carolina Casarin. [S. l.], 2010. Documento audiovisual (5min 57s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d5NA7Sd5QRA>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SCLIAR, Moacyr. *Da Bíblia à Psicanálise: saúde, doença e medicina na cultura judaica*. 1999. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1999.

SCLIAR, Moacyr. [A batalha tinha chegado ao fim]. [Porto Alegre]: 1970. In: ACERVO MOACYR SCLIAR. Porto Alegre: Delfos Digital PUCRS, [s. d.]. Manuscrito em 2 p. digit. Disponível em: <http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/260>. Acesso em: 29 jun. 2020.

SCLIAR, Moacyr. [Pedacinhos de infância]. [Porto Alegre]: 1952. In: ACERVO MOACYR SCLIAR. Porto Alegre: Delfos Digital PUCRS, [s. d.]. Manuscrito em 8 p. digit. Disponível em: <http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/282>. Acesso em 3 de julho de 2022.

SCLIAR, Moacyr. [Por que escrevo]. [Porto Alegre]: 1995. In: ACERVO MOACYR SCLIAR. Porto Alegre: Delfos Digital PUCRS, [s. d.]. Datiloscrito em 1 p. digit. Disponível em: <http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/bitstream/delfos/1375/1/56228>.

SCLIAR, Moacyr. [Uma observação justa]. [Porto Alegre]: 1949. In: ACERVO MOACYR SCLIAR. Porto Alegre: Delfos Digital PUCRS, [s. d.]. Datiloscrito em 1 p. digit. Disponível em: <http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/bitstream/delfos/1436/1/56559>. Acesso em 3 de julho de 2022.

SCLIAR, Moacyr. *A escrita de um homem só*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2006a.

SCLIAR, Moacyr. *A majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SCLIAR, Moacyr. *A nossa frágil condição humana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017a.

SCLIAR, Moacyr. *A paixão transformada: história da medicina na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996a.

SCLIAR, Moacyr. *A poesia das coisas simples: crônicas*. Organização e prefácio de Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2012a.

SCLIAR, Moacyr. *Aprendendo a amar e a curar*. São Paulo: Scipione, 2005.

SCLIAR, Moacyr. *Diário médico 1963*. [Porto Alegre]: 1963. In: ACERVO MOACYR SCLIAR. Porto Alegre: Delfos Digital PUCRS, [s. d.]. Manuscrito em 166 p. digit. Disponível em: <http://delfosdigital.pucrs.br/dspace/handle/delfos/461>. Acesso em: 29 jun. 2020

SCLIAR, Moacyr. *Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras*. 2003. Acesso em 12 de novembro de 2021. Disponível em <https://www.academia.org.br/academicos/moacyr-scliar/discurso-de-posse>.

SCLIAR, Moacyr. *Doutor Miragem*. Porto Alegre: L&PM, 2010a.

SCLIAR, Moacyr. *Eu vos abraço milhões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, jan.-abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/WNtwLvWQRFbscbzCywV9wGq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SCLIAR, Moacyr. *Histórias de médico em formação*. Porto Alegre: Difusão de Cultura, 1962.

SCLIAR, Moacyr. *Judaísmo. Dispersão e Unidade*. São Paulo, Ática, 1994

SCLIAR, Moacyr. Literatura como tratamento. In: _____. *Território da emoção: crônicas de medicina e saúde*. Organização e prefácio: Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a. p. 28-30.

SCLIAR, Moacyr. Literatura e medicina. *Problemas Brasileiros*, São Paulo, v. 75, n. 395, 8 set. 2008. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/5162_LITERATURA+E+MEDICINA#frm_convvidar. Acesso em: 29 jun. 2020.

SCLIAR, Moacyr. *Memórias de um aprendiz de escritor: Memórias de um menino apaixonado por livros*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

SCLIAR, Moacyr. *Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar* (e outras crônicas). 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996c.

SCLIAR, Moacyr. *O Carnaval dos animais*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento; Instituto Estadual do Livro, 1968. (Coleção Rio Grande, v. 2).

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SCLIAR, Moacyr. *O exército de um homem só*. Porto Alegre: L&PM, 2012b.

SCLIAR, Moacyr. *O olhar médico: crônicas de medicina e saúde*. São Paulo: Ágora, 2005.

SCLIAR, Moacyr. Para Scliar, ciência e literatura são compartimentos da mesma cultura. [Entrevista concedida ao Jornal da Unicamp]. *Jornal da Unicamp*, Campinas, ed. 253, p. 9, 24-30 maio 2004. Disponível em:

https://www.unicamp.br/unicamp_hoje/ju/maio2004/ju253pag09.html. Acesso em: 20 ago. 2020.

SCLIAR, Moacyr. Prefácio. In: _____. *Max e os felinos*. Porto Alegre: L&PM, 2017b.

SCLIAR, Moacyr. Saúde, cultura e democracia. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 117-123, jul. 2002b. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/CPnBQQwFz7nT8VkNTX78hpq/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 28 jun. 2022.

SCLIAR, Moacyr. *Território da emoção: crônicas de medicina e saúde*. Organização e prefácio: Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

SCLIAR, Moacyr. *Uma autobiografia literária: o texto, ou: a vida*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017c.

SCLIAR, Wremyr. A Influência Judaica na Literatura de Moacyr Scliar. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, [s. l.], n. 15, p. 110-144, 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/142464>. Acesso em: 17 set. 2021.

SEMPRE UM PAPO: Moacyr Scliar. Apresentação de Rafael Araújo. [Belo Horizonte: TV Câmara, 2007]. Documento audiovisual (33min 15s). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=5-8ww1AvDKg>. Acesso em: 24 jul. 2022.

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme. A crônica e seus níveis de realidade: análise de textos de Carlos Heitor Cony com base em conceito de Italo Calvino. *Organon*, Porto Alegre, v. 26, p. 155-179, 2013.

SILVA, Flávia da. *Análise do discurso poético mítico da personagem Iracema de José de Alencar*. 2009. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Gislene Maria Barral Felipe da. *Vozes da loucura, ecos na literatura: o espaço de louco em O exército de um homem só, de Moacyr Scliar, e Armadilha para Lamartine, de Carlos e Carlos Susseking*. 2001. 196 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

SOFIO, Fernanda. *Literacura: Psicanálise como forma literária*. São Paulo: Fap-Unesp, 2015

SOUSA, Wanely Aires de. *Diáspora, exílio e loucura em "Os Voluntários" de Moacyr Scliar*. 2020. 124 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Uberlândia, Patos de Minas, 2020.

STEAD, Harry J. Arquétipos de Carl Jung explicados rapidamente: persona, sombra, anima e o self. Tradução livre de Isadora Leal. In: BLOG MEDIUM. [S. l.], 4 fev. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@dorarl/4-arque%C3%B3tipos-de-carl-jung-explicados-rapidamente-persona-sombra-anima-animus-e-o-self-4db89ea6e240>. Acesso em 19 de junho de 2022.

UMAS PALAVRAS: Moacyr Scliar. Apresentação: Bia do Lago Corrêa. Direção: Cristiano Ballerini. [S. l.]: Canal Futura, [s. d.]. Documento audiovisual (26min30s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wKYqqlcyIpc>. Acesso em: 24 jul. 2020.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta: memórias*. v. 1. 20. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VIEIRA, Bianca. USP tem 4 suicídios em 2 meses e cria escritório de saúde mental para alunos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 1 ago. 2018. Seção Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/08/usp-tem-4-suicidios-em-2-meses-e-cria-escritorio-de-saude-mental-para-alunos.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2020.

WHITAKER, Christiane. *Pânico, a fenomenologia da angústia: um estudo sobre a angústia em Freud e Lacan*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

WICKEN, Marcus; KEOGH, Rebecca; PEARSON, Joal. *The critical role of mental imagery in human emotion: insights from Aphantasia*, *Proc. R. Soc. B*, [s. l.], n. 288, 2021. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/epdf/10.1098/rspb.2021.0267>. Acesso em: 11 maio 2021.

WILLEMART, Philippe. *A escritura na era da indeterminação: estudos sobre crítica genética, psicanálise e literatura*. São Paulo: Perspectiva, 2019a.

WILLEMART, Philippe. A história do conceito de “Scriptor”. *Manuscritica: Revista de Crítica Genética*, São Paulo, n. 39, 75-79, 2019b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177940>. Acesso em: 4 de abril de 2020.

WILLEMART, Philippe. Arte e Programas de Inteligência Artificial: GPT-2, GPT-3, Wu Dao 2.0. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 17, n. 3, 10 jun. 2021.

WILLEMART, Philippe. *Crítica genética, psicanálise e literatura*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: CAPES, 2005.

ZILBERMAN, Regina; BERND, Zilá (org.). *O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ZILBERMAN, Regina. Entrevista com Moacyr Scliar: do Bom Fim para o mundo. *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*, v. 1, n. 2, p. 1-5, jul.-dez. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/webmosaica/article/view/22368/13024>. Acesso em: 19 nov. 2020.

**APÊNDICE 1 – QUADRO DA COMPILAÇÃO DOS RESULTADOS
APRESENTADOS PELO SISTEMA DO CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES
DA CAPES, PARA BUSCAS DOS PRINCIPAIS TERMOS DA TESE**

| Termo(s) | Teses | Dissertações | Total | Ano de produção |
|--|--------------|---------------------|--------------|------------------------|
| “Moacyr Scliar” | 31 | 73 | 111 | 2007-2017 |
| “Moacyr Scliar Autobiografia” | 0 | 0 | 0 | 0 |
| “Moacyr Scliar cura” | 0 | 0 | 0 | 0 |
| “Moacyr Scliar ‘Literatura e medicina’” | 0 | 0 | 0 | 0 |
| “Autobiografia e cura” | 0 | 0 | 0 | 0 |
| “Moacyr Scliar, autobiografia e cura” | 0 | 0 | 0 | 0 |
| “Autobiografia, ‘Literatura e medicina’” | 0 | 0 | 0 | 0 |

Fonte: Dados do *Catálogo de Teses da Cape*. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Enquadrados por mim.

Inseri as palavras-chave e principais termos da minha tese, isolados e combinados. O sistema do Catálogo de teses e dissertações da CAPES à minha busca não apresentou resultados para as buscas por “Moacyr Scliar Autobiografia”; “Moacyr Scliar cura”; “Moacyr Scliar ‘Literatura e medicina’”; “Autobiografia e cura”; “Moacyr Scliar, autobiografia e cura” e para “Autobiografia, ‘Literatura e medicina’”. Sobre isso, comento mais na tese.

ANEXO 1 – O QUE PERGUNTAR AO SEU MÉDICO NA PRÓXIMA CONSULTA⁸⁴

“Certas coisas só são amargas se a gente as engole”. Millôr Fernandes.

Acabo de voltar de uma viagem rumo ao conhecimento, usando como meio de transporte excelentes obras da literatura brasileira.

Elas me levaram para a Porto Alegre de 2010, onde fui recebido pelo Dr. Moacyr Scliar, a quem fui logo pedindo:

Ensina-me algo que eu ainda não saiba e tenha o poder de mudar a minha vida para melhor.

– Pratique a leitura frequente como remédio para combater as dores do dia a dia.

Médico e escritor, **Dr. Scliar** conhecia bem a força das palavras, tanto para diagnosticar as emoções das pessoas quanto para transformá-las em matéria prima de suas obras.

Em sua opinião, compartilhar histórias sempre foi o melhor jeito de estabelecer e melhorar os vínculos afetivos entre as pessoas.

Seu consultório era decorado como uma biblioteca e exibia na parede um quadro contendo os efeitos terapêuticos e catárticos de um bom livro.

Ele tinha o hábito de finalizar suas prescrições médicas com a dica de uma boa leitura, sugerida a partir dos sintomas apresentados pelo paciente.

Vivia recomendando mergulhos profundos frequentes em mundos ficcionais (bons livros e bons filmes) como forma de escape do tédio, da monotonia e dos problemas da vida real.

Scliar era adepto e praticante da biblioterapia, um método implementado pelo Serviço Nacional de Saúde do Reino Unido, em parceria com as bibliotecas locais.

Batizado como “Books On Prescription” trata da prescrição de livros com fins terapêuticos com o aval de médicos e psicólogos do país e prevê a substituição de antidepressivos por livros em pacientes com quadro leve ou moderado, com resultados incríveis – um livro para cada situação.

Inspirado pelas recomendações do **Dr. Scliar**, eu costumo tomar as poesias de Cecília Meireles como pílulas para a alma.

⁸⁴ CONDÉ, Mauro. O que perguntar ao seu médico na próxima consulta. *Hoje em dia*. Artigos de opinião. [S. l.]: 4 jun. 2022. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/opiniaio/opiniaio/o-que-perguntar-ao-seu-medico-na-proxima-consulta-1.902262>. Acesso em: 26 jul. 2022.

Artigo de opinião de um paciente de Moacyr Scliar. O autor é Palestrante, consultor e fundador do *Blog do Maluco*. Grifos nossos. Por haver excesso de publicidade na página, optamos por copiar o texto, excluindo as janelas publicitárias, mas, mantendo o texto completo e na ordem em que está apresentado na referida página da internet.

Lindo é o seu poema “Canção Excêntrica” disponível na internet.

Aprendi que a doença pode ser na verdade o melhor caminho para a cura e a perfeição, tendo os sintomas como excelentes professores para o aumento da nossa consciência a respeito dos aspectos ocultos de nós mesmos.

Da próxima vez que for ao médico, peça para ele te indicar um livro inspirador.

A boa leitura funciona como um santo remédio.

ANEXO 2 – ARQUÉTIPOS DE CARL JUNG EXPLICADOS RAPIDAMENTE: PERSONA, SOMBRA, ANIMA E O SELF⁸⁵

Persona

Em todas as esferas públicas nós apresentamos uma versão exagerada de nós mesmos, que esperamos que cause alguma impressão. O personagem que apresentamos em nossas ocupações e trabalhos não é o mesmo que apresentamos em casa. Quando estamos sozinhos não temos ninguém para impressionar, mas em público usamos uma máscara, uma persona, para que possamos impor uma imagem desejável de nós mesmos para os outros. Cada profissão possui acordos sutis de que comportamentos são aceitáveis e os que não são; e é esperado que cada indivíduo se adapte a esses requerimentos sem que ninguém precise explicar abertamente sobre eles. Um **médico**, por exemplo, é esperado que se comporte como um médico, com a paciência e simpatia que seriam difíceis de se ter em uma pessoa comum; qualquer propensão à impaciência e hostilidade não seriam aceitáveis, por uma boa razão. [Grifos nossos]

É então o objetivo da persona subjugar todos os instintos primitivos, impulsos e emoções que não são consideradas socialmente aceitáveis, e que se agirmos de acordo com eles, nos fará parecer tolos. Qualquer um com qualquer noção pode ver através da fachada; mas continuamos participando e fingindo que tudo isso é real, para que a sociedade continue caminhando em termos de normalidade.

A dificuldade com a persona surge apenas quando alguém se sente tão identificado com esse “papal” que no fim, acaba perdendo o senso de si mesmo. Neste ponto, o estrago já está feito: esse alguém viverá completamente sem consciência de qualquer distinção entre ele mesmo e o mundo que ele vive. O resultado de uma persona inflada, advertiu Jung: é uma personalidade superficial, frágil e conformista que é inteira e somente a persona, excessivamente preocupada com o que os outros pensam. Essa pessoa se sacrificará sem limites pelos desejos alheios, e não porque essa pessoa é uma santa, mas porque simplesmente não tem coragem o suficiente para recusar e suportar conflitos.

⁸⁵ STEAD, Harry J. Arquétipos de Carl Jung explicados rapidamente: persona, sombra, anima e o self. Tradução livre de Isadora Leal. In: BLOG MEDIUM. [S. l.], 4 fev. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@dorarl/4-arque%C3%B3tipos-de-carl-jung-explicados-rapidamente-persona-sombra-anima-animus-e-o-self-4db89ea6e240>. Acesso em 19 de junho de 2022.

Trouxe este texto à tese, pois explica bem e de forma simples, conceitos complexos para quem não é profissional da Psicanálise e para iniciar um entendimento teórico do contexto em que está a *persona*. Exclui as fotos.

A Sombra

Acima de tudo, a persona é uma obediência frente às expectativas. É a máscara que se usa pra se convencer e convencer os outros de que não é ao todo uma pessoa má. Mas não se pode ir além da persona até que se incorpore no seu personagem, os traços mais obscuros do caráter, que pertencem ao que Jung chamou de “o eu das sombras”. A sombra é tudo que nós negamos em nós mesmos e lançamos em direção ao esquecimento, ou melhor, tudo que o ego recusou a associar a si mesmo, mas que nós podemos reconhecer em outras pessoas. Isto pode incluir nossa sexualidade, espontaneidade, agressividade, instintos, covardia, descuido, paixões, entusiasmos, possessividade. As sombras abraçam todos esses traços pecaminosos, pensamentos obscuros e sentimentos que sentimos vergonha e culpa.

A sombra é necessariamente emocional por natureza, pois ela precisa fazer oposição à rigidez do ego; possui sua própria autonomia, separada da mente consciente. Portanto, sendo instintiva e irracional, a sombra é propensa a projeção psicológica, na qual atribuímos aos outros toda nossa maldade e qualidades inferiores que não queremos admitir em nós mesmos. ‘Um homem que é inconsciente de si mesmo’, escreve Jung, ‘age de uma forma cega e instintiva, e além disso, é enganado por todas as ilusões que surgem quando ele vê tudo que ele não tem consciência sobre si, vindo de encontro pelo lado de fora como projeções ao seu próximo’. (The Philosophical Tree, p. 335)

Quando percebemos uma deficiência moral no outro, podemos ter certeza que temos uma inferioridade similar dentro de nós mesmos. Von Franz diz: “Se você sente surgir uma raiva avassaladora quando um amigo o critica por alguma falha, você pode ter certeza que nesse ponto você vai ver uma parte da sua sombra, da qual você está inconsciente.” Se observarmos nosso ressentimento em relação a nós mesmos e aos outros, e se considerarmos os aspectos morais do nosso comportamento, então nós teremos a oportunidade de trazer a sombra à consciência, e alcançar um senso renovado de independência e força.

Anima/Animus

Jung acreditava que estão aninhadas nas sombras as qualidades do nosso gênero oposto. O Anima é o arquétipo que expressa o fato de que homens tem uma minoria de características femininas; e o Animus expressa as características masculinas nas mulheres. Em todo homem há uma mulher e em toda mulher há um homem; ou melhor, há uma imagem do homem/mulher ideal, que é em regra, formada em parte pela nossa experiência com nossa mãe/pai e também

pela influência da nossa cultura e pelas nossas origens. Pode-se argumentar que as ideias de masculino e feminino são baseadas em esteriótipos arbitrários. Mas Jung representou os conceitos de Anima e Animus baseado nos arquétipos dos antigos Eros e Logos. Eros (feminino) é associado com receptividade, criatividade, relacionamentos e totalidade. Logos (masculino) é identificado com o poder, pensamento e ação. No grego antigo Eros significa ‘amor’ ou ‘energia vital’; enquanto Logos é um termo pra um princípio de ordem e conhecimento.

O anima então, é a personificação de todas as tendências femininas, positivas ou negativas na psique masculina. A expressão positiva do anima pode incluir sensibilidade e empatia, capacidade para relações amorosas e um sentimento pela natureza. Mas se o anima é rejeitado — ou seja — se um homem reprime essas características consideradas classicamente como femininas — o anima se deforma: sentimentos e emoções são substituídos por mau humor, sentimentalismo ou histeria; fidelidade se transforma em possessividade; estética se torna vulgaridade; ternura se torna efeminação; imaginação se torna apenas fantasia. O animus, por outro lado, é a personificação das tendências masculinas na psique da mulher, como força de convicção, assertividade, coragem, vitalidade e desejo por conquistas. Mas se a mulher desconsidera sua vantagem masculina ela se tornará possuída pelo animus: assertividade se tornará agressão e crueldade; pensamento analítico se tornará questionador/argumentativo.

Como na sombra, os arquétipos anima/animus tem sua própria autonomia, e são independentes da nossa mente consciente. Assim o anima/animus podem ser projetados no mundo para que pareçam características de algum homem/mulher particular. Na presença do anima, ou pelo menos numa boa imitação do anima, o homem pode sentir uma familiaridade peculiar com tal mulher, como se conhecesse essa mulher por toda sua vida; em alguns casos, a energia pode ser intoxicante a ponto de poder dizer que houve amor a primeira vista. Na verdade, ele se apaixonou por uma possível decepção, pela imagem que ele projetou nessa mulher. É apenas quando a miragem dessa projeção desaparece que ele percebe que se fez de tolo. Uma vez retirada a projeção o anima pode ser reconhecido como uma força dentro de si mesmo. Depois de integrar o anima, homens aparentemente se reconectam com um poder divino dentro do mundo interior — que pode se expressar como uma habilidade criativa ou uma sensibilidade para a natureza — que deveria sempre estar dentro deles; mas que precisou ser mostrada para eles pela presença do feminino, pela mão orientadora de uma mulher.

O Self

Depois que alguém supera a persona, e integrou sua sombra com os aspectos dos arquétipos de anima/animus em seu caráter, esse alguém agora ganhou acesso, segundo Jung, para entrar nas mais altas e densas profundezas da psique, no arquétipo da totalidade — o mais significativo dos arquétipos, que Jung chamou de “self”. Jung diz: “O self abrange a consciência do ego, as sombras, o anima e o inconsciente coletivo em extensão indeterminável.” (*Mysterium Coniunctionis*, p. 108)

O self então seria uma soma de tudo que nós somos agora, de tudo que nós já fomos alguma vez, bem como tudo que poderíamos potencialmente nos tornar; ele é o símbolo do ‘Deus dentro de nós’, aquilo que somos como totalidade.

O arquétipo do self é a origem dos nossos impulsos em direção da auto-realização; ele é o ponto único de onde nosso caráter e personalidade amadurecem à medida que envelhecemos — assim como uma semente guarda em si o potencial de ser no futuro uma flor. É o self que traz à tona o que Jung chamou de “o processo de individualização” que começa desde o potencial da infância até a viagem expansiva de autodescobrimento, pela qual uma pessoa conscientemente e gradativamente integra os aspectos inconscientes — as partes que nós mesmos recusamos a confrontar — de uma personalidade individual para o todo. Jung acreditava que o propósito final da vida humana experimentar essa união do todo, de integrar-se totalmente e tornar consciente tudo sobre nós que estava escondido nas sombras. Esse fim é a máxima da expressão do caráter de alguém, e permite que possamos nos segurar firme em nossa individualidade em frente ao inconsciente coletivo de massas.

ANEXO 3 – LITERATURA COMO TRATAMENTO⁸⁶

Literatura serve para muitas coisas. Serve para informar, serve para divertir – e serve também para curar ou, ao menos, para minorar o sofrimento das pessoas. Duvidam? Pois então fiquem sabendo que desde 1981 existe nos Estados Unidos uma Associação Nacional para a Terapia pela Poesia, cuja finalidade é o uso da literatura para o desenvolvimento pessoal e o tratamento de situações patológicas. A Associação edita o *Journal for Poetry Therapy*, realiza cursos e confere o título de especialista em biblioterapia. O biblioterapeuta trabalha em hospitais, instituições psiquiátricas e geriátricas, prisões. O método é relativamente simples: ele seleciona um poema, um conto, um trecho de romance que é lido para a pessoa. A resposta emocional desta é então discutida.

E respostas emocionais a textos podem ser muito intensas. Exemplo eloquente é *Werther*, de Goethe, cujo jovem personagem se suicida. A publicação da obra suscitou uma onda de suicídios por toda a Europa, coisa que até hoje é evocada quando se discute a veiculação de notícias similares pela mídia. O mecanismo básico que aí funciona é o da identificação, algo que começa muito cedo. Bruno Bettelheim mostrou que os contos de fada exercem um papel importante na formação do psiquismo infantil, não apenas fornecendo modelos com os quais a criança pode se identificar, como também provendo uma válvula de escape para as tensões emocionais. Na adolescência, os modelos passam a ser outros. e houve época em que os jovens aprendiam a fazer sexo com a literatura conhecida como pornográfica (lembança pessoal: jovens do colégio Júlio de Castilhos devorando as páginas suspeitosamente amareladas de um velho livro cujo título não recordo, mas que falava na "grutinha do prazer"). E, no século XIX, eram os grandes romances – aqueles de Balzac, que ensinavam as pessoas a viver. Esse papel foi assumido pela TV, mas a proliferação das obras de autoajuda mostra que as pessoas continuam acreditando em livros como guias para a saúde e para a cura.

Por último, mas não menos interessante, a literatura é importante como fator de estabilidade emocional para os próprios escritores. A associação entre talento e distúrbio psíquico é antiga. Aristóteles já observava que o gênio com frequência é melancólico. Shakespeare já dizia que se associam na imaginação o lunático, o poeta e o amante, o que tem contrapartida no dito popular: "De poeta e de louco, todo mundo tem um pouco". Kay Redfield Jamison, professora de psiquiatria da Universidade John Hopkins, estudou a vida de numerosos

⁸⁶ SCLiar, Moacyr. Literatura como tratamento. In: _____. *Território da emoção: crônicas de medicina e saúde*. Organização e prefácio: Regina Zilberman. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 28-30. Crônica escrita 31 de maio de 2003.

poetas e escritores, concluindo que há “uma convincente associação, para não dizer real superposição”, entre temperamento artístico e distúrbio emocional ou mental (doença bipolar, no caso). Nestas condições, escrever pode ser uma forma de descarregar a angústia e de colocar (ao menos no papel) ordem no caos do mundo interno. Porque a palavra é um instrumento terapêutico, é o grande instrumento da psicanálise. E a palavra escrita tem a respeitabilidade, a aura mística que cerca textos fundadores da nossa cultura, como é o caso da bíblia. Kafka dizia que era um absurdo trocar a vida pela escrita. Mas ele também reconhecia que sua própria vida era absurda e, nesse sentido, estava optando por uma alternativa com potencial para redimi-lo.

Não precisamos chegar ao extremo de Kafka. Toda pessoa se beneficiará do ato de ler e de escrever. É terapia, sim, e é terapia prazerosa, acessível a todos. O que, em nosso tempo, não é pouca coisa.